

Scarlett Zerbetto Marton

MEMORIAL

Apresentado à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo como parte
dos requisitos para o concurso de
Professor-Titular em História da
Filosofia Contemporânea

São Paulo
2003

Sumário

Memorial	3
<i>Curriculum vitae</i>	212
I. Títulos da carreira universitária	215
II. Atividade intelectual	215
II.1. Publicações	216
II.1.1. Livros	216
II.1.2. Livros ou obras organizadas pela pesquisadora ..	216
II.1.3. Artigos ou capítulos em livros no exterior ...	220
II.1.4. Artigos ou capítulos em livros no Brasil	220
II.1.5. Artigos de caráter científico em revistas ou periódicos no exterior	222
II.1.6. Artigos de caráter científico em revistas ou periódicos no Brasil	223
II.1.7. Resenhas	226
II.1.8. Trabalhos publicados em anais de eventos no exterior	227
II.1.9. Trabalhos publicados em anais de eventos no Brasil	227
II.1.10. Traduções e revisões de tradução	228
II.2. Organização de colóquios, encontros e mesas-redondas	229
II.3. Participações em eventos	233
II.3.1. Colóquios e Simpósios no exterior	233
II.3.2. Colóquios e Simpósios no Brasil	235
II.3.3. Conferências, Cursos e Seminários no exterior ..	242
II.3.4. Conferências, Cursos e Seminários no Brasil ...	243
II.3.5. Atividades de divulgação	248
III. Atividades de editoração	248
III.1. Editora-responsável	248

III.2. Membro de conselho editorial	249
III.3. Consultoria junto a editoras	249
IV. Atividades de consultoria e assessoria científica ..	249
IV.1. Participação junto às agências de fomento	249
IV.2. Participação em bancas de concurso público	250
V. Atividades administrativas	250
VI. Atividades de orientação	251
VI.1. Teses de doutoramento orientadas e defendidas ...	251
VI.2. Dissertações de mestrado orientadas e defendidas	251
VI.3. Trabalhos de iniciação científica concluídos ...	252
VI.4. Orientações em andamento	254
VI.5. Participação em bancas de doutorado e mestrado ..	255
VII. Atividades didáticas	257
VII.1. Cursos ministrados na pós-graduação	257
VII.2. Cursos de graduação ministrados desde 1988	265
VII.3. Cursos ministrados em outras instituições	
Universitárias	266

MEMORIAL

Este memorial destoa pelo número de páginas que contém. Se me permiti assim proceder, correndo o risco de abusar do tempo e paciência dos integrantes da comissão julgadora deste concurso, isso se deveu a três razões. A primeira: pesquisando os memoriais dos colegas do Departamento de Filosofia que me antecederam nesta prova, deparei-me com instigante reflexão sobre uma trajetória intelectual e profissional, com percuciente exame de autoconsciência, com brilhante ensaio sobre a universidade em nossos dias, com relato amplamente comentado do próprio currículo. Julguei notar que não havia um cânon estabelecido. A segunda: de início, pensei em elaborar uma autobiografia intelectual, em que examinaria o meu percurso e os frutos dele advindos, meus escritos. Pensei igualmente num texto, em que, num tempo de profundas transformações, refletiria sobre a minha relação com o Departamento de Filosofia, com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, com a Universidade de São Paulo. As duas alternativas pareceram-me insatisfatórias; não sabia como fazer tais recortes. Por fim, uma terceira razão, esta definitiva: o memorial acabou por assumir esta forma; foi assim que ele se fez.

Agradeço aos colegas que, em conversas, contribuíram de algum modo para eu reavivar a minha memória. Aos funcionários do Departamento de Filosofia, da Seção de alunos de filosofia, do Serviço de pós-graduação, da Biblioteca de Geografia e História, Filosofia e Ciências Sociais, por facilitarem meu acesso a documentos. Aos estudantes, por fornecerem material para a reflexão. Agradeço aos amigos por tomarem parte na minha história. Ao Ivo, por neste momento dela ser cúmplice.

"É certo que a vida não *explica* a obra,
mas certo também que elas se comunicam.

A verdade é que *esta obra a ser feita
exigia esta vida*".

Merleau-Ponty¹

Nos anos da graduação no Departamento de Filosofia da USP, aprendi a respeitar o texto filosófico, a não tentar reduzi-lo a uma intuição primeira ou a remetê-lo a uma causa inteligível que lhe fosse exterior; a não separar as teses filosóficas dos movimentos que as produziram; a refazer tais movimentos examinando a estrutura interna da obra. Ao comentá-la, aprendi a consentir em ser guiada pelo autor; a não colocar-me no lugar do médico, analista, confessor, diretor de consciência ou, sequer, do crítico; a distinguir o tempo vivido, em que "o pensamento se experimenta e se lança", e o tempo lógico, "o único a permitir o exercício da responsabilidade filosófica"². Enfim, aprendi a nunca renunciar às razões pelas causas e a jamais abrir mão do filosófico pelo biográfico. Pois, tinha ciência de que a

¹ "Le doute de Cézanne". In: *Sens et non-sens*. Paris: Nagel, 5^a ed., 1966, p.34-35.

² GOLDSCHMIDT, Victor. "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos". In: *A religião de Platão*. Trad. Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difel, 1963, p.146-147.

biografia se inscreve num tempo não-filosófico; não é o filósofo quem comanda o seu desenrolar.

Instrumento de trabalho, poderoso e eficiente, o método estruturalista proporcionou-me o exercício indispensável para a exegese precisa, a análise rigorosa. Exercício que até hoje ensino e pratico. Contudo, do texto filosófico ele expulsou a vida do autor - e a do leitor, também.

É bem verdade que, antes do estruturalismo, eram comuns trabalhos que, ao tentarem relacionar de algum modo vida e obra, resvalavam em abordagens redutoras. Dos perigos a elas inerentes, a voga estruturalista não deixou de alertar; advertiu para o risco do psicologismo e também do historicismo e do sociologismo. Forneceu, por certo, ferramentas valiosas para o corpo a corpo com o texto filosófico. Mas, ao distinguir com clareza a obra e a vida, ao separar com nitidez o sistema e o sujeito do sistema, também afastou do universo da reflexão questões de capital importância³. Dentre elas, a da autobiografia intelectual.

É justamente enquanto autobiografia intelectual que Descartes parece propor o *Discurso do Método*. Logo na primeira parte, ele assim explicita o seu propósito: "Estimaria muito mostrar, neste discurso, quais os caminhos que segui, e representar nele a minha vida como num quadro, para que cada qual possa julgá-la e que, informado pelo comentário geral das opiniões emitidas a respeito dela, seja este um novo meio de me instruir, que juntarei àqueles de

³ Quero apenas apontar, aqui, o que julgo terem sido contribuições e entraves do método estruturalista; não tenho o intuito de discutir questões de caráter metodológico. Gerd Bornheim julgava existir uma obsessão excessiva por elas no século XX. "O método tem de ser inventado na hora", dizia; "pois, dependendo do que se está pensando, tem de se inventar uma metodologia. Mas não é possível partir de um método *a priori*, estabelecido como camisa de força, para prender tudo lá dentro" (In: NOBRE e REGO (orgs.). *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, p.55).

que costumo me utilizar”⁴. Filósofo que diz “eu”, *Monsieur René Descartes* escreve na primeira pessoa do singular; e conta a sua história, a história do seu espírito, não num capítulo anterior à obra, mas nela buscando integrá-la. Contudo, se ele se volta para si mesmo, é com o intuito de chegar a um conhecimento que ultrapasse o eu e suas vivências, a um conhecimento que se apresente como seguro. O “eu” que conta não é, pois, o “eu” que afirma. O primeiro conta uma história necessariamente única, a biografia intelectual do autor do livro; o último afirma verdades universais, que constituem o sistema do filósofo. Assim o “eu” histórico se põe a serviço do “eu” eterno. E se René Descartes conta os caminhos que percorreu em busca da verdade, é porque afirma que encontrar a verdade era o seu único objetivo. Nessa medida, o *Discurso do Método* explica porque ele se tornou cartesiano⁵.

Nada mais distante de Rousseau. Tanto é que ele inicia *As Confissões*, deixando claros os seus objetivos: “Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e cuja execução não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza, e esse homem serei eu. Somente eu. Sinto o meu coração e conheço os homens. Não sou feito como nenhum dos que vi; ousa crer que não sou feito como nenhum dos que existem. Ainda que não tenha maior valor, pelo menos sou outro”⁶. Quer denunciar o ódio que veio impor uma imagem deformada de sua vida e impedir o acesso ao seu pensamento. Mas, sublinhando a sua diferença

⁴ *Discurso do Método*. In: *Obra Escolhida*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p.42.

⁵ Valho-me, aqui, da interpretação de Henri Gouhier (*Descartes. Essais sur le “Discours de la méthode”, la métaphysique et la morale*. Paris: J.Vrin, 1973).

⁶ *Les Confessions*. In: *OEuvres*. Paris: Garnier, [s.d.], p.9.

em relação aos que o cercam, conta pôr-se como alguém que se dá a conhecer a quem se dispuser acercar-se da alteridade. Autêntico romance, *As Confissões* revela os estados de alma de seu autor, estados esses que os acontecimentos de sua vida ensejaram durante cinquenta e dois anos. Escrito filosófico, evidencia o sentimento de existência, que também se faz presente em seus textos teóricos. Indissociável de uma vida particular, tal sentimento aponta para uma experiência de alcance ontológico; lança a subjetividade naquilo que a ultrapassa. Com ele, é a própria existência que se desvela⁷.

Outra é a perspectiva de Nietzsche. Nas primeiras linhas do *Ecce Homo*, ele elucida o intuito que persegue com o livro: "Na antevisão de que dentro em breve terei de me apresentar à humanidade com a mais difícil exigência que jamais lhe foi feita, parece-me indispensável dizer quem sou eu"⁸. A "difícil exigência", que trará ao homem, parece antes exigir dele mesmo que se apresente. Para realizar a transvaloração de todos os valores, tem de dar-se a conhecer. Certo de que ninguém pode pintar uma imagem sua que lhe faça justiça, previne-se. De desfigurações e acusações, eventuais ou efetivas, defende-se. Contudo, não é tanto para "os outros" que se apresenta; é sobretudo para si que anuncia o que é e o que lhe cabe. "E por isso me conto minha vida". Aos quarenta e quatro anos, ele conta despedir-se das máscaras que criou; procura divorciar-se dos tipos que forjou; espera cortar o cordão umbilical que o vincula àqueles com quem esteve amorosa e simbioticamente acoplado. Não busca, porém, impor-se enquanto sujeito; não tem a

⁷ Sirvo-me, aqui, da interpretação de Bento Prado Júnior. "Lecture de Rousseau". In: *discurso* 3 (1972). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.09-66.

⁸ *Ecce Homo*, Prólogo, § 1. In: *Nietzsche - Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2^a ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores").

ilusão de atingir seu "eu" mais profundo. O que faz é investigar como hoje vê o seu percurso, examinar como então avalia o seu processo, indagar como se tornou o que é⁹. Com o *Ecce Homo*, não se está diante do relato de um eu, de um sujeito que permanece o mesmo em sua individualidade. Ao contrário, é o relato que constitui este "eu" sempre em processo, que constitui este "sujeito" de quem ele deveria fazer o relato. Em vez de personagem, o "eu" surge como palco; em vez de sujeito, aparece enquanto *topos*. Ponto de convergência de forças agindo e resistindo umas em relação às outras, campo instável de *quanta* dinâmicos em permanente tensão, ele nada mais é do que configurações temporárias, efêmeras.

Ao dissecar como se tornou escritor, Sartre, por sua vez, assim conclui *As Palavras*: "Jamais acreditei ser o feliz proprietário de um 'talento': meu único negócio era salvar-me - nada nas mãos, nada nos bolsos - pelo trabalho e pela fé. Com isso, minha pura opção não me elevava acima de ninguém: sem apetrechos nem ferramentas, eu me lancei ao trabalho por inteiro para salvar-me por inteiro. Se guardo a Salvação impossível no armazém dos acessórios, o que resta? Todo um homem, feito de todos os homens, que os vale todos e a quem vale qualquer um"¹⁰. A partir do exame do seu caso, exemplar, ele persegue um intuito universalista. Ao analisar o significado psicológico e existencial de sua infância, estabelece uma espécie de equilíbrio entre a sátira da família e a apresentação jocosa da criança que joga o jogo que esta lhe propõe. Mas, adulto, mantém-se à distância. Pois, em momento algum, ele se faz porta-voz do menino que

⁹ Desenvolvi estas idéias no ensaio "Nietzsche: la obra hecha y la obra todavía por hacer". In: *Estudios Nietzsche*, n.2 (2002). Málaga: Departamento de Filosofia da Universidade de Málaga, p.181-203.

¹⁰ *Les Mots*. Paris: Gallimard, 1964, p.214.

foi. Estando ao mesmo tempo em cada um dos momentos de sua vida, nele, convivem o menino, o adolescente, o jovem. Se o passado só existe na medida em que se acha ligado ao presente, Sartre pode afirmar que ele é o seu passado e que este nada mais é do que o seu presente¹¹. Dessa perspectiva, enquanto a biografia reconstitui o projeto de outrem, a autobiografia é um ato de constituição de seu autor. Se suas obras literárias ilustram teses existencialistas, *As Palavras* vêm pôr à prova sua filosofia.

Nesses textos, que se apresentam ou são tidos como autobiográficos, vida e obra aparecem relacionadas de diferentes maneiras. Um dos autores quer apresentar a vida como num quadro, de forma a instruir-se com o que seus contemporâneos possam sobre ela dizer; outro pretende tornar públicas as difamações que pesam sobre sua existência e seu pensamento. Um outro conta evitar ser confundido e menos ainda confundir-se sobre quem é e qual a sua tarefa, missão e destino; o último espera, ao fazer de seu caso um exemplo, falar de todos os homens e de qualquer um. No primeiro, tudo leva a crer que o "eu" se duplica, de sorte que a vida e a obra correm paralelas. No segundo, ao que parece, elas se entrecruzam. No terceiro, são indissolúveis, pois é o escrito que constitui o "eu". No quarto, cabe à vida justificar a obra.

São várias as questões que a relação entre vida e obra suscita. Uma delas diz respeito ao tempo próprio da autobiografia. Escrito necessariamente inconcluso, interrompido ou prematuro, ele se abre ao futuro. Como nele apresentar a vida? Fatiá-la em momentos sucessivos, capítulos cronologicamente articulados de um folhetim? Ou, desrespeitando seqüências lineares, trazê-la de uma só vez,

¹¹ Acompanho, aqui, a interpretação de Gérard Lebrun. "As Palavras ou os preconceitos da infância". In: *discurso* 22 (1993). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.15-32.

com suas diferentes fases superpostas e, quiçá, fundidas? Como pôr em cena a obra? Enquanto parte de um inventário psicológico ou como objeto de um relato anônimo? E, num segundo nível de questões: ao rememorar episódios da própria história, em que medida não se reafirma a intimidade burguesa?

Algumas dessas questões também encontram lugar, quando se trata de elaborar um memorial. Entendido, no mais das vezes, como uma espécie de autobiografia intelectual, é de se esperar que nele, de algum modo, vida e obra compareçam. Mas, às inquietações anteriores, outras vêm agregar-se. Que posições filosóficas se achariam implícitas no projeto de examinar o próprio percurso intelectual, esclarecê-lo, justificá-lo e, quiçá, avaliá-lo? Que pressupostos e que valores nele estariam implicados? Ou, ao menos, que concepções de vida e obra nele se fariam presentes?

No caso deste memorial, vida e obra se acham imbricadas; melhor: encontram-se mescladas. Não porque o texto constitua o relato de uma existência; exiba itinerários, percursos, caminhos e desvios ou ofereça fatos, acontecimentos, aventuras, peripécias ou ainda traga estados psicológicos, situações emocionais, experiências, vivências. Não pelo seu caráter informativo, digamos assim. Este, no fim das contas, é necessariamente falseado, perspectivo. Não há como ter um ponto de vista privilegiado em relação a nós mesmos; estamos enredados nas nossas próprias vidas.

Mesmo quem se pretende objetivo, neutro, impessoal, como poderia pôr-se fora do próprio texto? É sempre o mesmo raciocínio. Com a filosofia da representação, o homem converte-se em sujeito e, pelo mesmo movimento, converte tudo o mais em objeto; fixando-se dessa maneira em relação ao mundo, coloca-se como a cena em que doravante este terá

de apresentar-se; mas como poderia ele pôr-se fora do mundo? Ao investigar seus acertos e competências, o homem volta-se sobre si mesmo e, nesse movimento reflexivo, atribui-se o duplo papel de réu e de juiz; mas como poderia ele pôr-se fora de si mesmo? Com o otimismo teórico, ao colocar na balança a sua existência, o homem acaba por julgá-la e condená-la como um erro a refutar; mas como poderia ele pôr-se fora de sua própria vida? Não há, pois, como dissociar biografia e trabalho filosófico. No limite, todo escrito é autobiográfico, todo sistema de pensamento traz à luz uma existência.

Na literatura, constroem-se as personagens; na filosofia, os argumentos. Lá o enredo das histórias; aqui a trama dos conceitos. Como o que se passa nos sonhos, cada cena tem algo de nós mesmos, não por constituir criação nossa mas por ser nossa expressão. Se no texto literário isso se evidencia, no filosófico, à primeira vista, pode parecer descabido. Mas as afinidades eletivas, a predileção por certos temas e questões, as articulações das idéias, o raciocínio associativo ou a vertigem do conceito, o desejo de sistema ou o apelo do fragmento, tudo isso é revelador. Não é à parte de uma existência, mas como parte de uma vida, que o percurso intelectual se faz. Por isso mesmo, rigorosamente falando, julgo não ser possível uma autobiografia intelectual; ao menos, não é assim que concebo este memorial.

Foi preciso tal vida para que existisse tal obra. Mas tal vida não se reduz a uma subjetividade pessoal, a uma configuração psicológica individual, a um mundo interior específico. Pouco importa quem é Scarlett. Quanto mais me desnudo, mais me aproprio do que é meu; quanto mais me despojo, mais me aposso do que me é singular. Singularidade que se põe enquanto relação e a partir de relações, que se

mostra no confronto com o outro e pelo outro. Um outro múltiplo que se encontra numa posição de exterioridade e não necessariamente no chamado mundo exterior. Entre eu e mim, o outro entra como um terceiro, um quarto, um quinto. Constatar esta singularidade é, de alguma forma, reivindicar o anonimato. Não porque eu tenha pretensões universalistas, pelo menos até onde enxergo. Mas porque as minhas vivências, singulares, não são individuais. Nelas é certa forma de vida quem se expressa.

Somos muito mais determinados do que presumimos. Determinados pela situação em que nos encontramos e pelos impulsos, paixões ou desejos¹², que de nós se apropriam. Dificilmente, podemos agir de outro modo. Pois é com essa situação, e com esses impulsos, que temos de nos haver. Sempre. Seja para aceitá-los ou para recusá-los - o que, em certas circunstâncias, quer dizer o mesmo.

Ao "escolher" filosofia, não me lancei na literatura; ao "escolher" Nietzsche, não me acerquei de Sartre; ao "escolher" o comentário, não me dediquei à interpretação. Minhas "escolhas" não poderiam ser outras; se pudessem, teriam sido. Mais importante, porém, que apontar a obviedade, é registrar esta idéia: a "escolha" não se faz só pelo que contempla mas pelo que recusa. Afinal, decidimos muito menos do que supomos ou imaginamos decidir. Essa é uma das minhas convicções. A primeira que aqui tenho de assumir.

¹² Renunciando às precisões conceituais, que levariam, por exemplo, a atribuir ao impulso caráter fisiopsicológico, tomar a paixão como apetite e considerar o desejo pelo viés psicanalítico, com os três termos quero trazer o que está aquém de nós mesmos e nos constitui. Inscrevendo-se num mesmo registro teórico, eles indicam o *outro da razão*. Nessa direção, ao discorrer sobre os caminhos que o levaram à filosofia, Ernildo Stein dizia vê-la como "este campo enigmático no qual se tem a possibilidade de colocar questões muito amplas, abstratas. Mas é um campo no qual se incorpora ao mesmo tempo todo um universo emocional que nós só entendemos através de uma espécie de grande interdito" ("A psicanálise e a porta dos fundos da filosofia". In: *Anamnese*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p.165).

Quão longe nos achamos do fazer filosófico quando imersos em convicções! É o que nos ensina o senso comum da filosofia.

Mas como não reconhecer as próprias convicções? E por que negá-las? Convicções que povoam uma vida, integram uma existência. No fim das contas, a atitude reflexiva não é aquela que assume os seus pontos de partida? Não é a que admite os seus *partis pris*? Não deveria a reflexão levar em conta o operar das convicções que se imiscui em seu próprio obrar? Não deveria, ao menos, dele dar-se conta?

Durante muito tempo, estive convencida deste preceito metodológico: é preciso libertar-se das crenças e convicções, livrar-se dos preconceitos e pré-juízos, de modo a abrir espaço para a reflexão. Preceito que até hoje ensino e pratico. Foi dessa maneira que, durante anos, lidei com o texto filosófico. Mas, percebi, há outra forma de tratá-lo. Uma forma complementar. Pois, na relação com ele, pouco importa se por meio da escrita ou através da leitura, a vivência está presente - queiramos ou não. Ela entra como algo irreduzível, para o qual não existe argumento; no limite, ela entra como uma espécie de convicção.

Certa vez, referindo-me a um texto meu, disse tratar-se de "uma fatia da minha alma". Em que pese a evocação metafísica e talvez até um certo mau gosto que a expressão revela, com ela, eu queria realçar a concretude, a carnalidade das palavras ali escritas. Carnalidade inevitável nesta minha maneira de escrever.

Dela por muito tempo me defendi. Arrogante, seguia o caminho usual, ressaltando a cada passo que uma coisa era eu, outra os meus escritos. Nesses anos, presunçosa, padecia da ilusão de que podia comandar cada atitude, gesto ou palavra, de que podia controlar cada impulso. De maneira obstinada, saía em busca de simetrias, círculos concêntricos, visões totalizadoras. Tantas formas de tentar *maîtriser la vie* -- ou preservar-me dela. É bem possível,

provável até, que o impulso, que com essas formas se expressa, ainda se faça ouvir. Aqui, ao lado de outros.

Quando do concurso de livre-docência, apresentei um memorial bem distinto deste. Embora neste eu retome momentos daquele, o ponto de vista que então adotava era outro. "Falar de si mesmo é duplamente ilusório", assim escrevia nas primeiras linhas. "Para o outro, cria a ilusão da identidade; para o eu, a da coerência. Uma única assinatura vem apor-se ao texto; um mesmo sujeito supõe redigi-lo. Contudo, esta é uma ocasião ímpar; permite ao autor dar voz às suas múltiplas vozes, ainda que apenas uma prevaleça - e tome a palavra".

Como não lembrar do poema de Ricardo Reis?

"Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu 'screvo'"¹³.

¹³ Poema de Ricardo Reis, que incluí num capítulo da tese de livre-docência intitulado "O eu esfacelado". In: PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969, p.291.

O poema, que li com entusiasmo por vez primeira aos dezoito anos, traduzia aquilo que no memorial de livre-docência eu queria dizer. Partindo dos inúmeros que em nós vivem, ele caminhava na direção de um eu que, indiferente a todos e a todos ignorando, fala e escreve. Por ocasião do concurso, bem me lembro, um dos argüidores perguntou-me que voz havia predominado. Ao responder, disse que, relendo o que escrevera, eu mesma me fizera tal pergunta sem para ela encontrar resposta. Julguei ora ouvir uma voz; ora outra; ora mais uma; ora outra mais.

Hoje, de igual modo, múltiplas são as vozes a que venho dar voz; múltiplos os impulsos que em mim tomam a palavra. Mas talvez o poema de Ricardo Reis já não expresse o que penso ou sinto, os muitos que em mim pensam ou sentem. Escrito na primeira pessoa do singular, este memorial se faz a partir da terceira do plural. Em vez de apaziguar conflitos, venho reconhecê-los. Retomar a minha história é a mim tomar em mãos; não porque dela me faço autora e senhora, mas porque nela reconheço expressa certa forma de vida. É de outra maneira que agora se põe a questão de justificar e responder pelo feito. Estou ciente: o que nestas páginas está dito não é desprovido de juízo de valor. Uma vez que vida e obra se entrelaçam, não teria como ausentar-me do texto, nem haveria por que eclipsar-me por trás dele. Se sou fonte das minhas próprias determinações, é porque a elas me vejo condenada.

Mais do que reflexivo, este é um texto impressionista. Um tom nostálgico pode soar nestas páginas. Ou um tom indignado. Um tom combativo ou desesperançado. Não tenho como avaliar; sou "parte interessada, e até mesmo objeto de litígio, e não juiz". É através de justaposições, contrastes, jogos de luz e sombra, que o pensamento se faz.

Nas imagens que assim se formam, surgem percepções de uma existência, colhidas de forma aleatória, determinada. Menos como dados de realidade do que como o que vem dar ao quadro a sua moldura entram as notas de rodapé.

Como nas telas dos impressionistas, aqui, há que se levar em conta a posição do cavalete e a luz do dia. No percurso, tanto uma quanto a outra podem alterar-se, de maneira imperceptível ou flagrante, esporádica ou freqüente, pouco importa. De maneira inevitável.

* * *

Por volta dos doze anos, já "decidira" estudar filosofia. Não sabia muito bem no que consistia, mas sabia que cabia perfeitamente no universo imaginário que então criara para mim mesma. Nesse universo alimentado pela leitura de livros infanto-juvenis, *O Picapau amarelo* e *O Minotauro* haviam sido determinantes. De um lado, personagens dos contos de fada; de outro, figuras mitológicas e históricas. Graças ao pó de pirlimpimpim, estivera em Atenas com Narizinho e Pedrinho. Ceara na casa de Péricles, fora recebida por Aspásia. Sentara-me à mesa com Heródoto, discutira com Sócrates. Visitara o Partenon guiada por Fídias, conversara com Policleto sobre arte grega. Assistira a uma peça de Eurípides, entretera-me com Sófocles sobre a tragédia.

Na adolescência, vi minha ingenuidade espelhada na ingenuidade de Homero, um americano que viajara para a Grécia em busca da verdade. Ao aportar no Pireu, o protagonista de "Nunca aos domingos"¹⁴ entusiasmara-se ao pisar na terra por onde haviam passado os que procuraram decifrar os mistérios do homem e do mundo; extasiara-se ao refazer os caminhos outrora percorridos por Sócrates, Platão e Aristóteles. Em Atenas, tentara sem êxito converter Ilya, uma mulher em sintonia com os próprios desejos. Ensinara-lhe geografia e história, apresentara-lhe livros e discos. Mas acabara por render-se a esta evidência: ao buscar a erudição, ele perdera de vista a vida. Foi a sua incapacidade de relacionar-se com este mundo que o levou a refugiar-se num outro.

Com quinze anos, encontrei a minha questão: por que existe o mal no mundo? E a formulação foi bem essa, sabendo hoje - é claro - que não há por que confiar na memória. Mas

¹⁴ O filme de Jules Dassin, uma produção greco-francesa de 1960, trazia Melina Mercouri no papel de Ilya e o próprio diretor no de Homero.

imagino que não se tratasse nem da pergunta acerca da maldade nem daquela outra acerca da maledicência. A minha questão era de ordem metafísico-religiosa talvez, senão cosmológica.

Passados apenas quatro anos, num momento da vida em que os anos são eternidades, caiu-me nas mãos *A Genealogia da Moral*. Como não identificar-me com este autor que no prólogo ao livro escrevia: "De fato, já quando rapaz de treze anos, o problema da origem do mal me perseguia: foi a ele que, em uma idade em que se tem 'metade brinquedos de criança, metade Deus no coração', dediquei meu primeiro brinquedo literário, meu primeiro exercício filosófico de escrita - e, no tocante à minha 'solução' do problema daquela vez, dei a Deus, como é justo, a honra, e fiz dele o pai do mal"¹⁵! Pergunta e resposta, para a menina de quinze, foram as mesmas; questão e solução, para mim, foram idênticas. Só que a Deus, na época, eu imputava também o mais rigoroso senso de justiça, que o levava a distribuir com equanimidade o mal pelo mundo, dando a cada um o lote que fizera por merecer. E assim, de uma forma ou de outra, exemplificava o que depois descobri com a leitura de Nietzsche tratar-se do fenômeno do ressentimento.

Para o filósofo, o que fora inquietação de adolescência convertera-se em objeto de exame. A questão da existência do mal no mundo, com o procedimento genealógico, via-se atualizada; ela encontrava agora nova formulação¹⁶. Para mim,

¹⁵ *Genealogia da Moral*, Prólogo, § 3. In: *Nietzsche - Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores").

¹⁶ Pois, como Nietzsche dirá, seu problema transmudou-se neste outro: "Sob que condições inventou-se o homem aqueles juízos de valor, bom e mau? E que valor têm eles mesmos? Obstruíram ou favoreceram até agora o prosperar da humanidade? São um signo de estado de indigência, de empobrecimento, de degeneração da vida? Ou, inversamente, denuncia-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, seu ânimo, sua confiança, seu futuro?" (*Idem, ibidem*).

com a *Genealogia da Moral*, o apelo nietzschiano chegava-me aos ouvidos também por outra via. Tratava-se, na verdade, de uma análise minuciosa, de um exame perspicaz do sentimento de culpa, sentimento esse presente já nos meus primeiros anos, registrado nas primeiras linhas dos meus deveres de escola.

Aos doze anos, tive um primeiro impulso; aos quinze, encontrei uma primeira questão. Aos dezessete, prestei vestibular para o curso de filosofia da Universidade de São Paulo; passei em primeiro lugar.

* * *

Vale, porém, deter-me nessa época. É que então ganharam forma e se desenvolveram algumas das convicções que até hoje me habitam: a relevância da formação e o estreito vínculo entre filosofia e cultura.

Em 1968, cursava o último ano no Colégio Estadual de São Paulo e preparava-me, no Equipe Vestibulares, para o concurso de habilitação para ingresso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Havia feito o primário no Liceu Pasteur, o ginásio na Caetano de Campos e estava prestes a concluir o clássico no CESP; eram, todas, boas escolas naquela época.

Dos anos passados no Liceu Pasteur, ficou-me o contato, primeiro, com a língua e a cultura francesas. Mais tarde, vim a estudar inglês na União Cultural Brasil-Estados Unidos e alemão no Goethe Institut. Mas, em momento algum, senti necessidade de seguir um curso de francês. É como se as noções rudimentares que recebi no primário tivessem germinado, sem que se fizesse preciso nenhum estímulo

complementar. Tanto é que me bastaram os estudos da língua feitos no ginásio e no clássico.

Na infância, a cidade de São Paulo a mim se apresentava sobretudo com seus parques e igrejas. Dizer que me lembro da inauguração do Ibirapuera, quando do IV Centenário, correria o risco de ferir a verdade. Mas bem me lembro de objetos e folhetos comemorativos do evento. O Jardim da Aclimação, bem próximo de casa, até hoje guarda, quase intacta, sua fisionomia de outrora. Ainda exhibe os eucaliptos, o lago, a quadra de futebol; houve um tempo em que abrigava um pequeno zoológico. Dos parques todos, tão apreciados na infância, talvez o preferido fosse o do Trianon. Lá tudo era inesperado. Os brinquedos, o balanço e o escorregador, me surpreendiam numa espécie de clareira em meio a densa vegetação. O pequeno viaduto, por sobre a Alameda Santos, me dirigia a espaços ainda mais recônditos, mais misteriosos.

As igrejas, a que me conduziam, situavam-se nos redutos da colônia italiana em São Paulo. A Igreja de São Vito, a que mais freqüentei, congregava os bareses de Polignano a Mare; a de San Gennaro na Móoca, os napolitanos; a da Achiropita no Bixiga, os calabreses. Eram tantas as diversidades regionais contidas numa mesma rubrica, diversidades flagrantes no meu cotidiano: o pai do Veneto, um "austríaco", e a mãe de Nápoles.

Transferir-me para a Caetano de Campos, aos onze anos, pareceu-me natural, em que pese o fato de ter de prestar um exame de ingresso e, já então, precisar pôr-me à prova de maneira cabal. Disseram-me que a Caetano era uma das melhores escolas da cidade; isso me bastou¹⁷. De fato, lá encontrei excelentes professores, dentre eles: Marina Ribeiro Leite. Foi ela quem me revelou a riqueza de nossa

¹⁷ Mal sabia que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que viria a ser tão determinante na minha vida, ocupara por quase uma década o terceiro andar do prédio da Praça da República.

língua, e a sua estrutura. Ao explicar as orações coordenadas e as subordinadas, mostrou-me a diferença entre o raciocínio associativo e a pergunta pelas causas. Aprofundar a análise sintática, no clássico, contribuiu para a abordagem estrutural dos textos, quando da graduação em filosofia.

Nesse tempo, passei a freqüentar a Biblioteca Mário de Andrade. Desnecessário dizer que, para a menina que eu era, o universo dos livros transmitia uma magia, que por vezes ainda retorna; irradiava uma beleza, que nunca se perdeu. Ganhar o *Minotauro* de Monteiro Lobato foi uma alegria; outra maior ainda, ser presenteada com as *Obras Completas* de Machado de Assis.

Os caminhos pela cidade se diversificavam e enriqueciam. Foi, então, que descobri o centro de São Paulo. O marco da praça da Sé apontava para lugares longínquos, Mato Grosso, Goiás; na infância, palavras. Apontava, também, para Santos, porta de entrada das praias do litoral, onde, adolescente, o mar suscitou em mim a idéia de infinito. Dizia-se que era o coração da cidade; bem depois, a MPB o transferiu para a esquina da Ipiranga com a São João. Mas, para mim, o coração de São Paulo não se achava nem no centro, que foi uma vez o geográfico, nem no centro, que resultou da inspiração poética. Ele sempre esteve e continua a estar no Viaduto do Chá. Como ignorar as perspectivas que oferece! Como desprezar os horizontes que dele se vislumbram, as sombras do vazio à sua frente e a sólida construção da Light! Como esquecer que lá suspeitei um dos temas centrais da minha vida!

Também descobri a Praça Ramos de Azevedo, com a estátua de Carlos Gomes, disposta de modo a dialogar com a de Verdi, seu modelo, do outro lado do Vale, e o Teatro Municipal, a

que desde cedo me levavam para assistir às óperas¹⁸. Lá, de uma maneira torta, fiz contato com o universo da arte lírica. Na galeria ou no anfiteatro, em meio à colônia italiana, ouvia os mais velhos compararem a apresentação do tenor em cena com as de Tito Schipa, Enrico Caruso, Beniamino Gigli ou a da soprano com as de Bidu Sayão, Renata Tebaldi, Maria Callas. Jamais abandonei o gosto pela ópera.

Descobri, ainda, o Largo da Biblioteca, com as estátuas de Cervantes e de Camões; a Avenida São Luís que, imaginava, se assemelhava aos bulevares de Paris; a Igreja de Santo Antonio da Praça do Patriarca, com seus altares rococós; "A primeira missa" de Pedro Américo retratada nos vitrais da Faculdade de Direito; o barroco discreto da Igreja de São Francisco de Assis; a Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco, que, pouco visitada, quase esquecida, de longe supera a que lhe é contígua; o Largo do Café, quase perdido numa confluência de ruas; a Basílica de São Bento, sóbria, soturna, com sua mescla de traços góticos e bizantinos, um convite ao recolhimento; a Rua da Quitanda e a rua dos bancos (Florêncio de Abreu talvez... Não, Rua Quinze de Novembro), com seus exemplares arquitetônicos tão diversos.

Porque não se tratava apenas de passear pela cidade ou de notar o que nela havia de inesperado. Aprendera a ver traços únicos, formas singulares; incorporara um olhar interessado que até hoje mantenho. Sinto prazer em apropriar-me das riquezas de outra cidade, o mesmo prazer em oferecer a um estrangeiro os tesouros da minha. É que, nesses percursos, fora conduzida por mão segura; pedreiro e construtor, meu pai trabalhara no Martinelli e no prédio da

¹⁸ Sobre os espetáculos lá apresentados, cf. BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Teatro Municipal de São Paulo: grandes momentos*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1993. Aí se lê o que todos sabemos: "O Teatro Municipal nasceu com ópera, foi criado em função dela e algumas das suas temporadas mais brilhantes se devem ao gênero" (p.53).

Light. Aliás, dizia-se, a Light havia ocupado, de forma irregular, uma parte da esquina da Rua Xavier de Toledo. E causava-me indignação o fato de o poder público nada fazer para reaver esse espaço que era seu, que era nosso.

Com respeito e admiração, eu andava pelas ruas de São Paulo. Elas me traziam o tempo, a história. Traziam uma história humana, a dos homens e mulheres que haviam construído a cidade. E essa densidade histórica me remetia ao que a cidade tinha sido e àquilo que ela poderia vir a ser. Assim é que, deslumbrada, ouvia relatos sobre prédios que já não existiam, o Teatro Santana, o Teatro São José. Por vezes, encontrava vestígios seus em outros prédios, como na casa da Rua Martiniano de Carvalho, que, hoje em franca decadência, ainda exhibe vitrais e esculturas de antigas construções¹⁹.

Na época, não sabia que minha atitude e itinerário já estavam marcados pela minha proveniência. O itinerário incluía a Praça da Sé, que um dia abrigou ateliês de artistas como Volpi, Pennacchi, Bonadei, Graciano, Zanini. A atitude era um misto de reverência e orgulho: a quase reverência do imigrante ao ver-se acolhido pela cidade, uma espécie de orgulho por nela encontrar o seu lugar²⁰. Lugar

¹⁹ Trata-se da Vila Itororó, construída em 1922 com material proveniente do antigo Teatro São José. Um leão de pedra e estátuas de dois metros guardam a entrada; máscaras esculpidas ornaram a fachada; grandes colunas e carrancas acham-se incorporadas às paredes externas. Ernani Silva Bruno esclarece que o Teatro São José, que se situava na esquina da Rua Xavier de Toledo com o Viaduto do Chá, era "um tanto suntuoso para a época, mas de fachada já antiquada e paredes rachadas em 1885", "com platéia vasta, duas ordens de camarotes e torrinhas espaçosas, que sempre se enchiam com o pessoal 'das classes acadêmica, normal e caixeral'". E continua: "Em certa madrugada de 1898 incendiou-se o São José. Pegava fogo, depois de mais de trinta anos de atividades, o casarão do largo Municipal" (*História e Tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Hucitec/Secretaria Municipal de Cultura, 3ª ed., 1984, v.3, p.1290-91).

²⁰ Uma história como tantas outras no meio dos imigrantes italianos: no início do século passado, foram alocados no campo,

certamente distinto daquele ocupado, por nascença, pelas elites. Isso aprendi nos anos da graduação no Departamento de Filosofia da USP; só então compreendi quão complexa era a relação entre centro e periferia e quão profunda a diferença entre a Semana de Arte Moderna de 22 e o Movimento Santa Helena. Na década de 20, foi Higienópolis que num clima intelectual realizou a Semana no suntuoso foyer do Teatro Municipal; na de 30, será o Cambuci, junto com o Brás e a Moóca, que numa atmosfera profissional fundará a Família Artística Paulista numa sala do Edifício Santa Helena na Praça da Sé, onde se localizava a maior parte dos novos sindicatos de operários. De caráter "essencialmente destruidor"²¹, a Semana pretendia destruir aquilo que se convencionou chamar de passadismo; queria combater uma literatura e uma arte importadas, que traziam o ranço de uma civilização cada vez mais superada no tempo e no espaço. Distanciando-se dos debates políticos e das controvérsias estéticas entre "modernos" e "acadêmicos", a Família irá concentrar-se nas questões de *métier*, de ofício, refletindo a mentalidade artesanal da maioria de seus membros²².

Não foi por acaso que sempre tive o trabalho por valor inquestionável. Para os pais e avós, ele representou meio de subsistência em terras talvez inóspitas, para mim forma de sobrevivência em circunstâncias adversas. Aos doze anos, dava aulas particulares de português e matemática. Aos dezenove, comecei a lecionar em cursos preparatórios para o

no caso em Santa Gertrudes na região de Rio Claro; anos depois, mudaram-se para Americana e, então, para São Paulo.

²¹ ANDRADE, Mário. "O Movimento Modernista". In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967, p.231.

²² Cf. AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Perspectiva/ Edusp, 1972.

vestibular²³. Foi assim que custeei a minha graduação. Porque, meio de subsistência, o trabalho também era - e isso aprendi muito cedo - motivo de autonomia e independência.

Lembro de minhas redações ainda no curso primário. Dentre os temas banais que nos propunham - minhas férias, a visita à casa da vovó, o primeiro dia de aula -, havia este, bem corriqueiro: o que quero ser quando crescer. A resposta veio sem hesitar: professora. Uma imagem feita, sem dúvida alguma. Através da figura da professora, cuja forma de existir deveria consistir em devotamento para com o outro, a menina revelava sua maior necessidade, a necessidade de cuidado e zelo. Não gozei a infância; fui submetida a ela.

De todas as maneiras, dela queria libertar-me. Prisioneira, inventava outras identidades, fabulava outras histórias; em suma, fantasiava outras vidas mais plenas de sentido, outras existências com maior densidade ontológica. Nutria a ilusão, que eu sabia justamente ser ilusória, de, ao prender o cabelo com um laço de fita, tornar-me outra pessoa. Porque nessa época, de fato, eu ocupava muito pouco lugar no mundo; na casa ocupava o lugar de um eletrodoméstico, de uma enceradeira, de um liquidificador. O liquidificador que, na cozinha, ficava sob uma capa ridícula à espera de ser usado; a enceradeira que era esquecida, junto com vassouras e rodos, num quatinho de despejo. Essa era a minha insignificância. Durante anos, odiei a infância, odiei a mim mesma.

A escola foi uma espécie de salvação, não porque me permitisse brincar com outras crianças ou me proporcionasse conviver com seres da minha estatura - longe disso! Não porque tivesse um efeito libertador - seria mesmo um contra-senso. Mas justamente por seu caráter disciplinar. Caso ímpar, eu detestava as férias; era um tempo em que não sabia

²³ No Anglo Latino, ensinei história, filosofia e inglês; no Diretriz, filosofia; no cursinho da Escola de Sociologia e

o que fazer de mim mesma. Na escola, as regras estavam claras; não havia como equivocar-me. Bastava cumpri-las para ter existência. Foi assim que passei a existir; primeira aluna - sempre. E sempre detestada pelas colegas, que não viam como aproximar-se de mim, tamanhos eram os empecilhos em comunicar-me, os entraves para relacionar-me. Hoje chego a surpreender-me com o percurso que fiz. Por isso, digo, com certo espanto: sobrevivi.

Mas as questões existenciais também se faziam presentes. Certa tarde, quando voltava da escola, caminhava pelo Viaduto do Chá. Um homem aproximou-se do parapeito, subiu na mureta, atirou-se no vazio. Atônitos, os passantes à minha volta aglomeraram-se; queriam, ali do alto, ver o que se passava. Uma estupefação mesclada a medo e angústia me fez suspeitar que algo de grave ocorrera. Meu olhar acompanhou a queda, o paletó e as calças inflados de ar; o homem caiu sobre a capota de um carro em movimento, o corpo ricocheteou e foi ao chão²⁴. Na ocasião, entendi o que significava a palavra suicídio. Mas algo eu não havia compreendido, apenas farejara. Todo o meu percurso consistiu numa, por vezes desesperada, busca do sentido da vida.

Em Nietzsche, acabei por reencontrá-la, mas antes houve Camus e Gide. Aos dezessete anos, com ela me deparei ao percorrer *Os Subterrâneos do Vaticano*. Um homem era lançado de um trem em movimento; perturbador foi, para mim, esse ato

Política, inglês e francês.

²⁴ Vale registrar aqui a passagem de Paulo Cursino de Moura: "No bolso de um suicida que, segundo consta se atirara do Viaduto do Chá - naturalmente suicida sentimental, talvez contrariado em amores - encontrou a polícia um bilhete em que se leu o seguinte tópico sugestivo: 'Bendito sejas, Viaduto Paulista! Sem tu não poderia eu passar desta para melhor, embalado pela brisa que te circunda. Adeus! Até para a eternidade és o passadiço de útil eficiência!' Foi este, não há como negar, o maior elogio que se fez até o presente ao genial empreendimento de Jules Martin. Caminho, ponte de ligação, até da eternidade!..." (*São Paulo de outrora: evocações da metrópole*. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. Itatiaia/ Edusp, 1980, p.126).

gratuito²⁵. Aos dezoito, defrontei-me com ela ao ler *O mito de Sísifo*. "Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio"²⁶; a formulação contundente abalou-me. Aos dezenove, mais de uma vez, flertei com o suicídio. Ter ciência do absurdo do mundo trouxe-me experiências literárias, indagações filosóficas. À pergunta pelo sentido da vida se somou outra, de igual porte e igual teor, acerca do valor da existência. No fundo, sempre se tratou de uma única e mesma inquietação, aquela que diz respeito à condição humana.

Nem bem findo o ginásio, outro exame de admissão. É que a Caetano de Campos era reputada pelo curso normal e a minha "escolha" recaía sobre o clássico. Passei a estudar no Colégio Estadual de São Paulo, que, num ímpeto de mau humor, uma colega dizia situar-se entre dois maus cheiros, o do rio Tamanduateí e o da Assembléia Legislativa no Palácio das Indústrias. Lá, aprendi a freqüentar, no original, os textos de Shakespeare, as obras da literatura francesa desde *A Canção de Roland* até *A Náusea* de Sartre e, de quebra, as *Catilinárias* de Cícero.

Tive embates difíceis com colegas, com eles vivi situações desafiadoras. Éramos estudantes numa sala de aula em que só havia primeiros alunos; oriundos das mais diversas escolas da cidade, todos nos encontramos ali. Excelíamos. Minha maior dificuldade era a educação física. Eu, que por tanto tempo não tive corpo, vivia em espírito. Não foi por acaso que o corpo se converteu numa das minhas indagações filosóficas. Estudar Merleau-Ponty, Bataille e Artaud foram

²⁵ Perturbador foi, também, saber pouco depois que, no início do século, a leitura de *Os Frutos da Terra* arrastara, na Europa, dezenas de jovens ao suicídio.

²⁶ CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisyphe*. Paris: Gallimard, 1942, p.15. Reveladoras, sua proximidade com Pascal e sua admiração por Nietzsche bem mostram que partilham os três de uma mesma sensibilidade filosófica.

tentativas renovadas de pensar a questão; elucidar o que eu chamo de teoria dos impulsos em Nietzsche, mais uma. Sempre me intrigou o fato de ter um corpo; muita vez, eu o via como um outro, a ponto de com ele me relacionar.

Naquele tempo, aos poucos, a literatura brasileira se dava a conhecer: Mário Faustino, Ledo Ivo, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos. E a estrangeira também: Virgílio Ferreira e Mário de Sá Carneiro, Borges e Garcia Marques, Alejo Carpentier e Juan Rulfo, Somerset Maughan e Morris West, Mallarmé e Rimbaud, Rilke e Lorca, Hermann Hesse e Kafka, Dostoiévsky e Tchekhov. Lia com alguma discriminação, talvez não muita.

Se o *Minotauro* fora determinante na minha infância e *As Memórias póstumas de Brás Cubas*, de outra forma, na adolescência, *O Fio da Navalha* foi decisivo na juventude. Apesar de vir a ser por demais explorado no cinema, o livro marcou toda uma geração. Ele veio a calhar numa natureza - se é que assim se pode chamar - em que todo estímulo externo sempre repercutiu fundo. E, na medida mesma em que repercutia, intervinha no mundo interno, a ponto de, por vezes, desestabilizá-lo. Ao mesmo tempo que se convertia em instrumento de autoconhecimento, corria o risco de pôr em perigo uma existência.

Uma timidez congênita, que travava a minha memória e me paralisava por inteiro, não facilitava a comunicação. A timidez provinha, sem dúvida, do fato de jamais me ter sido atribuído espaço num meio de adultos. Adolescente, quase menina, eu tinha a fantasia de ser paraplégica; de uma certa maneira, por muito tempo, permaneci com pontos de paralisia interna, que bloquearam o meu estar viva, marcaram a minha forma de estar no mundo. Assim como, à noite, pequenos pontos de luz indicam que o caos não predominou de todo e infundem a esperança de que a ordem voltará a manifestar-se, eu lutava por pôr-me em pé. Tudo se passa como se sempre

tivesse me debatido contra uma não-existência colada à minha própria existência.

E as dificuldades de relacionar-me com o mundo eram de tal ordem que encontrei na docência uma forma de lidar com elas. Porque, se, de modo geral, não me davam a palavra, na sala de aula, ela me era de direito, era um dever até. Ainda hoje, percebo um "ar professoral", que, de alguma forma, se manifesta quando falo. Curioso paradoxo esse, pois tomavam por arrogância e presunção justamente o que se devia a paralisias. Esses jogos de imagens e contra-imagens, ao que parece inevitáveis no estar no mundo, turvavam a minha visão do entorno e a minha percepção de mim mesma.

Dentre as "faculdades do espírito", como se diz na língua tradicional da filosofia, foi sempre a razão que predominou sobre a memória - e também sobre a imaginação. Quando, na época da graduação no Departamento de Filosofia, eu insistia em ressaltar o caráter lúdico do texto - tema bastante em voga naqueles anos -, a insistência escondia uma intenção. De igual modo, quando me obstinava, anos mais tarde, em salientar os movimentos do pensar, a obstinação revelava um desejo. Por muito tempo, as minhas intervenções em público, desde as aulas até as conferências, seguiram à risca textos preparados previamente; mais ainda, todas elas obedeceram a um script. Tal proceder contemplava a exigência de rigor, aprendida e incorporada durante o curso de filosofia; denunciava, também, uma crônica falta de imaginação.

Como desenvolver a imaginação na infância sem o contato com outras crianças? Como pô-la em prática sem as brincadeiras, sem os jogos, sem a experiência do fortuito? Como exercitá-la entre adultos, para quem até o lúdico tinha de obedecer a regras determinadas e precisas? E como manter viva a memória se ela só fazia registrar a repetição de experiências negativas? Por encontrar-me num mundo, em que

me via obrigada a decifrar códigos que desconhecia, sempre me empenhei em compreender cada palavra, gesto ou atitude dos que me rodeavam. A cada momento, precisava assegurar-me de bem captar tudo o que se passava; alimentava, a cada momento, a esperança de que tudo se passasse de outra maneira. Compreender o outro ou, então, alienar-me, foram as formas que encontrei de estar ali. Compreender era a maneira pela qual eu me punha naquele mundo; alienar-me, o modo pelo qual criava outro. Mas a este outro, que era só meu, ninguém tinha acesso; ele existia às escondidas e, nele, eu mesma. E, quando, vez ou outra, era flagrada existindo, encabulava; era como se tivesse feito uma travessura.

Assim concluí o clássico: com algum conhecimento da literatura francesa, inglesa, americana, portuguesa e brasileira, além de noções de latim. O espanhol e o italiano vieram naturalmente, dadas as similaridades com o português. Desde então, ler em outra língua significou entrar em outro universo, conviver com outra sensibilidade e outra forma de percepção do mundo. Em suma, significou viajar. E as viagens que passei a fazer pelos diferentes universos lingüísticos foram, por certo, distintas das que fazia por diferentes épocas históricas. Assim é que, quando da minha estada em Paris, entendi o que queriam dizer as estações do ano: as folhas mortas do outono, a neve e o frio invernal, as cores da primavera, a luz do sol de verão. Enfim, compreendi a idéia de um tempo cíclico e de um espaço bem definido. "Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido"²⁷.

Durante os meus estudos, aprendi línguas e a expressar-me com correção, aprendi a buscar sempre a elegância do texto e a procurar discernir a qualidade dos escritos,

²⁷ *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1. In: *Nietzsche - Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2^a ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores").

aprendi a gostar de literatura e apreciar música e artes plásticas. Enfim, o que mais esperar dos meus professores no secundário?

No clássico, cheguei até a estudar filosofia por três anos. Na época, suspeitava o que veio a confirmar-se depois: não se tratava bem de filosofia. A mim incomodava o fato de o professor parecer não prezar o que fazia. Incomodava-me que trouxesse aula após aula as mesmas anotações. Velhas e gastas, aquelas folhas datavam, ao que parecia, da década de 40. Era como se ele tivesse se enfastiado da leitura, abandonado a pesquisa. Incomodava-me que dissesse as maiores obviedades como se fossem grandes verdades. As citações de si mesmo eram muitas e variadas; nós as copiávamos no caderno - sob o seu olhar vigilante - sem jamais esquecer de colocá-las entre aspas. "A vida é tudo e a vida é nada"; "Critique quanto quiser, mas faça melhor sempre que puder!"; "A vida é um minúsculo ponto iluminado entre duas eternidades"; "Tudo é claro para as consciências limpas"; "Só a virtude pode ajudar a suportar a vida". Muitas vezes disse que "decidi" prestar vestibular apesar dele; hoje digo que o fiz, também, por causa dele. Queria assegurar-me de que era possível ensinar de outra forma; bem mais: de que era viável ensinar filosofia.

Em 1968, havia na cidade dois bons cursos preparatórios para o vestibular: o cursinho do Grêmio e, surgido enquanto uma dissidência sua, o Equipe Vestibulares. No material informativo que forneciam sobre a graduação em filosofia, lia-se: "Na FFCLUSP este Curso tem a duração mínima de 4 anos para o diurno e 5 para o noturno, com um total de 80 vagas nos primeiros anos. Oferece especialização em História da Filosofia, Lógica, Estética, Ética, Teoria do Conhecimento. Possibilidades de trabalho em Críticas em geral, Crítica de Arte (inclusive literária), Jornalismo e

Magistério Secundário e Superior”²⁸. Outro folheto acrescentava: “O curso de Filosofia não prepara propriamente seus alunos para o exercício de profissões definidas fora do magistério. Entretanto, é de se considerar o desempenho de inúmeras atividades profissionais da formação cultural que este curso propicia, procurando desenvolver nos alunos um espírito crítico e anti-dogmático, e podemos afirmar que o âmbito das oportunidades profissionais abertas aos licenciados em Filosofia é grande, embora elástico e não definido”²⁹. Ambos davam a entender que, desprovido de intuito utilitário ou caráter pragmático, o curso contemplaria plenamente as minhas convicções. Formador, ele associaria filosofia e cultura.

Naquele ano, todos os dias, de março a dezembro, passei em frente da Maria Antonia. Cheguei algumas vezes a entrar no prédio, ler os avisos afixados, visitar a biblioteca lá nos fundos, examinar os catálogos de livros. Entre surpresa e amedrontada, testemunhava uma efervescência, que me parecia ser antes de mais nada a das idéias. Então, de meus desejos todos, o maior era passar no vestibular; queria estudar filosofia na Maria Antonia.

No Equipe Vestibulares, com Carlos Vogt e Haquira Osakabe, aprimorava o trato com a nossa língua. E com Carlos Alberto Sardenberg, Luís Roberto Monzani e Helena Hirata, que seguiram caminhos tão diversos, começava a distinguir filosofia e senso comum, conhecimento filosófico e conhecimento científico. Aprendia a diferença entre ontologia e metafísica e entre as várias críticas a esta feitas por Kant, Comte e Carnap. Tratava de pôr em prática o método estruturalista enquanto método de leitura e de

²⁸ “Vestibulares informações”, editado pelo cursinho do grêmio da Faculdade de Filosofia da USP.

²⁹ “Filosofia”, editado pelo cursinho do grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, p.2.

interpretação. Mas, ao mesmo tempo que fazia contato com o ensaio de Goldschmidt, "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos", ouvia dizer que toda filosofia era filosofia de uma época, inscrita num determinado tempo histórico.

Propunham-nos temas de dissertação extraídos, em geral, dos escritos de Marx e Engels. Um deles rezava: "As verdades científicas serão sempre paradoxais, se julgadas pela experiência de todos os dias, que apreende apenas a aparência enganosa das coisas". Outro, mais contundente, afirmava: "Os filósofos não brotam da terra como cogumelos, eles são *frutos da sua época*, de seu povo, cujas energias as mais sutis, as mais preciosas e as menos visíveis se exprimem nas *idéias filosóficas*. O mesmo espírito que constrói os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos, constrói as ferrovias com as mãos dos operários. *A filosofia não é exterior ao mundo*"³⁰. Ilustram bem o espírito da época. Aliás, nesse sentido, era notável a atuação de Helena Hirata. Numa aula a propósito de um texto de Berkeley, lembro bem, sempre com um cigarro entre os dedos, ela se pôs a falar sobre a Revolução. Mas, nesse momento, a política aparecia para mim muito mais enquanto forma de indignação.

Os interesses culturais permaneciam. Com Luís Fernando Franklin de Matos, eu me preparava para o vestibular. Juntos estudávamos os prefácios à *Crítica da Razão Pura*; juntos líamos Fernando Pessoa e ouvíamos Carl Orff. Contribuíam estes para que olhássemos com recuo o cristianismo, para que vissemos de outro prisma a religião católica. Um anunciava que Deus era "um velho estúpido e doente, sempre a escarrar no chão e a dizer indecências"; o Espírito Santo era "a única pomba feia do mundo porque não era do mundo nem era

³⁰ Ao que parece, a primeira passagem encontra-se em *Salário, Preço e Lucro* e a segunda, em um artigo de Marx no *Kölnische Zeitung* n.79 (1842). Ao menos, estas foram as referências bibliográficas que então nos deram.

pomba" e a Virgem Maria "não era mulher: era uma mala em que ele (o menino Jesus) tinha vindo do céu"³¹. O outro, ao musicar dez poesias de Catulo sobre o florescimento e o rápido declínio da paixão amorosa, contrapunha o coro dos jovens, que celebravam o amor eterno, e o dos velhos, que com um tom mordaz retomavam "Eis aiona! O res ridicula! O res ridicula! Immensa stultitia"³². Com eles, nós nos deleitávamos.

"Eis aiona?", eu me perguntava; "para sempre?" Bem mais que o embate entre o cristianismo e o paganismo, tratava-se deste conflito: como respeitar verdades imutáveis e eternas, princípios últimos e definitivos, e, ao mesmo tempo, apreender a densidade histórica dos acontecimentos. No clássico, o professor de história recomendava *A História da Riqueza do Homem* de Leo Huberman; no cursinho, *O Manifesto do Partido Comunista* e *A Ideologia Alemã* constavam das leituras obrigatórias. Fora tomada pelo espírito da época; dele me dera conta.

Das leituras todas, era a dos livros de Sartre que mais me atraía. Neles, havia algo que me intrigava. É bem verdade que também Heidegger aparecera no meu horizonte. "Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada? Eis a questão"³³, a primeira frase da *Introdução à Metafísica* não parava de ressoar nos meus ouvidos; ela tocava justamente no problema da existência. Mas eu fora tocada antes por Sartre. Percorri seus romances, contos e ensaios; reencontrei temas seus em Merleau-Ponty e sobretudo em Camus.

³¹ Poema de Alberto Caeiro. In: PESSOA, Fernando. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969, p.209.

³² Cf. libreto do CD *Orff. Catulli Carmina*, produzido pela Deutsch Gramophon, p.15-17.

³³ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966, p.33.

Recentemente, perguntei-me: por que vim a dedicar-me a Nietzsche e não a Sartre? Quando da graduação, com ambos eu me vi confrontada. Ambos conjugavam literatura e filosofia, ambos tratavam da condição humana. Sartre tinha uma obra filosófica e uma obra literária; Nietzsche tinha uma obra, que uns julgavam literária e outros filosófica. Talvez ele expressasse melhor a minha ambivalência. Achava-me numa encruzilhada; embora determinada a estudar filosofia, entre ela e a literatura me encontrava. Sem que disso tivesse clareza, queria investigar as questões relativas à condição humana. Também sem que tivesse clareza disso, receava a "liberdade" criadora do escritor.

É que, no fim das contas, cresci atrás das grades - das grades do portão da casa em que nasci. Elas me separaram do exterior; elas me confinaram num mundo de adultos. E naquele mundo, inventei outro inteiramente à parte, fabulei o meu próprio mundo. Nele, menina, eu desenhava, coloria e me contava histórias, histórias que nem mesmo tinha como pôr no papel. Refugiava-me no espaço ficcional da minha caixa de lápis de cor; trazia o solferino, o azul, o verde, o marrom, para um mundo de sombras. Às cores atribuía sentido; com elas fabulava personagens, inventava algo mais harmonioso e, no limite, - por que não dizer? - mais feliz. Eram o meu meio de expressão, secreto; abertamente, em público por assim dizer, não podia me exprimir. Aos adultos que ali viviam, tinha necessariamente de adequar-me; às suas expectativas, precisava conformar-me. Pois, era apenas enquanto extensão de cada um deles que encontrava lugar na casa. Entraves bastantes para impedir que me voltasse para a literatura - apesar das veleidades literárias do tio que lá morava. Foi ele quem me deu a conhecer os primeiros livros; eram livros de adulto e eu, quase uma criança de colo.

Não sei se gostava de escrever. O fato é que, no primário e no ginásio, as minhas redações foram sempre bem-

vindas. Até a professora de inglês me incentivava a participar de concursos. Nunca quis; significava ter ainda uma vez de pôr-me à prova. E tinha de pôr-me à prova tantas vezes; antes de mais nada, para mim mesma. Precisava certificar-me, a cada momento, de que existia, de que era alguém e não apenas quem atendia as expectativas alheias. Foram elas, de certo modo, que venceram, quando, introjetadas, me levaram a submeter-me a uma forma de expressão determinada. Se de início esta me era alheia, acabou por tornar-se a minha - por muito tempo. Aí, as regras se achavam muito bem definidas; tinha apenas de aprendê-las. E aprendi. Aprendi a construir um texto, a argumentar, a refletir. A filosofia proporcionou-me um caminho firme e seguro para existir.

No clássico, cheguei a participar da equipe de redação do *Cespress*, o Jornal do Colégio Estadual de São Paulo. Comecei, porém, a ter dificuldades com a escrita. Talvez porque estivesse em meio a uma fase experimental, em que me sentia atraída por diferentes estilos. Afinal, pretensões literárias, em algum momento, todos temos. Ou talvez porque o professor de português, desta vez com pretensões filosóficas, nos convidava a exprimir idéias mas nos impedia de desenvolvê-las livremente. Queria que nos ativéssemos de maneira estrita aos temas propostos, exigia que refletíssemos sobre o sentido preciso de cada palavra. Se a sua atitude veio a contribuir para os meus estudos de filosofia, também representou um entrave para o meu gosto pela literatura. Pois, ela reavivava a questão acerca do modo de expressão adequado; bem mais, concorria para aprofundar a defasagem entre a minha existência pública, para o outro, e a minha existência secreta, para mim mesma.

Antes de pôr no papel uma palavra, perguntava-me pela sua pertinência; e o mesmo fazia quanto à vírgula, ao ponto-e-vírgula, aos dois-pontos. Definia os termos com cuidado;

determinava com rigor a pontuação. Nada podia haver, no texto, de descomprometido ou impensado. Para encontrar a formulação adequada ao que queria dizer, não bastava decidir-me por uma entre várias; era preciso ainda recusar todas as outras possíveis. Tanto é que Joseph Grand, personagem de *A Peste*, se tornou para mim paradigmático. Funcionário da prefeitura de Orã, nunca obteve uma promoção; sequer encontrava as palavras para redigir uma carta de reclamação. E, "por falta da palavra justa", "permaneceu em obscura situação até a velhice". Dizia que "em geral é fácil escolher entre *mas* e *e*; um pouco mais difícil entre *e* e *pois*; a dificuldade aumenta no caso de *depois* e *em seguida*. Mas o pior é a gente não saber se deve usar *e*"³⁴. Perfeccionista, queria escrever um romance; antes de morrer, pediu que atirassem ao fogo a sua obra: um "pequeno manuscrito, de umas cinquenta páginas", em que uma mesma frase fora "indefinidamente recopiada, emendada, enriquecida, empobrecida".

O meu tempo foi sempre o *lento*. Esse foi o meu tempo, tanto na leitura quanto na escrita. Na leitura, cada frase, cada palavra, exigia uma profunda compreensão. Esta se dava, como na escrita, em dois momentos. No primeiro, eu buscava apreender o sentido do texto e, no segundo, como contraprova, examinava se tinha como excluir todos os outros sentidos possíveis. Daí, a importância do uso dos dicionários³⁵. A ele jamais me furtei; ainda hoje, não me

³⁴ CAMUS, Albert. *A Peste*. Trad. Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1973, p.129.

³⁵ Vale lembrar os versos de Pablo Neruda em sua *Oda al Diccionario*:

"Diccionario, no eres
tumba, sepulcro, féretro,
túmulo, mausoleo,
sino preservación,
fuego escondido,
plantación de rubíes,
perpetuidad viviente

furto. Contribuí para ampliar o vocabulário, a visão de mundo; conquistar uma nova palavra é aliciar uma nova percepção. Com os estudantes, do primeiro ano da graduação ou da pós-graduação, insisto na consulta dos dicionários filosóficos. De caráter complementar, um mais histórico e outro mais crítico, Ferrater Mora e Lalande³⁶ revelam-se ferramentas úteis. A matéria-prima de que dispomos é sempre a linguagem e, através dela, o pensamento. Afinal, "melhorar o estilo - isso significa melhorar o pensamento e nada mais!"³⁷.

Tanto na leitura quanto na escrita, sinto necessidade de mediações. Explico-me. Não basta, quando da leitura, captar o sentido que julgo ser o do texto e assegurar-me de que estou na boa via; preciso ainda verificar de que maneira ele repercute em mim. Porque todo estímulo, de alguma forma, só ganha sentido se encontrar um lugar no mundo que é o meu, se a ele eu for capaz de atribuir sentido. Quando da escrita, o texto só vem à luz e começa a tomar forma, quando encontro um ponto de apoio interno. Pois, ele vem traduzir um impulso, algo que eu pense ou sinta; tem de expressar uma perspectiva, uma condição, uma vivência, no limite.

Minha ânsia por conhecer sempre me levou a ler tudo quanto podia. Lia tanto Clarice Lispector como Vinícius de Moraes. E ouvia tanto Wagner como Puccini. Na década de 70,

de la esencia,
granero del idioma".

³⁶ FERRATER MORA, José. *Diccionario de filosofía*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 4ª ed., 1958; em português, *Dicionário de Filosofia*. Trad. Fátima Sá Correia. São Paulo: Martins Fontes, 1994. LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses universitaires de France, 13ª ed., 1980; em português, *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. Trad. Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

³⁷ *O Andarilho e sua Sombra* § 131 (na minha tradução). In: *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. (Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari).

pouco consideravam Tchaikovsky; hoje, ao que parece, reabilitaram-no. Então, *O Bolero* de Ravel foi tema de um espetáculo antológico da Companhia Béjart em Paris; hoje, é tido por uma obra popular. É que nas questões de cultura muita coisa entra em cena.

Claro que, com o passar do tempo, fui ficando mais seletiva; meu ser social, por assim dizer, ganhou contornos mais precisos. Filha de imigrante, vim a estudar numa universidade fundada para formar as elites dirigentes do país. E me pus a questionar a pertinência de ocupar o lugar em que me encontrava. Objeto de suspeita, passei a suspeitar de mim mesma. Em meio a contradições, vivi: acreditando na formação humanista que visa à universalidade, testemunhei a desigualdade das condições sociais; ciente da minha proveniência social, julguei um privilégio injustificado aceder aos chamados bens culturais.

À primeira vista, hoje tais problemas não mais se colocam. Convertemo-nos todos em consumidores, de sorte que não haveria como manter tão nítidas as marcas sociais. Contudo, sabemos, os bens culturais continuam a ser tomados por signos distintivos. Se os consumimos, é porque nos distinguem, remetendo-nos ao nosso grupo social enquanto referência ideal ou dele nos demarcando por referência a um grupo de estatuto superior. Campo socialmente estruturado, o campo do consumo exhibe bens culturais que transitam das elites para outras camadas sociais. A eles todos terão acesso, quando mais nada significarem para uns poucos.

Na juventude, dada a necessidade de referenciais precisos e constantes, saí em busca do que é perene, do que se mantém - ainda que por um tempo. Moda e cultura são termos que não combinam, julgava. A cultura diz respeito à condição humana e a moda, à adequação ao tempo presente, supunha. Se hoje descarto o essencial, imutável e eterno,

nem por isso abandono a questão da condição humana. Acredito que, cedo ou tarde, o problema da finitude se coloca. E para que filosofia senão para refletir sobre ele?

Filosofia não se identifica, para mim, com um domínio específico do saber ou uma determinada área do conhecimento, por mais amplos que sejam. Tampouco se confunde com o exercício de certas habilidades ou a maestria na arte de argumentar. Não se define como uma reunião de teses, que fixam uma dogmática, ou um conjunto de técnicas, que estabelecem uma metodologia. Filosofia consiste em tocar a questão da condição humana, em colocá-la. Assim como a literatura e as artes são outras formas de exprimi-la.

* * *

Preparei-me para o vestibular de Filosofia e não me preparei para o de Direito. Na São Francisco, passei no exame eliminatório de português. Na prova de latim, não me saí muito bem, pois, de literatura latina voltada para as questões jurídicas sabia pouca coisa. Na de filosofia, segui a contragosto o livro, recomendado, de Cretella Júnior³⁸. Mas as provas de inglês e francês garantiram a minha nota; fui classificada entre os dez primeiros.

O concurso para habilitação ao curso de filosofia, que viria a ser o último específico organizado pelo Departamento de Filosofia da USP, realizou-se no prédio da Biologia na Cidade Universitária. Constou de uma dissertação sobre um

³⁸ Autor de obras de filosofia do direito, José Cretella Júnior também publicara uma *Novíssima História da Filosofia*, abordagem panorâmica e superficial, que destoava dos estudos de filosofia a que então me dedicava.

tema de Filosofia Geral³⁹, em que se avaliava também o português, a tradução de um texto filosófico e o exame oral. Por este se responsabilizavam três professores: um argüia sobre um ponto de História da Filosofia Antiga⁴⁰; outro, sobre um ponto de História da Filosofia Moderna e Contemporânea; e um terceiro, sobre um dos cinco textos que deveriam ser preparados previamente: o *Mênon* de Platão, o *Discurso do Método* de Descartes, o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* de Rousseau, os dois prefácios à *Crítica da Razão Pura* de Kant e os *Problemas da Filosofia* de Bertrand Russell.

A dissertação filosófica, a cargo de José Arthur Giannotti, versou sobre uma proposição do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein: "Nunca poderá haver, pois, surpresas na lógica"⁴¹. No que diz respeito à tradução, optei pelo inglês; foi quando avistei pela primeira vez Oswaldo Porchat. No exame oral, Arley Moreno argüiu-me sobre a teoria das Idéias em Platão e Mário Leônidas Casanova sobre o conceito de alienação em Marx. Quanto aos textos, coube-me indicar dois: o *Mênon* e o *Discurso do Método* e ao meu argüidor, João Quartim de Moraes, escolher um deles: o *Mênon*. Depois de perguntar-me sobre o movimento argumentativo e as idéias principais do livro, perguntas essas a que eu procurava responder de maneira assertiva, colocou-me uma última questão: "então, o texto é aporético?" E, contundente, respondi: "sim" - sem conhecer o sentido

³⁹ Dentre os pontos de Filosofia Geral, constavam: O Problema da Liberdade, Estado e Sociedade, Moral e Política, A Idéia da Verdade, Lógica e Epistemologia, Método e Linguagem nas Ciências.

⁴⁰ Estes eram alguns dos pontos de História da Filosofia: As origens da filosofia e os pré-socráticos, Sócrates e a sofística, Platão e a teoria das Idéias, Aristóteles e a teoria da ciência.

⁴¹ Trata-se da proposição 6.1251 do livro que Giannotti acabara de traduzir. Cf. WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1968, p.118.

preciso do termo. Favorecera-me, sem dúvida, meu jeito determinado, que, no fundo, era expressão de insegurança ou de dúvida ou, na melhor das hipóteses, da necessidade de tempo para refletir. Raras vezes, nessa época, foi expressão de convicções.

Em 1969, comecei a cursar a Faculdade de Direito e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O Largo São Francisco convidava-me a seguir freqüentando o centro da cidade. Então, nos meus percursos, incluí a Livraria Francesa na Rua Barão de Itapetininga e, vez ou outra, em momentos que me pareciam especiais, a Confeitaria Vienense. A Filosofia levava-me ao *campus* universitário, do outro lado do rio, quase na periferia. Há quem diga que São Paulo exige lucidez e reflexão, emoção e poesia, para que se logre compreender suas contradições. Acontece que as formas do mundo exterior, desde cedo, atraíram o meu olhar - e até hoje o atraem. Um olhar que busca a simetria das linhas, a harmonia das figuras, o enquadramento perfeito; um olhar que se vê contemplado nas fotos de Cristiano Mascaro⁴².

A Faculdade de Direito exalava formalismos. Grandes portas davam acesso à sala de aula do primeiro ano; ela exibia retratos a óleo dos professores da casa, cortinas de veludo vermelho, cadeiras de madeira maciça. Por outra entrada, o professor fazia sua aparição; numa espécie de palco, ele se punha a fazer suas preleções. Falava para uma

⁴² Cf., por exemplo, MASCARO, Cristiano. *São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC, 2000. Vale a pena registrar esta passagem de sua autoria, extraída das páginas que antecedem a reprodução de suas fotos: "O que posso afirmar com absoluta segurança é que a idéia de realizar este trabalho me persegue há muitos anos, desde o tempo em que, como fotógrafo, comecei a percorrer todo o Estado e a perceber que além de suas riquezas ou mazelas havia uma vida qualquer, que se revela à margem das coisas superlativas e sobre a qual valeria a pena se debruçar" (p.15).

platéia que o tomava por modelo; discursava para estudantes que, na sua maioria, tinham por vocação imitá-lo. E assim os *data venia* se multiplicavam. Um bedel engravatado convidava-nos, a cada aula, a assinar um enorme livro de presença. A obrigatoriedade do terno e gravata para os rapazes e a interdição da calça comprida para as moças contribuía para o ar solene que lá imperava.

Era com um certo deboche que eu ouvia o Professor José Pinto Antunes⁴³ falar do empresário como herói do século XX, o Professor Ataliba Nogueira⁴⁴ afirmar que a chegada do homem na Lua constituía o acontecimento mais marcante da nossa época, o Professor Goffredo da Silva Telles Júnior⁴⁵ reiterar que "o ser é o que é". Era com algum receio que eu via o Professor Alexandre Correia⁴⁶ repreender de forma severa cada gesto, palavra ou atitude que surpreendia na sala. Era com interesse que eu escutava o Professor Dalmo Dallari, então assistente de Teoria Geral do Estado, tratar do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. E era com deslumbramento que eu presenciava o

⁴³ No curso de economia política, que então ministrou, ele retomou as considerações do livro de sua autoria *A produção sob o regime da empresa* (São Paulo: Edição Saraiva, 1964), em que tratava da questão social de maneira, pelo menos, conservadora.

⁴⁴ Responsável pela cadeira de Teoria Geral do Estado, incluía como pontos de seu programa de curso:
 "38. O estado socialista. As suas incongruências. Refutação das teorias totalitárias.
 39. Marxismo. O materialismo histórico. As classes, a luta de classes, o estado. O proletariado. O partido marxista.
 40. Refutação do comunismo" (*Programas do 1º Ano do curso de Bacharelado*. São Paulo: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 1969, p.42).

⁴⁵ Catedrático em Filosofia do Direito, respondia pela cadeira de Introdução à Ciência do Direito. Cf. seu *Filosofia do Direito*. São Paulo: Max Limonad, [s.d.], 2v.

⁴⁶ Responsável pela cadeira de Direito Romano, apresentava como tópicos de seu programa de curso os presentes em seu *Manual de Direito Romano* (Rio de Janeiro: Livros, Cadernos, Ltda., [s.d.], em co-autoria com Gaetano Sciascia).

Professor José Carlos Moreira Alves iluminar passagens do *Código Civil Brasileiro*.

Em meio a filhos de desembargadores, juizes e ministros, fiz amigos. Com Renato Mezan, que vinha de família abastada e culta, entregava-me à prática do que chamávamos de "esgrima verbal". Em geral, púnhamo-nos em desacordo e, então, argumentávamos e argumentávamos, defendendo sempre pontos de vista contrários. Com Alcides Nogueira, que pertencia a uma família tradicional de Botucatu, conversava sobre literatura e teatro. Se era com algum narcisismo que ele me passava os textos da própria lavra, era igualmente com generosidade que me trazia uma visão inesperada da cena cultural paulistana. Com Luís Carlos Amando de Barros, de outra família tradicional da mesma cidade, partilhava a irreverência de um rapaz bem-nascido diante da visão de mundo que ali se defendia. Jornalismo e mercado das artes, teatro e televisão, filosofia e psicanálise, destinos tão diversos aguardavam esses três amigos tão próximos. Naquele primeiro ano da Faculdade de Direito, de um modo ou de outro, cada um à sua maneira contribuiu para eu colocar sob suspeita o *establishment*. Porque se, do ponto de vista intelectual, a crítica aos valores estabelecidos me parecia inevitável, do ponto de vista social, não me julgava autorizada a fazê-la.

A Filosofia, depois da destruição da Maria Antonia, passou a ocupar um dos barracões do Instituto de Psicologia na Cidade Universitária. De certa forma, perdera o encanto primeiro. Não havia no ambiente nada comparável à efervescência que, vez ou outra, eu testemunhara no ano anterior. Não havia a irreverência presente nos cursos abertos que freqüentara tanto na Faculdade de Filosofia quanto na de Economia da Rua Dr. Vila Nova. Pois, em 1968, assisti, em meio a multidões, a aulas de Quartim de Moraes sobre Heidegger e a técnica e de Giannotti sobre Marx e a

mais-valia. Em fevereiro, março de 1969, quando fui fazer minha matrícula na Cidade Universitária, o *campus* estava cercado pelas forças militares. Mal compreendia a amplitude e gravidade dos acontecimentos decorrentes do AI 5. Durante o ano letivo, que apenas começou em abril, receava-se haver um policial disfarçado em cada sala de aula; temiam-se delações e prisões arbitrárias. Não que fôssemos apáticos, mas percebíamos nos mais velhos certo desapontamento e certa nostalgia. Eu mesma partilhava esse estado d'alma; desapontada por não encontrar o que julgara prometido, nostálgica daquilo que não teria vivido. Contudo, era o medo que predominava.

Em 1969, o currículo da graduação em filosofia estava assim organizado:

1º. ano

- 1 - Teoria do Conhecimento
- 2 - Ciência qualquer (optativa)
- 3 - Ciência humana (optativa)

2º. ano

- 4 - História da Filosofia I
- 5 - Estética
- 6 - Uma disciplina qualquer (matéria optativa)

3º. ano

- 7 - História da Filosofia II
- 8 - Ética e Antropologia Filosófica

4º. ano

- 9 - Lógica e Teoria das Ciências
- 10 - Filosofia Geral e Metafísica

E, no final da página, havia a nota: "Cumpre-nos acrescentar que a aprovação em Teoria do Conhecimento é condição indispensável para que o aluno possa matricular-se nas demais disciplinas filosóficas, isto é, em História da Filosofia I e II, Estética, Ética e Antropologia Filosófica,

Lógica e Teoria das Ciências e Filosofia Geral e Metafísica”⁴⁷.

No que diz respeito ao primeiro ano, as aulas expositivas, no primeiro semestre, ficariam a cargo de José Arthur Giannotti e, no segundo, de Ruy Fausto. Rolf Kuntz, Luís Roberto Salinas Fortes e Maria Lúcia Montes se responsabilizariam pelos seminários no correr do ano⁴⁸.

⁴⁷ Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação.

⁴⁸ Incluir em nota de rodapé os programas de todos os cursos que segui, quando da minha graduação, corre o risco de parecer excessivo e, quiçá, desnecessário. Contribui, no entanto, para eventuais comparações entre a cena que se apresentava há pouco mais de trinta anos e a que agora se apresenta. É nessa medida, a meu ver, que se justifica.

Este era o programa do curso do primeiro ano em 1969:

“TEORIA DO CONHECIMENTO

I. A idéia de natureza - 2 aulas expositivas dadas pelo prof. J.A. Giannotti.

1. Oposição natureza-cultura: a noção de physis - a ‘physis’ nos pré-socráticos.

2. Oposição mundo sensível-mundo inteligível; física de Platão (Timeu) e os primeiros textos da física de Aristóteles: a noção de movimento.

3. Oposição criador-criatura: a filosofia medieval.

4. Coisa pensante-coisa espacial; 2º livro dos Princípios da Filosofia de Descartes; os primeiros princípios metafísicos das ciências da natureza: Kant, Crítica da Razão Pura, 1º capítulo (o movimento).

5. O problema da fenomenologia e a dialética da natureza.

II. O pensamento antropológico nos séculos XVIII e XIX. História, Estado e Trabalho do século 18 ao 19. 2 aulas expositivas pelo prof. Ruy Fausto.

a) Kant e Hegel

b) Adam Smith e Ricardo

c) Saint-Simon, Fourier e Proudhon

d) Marx

III. Seminários - 2 aulas por semana a cargo dos professores Rolf Kuntz, Roberto Salinas Fortes, Maria Lúcia. Para estas aulas as classes serão divididas em 3 grupos de trabalho.

Textos e autores

Platão - Timeu

Aristóteles - Física

Descartes - Princípios da Filosofia

Kant - Crítica da Razão Pura

Locke, Hume, Rousseau, Hegel, Marx, Stuart Mill (a selecionar)”
(*Loc. Cit.*).

De Giannotti, lembro-me bem; ele chegou a dar três aulas - aterrorizadoras para os calouros. Vez ou outra, num arroubo, ao ouvir uma pergunta que julgava impertinente, não se furtava em mostrar ao interlocutor a sua asnice e chegava a fazer voar pela sala de aula giz e, certa vez, até apagador. Categórico, afirmava que naquela sala começava, de fato, o vestibular. Pois, para estar lá e lá permanecer, era preciso conhecer inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, além de grego e latim; sem essas línguas jamais se poderia adentrar o universo da filosofia. Ao mesmo tempo, preenchia o quadro negro por inteiro com as referências bibliográficas dos livros que teríamos de ler, que já deveríamos ter lido, no limite. Naquele momento, eu o desculpava; melhor, supunha compreendê-lo. Se tomava suas repreensões por excentricidades, entendia exigências suas como desafios. Afinal, bem preparada, julgava-me à altura de atendê-las.

Ruy Fausto, não cheguei a conhecer nessa época. E tampouco Bento Prado Júnior. Como Giannotti e Quartim de Moraes, no início daquele ano letivo, eles deixaram o Departamento. Aposentados compulsoriamente, atingidos pela cassação ou tendo saído do país na clandestinidade, os professores com quem esperava estudar já não estavam mais lá. Sentia-me lograda.

Nós, do primeiro ano, tínhamos a impressão de estar à deriva. Ouvia-se que o Departamento de Filosofia poderia sofrer intervenção, por ter poucos docentes titulados; os professores procuravam levar a porto seguro um barco que corria o risco de ir a pique. Às terças-feiras à tarde, Rolf Kuntz encarregava-se dos seminários; às quartas, Giannotti assegurava as aulas expositivas; às sextas, Helena Hirata ensinava-nos redação. Era assim que o curso estava previsto naquele mês de abril. Com a aposentadoria forçada de Giannotti, ele teve de ser reorganizado.

Rolf Kuntz passou a ensinar-nos o *Timeu* de Platão e a *Física* de Aristóteles; Helena Hirata nos fez ler *Marat Sade*; Armando Mora de Oliveira tratou de questões relativas à linguagem. Para a dissertação final, ele propôs esta frase de Francis Ponge: "Quoi, la parole? Eh bien, ce phénomène mystérieux - mystérieux dans son origine: les raisons de parler et d'écrire; mystérieux aussi dans ses effets: l'accord qui se fait grâce à lui, la communication qui se réalise, le pouvoir temporel et intemporel qu'il prouve". "Contudo", assim começava o trabalho que lhe entreguei. Obtive a nota máxima; coisa rara no Departamento de Filosofia da USP. Se o tema dizia respeito à linguagem, a linguagem que "escolhi" para dele tratar não poderia ser mais canhestra. Expressões como "mister se faz", "cumpre", ao lado de uma profusão de ênclises e mesóclises, permeavam o texto. E, como no vestibular não tivera a oportunidade de mostrar o que sabia, entulhei-o de citações em todas as línguas que conhecia: inglês, francês, espanhol, alemão, além de expressões em grego e latim. Só deixei de fora o italiano.

O respeito que devotava à *lingua mater* devia-se à forma de expressão meio italiana, meio brasileira, com que havia convivido sobretudo na infância. A escolarização me fez ver os equívocos que cometia, as incorreções que praticava. Passei, então, a aplicar com zelo as regras gramaticais, a zelar com desvelo pela língua portuguesa. Não foi por acaso que, quando adolescente, me causou grande impacto um conto de Monteiro Lobato. Nele, o protagonista, Aldrovando Cantagalo, que viera ao mundo "em virtude dum erro de gramática", dele se foi graças a outro: uma ênclise indevida provocou-lhe a morte. Autor do *Pronominol Cantagalo*, Aldrovando custeou a publicação e editou todos os volumes de sua obra. "Passou esse período da vida alternando revisão de provas com padecimentos renais. Venceu. O livro compôs-se,

magnificamente revisto, primoroso na linguagem como não existia igual. Dedicou-o a Fr. Luiz de Souza: *À memória daquele que me sabe as dores*". Um incidente levou o tipógrafo a recompor a frase "a seu modo". Mal os milhares de exemplares lhe foram entregues, Aldrovando apressou-se a dedicar um certo número à crítica. "Abriu o primeiro, e estava já a escrever o nome de Rui Barbosa quando seus olhos deram com a horrenda cinca: *'daquele QUE SABE-ME as dores'*". Acometido por uma "dor gramatical não descrita nos livros de patologia", ficou imóvel, empalideceu, foi tomado por "repentina e violentíssima ânsia" e morreu⁴⁹.

Ainda hoje, causa-me incômodo ouvir um pronome oblíquo a iniciar uma frase. Por muito tempo, corriji os trabalhos e dissertações, sempre atenta ao trato com a língua. Cheguei a corrigir colegas, sem dar-me conta de minha indelicadeza. É com embaraço, devo confessar, que me defronto hoje com a linguagem por vezes usada na Internet. Em momento algum, confundi facilidade e rapidez em comunicar-se com incorreção, falta de elegância, mau-gosto.

Tais questões nunca chegaram a ser abandonadas. Diante da folha de papel, por ela me sentia coagida. Começava as minhas cartas falando sobre o quanto as palavras me traíam - e elas me traíam. Na graduação, recorri a uma linguagem com ranços da Faculdade de Direito; no mestrado, fiz a experiência, desafiadora, de escrever em outra língua; no doutorado, busquei imprimir ao texto o peso e a seriedade da investigação. Foi preciso décadas para que, pouco a pouco, eu pudesse libertar-me de tantas coerções internas, de tantos constrangimentos - e chegar a uma forma mais leve de expressão.

Com "Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito - a propósito de uma sentença de Zaratustra: Da superação de

⁴⁹ Cf. LOBATO, Monteiro. "O colocador de pronomes". In: *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1951, p.117-134.

si”⁵⁰, primeiro texto redigido depois do doutorado, recorri a uma estratégia mais elaborada. Tratei de analisar, a partir das leituras que Nietzsche e Hegel fazem de Heráclito, de que maneira eles concebem o vir-a-ser. Ao examinar os pontos convergentes e divergentes de suas interpretações, contei reunir elementos para repensar a relação entre eles. Passando em revista a literatura mais recente, pretendi então apreciar a tese da afinidade e a tese da oposição entre o pensamento hegeliano e a filosofia nietzschiana e avaliar, em particular, a pertinência dos comentários de Kaufmann e Deleuze. Ao mesmo tempo que me empenhava em estabelecer um diálogo e um confronto entre os dois pensadores do século XIX e, igualmente, entre os seus comentadores, buscava uma linguagem mais direta.

Tentativa similar fiz em escritos posteriores, tais como num bem mais recente, intitulado “Nietzsche e Descartes: filosofias de epitáfio”⁵¹. Tomando como ponto de partida a observação que Nietzsche faz numa carta de dezembro de 1887 acerca da inscrição no túmulo de Descartes: “*Bene vixit qui bene latuit*”, persegui o objetivo de investigar em que medida seria possível estabelecer uma conversa, ainda que inteiramente fictícia, entre os filósofos em questão acerca dos problemas relativos à conduta humana.

⁵⁰ In: *discurso* 21 (1993). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.35-58. Apareceu numa segunda versão: “Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito ou a propósito de uma fala de Zaratustra: Da superação de si”. In: STEIN, Ernildo e DE BONI, Luís (orgs.). *Dialética e Liberdade*. Petrópolis/ Porto Alegre: Vozes/ Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993, p.522-538. Mais recentemente, mais uma versão foi publicada na Colômbia: “Nietzsche y Hegel, lectores de Heráclito”. In: *Ideas y valores* n.114, (2000). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, p.35-50.

⁵¹ In: *O que nos faz pensar* 14 (2000). Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p.7-23.

A pesquisa estilística, chamemos assim, deixou marcas nos quatro ensaios inéditos⁵² que vieram a compor, ao lado de seis outros, a tese de livre-docência⁵³. Ela se fez presente, de igual modo, nos três ensaios inéditos que acabaram por integrar, junto com outros oito, meu último livro⁵⁴. Neles, jamais deixei de inquietar-me com a forma de expressão. Mas, com "Silêncio, solidão"⁵⁵, a pesquisa, de certa forma, atingiu seu ponto máximo. Nesse texto, tratei de investigar o lugar que a solidão ocupa na filosofia nietzschiana da maturidade e o papel que aí desempenha. A partir do exame do *Ecce Homo* e das passagens de *Assim falava Zaratustra*, que nele se acham incluídas, procurei mostrar que a solidão se impõe como profilática e regeneradora, marca distintiva e condição necessária para o pensar, e tentei fazer ver que, à medida que ganha contornos mais nítidos, ela se radicaliza. Mais importante, porém, do que discutir o conteúdo do artigo, é registrar que, com ele, procurei dar tradução filosófica para imagens literárias e expressão literária para questões filosóficas.

Falar em filosofia e literatura me faz lembrar que, em 1969, preparei um seminário sobre "O pensamento ocidental no

⁵² "Em busca de uma 'alma-irmã'", "O eu esfacelado", "Eis aí Zaratustra ou 'como tornar-se o que se é'", "A obra feita e a obra por fazer".

⁵³ Quando de sua argüição, Gerd Bornheim, a quem importava escrever bem, estimou que eu havia aprimorado a minha escrita. Foi com alegria que ouvi essa sua avaliação dos meus escritos.

⁵⁴ Refiro-me a "Por que sou um extemporâneo", "A dança desenfreada da vida" e "Nietzsche e a cena brasileira", que se encontram em *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/ Editora UNIJUÍ, 2ª ed., 2001; 1ª ed., 2000 (Coleção Sendas e Veredas).

⁵⁵ In: *Cadernos Nietzsche* 9 (Setembro de 2000). São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.79-105. Apareceu, em outra versão, com o título "Assim silenciou Nietzsche". In: FEITOSA, Charles, CASANOVA, Marco Antonio, BARRENECHEA, Miguel Angel, DIAS, Rosa Maria (orgs.). *Assim falou Nietzsche III*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001, p.166-180.

pós-guerra: Sartre”⁵⁶. No curso de História Contemporânea, tratávamos de temas diversos: o imperialismo colonial, a partilha afro-asiática, a sociedade na *belle époque*, a modernização do Japão no século XX, a revolução russa, a história da China a partir de meados do século XIX, as bases sociais do nazismo. Os dez melhores seminários foram escolhidos; foi com alegria que notei o meu entre eles. Se na filosofia o existencialismo francês já cumprira o seu tempo de validade - ao menos, era o que eu ouvia pelos corredores -, na história, ainda era possível falar a respeito.

Durante o primeiro ano da graduação, foi como disciplina optativa que cursei História Contemporânea. Eduardo França se encarregava das aulas expositivas e Carlos Guilherme Mota era responsável pelos seminários. A “escolha” não havia sido casual; na verdade, meu interesse pela história vinha do ginásio, de antes até, vinha da infância. Aprazia-me estudar o embate entre Grécia e Roma; julguei reencontrá-lo ao cursar filosofia e direito. E, com muita liberdade, vejo-o recolocado em nossa época. Se, na adolescência e na juventude, era a Grécia que levava a melhor, hoje tenho de render-me à evidência: não há como

⁵⁶ Sinal dos tempos, obedeceu a este esquema: I. A historicidade do contexto como historicidade da praxis. II. A historicidade do contexto como historicidade das ideologias: a) visão geral das ideologias; b) posição do existencialismo: do ponto de vista de Lukács e Garaudy, do ponto de vista de Sartre; c) o existencialismo diante das ideologias. III. Pressupostos e implicações da temática de Sartre: a) a existência precede a essência; b) o homem não é nada senão o que ele faz de si mesmo; c) a liberdade é a essência da existência; d) o homem é um ser em situação; e) a necessidade de o homem comprometer-se livremente; f) “sou responsável por tudo”; g) a angústia resulta da consciência do alcance de nossas opções; h) a existência humana é absurda; i) o homem é uma paixão inútil; j) o inferno são os outros. IV. O pensamento sartriano como pensamento da história e na história.

negar a vitória de Roma. Contrariando meus desejos e convicções, a cultura foi vencida pela civilização.

Questões metodológicas, então, se colocavam. Com Reginaldo Carmelo de Moraes, que conhecera no segundo semestre de 1968 no Equipe Vestibulares, trocava impressões sobre como elaborar uma dissertação filosófica. E nos púnhamos de acordo. Tratava-se, num primeiro momento, de definir a perspectiva a ser adotada para abordar o tema proposto, fazer vasta pesquisa bibliográfica e debruçar-se sobre o material levantado, lendo e fichando atentamente os textos. Tratava-se, então, de montar a estratégia a ser seguida na consecução do trabalho, visitar os textos lidos e devidamente fichados, posicionar-se em relação a cada um deles e neles selecionar passagens, que serviriam como argumentos de autoridade, para corroborar a posição que se pretendia defender. Com isso, julgávamos estar em perfeita sintonia com o espírito que presidia o Departamento de Filosofia da USP.

Afinal, lá nos dedicávamos a ler a obra dos filósofos e a compreender o seu pensamento. Seguindo à risca o método estruturalista, que reza jamais separar as teses dos movimentos lógicos que as produziram, ou empregando o método genético, que leva a refazer o itinerário intelectual do autor, ou mesmo aliando os dois procedimentos, aprendíamos a ler os textos. Apoiando-nos numa bibliografia secundária, que sempre queríamos completa e atualizada, buscávamos compreendê-los. Então, eram raros os trabalhos em torno da recepção das idéias filosóficas no Brasil. Não atentávamos para a maneira pela qual elas chegavam, que impacto provocavam, que resultados produziam.

Até o doutorado, procedi da maneira como aprendera. Ensinaram-me a ser prudente, a não "*enfoncez des portes ouvertes*". Já na graduação, sabíamos da importância do trabalho reflexivo. Esperávamos, nas dissertações,

apresentar algo novo, senão nas idéias, ao menos na abordagem dos temas. Já no cursinho, fôramos alertados acerca dos livros introdutórios e das obras panorâmicas. Preveniam-nos em relação ao *Manual de Filosofia* de Cuvillier e à *História da Filosofia* de Nicola Abbagnano. Admitiam, quando muito, o livro de Huisman e Vergez⁵⁷, porque temático, e uma antologia⁵⁸, que trazia textos dos "grandes filósofos".

Em 1970, Marilena Chauí encarregou-se de História da Filosofia II⁵⁹. Depois de dois anos em Paris preparando sua tese de doutoramento sobre Espinosa, acabava de voltar ao Brasil. Matriculei-me em seu curso. Com ela aprendi que idéias são afetos; mais, aprendi que filosofia se faz com paixão. A ela dediquei, ainda que somente em intenção, um dos meus primeiros artigos publicados: "Bons sentimentos, venenos da alma"⁶⁰. Ao cursar a disciplina, tive de preparar um seminário; recorri a Nietzsche - e também a Platão. A partir desse embate, organizei meu texto. Foi quando li *A Genealogia da Moral*. Li em francês; não conhecia alemão o

⁵⁷ HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. *Curso Moderno de Filosofia*. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1967.

⁵⁸ SERRÃO, Joel e GRÁCIO, Rui (orgs.). *Filosofia*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1966.

⁵⁹ O programa previsto era o seguinte:

"HISTÓRIA DA FILOSOFIA II

Curso monográfico (4 aulas semanais)

1º. semestre: Profa. Marilena Chauí Berlinck

De Husserl a Merleau-Ponty - a herança heideggeriana e a ontologização da fenomenologia

2º. semestre: Prof. Rubens Rodrigues Torres Filho

A Noção de 'Filosofia Transcendental' depois de Kant.

Observação - Os alunos inscritos nesta disciplina deverão também seguir o curso de Análise de Texto de FILOSOFIA GERAL" (Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

⁶⁰ Trazia o subtítulo "Reflexões sobre a idéia de ressentimento na ótica de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Folhetim n.336 (26/03/1983), p.4-5.

suficiente para enfrentar o escrito no original. Anos depois, fiquei embevecida com o trabalho de Rubens Rodrigues Torres Filho. A ele devo a sensibilidade e refinamento no trato com Nietzsche, que sua tradução das *Obras Incompletas*⁶¹ do filósofo me proporcionou. Bem mais, a ele devo, quando de sua argüição de minha tese de doutoramento, a compreensão existencial da transvaloração dos valores.

Tradutor, Rubens Rodrigues Torres Filho inventara para si um Nietzsche, que se tornou o meu⁶². Sempre lancei mão de seu trabalho, inaugural e, para mim, paradigmático; nesses vinte e tantos anos de atuação, dele me servi nos livros, ensaios e artigos que publiquei, nos cursos, palestras e conferências que dei. É que Rubens bem soube aliar poesia e filosofia e fazer em sua tradução o que eu desejava ter feito na vida.

Mal se podia na época, se bem me lembro, recorrer às traduções em língua portuguesa. Com algumas exceções, notáveis, como as dos escritos de Heidegger, líamos os textos no original. Foi nesse contexto que surgiu a Coleção "Os Pensadores", então publicada pela Abril Cultural. O projeto visionário de José Américo Pessanha consistia em trazer ao público brasileiro, de maneira ampla e acessível, textos filosóficos significativos, precedidos de estudos introdutórios à obra de seus autores. Zelar pela escolha dos textos e pelo rigor e qualidade das traduções eram pontos inquestionáveis. No projeto, engajaram-se professores do Departamento de Filosofia e estudantes por eles convidados.

⁶¹ Nietzsche - *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores").

⁶² Certa feita, ele, que não se considerava tradutor, esclareceu o que o levava a traduzir: a necessidade de dispor em português de textos que julgava fundamentais para o seu trabalho acadêmico. Mas suspeitava que suas traduções poderiam converter-se em referência para outras e, num certo sentido, fazer escola.

Eu mesma cheguei a traduzir alguns capítulos de Helvetius⁶³. Acabara de ter uma primeira experiência com tradução: *Filosofia do estilo* de Gilles-Gaston Granger⁶⁴.

A Coleção "Os Pensadores" tornou-se referência. É bem verdade que alterações se produziram à medida que sucediam as edições: suprimiram textos que compunham volumes, dividiram volumes em partes. Interesses comerciais. Algo estupefaciente estava ainda por ocorrer. Ao deparar-me recentemente com uma das últimas edições do volume *Descartes*, percebi, atônita, que tinha nas mãos outro livro⁶⁵. Inteiramente transformado, nele substituíram por outra a tradução de Bento Prado Júnior e Jacob Guinsburg; suprimiram a introdução de Gilles-Gaston Granger e as notas de Gérard Lebrun. Custa crer que um projeto tão bem cuidado e tão bem sucedido venha sendo dessa forma desmantelado.

No que respeita aos escritos de Nietzsche, em meados da década de 80, começaram vir a público as traduções de Paulo César de Souza. Bom escritor, ao lidar com os textos do filósofo, ele encontra soluções literárias primorosas; deixa a desejar, porém, quanto ao rigor conceitual. Fato compreensível, pois lhe falta formação filosófica. Em que pese tais divergências, por vezes sirvo-me de seus trabalhos. Por muito tempo, não encontrando nas *Obras Incompletas* as passagens que buscava, eu mesma assumi a responsabilidade por traduzi-las. Hoje, um tanto mais tocada pela própria finitude, julgo fundamental empregar todo o tempo de que disponho com a pesquisa e a reflexão.

⁶³ HELVETIUS, C.A. *Do espírito*, Livro I, Discurso II e III. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.199-265 (Coleção "Os Pensadores").

⁶⁴ GRANGER, Gilles-Gaston. *Filosofia do estilo*. São Paulo: Perspectiva, 1972, 351 p.

⁶⁵ DESCARTES. *Discurso do Método, As paixões da alma, Meditações*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (Coleção Os Pensadores).

É bem verdade que, de forma alguma, poderia recorrer às muitas traduções apressadas e, a meu ver, irresponsáveis que vêm sendo publicadas. Por um bom tempo, acreditei possível reparar o efeito devastador de algumas delas; julguei mesmo ser o meu dever. E assim incentivei o quanto pude orientando meus a assumirem, sob minha supervisão, o encargo de revisões técnicas.

Tudo se passa como se vivêssemos num jogo de espelhos; melhor, como se estivéssemos num desses espaços contemporâneos, em que as paredes se recobrem de fundos falsos. É o exato inverso do *trompe-oeil*. Então, tratava-se de tomar por modelo o real e dele fazer uma cópia tão perfeita a ponto de enganar o olhar. Para tanto, partia-se de dados muito precisos: construíam-se simetrias, uma pintura reproduzia o balcão que existia na parede em frente, outra dava continuidade às colunas das paredes adjacentes. Agora, trata-se justamente de desconstruir a percepção e falsear o real, com raios laser, televisores, espelhos sem fundo. Fazendo um paralelo: se antes a tradução se punha enquanto prolongamento do texto original, agora ela se presta ao seu esfacelamento.

Talvez um tom nostálgico se faça aqui ouvir. Tom similar ecoa nas conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. Lá, Nietzsche distingue os institutos de formação, o ginásio e a universidade, por um lado, e as escolas técnicas, por outro. Não é da proliferação destas que se ressentem, mas do desaparecimento gradual daqueles. Recentemente, apareceu entre nós uma tradução do texto feita diretamente... do francês⁶⁶.

⁶⁶ Trata-se de NIETZSCHE. *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. PUC-Rio/ Loyola, 2003. Na apresentação do livro, que inclui as conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* e a *Terceira Consideração Extemporânea: Schopenhauer como educador*, a tradutora declara: "Os dois escritos aqui reunidos foram traduzidos do francês (...). A tradução destes dois

Em 1970, era justamente sobre a linguagem que Armando Mora de Oliveira nos falava no curso Filosofia Geral⁶⁷. E, de certa forma, também Jean Gallard⁶⁸, responsável pela disciplina optativa Semiologia I em 1971. Estudávamos Saussure e Hjelmslev, Peirce e Chomsky, Barthes e Jakobson; líamos Brice Parain e o reencontrávamos no filme de Godard⁶⁹.

escritos foi cotejada com uma versão espanhola disponível no site 'Nietzsche en Castellano' da Internet" (p.38).

⁶⁷ Trazia este programa:

"FILOSOFIA GERAL

Curso monográfico (2 aulas semanais) - Prof. Armando Mora de Oliveira

Filosofia e linguagem

Husserl e Wittgenstein

Filosofia e Lingüística: Saussure, Peirce, Chomsky

Fenomenologia e filosofia analítica inglesa.

Curso expositivo (2 aulas semanais) - Prof. Victor Knoll

Linguagem e ontologia

Linguagem e obra

Coisa e metáfora

As modalidades da linguagem

A comunicação: trânsito e clausura

Análise de textos (2 aulas semanais) - Prof. João Paulo Gomes Monteiro.

'Crítica da Faculdade de Julgar' de Kant" ((Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

⁶⁸ Este era o programa:

"FLF321 - SEMIOLOGIA I

I - Curso expositivo - Prof. Jean Roger Gallard

1. O problema da adequação do modelo lingüístico aos domínios não verbais.

2. A oposição do esquema barthiano ao esquema saussuriano.

3. Discussão da distinção Língua/Fala.

4. Discussão da distinção Sistema/Sintagma.

5. Discussão da distinção Denotação/Conotação.

6. Discussão da distinção Significante/Significado.

7. A Semiótica como produção de modelos.

BIBLIOGRAFIA básica:

Barthes - *Éléments de sémiologie*.

Barthes - *Systeme de la mode*.

Jakobson - *Essais de linguistique générale*.

Metz - *Essais sur la signification du cinéma*.

Scheffer - *Scénographie d'un tableau*.

Hjelmslev - *Le Language*" (*Loc. Cit.*).

⁶⁹ Numa cena de *Vivre sa vie*, de 1962, até onde me lembro, o pensador francês dialoga com outra personagem do filme numa cabine de trem.

Com entusiasmo, descobri o *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein. Compreendi à minha maneira as suas proposições: "Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo", "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar"⁷⁰. E tudo isso vinha ao encontro das minhas inquietações.

É que a expressão sempre foi, para mim, uma questão central. Se ela implica a relação com o outro, ainda com maior ênfase, traz à cena o conflito interno das paixões. Pois a busca do interlocutor é, de certo modo, um aprimoramento do que se tem a dizer, uma ciência mais plena dos próprios impulsos. Nas reiteradas tentativas de encontrar uma forma de expressão, tive de lidar com as diversas maneiras de pôr-me no mundo. Quisesse ou não, com ele eu precisava relacionar-me. E, nessa relação, havia, elemento residual ou constituinte, algo não dito. Jamais me conformei com a impossibilidade de dizer. O indizível, eu o reencontrava, a meu modo, no último Heidegger; o inefável, em *Da experiência do pensar*. Mais tarde, freqüentei o romantismo alemão; aí me deparei com a noção de símbolo enquanto "unidade de ser e significação"⁷¹. Se o conhecesse antes, talvez minha via tivesse sido outra. Acontece que tantos fios me puxaram - e em tantas direções. *Mais à quoi bon les raisonnements hypothétiques?*

Estava claro que não tinha intenção de estudar direito; não queria continuar na São Francisco. Seguiu, depois vim a saber, o caminho percorrido por alguns dos meus professores na filosofia. Luís Roberto Salinas Fortes, Rubens Rodrigues Torres Filho, Oswaldo Porchat e, antes deles, Ruy Fausto

⁷⁰ WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001, respectivamente p.245 e p.281.

⁷¹ Cf. NOVALIS. *Pólen*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988, p.207, nota 28.

começaram e abandonaram o curso de direito. No final de 1970, eu viria a fazer o mesmo. Antevendo o que estava por vir, no correr daquele ano pensei em prestar outro vestibular. Ao lado da filosofia, em vez de direito, queria estudar teatro.

Pois, de todas as artes, era a que mais me atraía. Desde o clássico, bem me lembro, divertia-me escrever uma espécie de crítica teatral. Ao assistir a uma peça, interessavam-me a iluminação, o cenário, os figurinos, o trabalho dos atores, a concepção do espetáculo. Ainda que não tivesse conhecimento algum nessa área, instigava-me pensar a respeito. Em 1971, cheguei a publicar dois artigos, meus dois primeiros, intitulados "Reflexões sobre Peer Gynt" e "Teatro também é semiologia?"⁷²

Na época, o teatro brasileiro vivia um de seus grandes momentos. Peças marcaram a minha geração: *Arena conta Zumbi* no Teatro de Arena, *O casamento do pequeno burguês* no Oficina e, algum tempo depois, *O Balcão* de Jean Genet na interpretação de Raul Cortez. Porque havia, também, grandes atores. Cacilda Becker levava, se não me engano, *Esperando Godot*, quando veio a falecer em 1968; na época, eu estudava com Luís Carlos, seu filho, e por essa via, de alguma forma, cheguei a admirá-la. E não há como esquecer o trabalho ímpar de José Celso Martinez Correa, *Gracias Señor*. Então, desapareceram os limites entre palco e platéia e o espaço Ruth Escobar converteu-se numa grande cena; com a peça de mais de oito horas, apresentada em dias consecutivos, assisti ao fim do teatro da representação. Na década de 70, a meu ver, José Celso e Antunes Filho eram os que mais inovavam. Ainda hoje, com propostas distintas, são eles que têm o meu maior apreço: um, por continuar a fazer uma

⁷² In: *Jornal das Universidades* n.2 (2^a Quinzena de Maio de 1971), p.6 e n.3 (1^a Quinzena de Outubro de 1971), p.4. Os títulos dos artigos são de responsabilidade da redação do jornal.

leitura do Brasil; o outro, por focalizar a dimensão e profundidade do ser humano; ambos por buscarem novas linguagens.

Com o teatro eu convivía por meio das leituras: Artaud e o teatro da crueldade; Ionesco, Beckett e o teatro do absurdo; Piscator e o teatro político. E através dos amigos. Assim é que, em 1974, de passagem por São Paulo, pois na época vivia fora do Brasil, tive a oportunidade de assistir à *Noiva Bombardeada*, peça de Alcides Nogueira com a direção de Márcio Aurélio. Dois anos depois, outra vez de passagem, tive notícias de mais um trabalho deles: *Tide Moreyra e sua banda de najas*. Terminava com trechos de uma carta, que eu enviara de Paris a Alcides. Ao relê-los, não sei mais o que um dia foi meu e o que então foi dele.

“(FOCO DE LUZ SÓ EM TIDE)

TIDE (LENDO):

‘Tide, meu querido,

Ainda uma vez recomeço a te escrever. Mas agora irei até o fim, porque o cesto está cheio de papéis amassados e o bloco de cartas acabou. Acho que é a afasia que volta, a incapacidade física de falar. Os sonhos bilíngües, ou multilíngües. As frases sem sentido nem pontuação. A impotência de não conseguir dizer. O desespero. Apesar de tudo - ou por isso mesmo - me sinto muito perto de você. Da sua Banda. Das suas, nossas, de todo mundo, najas!

(OS ELEMENTOS DA BANDA VÃO SAINDO)

Sei que vocês sabem ler para-além da palavra e confiam na linguagem totêmica. Sabe, meu menino, estamos desenraizados! É sempre o mesmo sentimento de estrangeiriza. Estrangeiriza diante de pessoas, grupos, atividades, lugares. Sempre aquele sentimento de não pertencer inteiramente a. Era o lugar ocupado pelo louco na Idade Média. Lembra-se? Foucault e os velhos papos... No umbral da cidade, o louco

permanecia... Nunca expulso, sempre rejeitado. Este é o meu lugar. O seu. O da Banda. Diante do mundo ou do espelho somos estrangeiros. Por outro lado, cada dia que passa temos mais certeza das coisas contra as quais lutamos. Mas que fazem parte de nós. O mundo para nós é absurdo. Este sentimento de absurdo é que dá forma à nossa existência. Às vezes, assume a forma da indiferença; outras, do pânico; outras, ainda, da serenidade campestre.

Temos de beber o cálice de fel até o fim. Não podemos mais pedir que nos afastem esse cálice. Temos de reivindicá-lo. Porque ele nos fará nós mesmos.

Paráfrases e citações, tenho certeza, já não nos satisfazem. Sei que todos nós estamos cansados de nos apoiarmos em autoridades constituídas.

Mas vou terminar citando justamente o nosso Dostoievsky: 'Sou um homem ridículo. Sempre fui um homem ridículo. O estudo, a faculdade, só aumentaram a consciência de ser ridículo'.

Vem, Tide Moreyra, vem!

(LUZ TOTAL NO PALCO)"⁷³.

O teatro me proporcionaria, assim julgava, outra forma de expressão: o corpo como linguagem. Também me traria a possibilidade de viver outras vidas, idéia que sempre me atraiu. Vidas simultâneas, é nisso que consiste para mim a eternidade. Não cheguei a prestar vestibular para fazer o curso na ECA; estava por demais envolvida com filosofia. Mas continuo até hoje a interessar-me pela linguagem do teatro e das artes.

Na época, cursei como disciplinas optativas História da Arte e Língua Grega. Com História da Arte, a cargo de Walter Zanini, buscava chaves de acesso ao mundo das artes plásticas, que, fascinante, pouco conhecia. Com Língua

⁷³ NOGUEIRA, Alcides. *Tide Moreyra e sua banda de najas*. São Paulo: Mimeo, [s.d.], p.42-43.

Grega, sob responsabilidade da Profa. Ana Lia Amaral de Almeida Prado, preparava-me para fazer o curso de História da Filosofia Antiga, no ano seguinte, com Oswaldo Porchat. É que, mal informada, estava certa de que, especialista em Aristóteles, dele se encarregaria. Mas não! Em 1971, Porchat voltou de Berkeley; voltou lógico.

Segui o seu curso de Lógica I⁷⁴, uma disciplina que me deu muita dor de cabeça. Ao final, ele mesmo admitiu ser desmedido o que nos oferecera; na verdade, dizia, tratava-se de um curso de pós-graduação em Berkeley. Naqueles anos, com ele não cheguei a ter muito contato. Reencontrei-o em 1985; meu ingresso no Departamento de Filosofia da USP coincidiu com o seu regresso a ele, depois de passar anos na Unicamp.

⁷⁴ Apresentava o seguinte programa:

"FLF300 - Lógica I

I. Curso expositivo: O cálculo proposicional. Prof. Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva.

1. As diferentes definições de Lógica. A natureza da Lógica Matemática.
2. O surgimento e a evolução da Lógica no mundo grego antigo.
3. O surgimento da Lógica Matemática na época moderna e a crise das matemáticas.
4. A lógica dedutiva: sistemas axiomáticos e sistemas de dedução natural.
5. Funções de verdade.
6. O cálculo proposicional e sua linguagem.
7. A noção de tautologia.
8. Axiomas e regras lógicas para o cálculo proposicional.
9. Noção de dedução e de prova.
10. Teoremas e regras derivadas do cálculo proposicional.
11. Completeza do cálculo proposicional.

II. Seminários de exercício sobre a matéria do curso expositivo. Prof. Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme.

BIBLIOGRAFIA básica

Dopp, J. - Noções de lógica formal, Herder.

Hegenberg, L. - Lógica simbólica, Herder.

Mates, B. - Lógica Elementar, Companhia Ed. Nacional.

Church, A. - Introduction to Mathematical Logic, Princeton Univ. Press.

Kleene, S.C. - Mathematical Logic, John Wiley & Sons.

Mendelson, E. - Introduction to Mathematical Logic, D.van Nostrand Inc." ((Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

Mas, em 1992, por ocasião do V Encontro Nacional da ANPOF em Diamantina, conversamos longamente. Sabia do seu percurso: filosofia antiga, lógica, ceticismo. O que me impressionou naquela conversa, e em mais duas ou três do mesmo teor que tivemos, foi a serenidade com que articulava suas opções filosóficas e suas posições na vida.

Estudei também com Hugh Lacey em 1971; tampouco me entendia muito bem com Filosofia da Ciência e Teoria do Conhecimento⁷⁵. Ainda assim me empenhei nas leituras. Em geral, os cursos eram monográficos. No primeiro dia de aula, o professor apresentava a sua proposta e comentava a bibliografia; nas aulas expositivas, situava as questões e dava chaves de leitura. O resto ficava por nossa conta. Nisso consistia a liberdade acadêmica de que desfrutávamos. Não podíamos fazer de outro modo; não estávamos habituados a introduções.

Hoje, proliferam os textos introdutórios. Eu mesma cheguei a escrever três. No início da década de 80, a Editora Brasiliense concebeu as coleções "Primeiros Passos", "Encanto Radical" e "Tudo é História". Com agudo senso de oportunidade e em perfeita sintonia com o espírito da época, abriu espaço para autores brasileiros. Meu primeiro livro,

⁷⁵ Este era o programa do curso:

"FLF330 - Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência

I. Curso expositivo: O conceito de tempo - Prof. Hugh Matthew Lacey

1. O tempo na linguagem ordinária.
2. O tempo científico: o conceito de tempo em Newton.
3. O tempo científico: o conceito de tempo em Leibniz.
4. O tempo científico: o conceito de tempo em Mach.
5. O tempo científico: o conceito de tempo em Einstein.
6. O tempo científico e o tempo percebido.
7. Os argumentos de Agostinho.
8. A teoria causal do tempo.
9. A crítica de Bergson.

BIBLIOGRAFIA básica

C.Hempel - Filosofia da ciência natural.

E.Nagel - The Structure of Science.

J.J.C.Smart - (ed.) - Problems of Space and Time.

K.Popper - The logic of Scientific Discovery" (Loc. Cit.).

Nietzsche, uma filosofia a marteladas, apareceu em 1982, na coleção Encanto Radical. Rapidamente, as edições se sucederam. Talvez sejam os livros introdutórios os mais trabalhosos de elaborar. Ao contrário do que se supõe, eles exigem do autor profundo conhecimento do assunto, acuidade para articular idéias, perspicácia para selecionar problemas - e, ainda, o tom adequado para falar ao público, com rigor e simplicidade, das questões mais complexas.

Escrevi dois outros: *O pensamento vivo de Nietzsche*⁷⁶ e *Nietzsche. A transvaloração dos valores*⁷⁷. Este, publicado pela Editora Moderna, recebeu tratamento adequado. Com isso, quero dizer que respeitaram os originais. Aquele, porém, foi objeto de graves abusos. De início, atribuindo-se o papel de co-autores, os revisores puseram-se a corrigir o meu texto e o de Nietzsche. Nas edições que se seguiram, o editor suprimiu os créditos ao meu trabalho. Mas, fazendo constar os créditos, publicou parte dele sob outro título, à guisa de prefácio a outros livros, sem minha autorização ou conhecimento.

No que me concerne, não se tratava mais de elaborar livros introdutórios ao pensamento nietzschiano, pelo menos nos moldes em que me eram propostos. Primeiro, porque julgava, ao menos no que respeita à filosofia de Nietzsche, que já havia feito a minha parte; depois, porque não via nada de novo nos projetos editoriais que me apresentavam; por fim, porque começara a questionar a profusão dos escritos desse teor. Não que me oponha a eles. Um livro de especialista, uma tese de doutoramento, um texto didático, são todos bem-vindos, desde que tenham qualidade. Cada um cumpre a sua função e, do seu jeito, fala de filosofia.

⁷⁶ São Paulo: Martin Claret Editores, 1985.

⁷⁷ São Paulo: Moderna, 4^a ed., 1996; 1^a ed., 1993.

Sendo sério, merece boa acolhida. Aquilo a que me oponho é substituir o trabalho de peso pelo livro introdutório.

E estes continuaram e continuam a ser publicados, inclusive traduções de escritos francamente ruins. Eivados de preconceitos, falam de forma estereotipada da vida estudantil de Nietzsche ou de suas visitas aos bordéis, de seus familiares em Naumburgo ou da figura de Wagner em Tribtschen. Julgam de modo superficial seus principais livros e avaliam de maneira simplista conceitos centrais em sua obra. Reproduzem, sem critério, suas afirmações; mencionam a qualquer propósito palavras suas. No mais das vezes, operam recortes arbitrários em seus escritos visando a satisfazer interesses os mais imediatos, intuitos os mais díspares.

Durante as décadas de 70 e 80, Nietzsche tornou-se "popular"; foi explorado pela mídia, utilizado pelos meios de comunicação, apropriado pelo mercado editorial. Por muito tempo, dele se falou como se fala de um autor na moda: sem ter conhecimento da densidade de sua reflexão filosófica. De fato, aqui como alhures, ele tornou-se célebre antes de ser conhecido. Ainda hoje não se dispõe de uma edição das obras completas em português. Entre nós, a presença do filósofo é, sem dúvida, incontestável. Nas últimas décadas, a repercussão de seus escritos acabou por fazer-se sentir nas mais diversas áreas: na literatura, nas artes plásticas, na música, na psicanálise, nas chamadas ciências humanas.

Todos sabemos que, nos mais de cem anos que nos separam do momento em que Nietzsche interrompeu a produção intelectual, surgiram trabalhos de toda sorte a seu respeito. No Brasil, houve três ocasiões em que a sua presença se fez sentir com maior ênfase. No início do século passado, a ele consideraram um pensador dos mais revolucionários; suas idéias aqui chegaram através dos anarquistas europeus, em particular dos espanhóis, e deixaram marcas em romances e contos brasileiros. Por

ocasião da Segunda Grande Guerra, seguindo o espírito da época, tomaram-no por pensador de direita; artigos ideológicos, que apareciam em revistas de cunho fascista, pretenderam apropriar-se de seu pensamento. Na efervescência de Maio de 68, viram-no como iconoclasta; na França, a extrema-esquerda dele fez o suporte de suas teorias e, aqui, quase como uma caixa de ressonância, privilegiou-se a vertente corrosiva de sua filosofia.

Então, Nietzsche passou a nomear um estilo a serviço de um certo sentimento de existência, marcado pela ousadia e pela irreverência. Invocou-se o seu nome, para pôr em causa as instituições e os valores estabelecidos, a maneira bem comportada de pensar e de agir em nossa sociedade. A ele se recorreu para afirmar a necessidade de transbordamento e excesso, o desejo de êxtase e vertigem. Enfim, dele se lançou mão para proclamar radicalismos políticos e pulsões eróticas; dele se fez o patrono de uma comunidade de rebeldes imaginários. À imagem de Nietzsche libertário, conhecido sobretudo por filosofar a golpes de martelo, desafiar normas e destruir ídolos, outras vieram contrapor-se na década de 80: a de Nietzsche desnecessário e inoperante, sem escola ou seguidores, pensador contraditório e irracionalista, precursor do nazismo. Mais recentemente, com o questionamento do referencial marxista, difundiu-se, sobretudo entre os que se voltam para as ciências humanas, a prática de lançar mão de Nietzsche para pôr sob suspeita as mais diversas formações ideológicas.

À Universidade Nietzsche chegou no final dos anos sessenta. Então, professores a ele recorriam em suas investigações de forma esporádica, sem pretender dar conta do conjunto de seus escritos ou de seus principais conceitos; numa palavra, tomavam-no como objeto de curiosidades intelectuais avulsas. Foi apenas a partir dos

anos setenta que começaram a surgir trabalhos acadêmicos específicos sobre a filosofia nietzschiana.

Quando da minha graduação, havia quem dela se ocupasse. Nos programas dos cursos de História da Filosofia Antiga, era habitual que os seminários contemplassem os textos de Nietzsche, ao lado dos de Hegel e Heidegger e, vez ou outra, também nos de Filosofia Geral e Metafísica⁷⁸. Nietzsche também aparecia, ao lado de Kant e Hegel, nos programas de História da Filosofia Moderna e, até, junto de Hegel e Mário de Andrade, nos de Estética⁷⁹. Neles, havia ecos da recepção francesa de Nietzsche, as leituras de Foucault e Deleuze, e ainda a interpretação de Heidegger. Não por acaso. Os professores franceses que o Departamento recebia regularmente contribuíam para tanto. Em 1969, Danielle Ancier propôs programa de curso da pós-graduação, inteiramente voltado para o pensamento nietzschiano; em 1971 e 1972, François Warin dispôs-se a cotejá-lo com o de Bataille.

Nietzsche foi justamente o objeto da dissertação de mestrado que Leon Kossovitch defendeu em 1970⁸⁰. No ano seguinte, ele encarregou-se de História da Filosofia Antiga I⁸¹ e nos levou a trabalhar com os textos do filósofo sobre

⁷⁸ Respectivamente, a cargo de Luís Roberto Salinas em 1970 e de Marilena Chauí em 1972.

⁷⁹ Respectivamente, sob responsabilidade de Paulo Arantes em 1969 e de Victor Knoll em 1972.

⁸⁰ Intitulava-se "Força e retorno em Nietzsche"; veio a público com o título *Signos e poderes em Nietzsche*. São Paulo: Ática, 1979. Se, fruto da época, traz a marca da filosofia de Espinosa e da interpretação de Deleuze, nem por isso deixa de constituir importante contribuição para os estudos acerca da filosofia nietzschiana no país.

⁸¹ Com o seguinte programa:

"FLF 250 - HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA I
I - Curso expositivo: Condições do pensamento filosófico pré-socrático. Prof. José Cavalcante de Souza.

1. Origens. A cidade. O profano. O quadro lingüístico.

2. Princípio. Infinito e experiências. Primeiras cosmologias.

os pré-socráticos. De maneira muito inesperada, Nietzsche adentrou a sala de aula em 1972. Luís Roberto Salinas, responsável por História da Filosofia Moderna I, propôs um curso sobre "A Filosofia de Nietzsche", privilegiando a interpretação de Deleuze. Conterrâneo de José Celso Martinez Correa, convidou a ele, e a outros integrantes do Teatro Oficina, para uma conversa a esse propósito no Departamento. Algo de dionisiaco, ao que consta, se passou naquela noite. À *performance*, acontecimento não muito bem visto por uns e aplaudido com entusiasmo por outros, não estive presente. Em compensação, com Salinas cursei Ética II⁸² no ano anterior;

3. Limite. Constituição. Psique. Numerologia pitagórica.

4. Logos e verdade. Physis. Fluxo e permanência.

II. Seminários de textos: Nietzsche: o trágico e o socrático. Prof. Leon Kossovitch.

1. O Nascimento da Tragédia.

2. O Nascimento da Filosofia - Anaximandro, Heráclito, Empédocles.

3. Fragmentos póstumos (1870/79).

4. O crepúsculo dos ídolos - O problema Sócrates - O que devo aos antigos.

5. Ecce Homo - O Nascimento da Tragédia.

BIBLIOGRAFIA básica

Aristóteles - Metafísica I

Aristóteles - Física I e III

Kirk e Rowen - Los Filósofos pré-socráticos - Gredos

Vernant, J.P. - Mythe et pensée chez les Grecs - Puf

Berge, Damião - O Logos heraclítico - Ed. INL

Heidegger - Logos in Essais et Conférences - trad. fr.

Heidegger - Aletheia, ibidem" (Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

⁸² O programa proposto era:

"FLF401 - ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA II - Prof. Luiz Roberto Salinas Fortes.

I. Curso expositivo: Estado e Burocracia na Filosofia Política contemporânea.

1. Hegel e o Estado Moderno.

2. A teoria moderna do Estado Burocrático - Max Weber.

3. A crítica da 'Filosofia do Direito'.

4. Estado e organização econômica.

5. Burocracia, Burocratismo, 'Nova Classe'.

6. Formas de controle democrático do Estado.

II. Seminários sobre textos de Rousseau.

BIBLIOGRAFIA básica

Hobbes - Leviatã.

Rousseau - Du Contrat Social.

então, ele discorreu sobre Rousseau e Hegel e teve a ousadia de estender-se sobre Marx e Rosa Luxemburgo naqueles tempos de terror.

Mas com desafios convivi cerca de dois anos no CEBRAP. É que, no final de 1970, José Arthur Giannotti organizou um seminário sobre *A Lógica* de Hegel. Convidou alguns professores e uns seis ou sete estudantes do Departamento. Falava-se muito na época de um trabalho similar, desenvolvido anos antes. O seminário sobre *O Capital* reunira, igualmente, jovens professores e estudantes da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dentre eles: Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Júnior, Roberto Schwarz e o próprio Giannotti. Ensejou trabalhos acadêmicos de peso; promoveu uma perspectiva crítica na Universidade. Agora, com Giannotti, nós nos reuníamos toda semana na Rua Bahia. Muito rápido, começaram as deserções. No início de 1971, deixaram o grupo todos os professores convidados e dois alunos. Restaram quatro rapazes - e eu. Julgara erroneamente que bastavam as qualidades intelectuais, para ser aceita nesse meio, que também era o do Departamento de Filosofia da USP. Então, descobri o meu equívoco. É que eu tinha uma mácula de nascença, uma espécie de pecado original, atribuído naquele grupo apenas a mim. Nascera mulher⁸³.

Hegel - *A Filosofia do Direito*.

Max Weber - *Economia e Sociedade*.

Nicos Poulantzas - *Poder Político e Classes Sociais*" (*Loc. Cit.*).

⁸³ Ao relatar as suas experiências, quando de seu ingresso no Departamento de Filosofia como docente no final dos anos 60, Marilena Chauí fala da resistência que então havia à presença da mulher na Universidade. Diz ela: "professor João Cruz Costa não via com bons olhos a contratação de mulheres para a universidade (em sua festa de aposentadoria, quando eu já havia exercido a função de monitora, estando grávida de minha segunda criança, bateu-me levemente no ventre, dizendo a sorrir: 'Dona Chauí, a senhora é muito inteligente, mas como irá trabalhar com esta barriguinha?'). Opinião, aliás, que parecia ser comum a vários professores (pouco tempo depois daquela festa, professor

No CEBRAP, ignoravam-me. Não me era dada a palavra; só o silêncio me cabia. Por vezes, preparávamos o texto a ser discutido entre colegas; e o mesmo se passava. Foi um momento em que fiz a experiência da contenção levada às últimas conseqüências. Porque qualquer palavra, gesto ou atitude da minha parte - assim sentia - colocava em risco a minha vida. O fato é que, repetidas vezes, eu me perguntei por que razão não arredava pé e todas as semanas, chovesse ou fizesse sol, lá estava. Por um lado, tornava-se emblemática a máxima de Stendhal que "aconselha a fazer a entrada na sociedade com um *duelo*"; por outro, voltava o velho tema, o de ter de certificar-me de que existia. Precisava enfrentar desafios; tinha de pôr-me à prova. Se havia algum masoquismo nessa minha atitude, existia também certo recuo em relação ao que ali se passava. Questionava-me sobre os propósitos, a pertinência e o sentido daquelas reuniões.

No final de 1972, tive a ousadia, ou a ingenuidade, de consultar Giannotti acerca do meu projeto de mestrado. Depois de criticá-lo duramente, ele me contemplou com elogiosa carta de recomendação. Não sei se cheguei a servir-me dela. Com gestos semelhantes, deparei-me outras vezes. Houve quem, tendo elogiado publicamente participações minhas, serviu-se, certa vez, da minha fala e, usando o meu texto como pretexto para sobressair-se, procurou destruí-lo. Com atitudes similares, defrontei-me em várias ocasiões, em vários momentos da vida. Não é por acaso que digo, com uma ponta de orgulho até: sobrevivi.

Na minha graduação, eram comuns as ambivalências. Os mais velhos contavam histórias, bem-humoradas e jocosas, de épocas passadas, que, em geral, tinham por protagonistas

Giannotti dissera-me: 'Marilena, se você pretende ser uma intelectual responsável, páre de fazer filhos!'" (Cf. CHAUI, Marilena. *Memorial para o concurso de professor titular*, Mimeo, [s.d.], p.5).

professores da geração anterior: Bento Prado Júnior⁸⁴ e o seu chapéu panamá, Ruy Fausto e o seu pânico de aviões. Também faziam relatos, que implicavam outras personagens e revelavam a complexidade dos sentimentos envolvidos. Ouvia, deslumbrada, falarem do brilho dos antigos mestres. Receosa, escutava contarem sobre seus rompantes em defesa de idéias e posições. Testemunhar o exercício de extraordinária capacidade intelectual e presenciar o embate selvagem de subjetividades, como teria sido conviver com eles? Tudo se passava como se violência e genialidade fossem indissociáveis.

Nós reproduzíamos como podíamos o que presenciávamos. Tínhamos a expectativa, nem sempre admitida, de só dizer coisas brilhantes, de parecer inteligentes o tempo todo. Não podíamos titubear, lançar um termo e recuar, avançar uma posição e voltar atrás. Não nos permitíamos usar expressões como "pensando bem" ou "melhor dizendo"; o percurso da reflexão não podia vir à cena. Cada palavra dita tinha de ser a palavra final, a última palavra. Só admitíamos formulações definitivas; precisávamos nos proteger de eventuais revides. Enfim, não nos dávamos o direito de experimentar. Tal era o grau de contenção em que vivíamos.

Respeitávamos nossos professores e convivíamos com eles. Éramos os eleitos - assim nos sentíamos. Era comum nós nos reunirmos às sextas-feiras à noite no Riviera, sobretudo depois da inauguração das salas de cinema do outro lado da rua. Íamos à seção maldita no Belas Artes, ou então no Majestic na Rua Augusta, e em seguida ao Riviera. De certa forma, o bar era também sala de aula; aí falávamos de cinema e teatro, definíamos os destinos do Brasil e do mundo e

⁸⁴ Se estivesse no Brasil na época, ele seria, sem dúvida, presença assídua no Riviera. Talvez tivesse até escrito outro artigo, uma continuação do seu "A Biblioteca e os bares na década de 50". In: *Folha de São Paulo* (12/01/1988), B-6.

sobretudo os do Departamento de Filosofia da USP. Madrugada adentro, conversávamos.

Convívio não faltava nesse momento. Professores e alunos compareciam sempre a eventos que marcavam a vida departamental. Mais de dez anos depois, quando vim a integrar o corpo docente do Departamento de Filosofia da USP, convívio ainda havia. Na década de 80, cumpríamos de bom grado certos rituais; eles asseguravam as relações entre colegas e manifestavam uma comunhão de propósitos. Concursos, defesas de tese e aulas inaugurais eram ocasiões a que todos procuravam estar presentes. É bem verdade que divergíamos e nos indispúnhamos, mas nem interesses distintos, pessoais ou teóricos, nem posições diversas, ideológicas ou políticas, impediam que nos relacionássemos de forma cordial.

Na década de 90, transformações ocorreram, no que diz respeito à nossa concepção do Departamento de Filosofia, à nossa inserção na Faculdade de Filosofia, ao nosso papel na Universidade de São Paulo. Sobrecarga de incumbências administrativas e de exigências burocráticas, falta de infra-estrutura adequada e número excessivo de alunos e orientandos, tudo isso contribui para o desinteresse e o absenteísmo. Não justifica nem explica, a meu ver, a degradação do convívio.

Dos velhos tempos, restaram as ambivalências: desqualificações condescendentes de estudantes e, também, de colegas. Há quem se esmere em fazer tal modo de proceder reproduzir-se entre os alunos, nos grupos de estudos. Com a violência, seja ela física ou simbólica, nunca soube lidar. É que sempre acreditei no poder esclarecedor da palavra. Acreditei sempre que, através do diálogo, era possível elucidar as emoções mais nebulosas, as situações mais controversas. Ingenuamente. Hoje, vejo a violência, por

vezes, marcar as relações acadêmicas. Reafirmar princípios éticos é uma forma de pôr um anteparo a ela.

Ética I⁸⁵, cursei com João Paulo Monteiro em 1972. E, nesse mesmo ano, com Victor Knoll Estética II⁸⁶. Com ambos,

⁸⁵ Este era o programa:

"FLF400 - ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA I - Prof. João Paulo Monteiro

A. Curso expositivo: Hume e Kant: ética e política.

1. 'Moral sense' e utilitarismo.
2. Crença, paixão, interesse.
3. A justiça, a obediência e as virtudes naturais.
4. Ética e ideologia.
5. Formalismo e materialidade.
6. Sentimento, liberdade, razão.
7. Da dialética transcendental ao ideal do supremo bem.
8. Razão pura e política prática.

B. Seminários:

1. Hume - Tratado da Natureza Humana.
2. Kant - Crítica da razão prática.

BIBLIOGRAFIA básica

1. Hume - Tratado da Natureza Humana
2. Hume - Investigação sobre os princípios da moral.
3. Hume - Ensaaios políticos.
4. Kant - Prolegômenos a toda metafísica futura.
5. Kant - Crítica da razão prática.
6. Kant - Fundamentos da metafísica dos costumes.
7. Kant - "Projeto da paz perpétua" (Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

⁸⁶ Segue-se o programa:

"FLF201 - ESTÉTICA II

A. Curso expositivo: Hegel: O Poético.

1. O ideal como manifestação sensível da Idéia.
2. O desenvolvimento do Ideal: as formas da arte e o sistema das artes.
3. A concepção poética e a concepção prosaica.
4. A obra poética e a obra prosaica.
5. A subjetividade poetisante.
6. Representação e linguagem.
7. Da expressão gramatical.
8. As determinações gerais do épico e do lírico.

B. Seminários de análise e comentário de textos

1. Hegel - 'Estética'.
2. Nietzsche - 'Vontade de Potência'.

C. Leituras de Mário de Andrade

1. Textos poéticos
2. Textos teóricos

BIBLIOGRAFIA básica

1. Hegel - 'Estética'.
2. Hegel - 'Fenomenologia do Espírito'.
3. Nietzsche - 'O Alegre Saber'.

cursei várias disciplinas. É que o número de professores era reduzido e o curso passava por uma série de mudanças. Até 1971, dois ou três docentes responsabilizavam-se por uma disciplina, que compreendia curso monográfico, curso expositivo e análise de textos. Com a reforma universitária, cada professor assumiu, em geral, a responsabilidade por uma disciplina.

Foi justamente nos anos da minha graduação que, aos poucos, o curso de filosofia assegurado pelo Departamento ganhou a estrutura básica, que até hoje se mantém. Na verdade, a então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que fora concebida como a *celula mater* da USP, sofreu profundas transformações. Em 1969, os cursos de ciências exatas e biológicas, a psicologia e a pedagogia deixaram-na, passando a constituir novos institutos de ensino e pesquisa. Agora restrita aos cursos de História, Geografia, Filosofia, Ciências Sociais e Letras, ela passou a denominar-se Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. As cátedras vitalícias cederam lugar aos departamentos; a graduação e a pós-graduação passaram a seguir padrões norte-americanos, com a instituição do sistema de créditos; os cursos tornaram-se semestrais; aumentou o número de disciplinas; introduziram-se matérias optativas.

Com a reestruturação do curso, houve a necessidade de contratar novos professores. No final de 1971, colegas meus, recém-egressos da graduação, foram convidados a integrar o corpo docente do Departamento de Filosofia da USP.

Entre os meus colegas, havia figuras antológicas. Pedro de Souza Moraes, de uma turma anterior à minha, era uma delas. Num curso de João Paulo Monteiro, um dos raros

4. Nietzsche - 'Humano, Demasiado Humano'.

5. Nietzsche - 'O Crepúsculo dos Ídolos'.

6. Mário de Andrade - 'Obra Poética'.

7. Mário de Andrade - 'Aspectos da Literatura Brasileira'.

8. Mário de Andrade - 'O Baile das Quatro Artes'" (Loc. cit.).

professores a zelar pela lista de presença, Pedrinho perguntou se podia assinar pelos seus heterônimos. E, numa aula de Estética, em que Gilda de Mello e Souza discorria sobre a necessidade de distinguir a arte com A maiúsculo e as artes em geral, foi ele, se não me engano, quem objetou: "e se as palavras estiverem escritas em alemão?"⁸⁷

Dada a minha classificação no vestibular e a nota que obtive no primeiro ano, julgava gozar de posição confortável junto aos colegas. Participava com eles de grupos de estudos, procurava completar a minha formação. Com eles questionava pertinências: Estruturalismo ou psicanálise? Deleuze ou Derrida? Lógica dialética ou lógica formal? A atitude que me levara a ser bem-sucedida no vestibular tornou-se uma constante, o tom assertivo incorporou-se à minha maneira de falar. Quando de mim divergiam, era como se a minha existência fosse posta em perigo - assim eu sentia. Tardei muito a perceber que debate também é diálogo.

Tardei, de igual modo, a dar-me conta das marcas sociais. As diferenças, registradas na convivência com os colegas do Largo São Francisco, achavam-se agora de outra forma estampadas. À imagem idealizada que fizera do curso de filosofia, vinha justapor-se certo desconforto, cujas causas não conseguia precisar. É bem provável que percebesse, ao lado do pensamento crítico, a prática da exclusão. Em alguns colegas, notava certos traços de xenofobia, aliados aos de misoginia; em outros, hostilidade. De tudo escarneciam, a todos ridicularizavam.

Era numa espécie de oásis que me sentia em companhia de Renato Janine Ribeiro e Olgária Matos. Foi em 1970 que os conheci; eram de turmas anteriores à minha. Renato, com seu jeito afável, e Olgária, com seu invejável bem-querer,

⁸⁷ Deixou escritos póstumos, organizados para a publicação por Leda Tenório da Mota e Alberto Marsicano. Cf. *Crônica das Horas*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

sabiam ser acolhedores. A amizade que juntos construímos teve por base primeira o respeito mútuo. Por isso, em que pesem os caminhos diversos que seguimos e as posições divergentes que por vezes defendemos, ela não se deixou abalar.

Em 1972, tive o privilégio de seguir o último curso de "Estética"⁸⁸, que Gilda de Mello e Souza assegurou na USP. A delicadeza incomparável com que ela refletia sobre as obras de arte conquistou-me. Bem mais tarde, quando respondi pela revista do Departamento de Filosofia, tive a intenção de organizar, para homenageá-la, um número especial da *discurso* que ela mesma fundara⁸⁹.

Estimulados ao convívio com a cultura, assistíamos aos chamados filmes de vanguarda. Adolescente, freqüentava os

⁸⁸ O programa do curso era o que segue:

"FLF 200 - Estética I

Professora Gilda Rocha de Mello e Souza

8 horas semanais

A. Curso expositivo

1. Limite entre obra de arte e 'documento'

a) as experiências do cubismo: a colagem.

b) os dadaístas: o 'ready-made', o 'objet trouvé', o 'merz' e o 'merzbau'.

c) os surrealistas e a escrita automática. O 'cadavre exquis'.

d) o 'happening'.

2. Uma estética do fragmento. Sinédoque e ampliação. A simultaneidade. A teoria da montagem cinematográfica.

3. Uma nova categoria estética: o 'kitsch'. A fenomenologia do 'kitsch'. O 'homem-kitsch'.

4. A estética atual do criador. Dois exemplos opostos: Vasarely (o rigor científico), Dubuffet (a 'arte bruta').

B. Seminários

1. Malraux - Les Voix du Silence, La Galerie de la Pléiade, 1951.

2. Gombrich - Art is illusion. A study in the Psychology of pictorial Representation, National Gallery of Washington, 1959.

3. Merleau-Ponty - 'Le langage indirect et les voix du silence', in Signes, Gallimard, 1960.

4. Vuillemin - 'Les statues et les hommes'; 'Le souffle dans l'argile' (respectivamente in Temps Modernes 55 e 63)" (Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

⁸⁹ Meu sucessor no cargo de editor-responsável da revista levou a bom termo o projeto, publicando *discurso* 26 (1996).

cinemas da cidade: Paissandu, Marrocos, Art Palácio, Ipiranga, Metro, Olido, Coral. Jovem, a eles acrescentei o Bijou. Passava horas a discutir *Terra em Transe* de Glauber Rocha, *Satyricon* de Fellini e *Blow up* de Antonioni. Mesmo quando não entendia muito bem do que tratavam, insistia em fazer contato com essas novas linguagens. Bem me lembro o quanto me impressionou "Duas ou três coisas que eu sei dela" de Godard; numa cena, a câmara focalizava a personagem diante de uma xícara de café e, na seguinte, a estrutura das moléculas do líquido. Era a expressão mesma do estruturalismo tão em voga na época.

No início dos anos sessenta, já se tinha anúncio da mudança de valores e de comportamentos que se produziria. Embalados pela Jovem Guarda, tão bem comportada, eram os Beatles que nos anunciavam o que estava por vir. Do "Let it be" ao "Let it bleed", a contestação, se é que se pode usar o termo, acentuou-se. Jovens, nós nos perguntávamos sobre a relação entre música comercial e de vanguarda. De um lado, apreciávamos a música de protesto: "A Banda" de Chico Buarque, "Ponteio" de Edu Lobo; de outro, tínhamos de nos haver com "Alegria, alegria" de Caetano Veloso e "Domingo no parque" de Gilberto Gil. Destoantes daquilo a que estávamos habituados, pareciam pôr em causa, de outro ponto de vista, o momento que vivíamos. Não se tratava de um questionamento político mas de valores. Surgido em 1967, no quadro dos festivais de música da Record, o tropicalismo partia do fato de que fazíamos parte, quiséssemos ou não, da sociedade industrial⁹⁰. E, por isso, deixava exposta a questão acerca da incorporação pelo sistema. Era o que me instigava no movimento.

A mim me parecia mais coerente assumir o desejo de ver-se integrado do que, negando-o, pretender não tê-lo.

⁹⁰ Cf. FAVARETTO, Celso. *Tropicália. Alegoria, alegria*. São Paulo: Kairós, 1979.

Ressentidos, assim julgava os que condenavam a Universidade, sem jamais ter conseguido pôr os pés nela. É preciso mergulhar fundo numa situação para poder criticá-la. Radical, a crítica exige, em igual medida, proximidade e distância; a partir desse jogo, logra-se uma perspectiva privilegiada. Se na faculdade me via fadada à contenção, fora dela vivia a transgressão. De um lado, obediência incondicional às regras, estrito cumprimento do dever e exacerbada auto-exigência; de outro, um permanente pôr-se em risco.

Minha geração teve de haver-se com "escolhas" radicais. Alguns foram para a luta armada; outros acomodaram-se. Nós, eu mesma e amigos próximos, apostamos na transformação dos valores, na mudança de hábitos e costumes, práticas e sensibilidades. É por isso que apreciávamos tanto Foucault; ele denunciava os mecanismos disciplinares de nossa sociedade. E, contra eles, nós nos rebelávamos. Morávamos em comunidades; questionávamos as instituições. De Huxley, líamos *As Portas da percepção* e procurávamos ampliar a nossa com os recursos de que dispúnhamos; de Orwell, líamos *1984* e nos confrontávamos com o que nos cercava. Não queríamos apenas conhecer; colocávamo-nos por inteiro enquanto instrumento de conhecimento. Praticávamos novas formas de intervenção, acreditávamos na guerrilha cultural. Reivindicávamos o ponto de vista dos que levaram a experiência até as últimas conseqüências, dos suicidas: Jan Palach que ateou fogo às vestes, quando da ocupação da Tchecoslováquia pelas tropas russas; Janis Joplin e Jimmy Hendrix, que, drogados, morreram de *overdose*.

Aqui, o terror nos assombrava com notícias dos amigos presos e desaparecidos, torturados e mortos. Cerceava nosso direito de ir e vir, tolhia nosso caminho. Vigia nossos percursos e nossas leituras. Dos livros considerados

subversivos, tive de separar-me. Acomodei-os numa caixa de papelão e os enterrei no quintal de casa. Durante anos, lá ficaram as obras de Marx e Engels, os escritos de Lênin, os textos sobre a guerra revolucionária de Che Guevara, estes comprados, bem me lembro, na Livraria Francesa. Então, toda palavra era um compromisso; toda atitude, um tomar posição. Demarcados os territórios, não havia espaço para negociar. Tampouco para simular. Eu propriamente não vivera 68; não estivera no olho do furacão. Sequer cheguei a presenciar a destruição da Maria Antonia. No terror fui lançada sem nem bem saber por quê.

E, em meio a ele, inventávamos, jovens que éramos, maneiras de resistir. Instigados pela repressão, criávamos formas de estar no mundo. Pertencíamos a uma geração experimental; entendíamos a rebeldia como questionamento. No apartamento da Praça Roosevelt e, depois, na casa da Cardeal Arcoverde, o espaço em que morávamos converteu-se, de algum modo, num ponto de encontro na cidade. Por lá passaram Sérgio Bianchi, Alain Fresnot, Eduardo Dusek. Domesticado, o movimento *hippie* não contava com toda a nossa simpatia; em contrapartida, o *beatnik*, um pouco anterior, nos instigava: das manifestações contra a guerra do Vietnã aos escritos de Guinsburg e Kerouac. Na estrada, também nos pusemos. Viajamos; e a viagem teve algo de uma errança.

Durante esses anos de graduação, conheci o Brasil. Em julho de 1969, fui para Salvador; voltei pelas estradas de terra do interior da Bahia. Precária, porém rica, essa primeira viagem trouxe-me a percepção das cores e da luz; dizia, entusiasmada, que a minha vida até então em branco e preto se colorira. Trouxe-me, também, a percepção social; desolada, falava da miséria do sertão.

No ano seguinte, mais uma viagem: Brasília, Belém, Manaus, Fortaleza, as capitais do nordeste. Foi quando voei pela primeira vez; num velho avião da FAB, que prestava

serviços à Funai, fui de Brasília a Belém, parando no percurso em três aldeias indígenas do Araguaia. Depois de doze horas, cheguei à cidade, que, devido a uma crise de energia elétrica, estava completamente às escuras. Num navio cargueiro, subi o Rio Amazonas; numa gaiola, desci. Se algo de excêntrico nas atitudes e de "exótico" nas paisagens nos movia, um desejo genuíno, de igual modo, nos impelia. Era a busca da alteridade.

O impacto da primeira viagem, a descoberta da luz e das cores, me fez voltar várias vezes ao Estado da Bahia. Em outras viagens mais, conheci o barroco mineiro, as colônias européias do Sul do país. Ano após ano, presenciei o desaparecimento de características regionais, de hábitos locais. O governo militar promovia, à sua maneira, a integração nacional, integração tão bem retratada no filme de Cacá Diegues *Bye, bye Brasil*. Era espantosa a rapidez com que produziam transformações, com que reescreviam a nossa história.

Viagem mais longa e mais ousada fiz por países vizinhos: Paraguai, Argentina, Chile, Uruguai. Era 1970. A caminho de Asunción, tivemos algum contato com os guaranis; em Córdoba e Mendoza, conhecemos vinhedos e catedrais; na carroceria de um caminhão, atravessamos os Andes; em Santiago do Chile, presenciamos algo da campanha presidencial de Allende; com mochileiros de várias procedências, atravessamos o país até Osorno e Puerto Montt; em Angostura e Bariloche, descobrimos o realismo fantástico; em Bahia Blanca e Mar del Plata, conversamos sobre literatura argentina; em Buenos Aires, encontramos o tango e o lunfardo; em Concórdia, atravessamos o Rio da Prata; em Montevideú, soubemos mais dos tupamaros; em Jaguarão, aprendemos o que significa voltar. Se antes me defrontara com outras culturas no meu próprio país, agora com outras mais me confrontava fora dele.

Assim, associadas as experiências e as leituras, mais do que somadas, aos poucos dava-me conta de que cultivar-se é, antes de mais nada, ir ao encontro do outro. Cada palavra em língua estrangeira ou na minha própria, cada livro ou ensaio, cada quadro ou instalação, cada peça de música ou de teatro, de que me apropriava, era uma via de acesso ao outro.

Recentemente, foi com entusiasmo que vi Michel Serres formular uma percepção que eu mesma tivera quando jovem. Vim a conhecê-lo em casa de Betty Milan, nos anos setenta em Paris; cerca de vinte e cinco anos depois, em 1999, tive a oportunidade de entrevistá-lo no programa Roda Viva da TV Cultura. Perguntei-lhe o que pensava destes tempos em que uma única e mesma forma de pensar, agir e sentir parece impor-se, a ponto de o outro nada mais ser que a imagem que dele faço e, portanto, a minha própria. Respondeu-me que nós, seres humanos, sempre criamos a diferença; ser culto, disse, é desejar outra cultura e ir em busca dela. E acrescentou que o filósofo precisa fazer três viagens: a viagem pelo campo das ciências, pelo corpo social e pelo mundo inteiro. Das três, se me excedi em relação às duas últimas, a primeira sempre me faltou.

Hoje, penso no enorme descompasso que existe entre cultura e entretenimento. Tomando-a nesses parâmetros, a cultura consiste, antes de mais nada, em enriquecer-se com a experiência da diferença, entendida enquanto pluralidade e multiplicidade. É justamente esse gesto de romper com a mesmidade do mesmo e abrir-se às dimensões da alteridade do outro que constitui o seu traço marcante. O entretenimento, por sua vez, define-se por suprimir a alteridade. É na medida em que se inscreve no contexto do consumo que ele elimina a diferença. Enquanto aquela se faz ao ir ao encontro do outro, este se dá ao ignorá-lo.

Na época, falava-se muito em indústria cultural. Lembro que, nos cursos de licenciatura, enfastiada das aulas de didática, psicologia do adolescente, estrutura e funcionamento do ensino, lia Adorno e Horkheimer. O mesmo ocorreu, quando da colação de grau. E então me pus numa situação paradoxal. Que sentido dar ao diploma que ia receber? Por um lado, ele me vinha - e aqui cabe bem a linguagem e a ideologia - como coroação de todos os meus esforços; por outro, chegava às minhas mãos destituído de valor, porque questionado.

Era tudo muito vivo, dolorosamente vivo. E o *mal de vivre* aparecia nesse enorme desejo de estar vivo, desejo confrontado com o saber do absurdo da existência. Absurdo ainda maior, porque não havia explicação possível para os anos de chumbo da repressão. Foi um tempo de muitas cisões, de dilaceramentos mesmo. Assim é que me sentia cindida entre o vínculo com o Departamento de Filosofia, a admiração e apreço pelos mestres, e a crítica das instituições, o desrespeito por toda e qualquer autoridade. Sentia-me igualmente cindida entre apreender o mundo através dos textos, do olhar de outrem, e captá-lo nele submergindo por inteiro. Cindida, nunca me furtei em fazer experimentos comigo mesma.

No final de 1972, o Departamento de Filosofia decidiu indicar o meu nome para seguir os estudos na França. Como se sabe, desde a sua fundação, tivera estreitos laços com as universidades francesas. No correr do tempo, continuou a receber pensadores ilustres. Sempre privilegiou os vínculos com a França; só mais tarde, no final da década de 80, veio a estabelecer relações com a Alemanha, os Estados Unidos e a Inglaterra. Ao que consta, Michel Foucault, quando de uma viagem ao Chile, deteve-se em São Paulo e apresentou na Maria Antonia "*As Palavras e as Coisas*", antes mesmo de sua publicação. Vários dos meus professores fizeram estágio de

pesquisa em Paris; lá estiveram preparando suas teses de doutoramento. Assim como foram instados a completar a formação fora do país, incentivavam os melhores alunos a fazer o mesmo.

A cada ano, por indicação do Departamento de Filosofia da USP, um estudante de pós-graduação era contemplado com uma bolsa de estudos atribuída pelo governo francês. No consulado, prestei exame de proficiência e passei por uma entrevista, em que avaliaram inclusive o meu projeto de mestrado. A bolsa de estudos, que me foi concedida pelo Ministério das Relações Exteriores da França através do CROUS (Centre Régional d'OEuvres Universitaires et Sociales) de Paris, tinha sua duração prevista de outubro de 1973 a junho de 1976. Trinta e três meses.

Deixar o Brasil foi para mim, nesse momento, um exílio voluntário.

* * *

Então, veio Paris. Ainda sob o impacto de 1968, a cidade surpreendia por sua efervescência. Lá tive o privilégio de participar de eventos culturais e políticos, freqüentar bibliotecas e museus, assistir a cursos e conferências. Lá encontrei quem participara do Maio francês, nas barricadas, nas passeatas, na tomada do Teatro do Odéon. Revivi, de alguma maneira, o que tanto desejara ter vivido.

Lembro de uma das primeiras cenas que testemunhei ao chegar. Descia o Boulevard Saint Michel, quando me deparei com militantes trotskistas da *Lutte Ouvrière*. Estavam vendendo o jornal do movimento, *Rouge*, que estampava na primeira página a notícia da prisão de Alain Krivine. Exigiam, indignados, a sua libertação. E eu me dizia: "A

polícia vai chegar de um momento para o outro. Serão todos presos! Como se atrevem a fazer isso numa via pública?"

Durante a minha estada, viria a freqüentar os situacionistas, a conhecer participantes do movimento, a ler os escritos de Raoul Vaneigem e Guy Debord, a entusiasmar-me com *L'Internationale situationniste* e com o manifesto de Estrasburgo. Reunindo os doze números da revista, publicados entre 1958 e 1969, o livro falava de *flâneries et dérives* no pensamento e na ação. *De la misère en milieu étudiant, considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel et de quelques moyens pour y remédier*, por sua vez, expressava um gesto e uma reflexão crítica: os de estudantes que, não acreditando em instituições representativas, usaram para publicar o manifesto os fundos do centro acadêmico, que deveriam representar, e o dissolveram.

A Paris cheguei em pleno verão. Na Place Saint André des Arts, que vi ao sair do metrô com as valises, as jardineiras coloriam as casas e a *fontaine Saint Michel* esbanjava seus jatos de água. Não muito longe dali, o Jardim do Luxemburgo exibia os canteiros floridos; na outra direção, o Sena refletia os últimos raios de sol às nove horas da noite. Era 9 de julho de 1973.

Jamais entendi como temporária minha estada na cidade. Um fato, a meu ver, corroborava essa percepção. Antes de viajar, hesitara. Queria embarcar na segunda-feira; informaram-me, na agência, que não havia vôo naquele dia. Tinha de escolher entre o domingo 8 ou a terça-feira 10. "Escolhi" partir no dia 8; o vôo do dia 10 sofreu um acidente e, ao pousar em Orly, todos os passageiros morreram. Eu poderia estar nele, mas não. Sobrevivera. E, como uma espécie de superstição, acreditei estar completamente apartada do Brasil.

Não se tratava de uma viagem de estudos, que me faria voltar ao lar, porque lar, assim pensava, nem mesmo tinha. Afinal, o país que deixara era o Brasil do ame-o ou deixe-o; o Brasil que não permitia a divergência, a crítica, a opinião própria. Um país em que se suprimiam direitos e se punha em risco a cidadania. Exilara-me: era assim que percebia a minha atitude. Mas, ao contrário dos exilados, sequer sentia *le mal du pays*, a nostalgia da terra, a falta da feijoada, da cachaça e da MPB. Tratava-se de começar de novo, uma outra vida, que, ingênua, julgava poder modelar como quisesse. Mal sabia que tivera de carregar comigo, na bagagem, eu mesma.

Tempo depois assisti a um filme italiano de Franco Brusati, com Nino Manfredi e Anna Karina. Chamava-se *Pão e Chocolate*; a ele assisti em 1975. Contava a estória de um imigrante italiano, que tudo fazia para manter seu visto e seu emprego na Alemanha. Sem sorte, acabava por meter-se em apuros, porque não tinha como adequar-se aos hábitos locais. Quando, porém, se viu num vagão de trem repleto de conterrâneos seus, felizes por voltarem para a Itália, não conseguiu suportá-los. A meio caminho entre duas culturas, já não se reconhecia em nenhuma delas.

Durante minha estada, praticamente não frequentei brasileiros. Assim que cheguei, rever Leon Kossovitch foi um estímulo. "Leia tudo o que lhe cair nas mãos", dizia ele. "Leia, mesmo sobre o modo de produção asiático". Foi um estímulo à descoberta - por pouco tempo; logo, ele regressaria ao Brasil. Por vezes, reencontrava um ou outro amigo de passagem. Traziam notícias daqui, levavam as que eu lhes dava de lá. Com Renato Janine Ribeiro e Olgária Matos, sempre muito próximos, partilhei o tempo em que lá estiveram. Voltaram; fiquei.

Não nutria uma espécie de xenofobia às avessas. É que me parecia estapafúrdia a idéia de atravessar o Atlântico

para conviver com brasileiros, com quem não conviveria aqui. Havia mundos por descobrir. Ao chegar, perguntaram-me se pusera na bagagem alguma coisa do Brasil, um disco de Toquinho, uma garrafa de batida, uma lata de goiabada. Respondi: "Não, não me ocorreu"; ao que retrucaram: "Como você é corajosa!" É que não me parecia, de forma alguma, ser esse um gesto de coragem. Queria apenas ampliar horizontes, inclusive no sentido literal da expressão.

E Paris foi, também, a solidão. Rapidamente percebi que precisava de um fio terra. Não tinha uma história, não tinha amigos - com exceção de dois ou três, sequer tinha um lugar na cidade. Nos primeiros meses, cheguei a passar dias sem dizer palavra. Pensando bem, as únicas que dizia eram: "Bonjour Monsieur", "Merci Madame". À boulangère ou ao concierge.

O *Guide bleu*⁹¹ tornou-se companhia inestimável. Aos sábados à tarde, era comum eu sair para percorrer a cidade; uma forma de conviver com a filosofia, a literatura, a história. Tomava o metrô, descia numa estação qualquer e me punha a caminhar sempre em companhia do livro. Descobria Paris e as transformações por que passara. Surpreendia-me com os vestígios romanos. Como imaginar a antiga *Laetitia*, nós que sequer tivéramos Idade Média! De início, fiquei encantada com as termas de Cluny; mas, logo, fui conquistada pelas Arènes de Lutèce. Havia dois acessos; preferia o da Rue Monge. Entrava por uma porta similar à de um edifício, andava uns poucos metros por um corredor e via-me em pleno anfiteatro: intactas, as jaulas dos leões, boa parte das arquibancadas.

Então, Paris era uma cidade bem definida, pequena, provinciana, no limite. Trazia marcas das várias aglomerações urbanas que se sucederam: o *hôtel de Cluny* da

⁹¹ *Paris. Hauts-de-Seine. Seine-St Denis. Val-de-Marne.* Paris: Librairie Hachette, 1972.

Idade Média; do século XVI, a *tour* Saint-Jacques, ponto de partida das peregrinações que seguiam pela Rue Saint-Jacques, Rue du Faubourg Saint-Jacques, Boulevard Saint-Jacques, em direção a Santiago de Compostela; do XVII, construções do Marais, como o *hôtel Carnavalet* e o *hôtel de Sully*; a *Place de Saint-Sulpice* do século XVIII; as grandes perspectivas e os grandes bulevares, do XIX; o café de la Mosquée, do início do XX. Moradora da cidade, nunca freqüentei os lugares turísticos: a Torre Eiffel, o Arco do Triunfo. Museus, freqüentei todos.

Paris apresentava um conjunto arquitetônico harmonioso; só havia duas "torres": a de Montparnasse e a de Jussieu. Gostava de sentar-me ao sol nos cafés, passear à beira do Sena, tomar sorvete do fruto da paixão na Ilha Saint-Louis. Apreciava caminhar pela Rue Mouffetard, atravessar o Pont des Arts, demorar-me na ponta da Ilha de la Cité. Deleitava-me com a Igreja de Saint Étienne du Mont de estilo flamboyant e a de Saint Séverin com sua coluna enlouquecida. Era tão diferente da cidade de hoje, em que por certo ainda me reconheço, mas cuja silhueta se alterou substancialmente. De Paris me apropriei, como me apropriara de São Paulo.

Convivia com franceses e estrangeiros. No primeiro ano, morei na Résidence Daviel, uma residência universitária para jovens francesas. Nos anos subseqüentes, na Maison du Mexique na Cité Internationale. De início, fui ao encontro do outro a ponto de querer transformar-me nele. Ansiava por uma formação semelhante à das jovens francesas que se tornaram minhas amigas. Tanto é que me pus a ler sobre história e geografia da França, a aprofundar meus estudos acerca da cultura francesa. E a língua que me permitia ler converteu-se, de fato, na minha segunda língua; cheguei a ser tomada por alguém de lá. Depois, passei a freqüentar estrangeiros das mais diversas procedências. Comigo,

partilhavam seus hábitos e costumes, suas crenças e valores. Cidadã do mundo, assim eu me via. Recusando meu próprio país, a ele renunciava.

Aprendi que as pessoas se relacionam de várias maneiras; e a maneira pela qual os franceses se relacionavam tinha aspectos que muito me agradavam. É bem verdade que, impacientes, não acolhiam quem não falasse francês com desenvoltura e fluência - o que acontecia comigo, nos primeiros tempos. Mas respeitavam plenamente a si mesmos - e, por conseguinte, aos outros. O rendez-vous era uma instituição; também, a pontualidade. Os brasileiros relacionavam-se de maneira sintagmática e caótica; combinar com um amigo da Maison du Brésil de almoçar no restaurante universitário era correr o risco de ver-se em meio a uma pequena multidão. Em contrapartida, ciosos da privacidade, os franceses entendiam todo convite como estritamente pessoal. Deparava-me com regras claras e precisas; não havia por que recear subterfúgios. Os limites eram muito bem postos; não havia por que temer invasões. E as relações se construíam; até hoje conto com amigos daquela época.

Continuava, de certo modo, a ter os mesmos interesses; ampliara-os apenas. Paris reunia a vanguarda e o tradicional: na música, as primeiras exposições das peças de Berio e os concertos da Sala Pleyel; na dança, as companhias experimentais e Nureiev no Palais Garnier; no teatro, a Cartucheria de Vincennes e Jean-Louis Barrault; no cinema, *India Song* de Marguerite Duras e os festivais de Humphrey Bogart. Aliás, foi lá que entrei em contato com a história do cinema - e também, em maior profundidade, com a história da arte. No Brasil, eu me limitara a frequentar as Bienais; agora, chegava a dar-me ao luxo de ir, por exemplo, a uma cidade italiana apenas para ver uma tela.

Havia também certa errança intelectual. Tive o privilégio de assistir aos cursos de Foucault no *Collège de*

France, aos de Lacan na *Université de Paris IV*, aos de Deleuze em *Vincennes*, aos de Derrida na *École Normale Supérieure*. Falavam de desconstrução do sujeito e desmantelamento do eu; questionavam noções consagradas pela tradição filosófica; subvertiam formas habituais de pensar. Assisti ainda a aulas de Levi-Strauss no *Collège de France*, Lefort na *Maison des Sciences de l'Homme*, Jean-Pierre Vernant e Raymond Aron na *École Pratique des Hautes Études*.

Viagens também fiz pelos cursos obrigatórios. Minha inserção acadêmica exigia, para a apresentação do mestrado, que eu cumprisse alguns créditos na Sorbonne. Optei, na área de história da filosofia contemporânea, por seguir as aulas de Jean-Toussaint Desanti e de Hélène Védérine. Desanti discorreu sobre "As ciências exatas e a filosofia a partir de 1900"⁹², apoiando-se sobretudo em obras de Bachelard. Bem mais instigante para mim, Védérine tratou, a partir de vários autores, da "Crítica da cultura desde Marx"⁹³. Situando pensadores diversos, ressaltando divergências e sublinhando filiações, deu-me as chaves de acesso à filosofia francesa contemporânea.

Defrontar-me com o outro era confrontar-me comigo mesma. Na Alemanha, estive várias vezes; na Itália, também. Graças a bolsas de estudos do Goethe Institut de Paris e do

⁹² Versou sobre os seguintes temas:

1. as idéias de causalidade e probabilidade nas ciências modernas;
2. a transformação do conceito de tempo com o advento de Einstein;
3. a aplicação das matemáticas na física contemporânea;
4. a redução da teoria do conhecimento à epistemologia;
5. problemas e perspectivas da epistemologia hoje.

⁹³ Estes foram os principais temas que abordou:

1. alcance e limites do existencialismo: Jean-Paul Sartre;
2. divergências teóricas dos leitores de Marx: Althusser e Balibar, Lefort e Castoriadis;
3. a contribuição fundamental da antropologia: Lévi-Strauss e Clastres;
4. a polêmica em torno do estruturalismo: Michel Foucault;
5. a crítica à psicanálise: Deleuze e Lyotard.

DAAD, aperfeiçoei os meus conhecimentos da língua alemã. Graças aos meus próprios recursos, aprimorei o meu gosto pela história da arte italiana. Quando da minha estada na França, conheci grande parte da Europa, algo do Oriente Médio e do Norte da África. Depois, viajei por outros países da América Latina, além do Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai, onde já estivera; visitei amigos no Canadá, nos Estados Unidos e no México. No início da década de 90, fiz três viagens consecutivas à Ásia; fui por três vezes à Índia, mas também conheci o Paquistão, a Birmânia, o Nepal e a Tailândia. Mais recentemente, estive na China e no Camboja. Não se trata, aqui, de computar quilometragens; trata-se apenas de registrar situações que, de alguma forma, propiciaram a reflexão e enriqueceram a vida.

Se desde cedo concebera as viagens como oportunidade de conhecimento, aos poucos, elas adquiriram também outro sentido. Alternar pontos de vista, integrar diferentes perspectivas, era o que me propiciavam. Sempre julguei que constituíam uma ocasião ímpar para rever hierarquias de valores, reavaliar trajetórias de vida, prioridades. E viajar, pouco importa se a trabalho ou lazer, com o apoio de agências de fomento à pesquisa ou não, incluía freqüentar bibliotecas e livrarias. Foi assim que, em diferentes oportunidades, trabalhei em Washington na *Library of Congress*, na Califórnia na biblioteca da *Berkeley University*, em Nova York na da *Columbia University*; freqüentei em Berlim a *Staatsbibliothek*, a biblioteca da *Freie Universität* e a da *Humboldt Universität*; pesquisei em Paris na *Bibliothèque Nationale*, na *Bibliothèque Sainte G n vi ve*, na *Biblioth que de la Sorbonne* e na *Biblioth que de l'Université de Paris X- Nanterre*.

Assim como a ida para a França representara uma ruptura, de igual modo, a volta ao Brasil. Quando do meu

exílio voluntário, imaginava romper com uma existência para configurar outra; agora, aparentemente o mesmo se passava. Mas, se em 1973 os acontecimentos vinham ao encontro do meu desejo, em 1978 a ele se contrapuseram. Era final de janeiro; estava em Aix-en-Provence. A primeira neve do ano havia caído e, pela primeira vez, eu vira a cidade toda branca. Chegou um telegrama: pai na UTI.

Fazia poucos meses que me mudara para Aix; lá tinha *un petit studio*, uma vida em comum e um grupo de amigos. Preparava a tese de doutoramento; como outros doutorandos, trabalhava atendendo em restaurantes ou cuidando de crianças. Jorge Coli, que conhecera imediatamente antes de sua viagem à França em 1970, lá se instalara. Certo dia, presenteou-me com a descoberta da cidade. Seu olhar conduziu o meu. Entramos no sóbrio prédio da Prefeitura, que datava do século XVII: uma imponente escada se bifurcava para reencontrar-se no segundo piso, onde se achava a Biblioteca Mazarin; janelas permitiam que a luz incidisse diretamente sobre a estátua, posta com cuidado, no centro do patamar intermediário; havia algo de teatral na cena. Quase ao lado, paramos para observar o prédio dos Correios, do século XVIII: corpos esculpidos dispostos no frontão projetavam-se no espaço, exuberantes, com suas vestes, braços e pernas. Passamos sob a torre do relógio: com sua base antiga (romana talvez), sobre a qual se erigiu o resto no século XVI, ela dava acesso a outra parte da cidade. Pouco adiante, vimos à direita a catedral du Saint-Sauveur: lá dentro, admiramos o esplêndido batistério paleocristão, com colunas recuperadas de algum templo da antigüidade; visitamos o claustro, magnífico, com cada um de seus pilares, singular em suas folhas de videira, pássaros, flores e animais. Mas o tesouro maior ainda estava por revelar-se. Jorge abriu a *porte cochère* do prédio onde funcionava a Assistência Social: um pátio, outra pequena porta à direita e, logo, a caixa da

escada com as paredes inteiramente cobertas por pinturas em *trompe-oeil*. Então, ele disse: "agora, deixo você fazer, um tanto ao acaso, a descoberta da cidade". Como se ainda houvesse algo por descobrir! E havia.

Aix, aristocrática, sabia muito bem evidenciar os seus tesouros. Prova disso era o *cours Mirabeau*, majestoso, ladeado por cariátides de pedra amarela que resplandeciam ao sol. Era bem diferente de Montpellier, a que eu viajava com freqüência para visitar amigos próximos. Mais popular, Montpellier entregava-se de imediato ao visitante. Isso não impede que também tivesse as suas riquezas: a *Place de la Comédie*, uma ou outra construção no centro, os aquedutos romanos. Cidades universitárias, elas tinham intensa vida cultural.

Havia ainda a proximidade da Riviera francesa, com os seus museus: Picasso em Cap d'Antibes, *Fondation Maeght* em Saint Paul de Vence, Chagall em Nice. E havia a proximidade da Itália. Turim e Aix, na minha memória, guardavam semelhanças. Ambas eram cidades luminosas; exibiam, ambas, a simetria de suas construções, a sobriedade de suas fachadas. Atravessava os Alpes de ônibus, um dia inteiro de viagem. Paisagens, distintas, se sucediam; atitudes, diferentes de um lado e doutro da fronteira, se contrapunham. Em Turim, mas também em Nice, eu refazia os percursos de Nietzsche; aqui, a casa em que morou e, lá, a *piazza* onde entrou em estado de desvario. Em Aix, eu tinha uma vida estruturada. Já não contava mais com a bolsa de estudos do governo francês; por alguns meses, contei com uma bolsa complementar da CAPES. Vivia-se com pouco, muito pouco; vivia-se bem.

Traumático foi o retorno ao país, um exílio dentro do exílio. Minhas condições pessoais eram desastrosas; no fim das contas, havia cortado em dois a minha própria vida. Durante um bom tempo, procurei, em vão, readaptar-me. Os amigos de outrora, tão irreverentes, haviam se estabelecido, estavam integrados. O que me consolava era conviver com novos amigos, escritores na sua maioria: Modesto Carone, Michel Lahud, Maria Lúcia Dalfarra, José Miguel Wisnick, Raduan Nassar; faziam-me, de algum modo, sentir em casa. O que me animava era ver que algo se passava no Brasil: o ato público na Praça da Sé que se seguiu à morte de Herzog, o Congresso Anual da SBPC como um grande fórum de debates; antes, coisas impensáveis. Em 1980, o Primeiro de Maio em São Bernardo trazia a esperança de um novo projeto social.

Grandes eram os desafios que tinha de enfrentar, grandes as responsabilidades também. Na vida de estudante que levava na França, as minhas preocupações maiores diziam respeito à formação e à pesquisa. Não hesito em dizer que, dessa perspectiva, lá vivi os meus melhores anos; foram anos em que pude estar mais em consonância com as minhas necessidades e desejos e, em alguma medida, realizá-los. E, o que não é de menos, fazer a experiência, então para mim inédita, de morar num país democrático.

Aqui, reencontrei os compromissos familiares. Defrontei-me com os deveres de boa filha, que muito rapidamente se converteram nos de *pater familiae*. Mal sabia que por mais de vinte anos teria de ocupar essa posição e desempenhar esse papel. No dia seguinte ao da minha chegada, saí em busca de trabalho. Assim é que muito rapidamente comecei a dar aula na Fundação Escola de Sociologia e Política, nas Faculdades Integradas Alcântara Machado e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tinha 28 anos quando ingressei no mercado, como se diz hoje. Já havia,

naquele momento, sinais que anunciavam a situação que estava por vir.

Na Sociologia e Política, assumi Introdução à Teoria do Conhecimento. Oferecida para os alunos do primeiro ano, era a única disciplina de filosofia prevista na grade curricular. No programa e plano de ensino que elaborei, defini: "Na medida em que um curso panorâmico da história da filosofia traria o inconveniente da superficialidade na abordagem dos textos e um curso monográfico acarretaria uma visão por demais restrita de uma só questão ou de um único autor, optou-se pelo levantamento de alguns problemas filosóficos que são considerados fundamentais. Assim, após uma introdução ao estudo da filosofia, tentar-se-á analisar a problemática geral do conhecimento e a especificidade das ciências sociais. Tal análise permitirá não só o estudo sistemático da investigação epistemológica, mas também a discussão e o confronto dos pontos de vista de vários autores que se pronunciaram sobre a questão". Era assim que eu me exprimia na época.

Centrando-me num curso temático, selecionei passagens de Descartes, Hume, Kant, Nietzsche e Foucault a respeito do problema do conhecimento e outras de Comte, Durkheim, Marx e Weber, acerca de questões mais específicas. Mal comecei a escrever no quadro-negro a bibliografia do curso, percebi, tendo em vista a reação dos alunos, que muito havia mudado nesses quase dez anos que me separavam do início da minha graduação. Livros em língua estrangeira, nem pensar! Textos em português, bem poucos! Mas, os estudantes eram - como se dizia na época - "politizados". Entre eles, havia uma certa efervescência, quando não de idéias, pelo menos de práticas.

Na FIAM, contrataram-me para a disciplina de estética oferecida em diferentes cursos, não sei bem mais quais. Proposto por um colega, o programa consistia em três partes: conceituação de arte; conceituação de estética; conceituação

do belo na história: o primitivo, a Idade Média, o Renascimento, a Idade Moderna. Consegui, de alguma forma, trabalhar com a *História Social da Literatura e da Arte* de Arnold Hauser, "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução" de Walter Benjamin e, fazendo jus aos cursos de Gilda de Mello e Souza, *Arte e Sociedade* de Roger Bastide.

Muito rapidamente, dei-me conta de que estava numa empresa. Pouco importava a formação; o que contava eram os interesses de mercado. Dizia-se que o prédio, em que se achava a Faculdade no Morumbi, fora construído para instalar um supermercado. *Se non è vero, è ben trovato*. A administração não escondia suas expectativas quanto ao percentual de aprovações e de reprovações; os estudantes, em sua maioria, evidenciavam o valor das mensalidades pagas. Os professores deveriam servir de anteparo para a administração; convertiam-se em alvo de todo tipo de reclamação, queixa ou crítica. A eles cabia iniciar pontualmente a aula e pontualmente encerrá-la. Nem um minuto a mais nem um a menos. A eles competia zelar pela frequência e pela disciplina. Para manter a ordem, era preciso ter pulso firme. Lembro-me que, certa vez, por um lapso, deixei à mostra, em cima da mesa, a lista de presença. Os alunos dela se apossaram, nela apuseram a rubrica e apressaram-se em sair da sala. Fui repreendida pela administração. Sintoma de um processo que então se iniciava.

Na PUC, a situação era completamente outra. Encarreguei-me de Filosofia Geral, substituindo Madre Laura Fraga de Almeida Sampaio, quando de uma viagem sua à França. O programa do curso, por ela elaborado, assim se apresentava: "Programa de Filosofia Geral para o 1º e 2º semestres de 1978: 'Nietzsche: origem de uma contracultura? Uma interpretação'. Conteúdo: Leitura e tentativa de interpretação de Nietzsche como um dos 'filósofos da suspeita' que se encontram na origem do pensamento

contemporâneo. Texto fundamental: *Genealogia da Moral*. Seleção bibliográfica: Nietzsche. *Oeuvres Philosophiques Complètes* da Gallimard e *Obras Incompletas* da Coleção 'Os Pensadores'; *Nietzsche e a filosofia* de Deleuze; 'Nietzsche, Freud, Marx' de Foucault". Nada mais bem-vindo. Eu, que acabava de voltar ao Brasil, reencontrava Nietzsche e os franceses. Mais importante, porém, era atuar numa instituição que tinha uma história e parecia zelar por ela. Lá encontrei alunos interessados, colegas comprometidos.

Durante um semestre, trabalhei em três diferentes estabelecimentos de ensino; empreguei o meu tempo em preparar três diferentes cursos: um a respeito de questões éticas, outro acerca de temas de estética e um terceiro relativo a problemas de teoria do conhecimento. Os programas dos dois primeiros, elaborados por colegas, manifestavam com clareza os propósitos de suas instituições. De um lado, o curso monográfico com intuito formador, que assumi na PUC, aproximava-se dos que eu mesma seguira na minha graduação no Departamento de Filosofia da USP, retomando até, como outrora, a recepção francesa do pensamento nietzschiano. De outro, o curso panorâmico e informativo, de que me encarreguei na FIAM, lembrava-me o espírito dos cursos preparatórios para o vestibular, em que eu trabalhara. Também os estudantes se diferenciavam: na Sociologia e Política, os "politizados"; na PUC, os interessados; na FIAM, os que eu chamaria de pragmáticos. Sem sombra de dúvida, são estes que constituem hoje a maioria nas salas de aula em que me é dado atuar. Apesar de desgastante, a experiência foi rica; deu-me a ver, numa primeiríssima abordagem, as transformações por que vinha passando o país.

Mas a condição de professora horista estava longe de ser favorável. Assim é que, de muito bom grado, em setembro de 1978, comecei a trabalhar na Universidade Federal de São Carlos. A cidade, precisamente a 236km da capital, tinha

dupla vida: de um lado, a tradicional família sancarlense, extremamente fechada e, de outro, à margem dela, os estudantes vindos de toda parte. À margem, também ficava a Universidade, do outro lado da pista, separada da cidade pela Rodovia Washington Luís. Dentre os cursos, um dos mais reputados era o de Engenharia; havia também o de Fisioterapia, o de Terapia Ocupacional e, no que diz respeito às Humanidades, um único: Pedagogia.

Na ocasião, dois departamentos dele se encarregavam: o DEFUCIFE, Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação, e o DTE, Departamento de Tecnologia Educacional. À parte, Bento Prado Júnior, que já era uma figura à parte, eu me vi em meio a colegas a quem muito pouco tinha a dizer. Apresentavam-se como filósofos da educação, marcados pelo pensamento de Demerval Saviani, cuja contribuição para as questões educacionais no país não me proponho a julgar. Quanto aos alunos de pedagogia, ou melhor, às alunas, provinham, com raras exceções, da sociedade local e ali estavam, de certa forma, à espera do desdobramento natural de suas vidas, o casamento. Nós, professores, também prestávamos serviço. Assegurávamos a disciplina de Filosofia da Ciência no curso de Engenharia, iniciativa muito bem-vinda aliás, pois procurava imprimir ao curso também um caráter formador.

Interlocução mesmo só tinha com Bento Prado Júnior; bem mais, aprendizado. Não me fora dado assistir às suas aulas na graduação; tudo se passava como se agora pudesse fazê-lo - e de forma privilegiada. Conhecera-o na França; acabava de chegar do Brasil, quando estivera em sua casa em Maintenon. Foi nessa ocasião que também vim a conhecer Ruy Fausto. Agora, recém-chegada de Paris, encontrava nas conversas com Bento Prado Júnior ecos da minha experiência parisiense. Falávamos sobre filosofia e literatura, sobre cultura francesa. Durante sete anos, ele me fez participar de seu

pensar lúcido e lúdico. Com ele, aprendi a rir da filosofia; a ele, dediquei o meu primeiro livro publicado⁹⁴.

Durante certo tempo, empenhei-me em organizar a seção de filosofia da Biblioteca Central. O acervo parecia não obedecer a critério algum; encontravam-se preciosidades como volumes, com dezenas de exemplares, da *Bibliothèque de la Pléiade* e livros inteiramente desprovidos de interesse. Trabalho similar vim a desenvolver junto à Comissão de Biblioteca da Faculdade de Filosofia da USP. Com Paulo Sérgio Pinheiro, participei de reuniões de trabalho acerca da chamada política de aquisição. Mais do que discutir princípios de organização, era o contato direto com os acervos que me atraía. Explorar estantes, garimpar obras raras, ainda hoje me atrai. Pondo-me em face do inesperado, traz lembranças da adolescente que fui.

Em São Carlos, nós, professores de filosofia, precisávamos encontrar espaço de atuação. Criamos uma revista, os *Cadernos do Centro de Educação e Ciências Humanas*; não tivemos meios de viabilizá-la. Concebemos uma nova disciplina, "História das Idéias Políticas"; dela nos encarregamos com um colega de história. Trabalhamos, de perspectivas diversas, passagens de Maquiavel, Locke, Hobbes, Montesquieu; foi uma experiência didática inovadora. Mas inovador mesmo foi o Laboratório de Epistemologia da Psicanálise, em que com colegas da psicologia nos engajávamos em discussões interdisciplinares, a propósito de textos de Ryle e Benveniste.

Quando reitor, William Saad Hossne, bem soube promover "a estrela dos anos oitenta". Então, incentivou os eventos acadêmicos e culturais. Acompanhei, com entusiasmo, as montagens do TUFSCAR, sob direção de André Galesso. Com prazer, assisti aos filmes exibidos na seção maldita. Ainda

⁹⁴ Nietzsche. *Uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1991; 1ª ed., 1982 (Coleção "Encanto Radical").

me via muito mais como estudante que como docente. Em Paris, respirara os ares do pós 68, momento de contestação das autoridades instituídas. Sobre Maio de 68, agora, falava em sala de aula. Sublinhando o aspecto transgressor do movimento, procurava levar os alunos a questionar os próprios valores. Não necessariamente para abrir mão deles, mas até para assumi-los com mais consciência. Por esse tempo, Olgária Matos elaborava o seu *Paris 1968. As barricadas do desejo*⁹⁵; e eu, entusiasmada, dizia-lhe que ela estava a escrever a história da nossa geração.

Perspectiva privilegiada a minha. Atuando como docente mas sentindo-me estudante, pude refletir sobre as questões relativas à educação. Questões essas, aliás, que estavam permanentemente postas. Lecionava "Filosofia" para alunos do curso de Pedagogia, mas filósofos da educação eram, em sua maior parte, os meus colegas. Vários tinham uma preocupação genuína com a formação do educador; muitos, com a realidade brasileira. Se uns dela tratavam sem mediações, nós a tomávamos como objeto de reflexão⁹⁶. Constatávamos o declínio do ensino público, a crescente falta de autonomia por parte dos alunos, a massificação da universidade, a desvalorização dos diplomas.

Mas nos sete anos em que permaneci na Universidade Federal de São Carlos, vivi na esquizofrenia. Viajava toda semana. Toda semana, deixava sobre a mesa de trabalho os livros abertos. Toda semana, reencontrava a mesma cena: sobre a mesa de trabalho os livros abertos na mesma página,

⁹⁵ São Paulo: Brasiliense, 1981 (Coleção "Tudo é História").

⁹⁶ Dessa época, data contribuição minha a "O impacto do desenvolvimento tecnológico e científico sobre as instituições acadêmicas", em colaboração com Bento Prado Júnior, José Albertino Rodrigues, Carlos Guilherme Mota e William Saad Hossne, texto apresentado no Congresso de Reitores, que teve lugar em Buenos Aires em outubro de 1981.

dispostos da mesma maneira. Às segundas-feiras, interrompia a pesquisa, a leitura e a própria escrita; às sextas, retomava o fio do raciocínio, o texto iniciado, a folha de papel começada. Em meio a tais interrupções, elaborava a tese de doutoramento.

* * *

Em setembro de 1985, ingressei no Departamento de Filosofia da USP, agora, como docente. Enfim, chegava em casa. Fazer jus a esse regresso, assim julguei, a mim caberia nos anos subseqüentes. Então, havia quase um caráter sagrado em entrar em sala de aula. Lecionar era, para mim, muito mais que encargo profissional ou dever moral; era uma oportunidade de trabalho, em que me via chamada a formar estudantes como eu mesma fora formada. Daí, a estrita fidelidade aos princípios que nortearam a minha graduação. Daí, também, o sentimento de uma falha irreparável; sabia que, por mais que me esforçasse, jamais conseguiria equiparar-me aos que tivera por mestres. Apreço e respeito era o que sentia, naquele momento, pelo meu trabalho.

Ao chegar, Franklin Leopoldo e Silva, então na chefia, procurou acolher-me da melhor maneira; pareceu surpreso, quando lhe disse que gostaria de integrar a equipe responsável pelo primeiro ano no semestre seguinte. Talvez não fosse uma "escolha" muito usual a minha. É que queria conhecer de perto os jovens que, mais de quinze anos depois, iniciavam o percurso que eu mesma fizera.

Prática que adotara desde a minha volta ao Brasil, ao entrar pela primeira vez numa sala de aula, convidava os estudantes a se apresentarem. Até hoje, assim procedo. No caso de turmas maiores, proponho uma apresentação por

escrito, uma espécie de questionário, de sorte a conhecer algo de seus estudos pgressos, interesses intelectuais e culturais, inserção profissional, condição social, leituras, lazer e, sobretudo, motivações e expectativas em relação ao curso. Colocar-me à escuta do interlocutor para ir ao encontro dele, essa sempre foi uma necessidade minha.

Necessidade que também se expressava na relação com o texto filosófico. Acerca da maneira de pôr-se em presença dele, falei aos alunos no primeiro semestre de 2003, quando ainda uma vez me responsabilizei por Introdução à Filosofia I. Estimulei-os a adotar uma atitude de humildade frente ao texto, a abstraírem suas opiniões e crenças, a não se contentarem com uma única abordagem, a questionarem o próprio entendimento, a buscarem uma compreensão em profundidade. Incentivei-os a procurar entender o autor sem interpelá-lo, a conhecer suas intenções sem julgá-lo. A deixá-lo ocupar toda a cena; ao menos, num primeiro momento. Cada vez mais difícil é fazer-me entender. Pois, com o passar do tempo, parece acentuar-se, entre os estudantes, uma certa atitude: a de mostrar-se indiferente em face da alteridade, do que lhes é desconhecido e, por conseguinte, em face do texto filosófico. Sinal dos tempos!

Em 1986, como ocorre até hoje, duas disciplinas eram oferecidas aos alunos do primeiro ano: Introdução à Filosofia, obrigatória, e Introdução à Filosofia I, que, embora optativa, em geral era por eles cursada. No que respeita à disciplina obrigatória, Marilena Chauí se encarregaria das aulas expositivas e José Raimundo Chiappin, dos seminários⁹⁷. No que concerne à optativa, por ela eu me

⁹⁷ "INTRODUÇÃO À FILOSOFIA - 1º Semestre de 1986
Disciplina Obrigatória - Código: FLF103
Sem Pré-requisitos
Prof. José R Novaes Chiappin
Profa. Marilena Chauí
Profa. Scarlett Zerbetto Marton
Carga Horária: 120 horas - Créditos: 08

responsabilizaria⁹⁸. Contudo, Chiappin não voltou de Pittsburg nos Estados Unidos, onde preparara a tese de

TÍTULO: VERDADE E EVIDÊNCIA

I - OBJETIVOS:

A aula expositiva durará 2 horas; as duas seguintes serão usadas para que os alunos apresentem um resumo de capítulos selecionados da História da Filosofia de E. Bréhier. Haverá prova mensal, constando de duas ou três perguntas a serem respondidas em classe, visando a habituar os estudantes a fazer consulta bibliográfica e a escrever.

Dissertação Semestral: "A Noção de Adequação como prova do verdadeiro".

II - CONTEÚDO:

1. Surgimento da noção de evidência como critério do verdadeiro - a interpretação de Platão e Aristóteles por Heidegger.
2. Evidência e Iluminação em Santo Agostinho.
3. Evidência e *Adequatio* em São Tomás.
4. Os Modernos em Busca da Evidência.
 - a) clareza e distinção em Descartes.
 - b) experiência e luz em Bacon.
 - c) experiência e gênese geométrica em Hobbes.
 - d) a verdade como correspondência e expressão em Leibniz.
 - e) razão, imaginação e vontade: *esprit de géométrie* e *esprit de finesse* em Pascal.
 - f) a visão em Deus para Malebranche.
 - g) o verdadeiro como índice de si mesmo em Espinosa.

III - BIBLIOGRAFIA:

Manuais de história da Filosofia - E. Bréhier, F. Châtelet, Manoel B. Morente.

Os filósofos estudados podem ser consultados na coleção Pensadores, Abril Cultural.

Será oferecida bibliografia suplementar durante as aulas e segundo as necessidades e solicitações dos estudantes.

Os seminários versarão sobre diversos textos selecionados, a serem apresentados ao longo do curso" (Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

⁹⁸ INTRODUÇÃO À FILOSOFIA - 1º Semestre de 1986

Disciplina Optativa - Código: FLF105

Sem Pré-requisitos

Profª Scarlett Marton

Carga Horária: 60 horas - Créditos: 04

TÍTULO: A IDÉIA DE MÉTODO NO SÉCULO XVII

I - CONTEÚDO:

- A. Introdução: O método e sua ligação com a metafísica. O modelo matemático. A fundamentação da ciência.
- B. Descartes: a. Os quatro princípios; b. Ordem e medida; c. O projeto da *mathesis universalis*. Leitura do "Discurso do Método".
- C. Pascal: a. Razões dos efeitos; b. Paradoxo: a verdade dos contrários; c. Os sentimentos, a razão e a fé. Leitura dos "Pensamentos".

D. Leibniz: a. Método enquanto técnica operatória; b. A teoria das multiplicidades; c. A característica universal. Leitura dos "Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano".

E. Conclusão: Exame e confronto das posições de Descartes, Pascal e Leibniz.

Observação: O curso constará de aulas expositivas e seminários.

II - BIBLIOGRAFIA:

I - Textos para seminários:

- Descartes - DISCURSO DO MÉTODO, na coleção "Os Pensadores", tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, Abril Cultural, SP, 1ª edição, 1973.

- Pascal - PENSAMENTOS, na coleção "Os Pensadores", tradução de Sérgio Milliet, Abril Cultural, SP, 1ª edição, 1973.

- Leibniz - NOVOS ENSAIOS SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO, na coleção "Os Pensadores", tradução de Luiz João Baraúna, Abril Cultural, SP, 2ª edição, 1980.

II - Bibliografia Básica:

- Bréhier, Émile - HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE, 3 volumes, Presses universitaires de France, Paris, 1981; em português, HISTÓRIA DA FILOSOFIA, 2 volumes, Editora Mestre Jou, SP, 1977/1981.

- Châtelet, François (org.) - LA PHILOSOPHIE DU MONDE NOUVEAU (XVI e XVII siècles), Librairie Hachette, Paris, 1972; em português, A FILOSOFIA DO MUNDO NOVO (séculos XVI e XVII), Zahar Editores, RJ, 1974.

- Foucault, Michel - LES MOTS ET LES CHOSES, Éditions Gallimard, Paris, 1966; em português, AS PALAVRAS E AS COISAS, Ed. Martins Fontes, SP, 1981.

- Koyré, Alexandre - DU MONDE CLOS A L'UNIVERS INFINI, Presses universitaires de France, Paris, 1957; em português, DO MUNDO FECHADO AO UNIVERSO INFINITO, Forense Universitária e Edusp, RJ e SP, 1979.

III - Bibliografia Complementar:

- Sobre Descartes:

- Granger, Gilles-Gaston - Introdução ao DISCURSO DO MÉTODO, na coleção "Os Pensadores", Abril Cultural, São Paulo, 1ª edição, 1973.

- Guérault, Martial - DESCARTES SELON L'ORDRE DES RAISONS, 2 volumes, Éditions Aubier, Paris, 1953.

- Alquié, Ferdinand - LA DECOUVERTE METAPHYSIQUE DE L'HOMME CHEZ DESCARTES, Presses universitaires de France, Paris, 1950.

- Sobre Pascal:

- Lebrun, Gérard - PASCAL, na coleção "Encanto Radical", Ed. Brasiliense, SP, 1983.

- Goldmann, Lucien - LE DIEU CACHÉ, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

- Gouhier, Henri - BLAISE PASCAL - COMMENTAIRES, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1966.

- Sobre Leibniz:

- Russell, Bertrand - A FILOSOFIA DE LEIBNIZ, Editora Nacional, São Paulo, 1968.

- Guérault, Martial - LEIBNIZ - DYNAMIQUE ET METAPHYSIQUE, Editions Aubier - Montaigne, Paris, 1967.

- Serres, Michel - LA PHILOSOPHIE DE LEIBNIZ ET SES MODÈLES MATHÉMATIQUES, 2 volumes, Presses universitaires de France, Paris, 1968" (Loc. Cit.).

doutoramento; acabei por assumir, também, os seminários da disciplina obrigatória.

E assim tive a oportunidade, logo neste primeiro curso, de fazer um trabalho de análise de texto; selecionei passagens de Platão, Aristóteles, Descartes, Locke e Kant. E, de assegurar um curso expositivo; privilegiei a idéia de método no século XVII. Era meu intuito levar os estudantes a apreender a estrutura lógica dos textos e a ler nas entrelinhas, a escrever de forma precisa e rigorosa, empregando os termos apropriados, articulando as idéias, construindo os argumentos. Ao trabalhar com a filosofia cartesiana e o pensamento pascaliano, meu intuito era, também, levá-los a confrontar dois tipos de raciocínio: o que distingue, com nitidez, o sim e o não, e o que opera com o sim e o não; o que discerne, com clareza, uma proposição verdadeira de sua contrária, necessariamente falsa, e o que entende que, para considerar uma proposição verdadeira, é necessário que a ela se junte a proposição contrária, também verdadeira. Com esse confronto, queria justamente fazê-los ver que não existiam receitas nem respostas na filosofia. Em suma, nada de novo, presumo, em relação ao que era praticado e ensinado no Departamento de Filosofia da USP, como bem deixam entrever, se comparados, os programas dos cursos que então ministrei e dos que segui, quando da minha graduação⁹⁹.

Nova para mim foi a experiência. Em 1986, deparei-me com turmas bastante heterogêneas. A do período noturno, em particular, poderia ser dividida em três partes praticamente iguais. Um terço dos estudantes queria complementar a sua formação em Humanidades. Com experiência universitária pregressa, provinham das mais diversas áreas; eram advogados, zootécnicos, fisioterapeutas, biblioteconomistas, farmacêuticos, engenheiros navais, psicólogos. Outro terço

⁹⁹ Encontram-se todos reproduzidos em notas de rodapé.

buscava resposta para problemas existenciais. Estes, mais jovens, eram recém-egressos do curso secundário; dentre eles, havia os bem-comportados, meninos de colégio, e os mais irreverentes, punks da periferia. O último terço trazia questões de caráter religioso. Alguns vinham de faculdades de teologia e outros, integrantes de seitas como Hare Krishna, coloriam a sala com suas túnicas de açafrão.

O texto filosófico permitiu-me fazer mediações: através dele, eu me relacionava com os alunos e os levava a se relacionarem entre si e, por meu intermédio, eles todos se relacionavam com a filosofia. E assim foi possível converter tal diversidade em riqueza; ao menos, eu tentei. Pois, partilhando concepções então presentes no Departamento de Filosofia da USP, acreditava que a sua riqueza residia, justamente, na pluralidade de perspectivas que aí se conjugavam, na diversidade de linhas teóricas que aí contracenavam. Se as diferenças no âmbito do corpo docente eram frutíferas, cabia-me tornar proveitosas as que existiam entre os estudantes. Ímpar, a experiência trouxe-me enorme satisfação. Nunca, ousou dizer, voltou a ser tão satisfatória; houve mesmo ocasiões em que me causou dissabor.

No ano seguinte, voltei ao primeiro ano da graduação; desta vez, no segundo semestre. Logo percebi que os desafios eram ainda maiores. Ao ingressarem, em que pesem desníveis e diferenças, os alunos estavam, todos, em face de uma situação nova, e isto era um ponto de partida comum. Passado um semestre, diferenças e desníveis se aprofundavam e a heterogeneidade das turmas só fazia crescer. Uns, cientes do lugar onde haviam aportado, empenhavam-se na leitura e compreensão dos textos; outros, tendo aprendido umas poucas coisas, tornavam-se ainda mais arrogantes.

Tendo essas duas experiências em anos sucessivos, eu me pus a refletir sobre o primeiro ano e, por conseguinte, sobre o curso enquanto um todo. E, num momento em que o Departamento se dispunha justamente a discutir e reorganizar a graduação, pareceu-me oportuno apresentar proposta para reestruturar o primeiro ano. Falava-se muito dos riscos de escolarização; a meu ver, eles seriam ainda maiores, se desde logo não déssemos aos estudantes as bases necessárias para acompanharem as disciplinas que teriam depois de cursar.

Pensando nos meus estudos secundários, no meu próprio vestibular e na maneira pela qual tivera de preparar-me para ele, propus que o primeiro ano contasse com quatro ou cinco disciplinas introdutórias. Seriam variadas e formadoras. História da Filosofia viria propiciar uma visão de conjunto, através do exame de textos de diferentes pensadores, no primeiro semestre, e um curso monográfico em torno de um tema ou de um autor, no segundo. Filosofia Geral abordaria questões centrais de ética, filosofia política e teoria das ciências humanas, no primeiro semestre, estética e filosofia da arte, teoria do conhecimento e filosofia da ciência, no segundo. Introdução à Lógica proporcionaria a descoberta do pensamento como raciocínio e entendimento, argumento e demonstração. Interpretação de Texto, que então era a menina dos meus olhos, visaria a familiarizar o aluno com as técnicas de leitura e escrita dos textos filosóficos; numa palavra, procuraria ensiná-lo a ler e escrever. Nada muito diferente, aliás, dos cursos dados no primeiro ano em 1971 e 1972, com exceção da última disciplina. Tratava-se justamente de implementar uma mudança com o intuito de anteparar as conseqüências advindas daquela que se produzira tanto no vestibular quanto na estrutura do curso nos anos de 1970 e 1971.

A proposta foi discutida e aprimorada pelos colegas; sua votação postergada e, na reunião seguinte, esquecida. Compreendo que fôssemos um tanto avessos às mudanças, nós, que só devíamos tratar do eterno. Nessa época, havia algo em nossa auto-imagem que nos impedia de nos defrontarmos com as chamadas situações concretas. Então, ao Departamento de Filosofia bem se aplicaria a frase de Madame de Staël, referindo-se aos pensadores alemães que se preocupavam, antes de tudo, em realizar um tipo superior de humanidade: "Não há interesse nem objeto de atividade para os homens que não se colocam à altura das mais vastas concepções. Quem não se ocupa com o universo, na Alemanha, de fato, nada tem a fazer"¹⁰⁰.

Por muito tempo, tal espírito presidiu as reuniões; nos dias de hoje, por vezes, ainda se faz sentir. Tudo se passa como se fôssemos os fiéis guardiães de uma tradição de seriedade e excelência; bem mais, como se sobre nós repousasse o peso ontológico da instituição. É que o Departamento de Filosofia da USP constitui uma entidade abstrata que se tornou mítica pela idealização de gerações sucessivas e que hoje, como outrora talvez, também serve a alguns interesses individuais. Mas, se outrora, graças à idealização, se mantinha uma unidade de propósitos, hoje esta só é lograda em relação a uma ou outra questão pontual.

No correr dos anos, foram várias as propostas de reestruturação do curso que apresentei; chegamos a discutir algumas, não implementamos nenhuma. E, para evitar o espectro da escolarização no primeiro ano, acabamos por permitir que se escolarizasse a graduação toda e, talvez, até a pós-graduação.

A meu ver, o Departamento jamais enfrentou de modo decisivo e decidido as transformações decorrentes do

¹⁰⁰ *De l'Allemagne*. Paris: Garnier-Flammarion, 1968, v.I, p.137-138.

desaparecimento do vestibular específico para filosofia em 1970. Antes, o concurso de habilitação tinha caráter seletivo; só ingressavam no curso os melhores dentre aqueles que a ele se destinavam. Preencher o número de vagas não era objeto de preocupação - ou quase; se bem me lembro, em 1969, chegou a haver uma segunda chamada. Depois, passaram a freqüentá-lo quase todos os que prestavam vestibular, ainda que quisessem apenas obter um diploma, qualquer diploma.

É sabido que na década de 70 ocorreram duas grandes inversões: o prestígio do ensino profissionalizante em detrimento da formação e, o que não é de somenos importância, a decadência da escola pública, que se viu sobrepujar em qualidade pelas particulares. Tais inversões tiveram impacto, acredito, na seleção dos estudantes para o curso de filosofia. Os que provinham de escolas particulares, mais bem preparados, buscavam cursos que lhes propiciassem acesso fácil e seguro ao mercado de trabalho. Mudança maior ocorreu com a supressão da filosofia no segundo grau. Os alunos que ingressavam não só eram os menos preparados para a filosofia como os menos capacitados em geral. Para tanto, concorria um conjunto de circunstâncias: a degradação que se produzira nos estudos secundários, o despreparo geral dos estudantes, o desconhecimento do caráter do curso de filosofia.

Hoje, a situação agravou-se. Mal existem os que o procuram por acreditar em seu caráter formador e a ele se dedicam com genuíno desejo de se cultivar. Predominam alunos despreparados e pouco afeitos à cultura e à reflexão; com espírito pragmático, eles buscam solução imediata para problemas bem concretos, os seus problemas. Tanto é que demandam que se leve em conta a fala do senso comum; exigem que se forneça resposta para os percalços da vida cotidiana. Ao que parece, a filosofia se tornou uma profissão como

outra qualquer e as Humanidades se converteram em ciências humanas.

A escolarização chegou de forma premente. Há trinta anos, honrávamos nossos professores procurando ultrapassá-los, porque, acreditávamos, nisso consistia o seu desejo. Hoje, as relações horizontalizam-se; com isso, desaparece a figura do mestre e, ao mesmo tempo, presencia-se, da parte dos estudantes, uma tendência crescente à paráfrase e ao plágio. O que são os trabalhos de graduação senão apontamentos tomados em sala de aula? Sem distanciamento algum, os alunos se apropriam do que disse o professor. Sem nenhum recuo, limitam-se a repetir as suas palavras. Mais do que nunca, vige o *magister dixit*.

Na década de 70, questionávamos a docência entendida enquanto reprodução de idéias; do professor queríamos bem mais. Hoje, seu papel sequer é o de mediador entre o aluno e o texto; já não há lugar para o trabalho exegetico. Pois, sequer se percebe que, ao propor uma leitura, ele já traz a sua interpretação e, por conseguinte, cria um novo texto. O que dele se espera nada mais é do que um *kit* de informações, a ser devolvido - e isso na melhor das hipóteses - no final do curso. Penalizados pela falta de caráter formador, quando dos estudos secundários, os estudantes não aprenderam a discernir e a discriminar. Despossuídos que foram da linguagem, eles se movimentam num universo cada vez mais restrito. Há quem diga que o empobrecimento da linguagem verbal os levou a desenvolver uma outra, a icônica. Será que se pode fazer filosofia com ícones?

E a escolarização trouxe com ela algo de uma mentalidade privativista. Não é raro que os alunos cobrem do professor presença em sala de aula no horário regulamentar, reclamem de suas exigências de leitura e contestem com veemência as avaliações. Também ocorre que não assistam às aulas e encomendem os trabalhos a serem entregues. Sintomas

da época em que estamos vivendo, tais atitudes e comportamentos parecem-me reveladores: do consumismo à delinquência, bem mostram jovens descomprometidos e sem perspectivas.

Nesses trinta e cinco anos, não há dúvida de que o curso de filosofia passou por diversas e profundas mudanças. Comparando as situações do ano em que prestei vestibular, em que como docente ingressei no Departamento e em que estou a elaborar este memorial, deparei-me com dados surpreendentes. Em 1969, em 1986 e em 2003, o número de vagas era, respectivamente, 120, 160 e 170 e o número de alunos matriculados na graduação, 341, 775 e 1034. Mas, em que pese o aumento do número de vagas e de inscritos, não cresceu de modo significativo o número dos que se formam¹⁰¹.

Numa época "produtivista" como a nossa, há quem defenda a supressão do curso de filosofia, dada a taxa de evasão; dessa perspectiva, ele é pouco rentável. E há quem advogue a sua manutenção, insistindo em seu caráter formador; nesse caso, seria preciso reduzir o número de vagas. A meu ver, não estaria aí a solução. Banida do ensino secundário na década de 70, a filosofia só voltou a integrá-lo enquanto disciplina optativa, ao lado da psicologia e da sociologia. Destarte, ainda que fosse viável, não haveria como exigir uma prova específica para o ingresso na graduação.

Acredito que o problema consiste nisto: seria possível resgatar o caráter formador do curso de filosofia nos dias de hoje? E, ainda que fosse, seria o caso? Como conciliar a imagem que ainda mantemos do Departamento de Filosofia da USP e a situação com que hoje nos defrontamos? Qual o sentido de garantir uma formação humanista numa sociedade com fins utilitários e interesses imediatos? Estamos cientes

¹⁰¹ Em 1969, 16 estudantes formaram-se; em 1986, 24; no primeiro semestre de 2003, 17. Dados fornecidos pela Seção de alunos de filosofia.

da necessidade de discutir a fundo a nossa graduação; nas reuniões, sempre expressamos o desejo de fazê-lo. Bem sabemos que deveríamos repensar nossos propósitos e nossa identidade. Sintomático que a discussão nunca se dê de forma abrangente e exaustiva. Não é raro, pois, seguirmos a reboque das circunstâncias. Tendo a cada momento de nos adequarmos a diretrizes que nos vêm de fora, vivemos na mais completa heteronomia.

Anos a fio, preparei os cursos; de forma obsessiva, redigi as aulas. Todo semestre, escrevia laudas e laudas. Há até como calcular: trinta laudas por aula; cerca de quatrocentas por semestre. Antes de começar, já tinha idéia do que trataria a cada semana. Planejava tudo, nos mínimos detalhes: aprontava as aulas, separava os livros, selecionava as passagens, reservava para consulta na biblioteca tanto os originais quanto as traduções que me pareciam mais bem cuidadas¹⁰². Julgando improdutivos os seminários, organizava-os de outra forma. Que análises de texto individuais e por escrito fossem entregues em algum momento do curso, era uma delas; com o tempo, fui obrigada a propor o exercício em grupo, dado o número de alunos em sala de aula. Mas sempre mantive a dissertação final, a partir de um dos temas fornecidos no primeiro dia de aula. Houve cursos em que abri espaço para discutir com cada estudante o projeto de dissertação cerca de um mês antes da data de entrega; hoje, as condições de trabalho inviabilizam por completo iniciativas desse teor. Nunca deixei, porém, de assegurar um horário de atendimento aos alunos; jamais deleguei essa tarefa. Ou seja, procurei reproduzir o que aprendera, o que eu mesma vivera.

¹⁰² Uma boa iniciativa das bibliotecárias foi a coleção didática. A cada semestre, os docentes são convidados a fornecer a lista dos livros com que vão trabalhar naquele período. Exemplares ficam retidos na biblioteca, ao dispor dos alunos, para consulta.

Fiel às minhas convicções de que filosofia e cultura andam juntas e de que é imprescindível a formação, não perdia a oportunidade de, à guisa de ilustração das questões em tela, comentar filmes, exposições e peças de teatro. Com o passar do tempo, dei-me conta de que os alunos pouco aprendiam. Não faziam leituras e, quando liam, não sabiam como ler; quando escreviam, não sabiam como escrever. Nas aulas, mostravam-se desatentos, quando não desinteressados. Não que a minha forma de lecionar contribuísse em grande medida para tanto, até onde posso ver; dado o meu temperamento, jamais consegui passar horas diante de uma mesa a ler um texto em voz alta. Ainda assim, procurei surpreendê-los.

Com intuito didático, mudei o estilo. Passei a organizar os cursos, de modo a reduzir o número de aulas expositivas, sem substituí-las, é claro, por seminários. Começava com apresentações de caráter geral do tema proposto, dos autores em questão, das questões a serem tratadas, da bibliografia obrigatória, dos critérios de avaliação. Procurava assegurar as condições favoráveis e necessárias para a realização do trabalho. A partir daí, a cada semana, promovia análises de texto; elas não ficavam a cargo dos estudantes nem a meu cargo. No início da aula, retomava o tema proposto e o que havia sido discutido até então; depois, propunha um texto enquanto objeto de um trabalho conjunto e, através de perguntas, estimulava os estudantes a se manifestarem a respeito. Jamais elucidava questões num primeiro momento; incentivava os estudantes a discutirem entre si, a defenderem posições diversas. Feito isso, com eles examinava as diferentes colocações, de modo a avaliar a pertinência e a aprimorar a formulação de cada uma delas. E assim buscava incitá-los a desenvolver, quando não o gosto, ao menos o hábito da leitura. Queria, sobretudo,

levá-los a exprimirem-se com clareza e, por conseguinte, terem maior clareza acerca de si mesmos e, talvez, do mundo.

Clareza, para mim, é fundamental. Não é raro, devo confessar, que elogiem a minha. É que comecei com um grande desafio. Tinha dezenove anos, quando pela primeira vez entrei numa sala de aula; os alunos, cerca de cento e cinquenta, eram todos mais velhos do que eu. Na aula teste que dei no Anglo Latino, falei sobre Bacon, como me fora pedido. Foram três anos, três anos e meio, em que trabalhei em cursos preparatórios para o vestibular. Neles, o talento didático era questão de sobrevivência. Se a experiência contribuiu para a minha clareza, a necessidade de ser clara, acredito, veio de outra parte.

Por um lado, era dever de boa filha não me apartar do mundo em que fora criada; a mim cabia - e isso me era lembrado a todo momento - traduzir as novas experiências, tornar compreensíveis os novos mundos que descobria. A mim competia dar o passo em direção ao outro; nesse gesto, havia algo do projeto político-pedagógico da *Aufklärung*. Assim, com o esclarecimento, julgava contribuir para a felicidade do maior número, convicção por muito tempo presente nas minhas atividades de docência e orientação.

Mas a necessidade de clareza se devia sobretudo a outra: aquela experimentada já na primeira infância. Jogo de fantasias e desejos jamais expressos, sequer admitidos, vivera num universo a cujos códigos não tivera acesso. Em meio a nebulosos conflitos de paixões, vivera num mundo em que a sedução e a manipulação estavam na ordem do dia. Nessa casa, eu, como única criança, precisei da clareza meridiana em relação aos meus próprios sentimentos e idéias, em relação a quem eu era. Tive de confrontar-me com mim mesma.

Depois da experiência em 1986, em que contrapus, no primeiro ano, a filosofia cartesiana e o pensamento pascaliano, foi sempre com o confronto que trabalhei na

graduação. Estabeleci interlocuções entre Kant e Nietzsche, os moralistas franceses do século XVII e Descartes, Nietzsche e a tradição filosófica, a filosofia moderna e o pensamento pós-moderno. Outra forma de conceber os cursos era esta: partia da análise de um texto específico e, remetendo a vários outros, investigava diferentes questões que vinham esclarecer aspectos da obra do autor e de seu diálogo com a história da filosofia. Detive-me no exame das *Meditações Metafísicas*, da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, do *Ecce Homo*.

Nietzsche: substantivo próprio ou substantivo comum? Com essa questão, bem me lembro, iniciei um dos cursos. Os mais incautos responderam de imediato: "Substantivo próprio, é claro!"; surpreendiam-se com a aparente obviedade da pergunta. Na verdade, com ela, queria chamar a atenção dos estudantes para o quanto se interpõe entre os leitores e o texto, entre nós e o autor. Arrolava as razões. Nietzsche passou por diversas edições; algumas geraram graves equívocos e contribuíram para diferentes apropriações ideológicas de suas idéias¹⁰³. É bem verdade que hoje existe uma edição crítica das obras completas e outra da correspondência¹⁰⁴, fruto de um trabalho de fôlego desenvolvido ao longo de anos com esmero e rigor. Mas Nietzsche escreveu em alemão na segunda metade do século XIX. De lá para cá, mudanças lingüísticas se produziram, expressões desapareceram, novos termos foram criados; ainda que tivéssemos profundo conhecimento da língua e de sua

¹⁰³ Caso notório é o da "edição canônica" da *Vontade de Potência*, livro que Elizabeth Förster-Nietzsche inventou, a partir de fragmentos póstumos do filósofo, e apresentou ao público como sua "obra filosófica capital".

¹⁰⁴ Trata-se das edições organizadas por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. 30v. e *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/1984. 8v.

evolução histórica, não teríamos dela a vivência. E Nietzsche fez parte de um universo cultural bem distinto do nosso. Estamos imersos em outra relação com o entorno e com nós mesmos; temos outra maneira de pensar, agir e sentir, outros comportamentos, atitudes e valores, outra visão de mundo. Mais ainda, Nietzsche foi objeto de comentários os mais diversos. Durante décadas, de diferentes maneiras, os estudiosos examinaram as suas idéias, analisaram o seu pensamento, entenderam a sua obra. No corpo a corpo com seus escritos, não há como evitar a fortuna crítica.

Se esta situação é, no limite, a de todo texto, filosófico ou não, no caso de Nietzsche, ela se agrava. À primeira vista, trata-se de um autor que se presta a apropriações. Mas uma coisa é evidenciar as utilizações indevidas que dele se faz; outra é assinalar as dificuldades de compreensão que seus escritos colocam. Neste caso, o leitor não se arrisca a defrontar-se com um texto hermético e impermeável a toda abordagem; mas corre o risco de julgar, iludindo-se, apreender com justeza o que parece facilmente acessível. E este perigo, mais grave, tem de enfrentar: o de deter-se onde é instado a prosseguir investigando, o de abandonar arbitrariamente a busca e apegar-se ao já conhecido. E nada mais avesso ao espírito nietzschiano que cristalizar convicções. Tanto é que o filósofo recorre a expedientes vários para atrair seus leitores, provocá-los e levá-los a toda espécie de tentações.

Muitas foram as utilizações da filosofia de Nietzsche. Desde o momento em que ele interrompeu a produção intelectual, as mais variadas imagens colaram-se à sua figura, as leituras mais diversas juntaram-se ao seu legado. À imagem nacional-socialista construída no Terceiro Reich veio opôr-se a marxista, que via seu pensamento como expressão da luta da burguesia contra o socialismo. No final da década de 60, a esta última intelectuais franceses

contrapuseram a que tomava sua filosofia justamente como aliada no combate ao emburguesamento. Mais recentemente, pensadores procuraram substituí-la por outra, que, na verdade, reeditou outras bem mais antigas: a de Nietzsche racista e anti-semita ou, na melhor das hipóteses, a de Nietzsche comprometido com o pensamento tradicional. Nos últimos tempos, a ela se contrapôs a imagem de Nietzsche pós-moderno, defensor da democracia ou mesmo do feminismo.

Substantivo comum, Nietzsche é um caso ímpar. Em vez de deparar-se com textos seus, o leitor parece ver-se diante de um emaranhado de leituras que não cessam de proliferar. Multiplicando-se, elas se justapõem e superpõem. Caleidoscópicas, terminam por confundir-se com a própria obra; mais ainda, acabam quase por constituí-la. Na verdade, até o conjunto de seus escritos é tão-somente o que se toma por convenção enquanto tal. E, ainda aqui, não há consenso: para uns, limita-se aos livros por ele mesmo publicados; para outros, inclui os fragmentos póstumos. Tudo leva a crer que não há como reconhecer a letra de Nietzsche, qualquer que tenha sido ela.

Como compreender os escritos do filósofo e de que maneira usá-los são ordens de questões que vêm juntas. Autor exigente, Nietzsche lança mão de diversos recursos para instigar seus leitores a se portarem como filólogos, a ruminarem seus pensamentos. Incitando-os a um trato penetrante com seus textos, deles reclama leitura cuidadosa e atenta, deles exige leitura comprometida. Nem a aversão nem o fascínio devem, pois, ofuscar o olhar do comentador - e, de igual modo, o do intérprete. Deixando-se tomar pelo fascínio, o leitor se identifica com o autor e, siderado pela miragem da alma gêmea, vê paralisar-se a capacidade de reflexão e embotar-se o espírito crítico. Entregando-se à aversão, afasta-se dos textos e, manifestando verdadeira alergia, deixa aflorar seus preconceitos e convicções mais

arraigados. Em ambos os casos, seja porque de Nietzsche procura apartar-se, seja porque dele busca acercar-se, acredita estar diante de um pensador dos mais acessíveis. Tomar o filósofo enquanto objeto de estudo ou como instrumento para refletir sobre outras questões exige, pois, que se avalie as leituras e usos que dele se faz. Num caso e noutro, não há como evitar a pergunta pela pertinência, pergunta essa que enfatizei em cada curso meu.

Já em 1989, comecei a organizar e coordenar seminários semanais sobre diferentes textos de Nietzsche. Era, no fundo, um complemento do trabalho de docência e, depois, veio a ser também do de orientação. No curso desses anos, junto com graduandos, pós-graduandos e, por vezes, um ou outro professor convidado de passagem por São Paulo, examinamos e discutimos diversos escritos do filósofo. Havia, por certo, o cuidado com a formação dos estudantes: propiciar-lhes conhecimento mais aprofundado do pensamento nietzschiano e prática mais constante da análise de texto. Havia, também, o zelo pela pesquisa dos orientandos: permitir-lhes desenvolver suas investigações e pôr à prova suas hipóteses. Havia, sobretudo, a intenção de deixar o isolamento do escritório e partilhar idéias e interesses. Foram estes seminários que constituíram a semente mesma do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, que depois vim a estruturar. É enquanto espaço em que se torna viável conjugar docência e pesquisa que ele até hoje se coloca.

Na verdade, fomos formados de sorte a pôr à prova em sala de aula os resultados de nossas investigações. Quando passei a integrar o Departamento de Filosofia da USP, não tive essa experiência nos cursos de graduação, mas ainda cheguei a ser com ela contemplada na pós-graduação. Mas, com a escolarização crescente, operou-se o mais completo divórcio entre docência e pesquisa. Portanto, se outrora era possível e mesmo desejável que o docente se apresentasse

enquanto pesquisador, partilhando com os alunos suas inquietações teóricas, hoje isso é totalmente inviável. Até mesmo na pós-graduação.

No que diz respeito aos cursos que nesse nível ministrei, solicitei o credenciamento de três disciplinas. A primeira delas, "Nietzsche, Cosmologia e Genealogia", derivou diretamente da tese de doutoramento. Embora a tivesse defendido em outubro de 1988, só vim a ministrar o curso no primeiro semestre de 1992. Sentia que precisava de tempo para preparar-me. As duas outras, "Nietzsche, uma leitura crítica de *Assim falava Zaratustra*" e "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência", resultaram de pesquisas desenvolvidas desde então.

Num dos cursos, bem me lembro, tomei por fio condutor a questão do sujeito. A partir de textos de Heidegger, Habermas e Foucault, comecei por examinar de que modo cada um deles lidava com a modernidade e, dentro dessa perspectiva, de que maneira interpretava a filosofia nietzschiana. E, trazendo os escritos de Nietzsche, pude expor minha própria interpretação, destacando os pontos de convergência e divergência em relação às anteriores. Em outro curso, persegui o propósito de investigar as relações entre autor e obra. Privilegiei o estudo de dois grupos de textos de Nietzsche: de um lado, os prefácios de 1886 aos livros já publicados e os capítulos da autobiografia de 1888 que deles tratam e, de outro, passagens selecionadas desses mesmos livros. Questionando as ilusões da visão retrospectiva, pude discutir a idéia mesma de assinatura.

Trabalhar na pós-graduação durante esses quinze anos representou uma expectativa e uma frustração. A expectativa de pôr à prova as minhas hipóteses de pesquisa, as minhas vertentes interpretativas; a frustração de me haver com estudantes em sua maioria desprovidos de cultura filosófica. Mas houve exceções notáveis; para citar duas: Paulo Menezes

brindou-me com um belo trabalho, que veio a integrar o seu livro *A trama das imagens*, e Paulo Nogueira Batista Jr., na qualidade de ouvinte, honrou-me com suas brilhantes intervenções.

Na verdade, das incumbências acadêmicas a que considerei mais gratificante foi a de orientação. Tanto é que a ela dediquei, e ainda dedico, parte substancial do meu tempo. É que, de alguma forma, jamais pude prescindir do outro. Era com entusiasmo e, por vezes, até com certa avidez que me relacionava com os orientandos. A eles sempre quis dar o que nunca recebi: segurança. Tendo em vista levá-los a realizar um trabalho de excelência, neles apostei mais do que eles próprios. E por isso mesmo, sem jamais perder o rigor.

Grandes alegrias tive enquanto orientadora com a orientação; dentre elas, a de formar Alberto Onate e Clademir Araldi. E alguns dissabores também. Não falo aqui daqueles, dois ou três, que tentaram denegrir o meu trabalho e difamar a minha pessoa, quando não destruí-los, por não encontrarem na relação comigo soluções de facilidade. Penso nos vários que não se envolveram com a pesquisa, que com ela não conseguiram se comprometer. Penso naqueles que me procuraram, contaram com a minha dedicação e não souberam fazer jus a ela. Com estes, em geral, não estabeleci vínculo institucional; e, se vez ou outra cheguei a fazê-lo, foi - menos mal - ao nível de iniciação científica. Regozijo-me por ter levado todos os meus orientandos, tanto ao nível de mestrado quanto de doutorado, a concluírem e defenderem suas dissertações e teses. Do meu trabalho, resultaram até o momento cinco doutorados, dez mestrados e dezessete trabalhos de iniciação científica concluídos.

Por entender orientação enquanto formação, parto de um princípio ou, quiçá, de um sentimento: o de que orientador e orientandos jamais devem deixar de ser solidários. Por isso

mesmo, procuro estar atenta ao movimento de cada um, pôr-me à escuta de suas necessidades e, levando em conta lacunas e talentos singulares, praticar a equanimidade para com todos.

Continuo a organizar e coordenar as reuniões do grupo de orientação, que instituí há alguns anos. Cada um dos orientandos compromete-se a submeter à apreciação do grupo um texto seu a cada semestre. Pouco importa se é projeto de pesquisa, ensaio ou parte de capítulo; se está apenas esboçado, em fase de elaboração ou já concluído. Em geral, sou intransigente em relação às datas. Duas razões motivam o meu comportamento; espero concorrer para que o estudante organize o seu cotidiano, de forma a atender aos compromissos assumidos, e se prepare para lidar com os prazos no seu percurso acadêmico. Tanto é que até agora mestrandos e doutorandos sob minha orientação entregaram suas dissertações e teses, cumprindo rigorosamente os prazos estabelecidos e, ainda assim, não raro obtiveram em suas defesas menções de distinção e louvor.

Uma semana depois de receber o texto, reúne-se o grupo para uma seção de trabalho. Nela, cada um dos integrantes questiona o colega acerca das idéias que apresentou e este procura defender as posições que assumiu. Com esta iniciativa, procuro estimular o debate de idéias entre os orientandos e prepará-los para as situações que terão de enfrentar, quando da defesa pública de seus trabalhos. Estes são, sem dúvida, pontos positivos dessa maneira de atuar. Contudo, por vezes, parte do grupo se limita à leitura burocrática dos textos e à participação mínima na discussão. Estes são, por certo, desafios para essa forma de trabalhar.

Até quando será possível desenvolver tais atividades? Não sei. No que respeita à docência, do professor se quer cada vez mais um facilitador; a ele cabe tornar acessíveis, no limite manipuláveis e deglutíveis, informações. No que concerne à orientação, do docente se espera alguém capaz de

abrir portas; a ele compete facilitar as bolsas de estudo, favorecer a colocação profissional, promover a visibilidade.

Sempre entendi que o Departamento de Filosofia da USP tinha a responsabilidade social de contribuir, de diferentes maneiras, para a investigação filosófica no país. Uma delas consistia em colaborar, através da doação de suas publicações, na formação das bibliotecas de universidades públicas; outra, em concorrer, através do trabalho de seus orientadores, para a formação de pesquisadores. De uns anos para cá, não é mais por afinidade intelectual ou necessidade teórica que se dá a busca de orientação. No mais das vezes, o postulante sequer tem conhecimento das publicações do futuro orientador, de seus interesses ou de sua trajetória. De forma a garantir o ingresso no programa de pós-graduação, ele está pronto a modificar o projeto de pesquisa, abandonar o horizonte temático que elegera e até renunciar à área em que se inscreveria. Antes, buscavam a minha orientação por conhecerem o meu trabalho e, de alguma forma, estimarem a sua importância. Hoje, predominam os que por ela procuram, tendo em mente o que porventura eu tenha a oferecer em termos bem materiais e concretos.

Na minha caixa de correio eletrônico, é incontável o número de mensagens à espera de resposta. Ao lado de promoções de toda sorte, inclusive as pessoais, proliferam os pedidos de orientação ou de esclarecimento. Eles vêm de toda parte do país; raras vezes correspondem ao que se chama de demanda qualificada. Tanto é que graduandos em informática, psicologia, economia, pouco importa, já nos primeiros anos de graduação, procuram garantir o futuro. Estudantes das mais diversas proveniências querem tirar dúvidas. "A senhora pode me dizer, em duas linhas, o que é o materialismo dialético?" "Quando vão ser as inscrições para a pós-graduação?" "Estou muito ansioso; preciso com urgência de uma resposta para cinco questões". Multiplicam-se os

exemplos. Eles não revelam absurdos; apenas dão mostras da situação em que se encontra o ensino de terceiro grau no país.

Meu impulso primeiro sempre foi o de atender, de imediato, às solicitações externas; com isso, eu me aparto das minhas próprias, de mim mesma. Assim é que acabo por deixar a necessidade de ler e escrever para um segundo, terceiro, quarto, oitavo plano. E, como a palavra tem para mim peso irrecusável, entendo toda demanda alheia como fundamental. Aos tropeções, caminho de um equívoco a outro. Tardo a perceber que, nestes nossos tempos, o comprometimento com o dito e o escrito não é de ordem geral. Ao que parece, muitos almejam atingir o ponto de chegada sem sequer engajarem-se no caminho. Numa sociedade competitiva como a nossa, não é para todos que *O Sol também se levanta*¹⁰⁵.

Em face da sombra projetada pelos mestres que tive e pelos que não pude ter, sentia que precisava fazer por merecer o lugar que ocupava. Ele não me fora dado; raras as vivências de filiação em minha vida. Ele tinha de ser conquistado; pelo trabalho, antes de mais nada. Procurei realizar da melhor maneira o meu. E esta não é mais uma frase feita; com ela, deixo entrever o grau de exigência que me acompanhou em cada atitude, gesto ou palavra. Num texto, as vírgulas bem colocadas; numa aula, a expressão adequada; com um orientando, a atenção plena. Zelar pelos detalhes, por cada detalhe, talvez seja esse um dos maiores defeitos do perfeccionismo. Porque assim perdi a visão de conjunto e, o mais grave, o senso das prioridades.

É tempo de perguntar-me - e já me pergunto - em que medida não me enganei quanto ao que era prioritário, não me

¹⁰⁵ Hemingway também foi um dos autores que marcou a minha geração. Além do livro mencionado, quando adolescentes, líamos *O Velho e o Mar*, *Por quem os sinos dobram* e *Adeus às armas*.

equivoquei quanto à hierarquia de valores. Ao privilegiar a tarefa formadora, por vezes, dediquei horas a orientar um estudante, que, inseguro de suas motivações, não estava certo de suas escolhas ou a responder perguntas de um aluno, que, displicente quanto a suas próprias tarefas, queria recuperar o tempo perdido. Horas que talvez fossem mais bem empregadas se eu tivesse levado adiante minha própria pesquisa, minha escrita e reflexão. Em que medida - no fim das contas é nisto que consiste a pergunta - a professora não se impôs em detrimento da intelectual?

* * *

Minha vida intelectual, depois do doutorado, foi marcada por sucessivos abortos. Nietzsche e a teoria do conhecimento foi o primeiro deles; Nietzsche e Pascal, foi outro; Nietzsche e os moralistas franceses, um terceiro; e assim por diante.

Longa foi minha história com Nietzsche. Durou cerca de trinta anos. Por vezes, cometia pequenas infidelidades. Foi o que ocorreu quando me pus a estudar Pascal e, depois, os moralistas franceses; neles, encontrei idéias e formas de expressão que me remeteram outra vez a Nietzsche. Ocorreu, também, quando aprofundei os estudos da filosofia crítica; Kant me fez compreender melhor Nietzsche e a ele me levou de volta. Com o intuito de perscrutar ainda mais o pensamento nietzschiano, estudei Descartes, Stuart Mill, Heráclito, La Rochefoucauld, Rousseau, Platão, Hegel, Vauvenargues, Herbert Spencer, Schopenhauer, La Bruyère, Hume. Com o mesmo intuito, revisitei Heidegger e Foucault, Habermas e Derrida. Em uns, descobria pontos de divergência e de convergência em relação ao filósofo; em outros, em relação à minha própria interpretação de sua filosofia.

Minha história com Nietzsche foi longa. Começou em 1970. A Nietzsche levou-me o acaso, "por mero descaso", e a determinação; ao folhear os livros na biblioteca, deparei-me com *A Genealogia da Moral* e nele me detive. Hoje, reputo que, de seus textos, este é o menos instigante. Dissertativo, peca por excesso de unidade; em que pese apresentar-se enquanto "escrito polêmico", argumenta e demonstra. Talvez, para mim, tenha perdido o interesse por outras razões. Ensejou literatura secundária, excessiva, e converteu-se em porta de entrada, inevitável, do pensamento nietzschiano. É dele que lança mão o iniciante ou, ignorante de sua pretensão, se arrisca a enveredar sem prévio aviso por *Assim falava Zaratustra*.

Em 1971, elaborei as dissertações finais de História da Filosofia Antiga, sob a responsabilidade de Leon Kossovitch, e de Metafísica e Linguagem, disciplina optativa, a cargo de Victor Knoll¹⁰⁶, a partir de Nietzsche. Num caso, seguindo de perto a interpretação de Deleuze, procurei discutir sua crítica ao pensar metafísico; noutro, acompanhando o comentário de Heidegger, contei debater as relações entre filosofia, arte e ciência no contexto de sua obra.

¹⁰⁶ Era este o programa previsto:

"FLF470 - Linguagem e Metafísica - Prof. Victor Knoll.

1. A linguagem como suporte da metafísica clássica.
2. O modelo falido da Metafísica: a linguagem aprisionada.
3. Obra e Modelo.
4. Saber e Artifício.
5. Trilho e Trilha da Metafísica: Linguagem e Metáfora.
6. A Metafísica é uma aurora.

BIBLIOGRAFIA básica:

Descartes - *Meditações Metafísicas*.

Kant - *Prolegômenos*

J.Claude Piguet - *Da Estética à Metafísica*.

Max Black - *Modelos e Metáforas*.

Brice Parain - *Pequena Metafísica da Fala*.

Friedrich Nietzsche - *Além do Bem e do Mal*.

Friedrich Nietzsche - *Assim falava Zaratustra*" (Documento que consta dos arquivos do Departamento de Filosofia relativos às estruturas curriculares do curso de graduação e de pós-graduação).

Em 1972, preparei o projeto de mestrado "Intelectualismo e Cultura - ensaio sobre a teoria da linguagem de Friedrich Nietzsche", sob a orientação de Marilena Chauí. O trabalho chegou a contar, por um tempo, com o apoio da FAPESP. Com ele, era minha intenção questionar até que ponto o filósofo escapa às malhas do discurso ocidental. Pretendia, primeiro, analisar a concepção nietzschiana da linguagem; depois, investigar o discurso nietzschiano, inquirindo em que medida, ao rechaçar as categorias do discurso ocidental, delas permaneceria prisioneiro; por fim, indagar das possíveis relações entre a elaboração de um novo discurso, o de Nietzsche, e o pano de fundo ideológico sobre o qual ele se coloca. Marcado pelo espírito da época, o projeto devia a Foucault a idéia de discurso ocidental; ao pensamento marxista, a noção de ideologia e, a mim mesma, o problema da linguagem. Propunha-me a perquirir "o espaço de um discurso que não simplesmente manifesta o desejo mas é também o seu objeto, que não simplesmente desvenda lutas e sistemas de dominação mas é também o poder de que se quer tomar posse".

Mas, em julho de 1973, cheguei a Paris. Lá, busquei a orientação de Maurice de Gandillac. Ele era responsável, com Deleuze, pela edição das *OEuvres Philosophiques Complètes* de Nietzsche junto à Gallimard; sua especialidade, porém, consistia na filosofia da Idade Média e do Renascimento. Muito rapidamente, percebi que não tinha como contar com um orientador; a dissertação de mestrado foi um trabalho solitário, o primeiro dentre vários. Nele, detive-me no exame da concepção de verdade presente na obra de Nietzsche. Comecei por examinar a relação entre verdade e linguagem e, em seguida, a idéia de vontade de verdade, para então pôr em causa as dicotomias que, a partir dela, se instituem. Nele, dediquei-me sobretudo à desconstrução. Afinal, era um momento em que se privilegiava a vertente corrosiva do

pensamento de Nietzsche, em que se procurava incluí-lo ao lado de Marx e Freud entre os "mestres da suspeita".

Defendi a dissertação¹⁰⁷, em outubro de 1974, junto à *Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne*. Na verdade, entre o mestrado e a *maîtrise*, havia um descompasso. Enquanto lá cumpria redigir quase uma tese, aqui se tratava de elaborar um trabalho de conclusão de curso, uma monografia. Desnecessário dizer que fiquei insatisfeita com o resultado final, assim como insatisfeita ficara com o vestibular. Não tivera a oportunidade de mostrar o que sabia ou, ao menos, o que julgava saber. E logo me pus a trabalhar na tese de doutoramento, desta vez procurando a orientação de Hélène Védrine, cujo curso havia seguido para cumprir os créditos exigidos pela *maîtrise*.

Meu intuito era o de investigar "As relações entre ideologia e linguagem a partir de uma perspectiva nietzschiana. A linguagem e seu duplo aspecto: campo de forças e poder de significação". Porque profundamente ligada a outros domínios, a linguagem constituiria lugar privilegiado de manifestação de forças, presença não só do que elas querem manifestar mas do que efetivamente manifestam. O projeto foi se desenvolvendo, sofrendo inflexões. Ao prestar o exame para obter o D.E.A. (Diplôme d'Études Approfondies), então exigido na universidade francesa para prosseguir na elaboração da tese de doutoramento, apresentei o trabalho "Autour de l'histoire". Nele, propunha-me a analisar as noções de história com que Nietzsche trabalha; queria elucidar os pressupostos de que ele parte para pensar a sua época. E visitava outros textos

¹⁰⁷ Com o título "Pour une généalogie de la vérité - Essai sur la notion de vérité chez Friedrich Nietzsche", ela compunha-se de três capítulos: "Vérité et langage", "Le temps d'inquisition", "L'espace de la lucidité". O primeiro deles foi publicado em português, em 1979. Cf. "Por uma genealogia da verdade", in *discurso* 9 (1979). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.63-80.

seus, examinando seus ataques a Hegel, ao hegelianismo, aos filisteus da cultura.

Então, regressei ao Brasil. Não havia como concluir aqui um trabalho de pesquisa iniciado lá. Sensível aos estímulos externos, como poderia não levá-los em conta? Outra era a luz, outras as cores, outra a coloração interna também. Mas não só. A inserção profissional me exigia outras leituras e me colocava outras questões.

Em 1980, voltei ao Departamento de Filosofia da USP. Desta vez, inscrevi-me para realizar o doutorado. Seguindo a sugestão de Bento Prado Júnior, entrei em contato com Paulo Arantes. Não o tivera como professor na graduação; na época, ele se encontrava em Paris preparando sua tese sobre Hegel. Agora o teria como orientador.

Durante quase oito anos, procuramos dialogar. Ele, que se dizia apenas um leitor atento, parecia proceder a uma demolição sistemática das páginas que lhe entregava. E assim me forçava a aprimorar a estratégia do texto, a refinar os argumentos que punha em cena, a polir as idéias que apresentava, em suma, a afiar as armas para defender as minhas posições. Ao ler meus trabalhos antes de minha viagem à França, Marilena Chauí evidenciava o encadeamento lógico das idéias, punha à mostra a estrutura argumentativa e fazia até correções de português; encorajava a levar adiante a pesquisa, recomendava uma profusão de livros e era pródiga em elogios. Ao comentar meus escritos, Paulo Arantes parecia empenhar-se em desmontá-los. Quando eu reclamava indicações sobre como elaborar o trabalho, ele se limitava a reiterar: "Você tem o Nietzsche todo na cabeça!". E, quando demandava referências bibliográficas para lidar com alguma questão, retorquia: "Você conhece a literatura secundária melhor do que eu!" Ambos, Paulo Arantes e Marilena Chauí, cada um à sua maneira, em muito contribuíram para o meu percurso

intelectual. Na minha forma de orientar, procurei reunir o que de melhor me deram: rigorosa leitura crítica e reiterados incentivos.

Foi em 1980 que assisti ao curso de Gérard Lebrun¹⁰⁸. Conhecera-o no meu último ano da graduação; suponho que, em 1972, estivesse de passagem por São Paulo. Ao final da sua estada, organizaram uma festa de despedida em casa de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Quando lá cheguei, qual não foi a minha surpresa ao ver a casa cheia de jovens da periferia, convidados do homenageado! Enquanto Giannotti, com outros professores do Departamento, entretinha o adido cultural francês, Lebrun se divertia dançando no meio da sala. Sua irreverência chamou a minha atenção; a ousadia de suas idéias e atitudes ganhou o meu apreço. Da filosofia, ele sempre fez uma história heterodoxa. Não procurava reconstituir sistemas de pensamento, tomando-os isolados uns

¹⁰⁸ Contava com este programa:

"FLF 882 - História da Filosofia Moderna

Programa: Ambição e ambigüidade da 'teoria crítica' segundo Jürgen Habermas

Crítico ainda racionalista de Husserl, herdeiro da filosofia prática do idealismo alemão e, nesta medida, contestador do 'positivismo' no sentido mais amplo, Habermas tenta elaborar um novo estatuto das 'ciências do Espírito' (*Geisteswissenschaften*). Leva esta tentativa a um novo ecletismo? Consegue ela, pelo contrário, obter um enfoque novo no campo da antropologia? Estudo não de Habermas, mas do confronto de Habermas e da tradição pós-kantiana, este curso pretende analisar alguns aspectos e algumas dificuldades do conceito de '*crítica*' hoje.

1. A referência husserliana: a *Krisis*.
2. A referência transcendental: Kant e Fichte.
3. A retomada da *Fenomenologia do Espírito* e a historicização da teoria do conhecimento. Utilização do jovem Hegel.
4. Teoria do conhecimento e teoria da sociedade.
5. A 'arqueoologia do positivismo'.
6. A 'teoria crítica' entre filosofia e positivismo. A revisão do marxismo.
7. As 'ciências do Espírito' e a 'auto-reflexão'. O vínculo entre *conhecimento* e *interesse*.
8. A retomada crítica das 'ciências do Espírito'. Exemplo duma hermenêutica crítica: a psicanálise.
9. A reflexão crítica contra a hermenêutica. Habermas e Gadamer" (Processo nº 71.1.15236.1.6 CX: 4518 da FFLCH, fl. 427).

dos outros. Ou determinar verdades de doutrinas, substituindo-as umas às outras. Tampouco pretendia cotejar sistemas filosóficos ou comparar verdades doutrinárias, apontando suas afinidades e divergências, seus débitos e créditos. Queria - isto sim - criar uma reflexão filosófica própria, um estilo.

Não é por acaso que Lebrun privilegiava pensadores como Nietzsche e Pascal, recorria a eles como instrumentos de trabalho, utilizava conceitos seus como operadores. Essa "caixa de ferramentas", seja a reviravolta do pró ao contra pascaliana ou a genealogia nietzschiana, permitia-lhe desvendar a trama, revelar o ardil dos filósofos. Tampouco é por acaso que eu jamais encontrava, no volume *Nietzsche - Obras Incompletas* da Coleção "Os Pensadores", as passagens que buscava. É que Lebrun fizera dos textos do filósofo uma seleção "ideológica"; pusera Nietzsche a serviço de suas idéias. Rejeitando a técnica da contabilidade, ele entendia a filosofia como *discurso*, linguagem que instaura suas próprias regras, de sorte que não diz o verdadeiro, embora possa achar-se "no verdadeiro". Tratava, pois, de apreender os *partis pris* velados de um procedimento lógico, de captar as idéias subjacentes a uma obra, de diagnosticar o não-dito de um autor. E tudo isso me provocava arrepios; se de um lado me instigava, de outro me parecia assustador.

Em 1983, convidei Lebrun para integrar a banca de meu exame de qualificação e, em 1988, a de doutorado¹⁰⁹; em ambas as ocasiões, ele não pôde estar presente. Anos a fio, viveu entre São Paulo e Aix-en-Provence. Em 1984, Giannotti

¹⁰⁹ Ao comentar a minha intenção de com ele contar na defesa da tese, Bento Prado Júnior se pôs a relatar como havia sido a sua própria defesa, a de livre-docência. Receoso da possível argüição que Lebrun lhe faria, ele se via retomando a frase de Turenne: "Carcasse, tu trembles? Tu tremblerais bien davantage, si tu savais où je te mène". ("Carçaça, tremes? Tremerias ainda mais, se soubesses aonde te levo"). A frase aparece como epígrafe à quinta parte da *Gaia Ciência*.

convidou-me para participar de uma mesa-redonda, com Loparic e Lebrun, sobre a filosofia nietzschiana. Ela teria lugar no I Encontro Nacional da ANPOF em Diamantina. Perguntei-lhe se teria um tema específico; respondeu-me que não. "Nietzsche" foi como a intitulou. Apreensiva, não sabia do que iria falar. Alarmada, não tinha idéia do que iria tratar.

Alguns dias antes da viagem, entrei em contato com Lebrun, que, gentil, me convidou para almoçar. Em geral, era ele quem levava a conversação; não gostava de discutir sobre o que não lhe interessava. Para minha surpresa, começou a contar do texto que iria apresentar. Ouvi, estarrecida. Falaria a respeito da noção de vida em Nietzsche; precisamente o tema que eu havia eleito. E, o que é o pior, advogaria posição contrária à que eu pretendia sustentar. Faltavam poucos dias para o Congresso; não dispunha de tempo para elaborar outro trabalho. Em Diamantina, tive de expor o que havia preparado. Ao lado de Lebrun, que fazia uma leitura de Nietzsche pelo avesso, defendi idéias que eram o avesso das suas. Anos depois, organizei em sua homenagem um dos números da *discurso*¹¹⁰, então sob minha responsabilidade. Ajustava-se perfeitamente ao projeto editorial, que eu julgava ser o da revista, e ao perfil, que a ela havia impresso. Justificava-se, a meu ver, pelo impacto que a sua reflexão provocou entre nós nas três décadas ou mais em que contamos com a sua presença. Foi, sobretudo, a maneira que encontrei de agradecê-lo por dar-me a ver outros Nietzsches possíveis, por fazer-me conhecer outras formas de trabalhar com filosofia.

Antes disso, passei pelo exame de qualificação. Não fazia muito tempo que havia sido instituído na pós-graduação; nem o seu caráter nem a sua pertinência estavam

¹¹⁰ Trata-se de *discurso* 22 (1993), que contou com trabalhos de quatro brasileiros: Marilena Chauí, Paulo Arantes, José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior, e de quatro franceses: Jean Mathiot, Francis Wolff, Pierre Macherey e Gilles-Gaston Granger.

claros. Sem saber se se tratava de uma prova para valer ou de mera exigência burocrática, a ele eu precisava atribuir um sentido. Algo similar se passa ainda hoje; sempre tive dificuldade em entender os caprichos da burocracia. Atualizar o meu *curriculum vitae*¹¹¹, por exemplo, ou elaborar um relatório de pesquisa tornam-se ocasião para fazer um balanço de minhas atividades, apreciá-las e sobre elas refletir. Em 1983, converti o exame de qualificação em desafio. Não queria, em hipótese alguma, uma banca condescendente; por isso mesmo, nela desejava ter estudiosos de Nietzsche. Ex-colegas da graduação foram indicados para integrá-la; sem nenhuma intenção de desmerecê-los, convidei Rubens Rodrigues Torres Filho e Gérard Lebrun para dela participarem em caráter oficioso. Se não pude contar com Lebrun, em viagem para a França, Rubens honrou-me com a sua argüição.

Para levar a bom termo a tese de doutoramento, passei por três projetos. Gestado em Paris, o primeiro deles alterou-se em São Paulo. Avaliar o alcance da crítica de Nietzsche à cultura filistéia exigia investigar a concepção de cultura de que ele partia e reinscrevê-lo em sua época. Para compreender a situação da Alemanha nas últimas décadas do século XIX, pesquisei e li por um bom tempo acerca dos acontecimentos e da atmosfera cultural da Europa. Dentre as bibliotecas, as que mais frequentei foram a Nacional do Rio de Janeiro e a Mário de Andrade de São Paulo, além do acervo de História de nossa Faculdade. Aí encontrei preciosidades. Lançando mão da análise das idéias, contava estabelecer a rede teórica no interior da qual Nietzsche se movimenta e,

¹¹¹ Em diversas versões e para diversos fins, na plataforma Lattes enquanto pesquisadora do CNPq, de acordo com as determinações da CAPES para avaliar o programa de pós-graduação em filosofia do Departamento de Filosofia, sob a forma de súmula curricular junto à FAPESP ou, ainda, segundo diferentes formatos atendendo a solicitações de organizadores de eventos e de publicações.

recorrendo à das mentalidades, inserir o discurso nietzschiano no momento de sua produção. Indissociáveis, eram procedimentos que deveriam dar-se ao mesmo tempo. Não pretendia, de modo algum, discutir as relações entre história factual e história intelectual, fazendo minha a posição de Norman Hampson: "Longe de mim dizer que as relações causais entre os desenvolvimentos econômicos, as atitudes sociais e as especulações intelectuais não existem. Ao contrário, tudo me parece sugerir essa simbiose, mas a sua natureza e o seu modo de operação são extremamente complexos e talvez até incompreensíveis"¹¹². Partia do pressuposto de que o discurso nietzschiano não era autônomo e independente, mas inserido num contexto preciso; a filosofia nietzschiana não se achava fora do mundo, mas inscrita num tempo e espaço determinados. Contudo, por mais que tentasse, não sabia fazer conviver o discurso filosófico e o discurso histórico.

Sem que eu mesma soubesse, o trabalho que apresentei, quando do I Encontro Nacional da ANPOF¹¹³, trouxe em seu bojo a idéia central do que veio a constituir a tese de doutoramento. Nele, tratei de examinar a concepção nietzschiana de vida, mostrando o estreito vínculo com a noção de valor. Explorei as relações entre vida, força e vontade de potência, fazendo ver que, datado, Nietzsche sustenta suas teses cosmológicas e, extemporâneo, inaugura a genealogia.

¹¹² HAMPSON, Norman. *Le siècle des Lumières*. Trad. Françoise Werner e Michel Janin. Paris: Seuil, 1972, p.6.

¹¹³ "Notas sobre a vida - Reflexões sobre este conceito, em Nietzsche". In: *Anais da ANPOF* v.1, n.1 (1986). Campinas: ANPOF, p.03-12.

No doutorado, defendi a tese¹¹⁴ de que a filosofia nietzschiana é uma filosofia à *double volet*. Apresenta, de um lado, a face corrosiva da crítica, com a noção de valor e o procedimento genealógico, e, de outro, a face construtiva da cosmologia, com o conceito de vontade de potência, a teoria das forças e a doutrina do eterno retorno. Longe de serem incompatíveis ou excludentes, elas fazem parte de um mesmo projeto. Pois, a questão que se coloca para o filósofo é a de como administrar o legado kantiano. Examinando o conjunto de seus escritos, sustentei que, neles, ao contrário do que se passa em Kant, a tarefa crítica não se põe como prolegômeno ao sistema, mas dele é parte constitutiva.

Adotando uma abordagem a um só tempo estrutural e genética, procurei mostrar que Nietzsche vai buscar na psicologia o ponto de intersecção das *Naturwissenschaften* e das *Geisteswissenschaften*. No século XIX, a distinção entre razão pura e razão prática acaba por converter-se, por obra dos ingleses, nesta outra: entre as ciências da natureza e as chamadas ciências morais. Estabelecer o ponto em que se entrecruzam é o que pretendem os evolucionistas; é também o que Nietzsche ambiciona. Entendendo a psicologia como a investigação da proveniência e transformações dos valores morais, ele acaba por identificá-la ao procedimento genealógico. Ao trabalhar com a noção de valor, rejeita, a um só tempo, o ensaio kantiano de legitimar a moral num mundo supra-sensível e a tentativa utilitarista de derivar da experiência as diretrizes da conduta humana. Mas, para fazer a crítica dos valores, precisa de um critério de avaliação que, por sua vez, não possa ser avaliado; é na vida, concebida enquanto vontade de potência, que julga

¹¹⁴ "Nietzsche, cosmologia e genealogia" foi publicada com o título: *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990. Dez anos depois, veio a público a segunda edição: Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2ª ed., 2000.

encontrá-lo. Nessa medida, retoma o projeto spenceriano de fundar as investigações éticas em teses cosmológicas. Portanto, a originalidade da genealogia está em operar com a noção de valor; sua limitação, em repousar numa cosmologia.

À minha maneira de lidar com os textos de Nietzsche, apliquei uma expressão sua; deles tratei "sem desconto, exceção e seleção". De um lado, uma arte de interpretação e, de outro, uma teoria das forças: essa duplicidade atravessa toda a sua obra. Verifica-se na crítica à chamada metafísica dogmática: os objetos da cosmologia, psicologia e teologia racionais são redefinidos a partir das teses cosmológicas; alma, Deus e mundo verdadeiro são termos que revelam a grosseria da linguagem. Aparece nas considerações gnoseológicas: a fisiologia esclarece como o conhecimento é possível e como ele se dá; a história elucidada que formas o homem lhe imprime e que valores lhe confere. Está presente nas próprias teses cosmológicas: cada configuração de forças tem em relação a tudo o mais sua maneira de apreciar, agir e reagir; da sua perspectiva, ela interpreta o mundo. Imprescindíveis em seu pensamento, a arte de interpretação e a teoria das forças impedem que se opte entre a força e o sentido. Ao fazer de Nietzsche um pensador do século XIX, quis justamente realçar o caráter radical e inovador de seu pensamento.

Houve algo de paradoxal na defesa do doutorado: a nota 9,9 com distinção e louvor. Ao que parece, um dos arguidores, Jeanne-Marie Gagnebin, recusava-se a atribuir a nota máxima e outro, Rubens Rodrigues Torres Filho, insistia em conferir a menção. Desconheço as razões que os moveram. Os integrantes da banca¹¹⁵, de modo geral, elogiaram o caráter não ditirâmico da tese. Na verdade, ele respondia à

¹¹⁵ Além dos já mencionados, eram eles: Paulo Arantes, Marilena Chauí e Bento Prado Júnior.

necessidade minha de mostrar haver na obra de Nietzsche um sistema; melhor, respondia à minha necessidade de elaborar um estudo sistemático de sua filosofia.

No mestrado, deixara-me levar pela idéia de interpretação tão em voga na época. O Nietzsche da juventude francesa dos anos setenta não era o de Bataille, mas o de Foucault. Em 1964, no Colóquio de Royaumont, Foucault aproximou "Nietzsche, Marx, Freud", mostrando que, no século XIX, eles teriam inaugurado uma nova hermenêutica. Não se tratava de examinar esses pensadores para contrapor suas idéias ou de recorrer a um deles para demolir o outro, mas de relacioná-los justamente porque, em vez de multiplicarem os signos do mundo ocidental, criaram nova possibilidade de interpretá-los. Grande foi o impacto de seu trabalho. Em 1972, Deleuze, Klossowski e Lyotard exploraram em outra direção a trilha por ele aberta. No Colóquio de Cerisy "Nietzsche aujourd'hui?"¹¹⁶, insistiram em atribuir ao filósofo lugar privilegiado: não pretendiam pensar a atualidade do texto nietzschiano, mas pensar a atualidade através dele. Deleuze e Lyotard eram taxativos: Nietzsche não se presta a comentários, como Descartes ou Hegel. Nele, a relação com o exterior não está mediada pela interioridade do conceito ou da consciência; as palavras não valem como significações, representações das coisas. E querer revelar o sentido de seu discurso implicaria justamente tomar o partido da interioridade e da representação. Apontavam assim para uma leitura intensiva de Nietzsche: no dizer de Deleuze, conectar o texto com a força exterior pela qual ele faz passar algo ou, no de Lyotard, produzir novas,

¹¹⁶ A partir de uma seleção de textos apresentados no evento, organizei *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy* (São Paulo: Brasiliense, 1985, 201p.). Redigi a apresentação do livro (p.7-10) e responsabilizei-me pela revisão técnica da tradução. Há muitos anos, acha-se esgotado.

diferentes intensidades. Com isso, o autor desapareceria no texto e este, nos leitores.

No doutorado, acerquei-me de outro participante do Colóquio de Cerisy. De volta ao Brasil, acabei por alinhar-me à posição de Karl Löwith. A propósito da questão "como ler Nietzsche?", ele defendia ponto de vista diverso: não são as leituras que constituem o texto filosófico; ele permanece o que é independente delas. Há, portanto, leituras corretas e leituras erradas. O critério que se impõe é o de compreender o autor como ele mesmo se compreendeu - nem mais nem menos. No caso de Nietzsche, não seriam grandes as dificuldades, uma vez que ele reexaminou seus escritos nos prefácios de 1886 aos livros já publicados e ainda na autobiografia. Assim o comentário se justificaria mais que a interpretação.

Na estante, os livros mudavam de lugar; os franceses deixavam o primeiro plano, os alemães passavam para as prateleiras centrais. As mudanças traduziam, também, a maneira pela qual eu vivia o binômio contenção/ transgressão em relação às leituras que fazia de Nietzsche. Em Paris, prevalecera a irreverência; em São Paulo, a necessidade de pertinência. É por isso que, quando da elaboração do doutorado, me opunha aos que pareciam tão fielmente seguir Foucault e Deleuze. Uns usavam de forma indiscriminada os conceitos nietzschianos como operadores; outros convertiam as idéias de "ativo" e "reativo", que nem mesmo nietzschianas eram, em valores.

Procurando resgatar o pensamento nietzschiano do que me pareciam utilizações indevidas, afastei-me da maneira pela qual usualmente o tomavam. Em vez de vê-lo como caixa de ferramentas para pensar as questões da atualidade, empenhei-me em compreendê-lo em seus propósitos e por inteiro. Com isso, distanciava-me da cena francesa, de Foucault, de Deleuze. Deles, despedia-me para reencontrá-los de outro

modo num futuro. Despedia-me, de fato, da trilha que eu mesma já trilhara - e nem por isso me traía. Numa via diversa, tentava trabalho diverso. Ele me levava, por exemplo, a levantar todas as ocorrências da expressão "vontade de potência" na obra de Nietzsche - sem que a informática, ainda incipiente, viesse em meu auxílio¹¹⁷ - e, de forma quase obsessiva, procurar esclarecê-las.

De imediato, deixei claras as minhas opções metodológicas. Optando pelo comentário e não pela interpretação, comprometia-me com a verdade dos escritos do filósofo. Desconfiava das diversas interpretações que a eles se acrescentaram com o passar dos anos. Acalentava a idéia de aceder ao texto originário que estaria por baixo delas. Entregando-me a um trabalho histórico-filológico minucioso, propunha-me, obstinada, a abraçar tarefa análoga à dos restauradores que, com o intuito de redescobrir as pinturas originais do teto das igrejas, se empenham em retirar as várias camadas de tinta que acabaram por encobri-las. Não sei se faria, hoje, um trabalho desse teor; não creio mais no compromisso com a verdade do texto. Talvez me sinta mais capaz de admitir a opacidade da existência; talvez esteja mais preparada para aceitar a precariedade da condição humana.

Que os escritos de Nietzsche sejam tal como se nos aparecem, nem mesmo remete a uma possível distinção entre coisa-em-si e fenômeno, letra e leituras, texto e interpretações. Mais nietzschiana do que se poderia supor, a frase ganha outro sentido: aponta para as propensões do leitor. São as tensões de impulsos que direcionam o seu

¹¹⁷ Hoje, dispomos em versão eletrônica das Obras Completas de Nietzsche na edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Ao leitor basta um comando para ver desfilar na tela de seu computador todas as ocorrências de um termo, palavra ou expressão. Sem dúvida, outra é a convivência com os textos do filósofo.

olhar e norteiam a sua leitura. E, de igual modo, no que diz respeito ao autor. São as disposições de afetos que conduzem a sua mão e orientam a sua escrita. Em ambos os casos, são as vivências de cada um que se expressam na maneira pela qual cada um deles, num determinado momento, se apropria do texto. Se não há texto originário, tampouco pode haver interpretação correta. Deslocar a questão do domínio da vontade de verdade não significa, porém, suprimi-la. Tampouco significa permanecer prisioneiro do campo nietzschiano - ou nele entrincheirado.

Ao concluir o doutorado, fiquei, mais uma vez, insatisfeita com o que realizei; tive de abrir mão da onipotência. Foi, em certa medida, um trabalho inaugural; na época, havia pouca coisa sobre Nietzsche no Brasil. Por certo, foi um trabalho extemporâneo; então se lia Nietzsche a partir de Heidegger ou de Foucault. Portanto, se a dissertação de mestrado apresentou as marcas do tempo e lugar em que foi realizada - Paris dos anos setenta -, a tese de doutoramento, na década de 80, situou-se na contra-mão da história.

A mim sempre pareceu que a via proposta por Heidegger e a encontrada em Foucault não davam conta da riqueza da filosofia nietzschiana. Ao contrário do que pensava Foucault, Nietzsche não era apenas um iconoclasta; empenhava-se na construção de toda uma visão de mundo. Ao contrário do que julgava Heidegger, ele não se achava enredado nas teias da metafísica; construía uma cosmologia que pretendia apoiar-se em dados científicos. A meu ver, não é enquanto comentadores de Nietzsche que Foucault e Heidegger revelam todo o seu brilho. Quem assim os toma corre o risco de cometer uma injustiça contra eles - e contra Nietzsche. De igual modo, hoje presta um desserviço

ao pensamento de Habermas quem lê escritos seus¹¹⁸ como comentários da filosofia nietzschiana.

Quando estava perto de terminar o doutorado, deparei-me com um artigo de Müller-Lauter. Nele o autor mostrava o papel que as idéias de Wilhelm Roux, um biólogo contemporâneo de Nietzsche, desempenharam em seu pensamento e, em particular, na elaboração do conceito de vontade de potência¹¹⁹. A leitura do texto foi decisiva para o meu trabalho; hipóteses minhas confirmaram-se. Mas foi só depois de defender a tese que tive a oportunidade de ler seu livro sobre a filosofia nietzschiana¹²⁰. E, ao mesmo tempo que percebi ter cometido um plágio involuntário, regozije-me pelo fato de ver, em muitos aspectos e, até diria, nos mais fundamentais, minha interpretação confirmada.

A partir daí, pareceu-me importante dar a conhecer no Brasil o trabalho de Müller-Lauter. Comecei por publicar um artigo seu na *discurso*¹²¹ e parte de outro no Caderno Mais da *Folha de São Paulo*¹²². E, mais recentemente, pude editar nos *Cadernos Nietzsche* mais um trabalho seu¹²³, assim como já

¹¹⁸ Dentre eles, *O Discurso Filosófico da Modernidade* (os capítulos III e IV, em particular) e, também, *Conhecimento e Interesse* (em especial, o capítulo XII).

¹¹⁹ "Der Organismus als innerer Kampf - Der Einfluss von Wilhelm Roux auf Friedrich Nietzsche", publicado nos *Nietzsche-Studien* 7 (1978). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.189-223.

¹²⁰ *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1971.

¹²¹ "O desafio Nietzsche". In: *discurso* 21 (1993). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.7-29.

¹²² "Uma filosofia para ruminar". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais (9/10/1994), p.7. Sob esse título veio a público a primeira parte do texto "Über den Umgang mit Nietzsche" (Sobre o trato com Nietzsche).

¹²³ "Décadence artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner". In: *Cadernos Nietzsche* 6 (maio de 1999). Trad. Scarlett Marton. São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.11-30. Foi precedido de minha apresentação "Décadence, um diagnóstico sem

trouxera a público dois de seu discípulo Jörg Salaquarda¹²⁴. Várias foram as tentativas que fiz junto às editoras para traduzir para o português seu livro, *Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Embora nenhuma delas tivesse êxito, a mim coube o privilégio de apresentar ao leitor brasileiro um ensaio seu de importância capital para a pesquisa da filosofia nietzschiana¹²⁵.

Findo o doutorado, pensei iniciar nova etapa em minha trajetória intelectual; julguei poder fazer novas "escolhas". É certo que, em Nietzsche, havia ainda tanto o que pesquisar, tanto ainda sobre o que refletir; problemas levantados na tese, questões engendradas a partir dela, reivindicavam o seu lugar. Assim é que, convidada a ministrar a aula inaugural do Departamento de Filosofia da USP, resolvi escrever um ensaio sobre a doutrina do eterno retorno, pois dela ainda não havia tratado a contento. Em "O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?"¹²⁶, persegui o propósito de discutir de que maneira

terapêutica. Sobre a interpretação de Wolfgang Müller-Lauter" (*Loc. Cit.* p.3-9).

¹²⁴ "A concepção básica de Zaratustra". In: *Cadernos Nietzsche* 2 (maio de 1997). Trad. Scarlett Marton. São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.17-39. Precedeu apresentação minha intitulada "Nietzsche e a celebração da vida. A interpretação de Jörg Salaquarda" (*Loc. Cit.* p.7-15). E "Zaratustra e o asno". In: *discurso* 28 (1997). Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.167-208. Foi precedido de apresentação minha intitulada "Nietzsche, o anti-asno par excellence" (*Loc. cit.* p.159-165).

¹²⁵ Publicado numa primeira versão nos *Nietzsche-Studien* 3 (1974) (Berlim: Walter de Gruyter, p.1-60), "A doutrina da vontade de potência em Nietzsche" é considerado pelo próprio autor seu ensaio mais importante.

¹²⁶ Foi publicado, em francês, "L'éternel retour du même: thèse cosmologique ou impératif éthique?", in *Nietzsche-Studien* 25 (1996). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.42-63. E, em português, in: NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.205-223.

conciliar o estrito determinismo que Nietzsche postula na visão cosmológica do eterno retorno e o impacto que espera causar com esse "pensamento abissal". Posicionando-me em face de diferentes linhas interpretativas, procurei descartar tanto a tese de que a doutrina do eterno retorno se limita a uma concepção de mundo quanto a de que se restringe a uma exortação para a ação. Buscando uma terceira via para elucidá-la, acabei por reinscrevê-la no quadro do empreendimento filosófico nietzschiano enquanto um todo.

Existiam, porém, outras afinidades eletivas; e Pascal era uma delas. Na verdade, os dois pensadores são da mesma estirpe. Antes de Nietzsche, Pascal já nutre profunda desconfiança pela razão, trabalha com diferentes concepções de verdade e pensa a linguagem de forma a flertar com o nominalismo. Também ele rompe com a metafísica, ao investigar a conduta do ser humano e, instaurando a prática da anatomia moral, descarta os princípios transcendentais. Contudo, à diferença de Nietzsche, é no cristianismo que julga encontrar o ponto fixo que lhe permite refletir sobre as questões colocadas pela condição humana.

Nos meses de dezembro de 1988 e janeiro e fevereiro de 1989, realizei em Paris, com o apoio da FAPESP, ampla pesquisa bibliográfica. Comecei por restringir meus interesses ao pensamento pascaliano e acabei por estendê-los ao século XVII francês. De início, fiquei surpresa com o fato de os livros de Pascal se acharem catalogados nas bibliotecas sob a rubrica "Literatura francesa". E também me surpreendeu o fato de a maior parte dos estudos a respeito deles ser de ordem estilística. Depois, lembrei-me de que, até então, historiadores da filosofia eram refratários a admitir Pascal dentre os filósofos¹²⁷. E também me lembrei de

¹²⁷ É o caso, por exemplo, de Émile Bréhier, que começa com estas palavras o capítulo a ele dedicado: "Pascal não é um filósofo; é um cientista e um apologista da religião cristã" (*Historie de la philosophie*. Paris: Presses universitaires de France, 1981, v.I,

que até meados do século passado o mesmo ocorria com Nietzsche.

Num primeiro momento, procurei examinar as relações entre Nietzsche e Pascal no que diz respeito aos problemas relativos à conduta humana¹²⁸. Mas, logo, ampliei o âmbito da pesquisa, propondo-me a estudar as relações entre Nietzsche e os moralistas franceses acerca das mesmas questões. O que verifiquei nas bibliotecas parisienses a propósito da obra deixada por Pascal e dos trabalhos elaborados sobre o seu pensamento aplicava-se, ainda com maior ênfase, aos moralistas franceses. E isto se dava não apenas com La Rochefoucauld e La Bruyère do século XVII, mas também com Vauvenargues e Chamfort do XVIII. Considerando-os sobretudo grandes escritores, raros eram os textos que se dedicavam a analisar as suas idéias ou a desvendar a trama conceitual presente em seus escritos e mais raros ainda, os que se empenhavam em explorar as relações entre seu pensamento e o de Nietzsche¹²⁹.

Tais estudos me levaram a conviver com outra forma de fazer filosofia e a pensar sobre outra forma de conceber a história da filosofia. Não é apenas em Nietzsche que a

p.114). Razões para explicar essa posição talvez se encontrem no cartesianismo, que marcou o espírito francês, e no cristianismo, que impregnou a mentalidade francesa. Em toda a França, por muito tempo foram bem atuantes as "Sociétés des amis de Pascal"; com frequência, elas procuravam homenageá-lo com missas e romarias.

¹²⁸ Então, para minha surpresa, deparei-me com pouquíssimos trabalhos acerca das relações entre os dois pensadores: apenas três artigos e três livros, dentre eles a tese de Doctorat d'État de Henri Birault, apresentada sob a orientação de Gouhier junto a l'Université de la Sorbonne em junho de 1970, e o livro de Geneviève Léveillé-Mourin (*Le langage chrétien, antichétien de la transcendance: Pascal - Nietzsche*. Paris: J.Vrin, 1978).

¹²⁹ Na ocasião, encontrei um único estudo sobre as relações entre Nietzsche e os moralistas franceses: o livro de Brendan Donnellan, *Nietzsche and the French Moralists* (Bonn-Bouvier: Verlag Herbert Grundmann, 1982), publicado na coleção "Modern German Studies".

acuidade analítica emerge da aparente desordem dos textos, que o rigor conceitual provém de uma lógica não dicotômica, que o vigor da reflexão filosófica se engendra a partir do vivido. Nietzsche, Pascal, La Rochefoucauld e, em certa medida, La Bruyère pertencem à mesma linhagem. Cada um a seu modo descarta opiniões aceitas, abala preconceitos, denuncia convicções. Ao lado da história da filosofia que contempla nomes há muito inscritos em seu panteão, surge outra que, sub-reptícia, agrega nomes desde sempre dele excluídos. Tendo por palavras-chave a suspeita e a desconfiança, aponta para outro paradigma de reflexão. Mas a radicalidade que esta história da filosofia possui só vem à luz, quando ela é projetada sobre a tela que a outra proporciona.

Contudo, eram sobretudo solicitações que diziam respeito à filosofia de Nietzsche as que me chegavam. Assim é que me vi atrelada ao domínio em que me havia especializado. Se isso me parecia restritivo e limitador, também se me afigurava digno e justo. Pois, acreditava, o investimento social e pessoal feitos na minha formação não haviam sido em vão; era chamada a atuar dando mostras de seus resultados. Passara a orientar, dar cursos de pós-graduação, fazer palestras e conferências, apresentar trabalhos em congressos e colóquios, enfim, participar da vida acadêmica enquanto especialista, a primeira talvez, em Nietzsche no país. E assim procurava honrar o espírito do Departamento de Filosofia da USP. Mal sabia o que estava por vir!

Décadas haviam sido necessárias para formar estudiosos nas mais diversas especialidades. A geração de José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior encaminhou seus estudantes para prosseguir os estudos na França; a de Marilena Chauí e Paulo Arantes, os dela. Quando concluí o doutorado, o título significava que uma formação se realizara. Ao tornar-se capaz de pensar por conta própria, o recém-doutor

qualificava-se enquanto formador. Não é por acaso que a ele cabia assegurar a aula inaugural do Departamento, recebendo os estudantes que então ingressavam no curso e iniciavam a própria formação.

No decorrer dos anos noventa, porém, mudanças palpáveis se produziram na cena filosófica brasileira e as solicitações deixaram de ter caráter propriamente intelectual. Além das atividades de docência e pesquisa, hoje se exige do pesquisador que faça estágios freqüentes no exterior, organize eventos, participe de congressos e colóquios, profira conferências e ministre cursos em outras instituições, integre bancas examinadoras, seja agente de divulgação do conhecimento, assuma encargos administrativos, preste consultoria e assessoria científica, numa palavra, cumpra uma lista infindável de tarefas as mais diversas. Ao assumir cargos e encargos, ele se vê forçado a desempenhar múltiplos papéis; e a maioria deles nada tem a ver com o trabalho propriamente intelectual. Sem contar com a infraestrutura necessária, toda iniciativa converte-se em corvéia. Em face da premência em atender ao que lhe impõem, o pesquisador não dispõe de tempo e, por vezes, sequer de desejo, de dedicar-se ... à pesquisa.

Diante desse quadro, perguntava-me, pergunto-me: que distorções perversas são essas que impedem o pesquisador justamente de pesquisar? Que entraves malignos o obrigam, num país carente de recursos como o nosso, a malbaratear os investimentos na sua formação? Que situação funesta o constrange, no momento mesmo de sua maior capacidade produtiva, a dela abdicar? Mas não!

Razões de sobra eu tive para abortar projetos de pesquisa, muitos deles apoiados pelo CNPq. Não dispus do tempo necessário para levar a bom termo investigações que se

iniciaram, me pareceram relevantes e, por vezes, até urgentes.

Engendrado a partir da tese de doutoramento, "A teoria do conhecimento no quadro do pensamento nietzschiano" foi um projeto de pesquisa, em que me propus a explorar a maneira pela qual a questão do conhecimento se coloca no contexto da obra de Nietzsche e a discutir as dificuldades que as reflexões gnoseológicas trazem para sua visão de mundo e sua crítica dos valores.

No curso da investigação, trabalhei com uma bibliografia secundária que me levou de volta às minhas inquietações de sempre. Entendendo a gramática como um pré-juízo de todo pensar e falar, o filósofo sustentaria que só apreendemos as coisas com nossas formas gramaticais, de sorte que em sua teoria do conhecimento já se encontraria uma filosofia da linguagem. De fundamental importância, ela contribuiria para o desmantelamento da noção de sujeito. Ao tentar demolir a doutrina tradicional do sujeito, Nietzsche atacaria a idéia de uma essência lógica do eu, idéia que estaria presente na base das teses metafísicas de Kant e Descartes. Atribuindo à lógica mera função instrumental, o filósofo criticaria a confusão entre as "identidades lógicas" e os princípios de realidade, de sorte que renunciar ao sujeito significaria abrir mão da universalidade abstrata desse conceito e afirmar a individualidade do eu. Reconhecendo que o indivíduo não é uma unidade, seria preciso buscar a pluralidade que lhe é intrínseca¹³⁰, de sorte que seus limites não seriam definidos

¹³⁰ Foi quando me deparei com o ensaio de Michel Haar "La critique nietzschéenne de la subjectivité" (In: *Nietzsche-Studien* 12 (1983). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.80-110). No seu entender, Nietzsche esboçaria a possibilidade - talvez mais oriental que ocidental - de um indivíduo enquanto pluralidade, que se manifestaria nos múltiplos papéis que desempenha. Embora o ensaio não contasse com a minha adesão irrestrita, instigava-me por tratar da tentativa nietzschiana de implodir a noção de sujeito. Pensei em trazê-lo para o público brasileiro nos

pela consciência de si, pela auto-posição e menos ainda pela garantia de uma identidade indivisível. E, mais uma vez, pelo viés da linguagem, eu chegava à questão do sujeito.

Deste trabalho, resultou um curso e um ensaio intitulado "Nietzsche: consciência e inconsciente"¹³¹. Neste, dediquei-me a explorar as relações entre pensamento, linguagem e consciência no quadro do pensamento nietzschiano. Se, como Kant, ele pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento, não é a partir do exame das faculdades do espírito que coloca a questão; procura reinscrevê-la num contexto histórico e fisiológico. A partir daí, contei apreciar em que medida Nietzsche participa, como diria Foucault, da *épistémé* que, em decorrência da analítica da finitude, passou a vincular o conhecimento à fisiologia e à história.

Em junho de 1990, tendo feito nas bibliotecas parisienses levantamento bibliográfico acerca do pensamento pascaliano e de sua inserção histórica, elaborei novo projeto de pesquisa. Com "As questões éticas em Nietzsche e Pascal: a busca de um ponto fixo e a prática da anatomia moral", era meu propósito pôr à prova a hipótese de que ambos os pensadores estão em busca de um ponto fixo que lhes permita refletir sobre as questões colocadas pela condição humana e lançam mão da mesma estratégia, a prática da anatomia moral, para pensar os problemas relativos à conduta do homem. Ciente de que aderem, ambos, a uma perspectiva filosófica, que articula o conhecimento com as ações e paixões, queria discutir as dificuldades que têm de enfrentar com tal empresa.

Cadernos Nietzsche; acabei por publicar outro de autoria de Michel Haar: "Vida e totalidade natural" (In: *Cadernos Nietzsche* 5 (Setembro de 1998). Trad. de Alberto Onate. São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.13-37).

¹³¹ Veio a público in KNOBLOCH, Felícia (org.). *O Inconsciente - várias leituras*. São Paulo: Escuta, 1991, p.27-41.

Para Nietzsche, na falta do ponto fixo, nunca teríamos um critério para avaliar as avaliações; para Pascal, nunca acharíamos solução para as misérias e contradições do homem. Num caso, é a idéia de vida, concebida como vontade de potência, que constitui o único critério de avaliação que se impõe por si mesmo; no outro, é a verdadeira religião que fornece o ponto de vista adequado que o homem deve adotar para chegar ao conhecimento da verdade, o ponto de partida que ele tem de assumir para refletir sobre sua própria condição, o ponto de equilíbrio que precisa estabelecer em sua situação paradoxal de tudo em relação ao nada e nada em relação ao infinito. Se Nietzsche procura o ponto fixo numa cosmologia, que pretende apoiar-se em elementos fornecidos pela física e pela biologia, Pascal acredita encontrá-lo na fé cristã. Isto não reduz, porém, a proximidade de seus projetos¹³².

Tomando por alvo de ataque tanto Pascal quanto Kant, Nietzsche acusa-os de adotar uma atitude cética. O ceticismo de Kant residiria na tentativa de expulsar do domínio do conhecimento os objetos da metafísica tradicional; o de Pascal, no ensaio de excluir do terreno da moral a certeza de valores inquestionáveis. Em ambos, porém, não passaria de subterfúgio para reintroduzir, ainda com maior vigor, a crença. Num caso, esta permitiria restaurar a metafísica graças à moral; no outro, possibilitaria resgatar a religião. Se, ao considerar a filosofia kantiana, Nietzsche ataca suas concepções metafísicas e morais, ao debruçar-se sobre o pensamento pascaliano, critica a intromissão da fé

¹³² Tanto é que Nietzsche declara: "nunca se deverá perdoar o cristianismo por ter arruinado homens como Pascal, nunca se deverá justamente parar de combater no cristianismo a sua vontade de abater as almas mais fortes e mais nobres" (Fragmento póstumo (321) 11 [55] de novembro de 1887/ março de 1888. In: *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. (Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari)).

cristã. Enquanto Kant procurou impor limites ao saber para dar lugar à crença, travestindo-a com a roupagem da razão prática, "o admirável lógico do cristianismo" não hesitou em realizar o "sacrifício do intelecto", sustentando que, para dar lugar à crença, "il faut s'abêtir". É neste contexto que Nietzsche entende a afirmação de Pascal: "o eu é odioso".

Mas, examinada de perto, a crítica nietzschiana ao pensador francês revela, mais uma vez, a proximidade de suas posições. Pascal não encara o homem enquanto ser finito consciente de sua imperfeição, mas também de suas capacidades, como queria Descartes; considera que, pouco importa o que faça, ele é um ser em tensão permanente entre dois opostos. Nietzsche, por sua vez, não encara o eu enquanto um sujeito único que permanece idêntico através de todas as representações, ao mesmo tempo que se distingue de todos os objetos, como pretendia Kant; considera que, assim como o corpo que o criou, o eu nada mais é do que pluralidade de afetos, multiplicidade de impulsos. À diferença de Descartes e Kant, Nietzsche e Pascal concebem o eu como um conceito relacional; é a relação com si mesmo e com o mundo que o engendra. Nessa medida, eles constituem o conceito para destruir a coisa por ele representada. E assim, por uma via torta, eu retornava também desta vez à questão do sujeito.

Foi, então, que me propus a estudar as relações entre as reflexões de Nietzsche e as dos moralistas franceses no que diz respeito aos problemas morais. Com o projeto de pesquisa "Nietzsche e os moralistas franceses: a prática da anatomia moral", contava investigar a influência que Montaigne, Pascal, La Rochefoucauld, La Bruyère, Vauvenargues e Chamfort exerceram na constituição do método de análise psicológica desenvolvido por Nietzsche. Reinscrevendo-os todos numa vertente da história da filosofia, que relaciona as condições sociais da vida com

suas condições morais, pretendia pesquisar de que maneira eles lidam com as questões relativas à conduta humana.

No afã de examinar a estratégia a que recorrem, acabei por inquirir, tendo como pano de fundo os debates intelectuais e as correntes de idéias presentes no século XVII francês, de que modo Pascal, La Rochefoucauld e La Bruyère questionam a noção de sujeito. Em Nietzsche, retomei a genealogia da noção de alma, o combate aos pré-juízos de substância e substrato, a crítica à linguagem e à gramática. Em Pascal, apliquei o *renversement du pour au contre* à idéia de eu, examinei de que maneira ela se relaciona com a noção de amor próprio e explorei as conseqüências que o dogma da queda acarreta ao tornar problemática a natureza humana. Em La Rochefoucauld, analisei mais detidamente o tema do amor próprio associado ao interesse e aprofundei a concepção da geração perpétua de paixões conflitantes no ser humano. Em La Bruyère, estudei a noção de caráter, avaliando em que medida ela é inovadora ou tributária da tradição.

Ao lidar com as questões morais, tanto Nietzsche quanto os moralistas franceses buscam romper com a metafísica. Ao fazê-lo, acabam por empreender, em alguma medida, a desmontagem da idéia de eu. Para Nietzsche, o eu não passa de uma "síntese conceitual" que visa a escamotear relações de forças. Já para Pascal, o eu é odioso, quando se vê como o centro do mundo, mas, desapegando-se de si mesmo, nele pode resplandecer a luz divina. Para La Rochefoucauld, perdendo o vínculo com o divino, o eu converte-se em deus. Para La Bruyère, o eu só pode encontrar alguma serenidade com o mérito pessoal ou a renúncia ao mundo. E, ainda uma vez, eu voltava a defrontar-me com a questão do sujeito.

Da pesquisa que realizei, resultaram alguns trabalhos feitos e vários outros por fazer. Sobre Pascal, publiquei um

artigo¹³³; sobre La Rochefoucauld e La Bruyère, ministrei um curso. Enquanto projetos, permaneceram um livro introdutório a propósito de Pascal e um outro mais alentado a respeito de Nietzsche e dos moralistas franceses¹³⁴.

Todos esses, considero, de algum modo, projetos abortados. Não há como negar que deram os seus frutos. Deles, resultaram cursos, conferências, ensaios, artigos - e vários textos não concluídos, gestados e interrompidos. Na época em que me dispus a tratar das questões gnoseológicas no contexto da obra nietzschiana, elas mal começavam a suscitar interesse por parte dos comentadores. A escassez de estudos que tentavam estabelecer um confronto entre Nietzsche e Pascal no que diz respeito às questões éticas apontava a originalidade temática desse trabalho. Raros eram os textos que examinavam as reflexões acerca dos problemas relativos à conduta humana empreendidas por Nietzsche e pelos moralistas franceses. Fiz levantamentos bibliográficos exaustivos, dediquei-me a leituras cuidadosas, construí problemas de forma criteriosa, pus à prova diferentes hipóteses interpretativas, concebi diversas estratégias e abordagens. E assim meus interesses se diversificavam; por outro lado, as questões perdiam a relevância ou se convertiam em moda. Mas, se não encontrei espaço propício para desenvolver plenamente tais pesquisas, foi antes de mais nada porque o espaço, ele mesmo, era sistematicamente

¹³³ Com o título "Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral". In: *discurso* 24 (1994). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.159-172. Reapareceu no *Festschrift* em homenagem a Ernildo J. Stein. In: DE BONI, Luís (org.). *Finitude e transcendência*. Petrópolis/ Porto Alegre: Vozes/ Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996, p.713-726.

¹³⁴ Interrompidos, o primeiro conta, neste momento, com dois capítulos elaborados, dos três previstos, e o segundo, com a primeira, de três partes, já redigida.

invadido por exigências externas, inclusive as ditas da produção.

Marcada por sucessivos abortos, minha vida intelectual converteu-se em acúmulo de frustrações. Passá-las em revista contribui para dar-me conta das minhas obsessões; dentre elas, a primeira: a questão do sujeito e, por essa via, a da condição humana. Concorre, também, para deter-me aqui em dois dos projetos elaborados: "Amor fati, finitude e tragédia" e "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência". Intimamente relacionados, foram, a meu ver, os mais bem-sucedidos.

Em 1989, convidei alguns estudantes para lerem comigo *Assim falava Zaratustra*. De forma prudente, porque não sabia bem como se daria a leitura do texto, propus dez encontros, um para cada seção do prólogo ao livro. Alunos muito especiais então constituíram o grupo¹³⁵. Fazíamos uma análise estrutural e uma análise genética. Líamos frase por frase, palavra por palavra; estávamos atentos aos conceitos presentes e às estratégias adotadas. Pesquisávamos as possíveis referências à história da filosofia, à religião cristã, ao contexto cultural da época; trazíamos para as nossas conversas os textos de Goethe e Wagner, os poemas de Hölderlin e Heine, a versão luterana da Bíblia. De alguma forma, eu retomava elementos de pesquisas anteriores, em particular daquela acerca da crítica de Nietzsche à cultura filistéia. Ao final dessa série de encontros, estava certa de que o trabalho era viável; ele se estendeu por mais quatro anos, um para cada parte do livro¹³⁶.

¹³⁵ Nos dois meses em que trabalhamos juntos, dele fizeram parte Jorge de Almeida, Luciano Nervo Codato, Bento Prado Neto, Débora Morato Pinto, José Baravelli.

¹³⁶ Durante esse período, a composição do grupo sofreu alterações; uns permaneceram mais tempo e outros bem menos. Dentre os que se

Na verdade, fora Mário Schemberg quem me instigara a realizar tal trabalho. Conhecera-o pouco antes de concluir o doutorado e passara a freqüentar a sua casa. Cientista, militante político, crítico de arte e conhecedor da história das religiões, era um homem ímpar. Foi com gratidão que a ele dediquei a minha tese de doutoramento, gratidão pelas nossas conversas, gratidão por tanto me ter ensinado sobre a vida e sobre o mundo.

Mário, certa vez, abriu-me a sua biblioteca; ela ocupava por inteiro um apartamento bastante amplo na Rua São Vicente de Paula. Generoso, deu-me as chaves e disse: "Vá até lá e pegue os livros que quiser". Não pude obedecer; fiquei atordoada com o que vi. Os livros, muitos, que se encontravam na sua casa na Avenida Dr. Arnaldo, eram apenas uma ínfima parte do que possuía. No apartamento, eles revestiam do chão ao teto as paredes, inclusive as da cozinha e as do banheiro, em flagrante desordem. Era - por que não dizer? - o próprio caos. Mal pude escolher. Limitei-me a alguns volumes de filosofia: Max Scheler, Nicolai Hartmann, Karl Jaspers. E, para mim, a uma preciosidade: *A História da Cultura grega* de Jacob Burckhardt.

Homem dos sete instrumentos, Mário Schemberg reunira textos que contemplavam os seus múltiplos interesses: além da biblioteca de física e matemática e uma outra sobre arte, que mantinha ao alcance da mão, ele juntara escritos de filosofia, sociologia, política, literatura e muita coisa sobre história das religiões. Sempre com o mesmo entusiasmo, entretinha-se acerca dos mais variados assuntos; sem jamais desmerecer o que lhe era dito, conversava sobre os temas mais diversos. Era extremamente culto, um exemplo vivo de que a reflexão se nutre da cultura.

envolveram com o trabalho, quero registrar as lembranças de Paulo Vieira e José Galisi Filho.

Quando terminei o doutorado, Mário intimou-me: "Trabalhe o Zaratustra!" Revidei: "É um texto sem grande interesse filosófico, por demais rebarbativo..." Lembrava da recepção do livro por ocasião da Primeira Guerra Mundial, quando, verdadeira bíblia, acompanhava os voluntários que partiam para o front. Lembrava, também, da intenção do autor. Ao contrário do profeta báltico, que teria introduzido no mundo os princípios de bem e mal, submetendo a cosmologia à moral, seu Zaratustra devia precisamente recuperar a inocência do vir-a-ser e implodir a dicotomia dos valores. *Alter ego* do filósofo, ele vinha refazer a obra do Zoroastro histórico¹³⁷. Então, recorrendo à lógica dialética, Mário se pôs a explicar-me que o ser humano só ia além do estágio em que se encontrava, quando superava as contradições nele presentes; o progresso não se fazia de forma linear, mas por saltos qualitativos. Para escapar às perseguições mulçumanas, os parses tiveram de deixar a antiga Pérsia. Refugiaram-se na Índia; constituíram uma pequena comunidade em Bombaim. Ao fazer de Zaratustra a personagem central de um escrito seu, Nietzsche tentara, de alguma forma, pô-los em cena; era preciso agora tornar a trazê-los à luz. Um tanto ressabiada, ouvia o que Mário Schemberg me dizia; perguntava-me como encontrar tradução filosófica para essas questões. Nem por isso deixei de esmiuçar o escrito mais controvertido de Nietzsche, revolver

¹³⁷ Cf. *Ecce Homo*, Por que sou um destino, § 3, onde se lê: "Não me perguntaram, deveriam ter-me perguntado o que significa precisamente na minha boca, na boca do primeiro imoralista, o nome *Zaratustra*: pois o que constitui a imensa singularidade deste persa na história é justamente o contrário disto. Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda que faz mover as coisas - a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim-em-si, é obra sua. Mas essa pergunta no fundo já seria a resposta. Zaratustra criou este erro, o mais fatal de todos, a moral: por conseguinte, ele também tem de ser o primeiro a reconhecê-lo". In: *Nietzsche - Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores").

o que nele estava envolvido e pôr-me a estudar o zoroastrismo, o masdeísmo e o zurvanismo.

Uma vez concluída a leitura de *Assim falava Zaratustra*, depois de quatro anos e meio, preparei novo projeto de pesquisa. Com "Amor fati, finitude e tragédia", pretendia desenvolver uma análise conceitual do livro. Esperava reconstituir a trama dos conceitos nele presente a partir da idéia de *amor fati*. Contava reexaminar os temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade: a noção de além-do-homem, a superação do niilismo, o projeto da transvaloração dos valores e a doutrina do eterno retorno. Estava ciente de que *Assim falava Zaratustra* suscita múltiplas leituras: um conjunto de parábolas que revela enorme riqueza em figuras de estilo; uma série de imagens oníricas que mascara a história da vida de um homem; uma sucessão de discursos em que o filósofo elabora uma experiência determinante. Bem sabia que o livro se presta a trabalhos de ordens diversas: o estudo estilístico, a análise psicológica, a interpretação filosófica. Mas o que pretendia era pôr-me à escuta daquilo que o próprio Nietzsche queria dizer através da personagem que criou, em vez de buscar o que se revelava no texto apesar da intenção do autor ou de utilizá-lo como ponto de partida para refletir sobre outras questões. Poderia determe no exame de determinadas passagens, dedicar-me ao estudo de certos temas, privilegiar algumas questões específicas. Mas o que queria era fazer uma leitura de *Assim falava Zaratustra*, levando em conta cada uma de suas partes e cada uma das seções que as integram.

Havia poucos estudos que se empenhavam no exame de *Assim falava Zaratustra* enquanto um todo. Deles, quatro datavam do começo do século passado; recorriam mais à descrição que à análise¹³⁸, investigavam problemas

¹³⁸ De 1899 a 1901, Gustav Naumann traz a público um comentário de *Assim falava Zarathustra* em quatro volumes (*Zarathustra*

localizados¹³⁹, circunscreviam-se a questões pontuais¹⁴⁰ ou limitavam-se a retrair, de maneira sucinta, as linhas gerais do livro¹⁴¹. Três outros eram mais recentes; um pecava pela falta de aprofundamento dos conceitos¹⁴², o segundo elegia como fio condutor as relações de Zarathustra com seus discípulos¹⁴³ e o último privilegiava a primeira parte do texto de Nietzsche¹⁴⁴. Bastante heterogêneos, tanto do ponto de vista da qualidade quanto do conteúdo, eles revelavam propósitos diversos e diversas intenções. Dos sete autores,

Commentar. Leipzig: H. Haessel Verlag, 4vs., 1899-1901). Tratando de cada uma de suas partes, ele dá ênfase ao relato das aventuras vividas pela personagem central.

¹³⁹ Em 1907, Otto Gramzow escreve outro comentário (*Kurzer Kommentar zum Zarathustra*. Charlottenburg: Georg Bürkners Verlag, 1907). Comparando as vidas e doutrinas de Zarathustra e Zoroastro, examina as relações entre eles.

¹⁴⁰ Em 1910, Hans Weichelt elabora mais um comentário (*Zarathustra-Kommentar*. Leipzig: Verlag von Felix Meiner, 2ª ed., 1922). Tece considerações sobre a composição e a recepção do livro, posições do autor face à sua personagem, possíveis influências e paralelismos.

¹⁴¹ Em 1922, August Messer redige um trabalho (*Erläuterung zu Nietzsches Zarathustra*. Stuttgart: Verlag von Strecker und Schröder, 1922), em que procura esclarecer dificuldades presentes no texto.

¹⁴² Em 1975, Eugen Roth edita sua tese de doutorado (*Schlüssel zu Nietzsches Zarathustra. Ein interpretierender Kommentar zu Nietzsches Werk "Also sprach Zarathustra"*. Meilen: Meilen-Druck AG, 1975), em que procura dar as chaves gerais para a interpretação do livro.

¹⁴³ Em 1986, Laurence Lampert publica consistente estudo (*Nietzsche's Teaching*. New Haven: Yale University Press, 1986), em que, apoiando-se em vasto aparato crítico, retoma e amplia idéias apresentadas num artigo anterior ("Zarathustra and his disciples", in *Nietzsche-Studien* 8 (1979). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.309-333).

¹⁴⁴ Em 1990, Annemarie Pieper propõe uma elucidação filosófica ("*Ein Seil geknüpft zwischen Tier und Übermensch*". *Philosophische Erläuterung zu Nietzsches erstem "Zarathustra"*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990), em que realiza com êxito a tarefa de explorar idéias e desvendar conceitos, mas não a estende a todas as partes de *Assim falava Zarathustra*.

apenas dois examinavam o livro do início ao fim. Mas, enquanto um deles se deixava enredar pela ação dramática em que se acha envolvida a personagem central, o outro restringia-se a analisar como esta se relaciona com seus interlocutores¹⁴⁵.

Tive a intenção, de início, de elaborar um comentário pontual do livro. Na ocasião, tratava-se de um trabalho inédito. Cheguei a flertar, depois, com uma edição comentada, tendo ciência de que não seria oportuna; no Brasil, não haveria nem público interessado nem interesse editorial. Por fim, pensei em elaborar diferentes ensaios que do livro tratariam a partir de diferentes perspectivas. Se até hoje o projeto não se realizou por inteiro, dele resultaram os quatro ensaios inéditos, que vieram a integrar a tese de livre-docência.

Antes de prestar o concurso de livre-docência, em outubro e novembro de 1994, com o apoio da FAPESP, associei mais uma vez viagem e pesquisa. Comecei por Berlim, onde tive a oportunidade de reencontrar Müller-Lauter e de trabalhar na *Staatsbibliothek*, na biblioteca da *Freie Universität* e na da *Humboldt Universität*. No curso dessa minha estada na Alemanha, estive em Bonn e Leipzig, visitando paragens em que o jovem Nietzsche vivera. Fui para Naumburgo e Pforta, a cidade e a escola, em que passara infância e adolescência. Conheci Röcken, a pequena aldeia em que nascera e onde fora enterrado. Lá, o pastor Kant, que então cuidava da comunidade, me recebeu e me fez ver a igreja, a casa, o túmulo. Enfim, refiz itinerários do filósofo.

Em Weimar, a Villa Silberblick, onde se situaram por tanto tempo os Arquivos Nietzsche, passara por uma reforma; agora, ela abrigava um pequeno museu e, nos dois andares

¹⁴⁵ Trata-se, respectivamente, de Gustav Naumann e Laurence Lampert.

superiores, uns poucos aposentos destinados a pesquisadores. O acervo fora transferido para os Arquivos Goethe-Schiller; a biblioteca pessoal de Nietzsche, alocada junto à da duquesa Anna Amalia. Tive o privilégio de aceder a todo esse material. Nos Arquivos, além de vastíssima bibliografia secundária, consultei os manuscritos do filósofo, então conservados em microfilme, e o material iconográfico. Habituada que estava a vê-lo de perfil, as fotos revelaram-me outra face sua. Familiarizada que estava com Nice e Turim; os postais mostraram-me outros lugares seus. Na biblioteca da duquesa Anna Amalia, tive em mãos seu exemplar dos *Gedanken* de Pascal, inteiramente anotado, e exemplares seus de alguns textos científicos, com que trabalhou. Entrar em contato com os seus livros, examinar as suas leituras e avaliar a bibliografia que utilizara vinha confirmar esta idéia minha: Nietzsche é, também, um pensador marcado pela própria época. Em que pese a obviedade da afirmação, ela quer significar que ele está longe de ser tão-só um iconoclasta.

Outros percursos do filósofo refiz na Suíça. Estive na Basileia, onde lecionara filologia clássica; em Lucerna, onde se deixara fotografar com Lou Salomé e Paul Rée; em Tribschen, onde mais de uma vez fora recebido por Wagner e sua esposa Cosima. Estive em Wiesen, no Hotel Bellevue, em que se hospedara; em Saint Moritz, seu ponto de chegada na Alta Engadina; em Silvaplana, na poste restante em que buscava a sua correspondência. Conheci Surlei e a pedra junto à qual tivera a visão do eterno retorno; visitei Sils Maria e os caminhos em que escrevera seu *Zaratustra*. As imagens presentes no livro ganharam outro sentido; as paisagens lá estavam para elucidá-las. Em momento algum, fiz peregrinações; em momento algum, acredito, estive imbuída do espírito que presidia as viagens que se fazia a Weimar na

última década do século XIX e nas primeiras do XX. Minha atitude não era de devoção nem de deferência. Uma curiosidade "inata", em certa medida essencial para o pesquisador, levava-me a visitar lugares ou a refazer leituras. Era como se através das leituras e dos lugares reencontrasse um amigo, ainda que morto, alguém com quem há tantos anos partilhava a minha vida.

Em 1994, em Weimar, começou a esboçar-se uma questão, que só depois ganhou corpo. Ficara a inquietação: o que impediu Nietzsche de cumprir a tarefa que julgava tão sua? O que o interditou de realizar a transvaloração dos valores? Mais tarde, fazendo um balanço de sua obra, defendi a idéia de que ele não conseguiu desligar-se da vertente corrosiva de seu pensamento, desprender-se da crítica dos valores. Tudo indica que não pôde suportar o que mais desejava, não tolerou converter-se no que abençoa e diz-sim. Uma compreensão existencial do pensamento nietzschiano? Não exatamente. Uma compreensão nietzschiana de seu pensamento. Pois, submetendo a questão ao crivo genealógico, lancei a pergunta, bem ao gosto do filósofo aliás, a respeito dos impulsos que dele se apossaram, ao não conseguir construir o edifício principal de sua filosofia¹⁴⁶, acerca dos afetos que dele se apoderaram, ao não poder libertar-se do não. Seis anos depois, em Weimar, vim a proferir a conferência: "Friedrich Nietzsche: das vollendete und das noch zu vollendende Werk".

"A obra feita e a obra por fazer", assim intitulei a tese de livre-docência em 1998. Assim intitulei, também, um dos ensaios que a integraram. O título, do ensaio e da tese,

¹⁴⁶ A Franz Overbeck Nietzsche confia que *Zarathustra* é apenas o vestíbulo de sua filosofia e a Malwida von Meysenbug segreda que lhe é preciso ainda construir o edifício principal (Cf. respectivamente as cartas de 8 de março de 1884 e início de maio do mesmo ano. In: *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/1984 (Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari)).

bem revelava a maneira pela qual, naquele momento, avaliava o meu próprio trabalho. Reunira dez textos redigidos desde a defesa do doutorado, dez escritos elaborados no curso de dez anos. Dentre eles, seis, publicados em diferentes datas¹⁴⁷, espelhavam a obra feita; quatro, então inéditos, traduziam a obra por fazer. Resultado do projeto de pesquisa "Amor fati, finitude e tragédia", estes constituíam o que viria (virá?) a ser um livro.

No primeiro, "Em busca de uma alma-irmã"¹⁴⁸, a partir da análise do prólogo a *Assim falava Zaratustra*, examinei a relação entre o protagonista e seus interlocutores como contraponto daquela outra entre o autor e seus leitores. No livro, a maneira pela qual Zaratustra ensina é tão importante quanto o que ensina; daí, o caráter indissociável das formas estilísticas e do conteúdo filosófico. Na obra, a necessidade de leitores específicos que Nietzsche manifesta se vincula à especificidade do que tem a dizer; daí, a dupla exigência de desconstruir a linguagem da filosofia sistemática e criar uma nova linguagem filosófica.

No segundo, "O eu esfacelado", persegui a hipótese de que *Assim falava Zaratustra* se apresenta como uma dupla autobiografia: a do protagonista e a de seu autor. Criticando os princípios de unidade, identidade e permanência, Nietzsche recusa a idéia de um sujeito autônomo, rejeita a noção de um eu coeso e sem fissuras. Tomando como ponto de partida o corpo, é de outro modo que

¹⁴⁷ "O eterno retorno: tese cosmológica ou imperativo ético?"; "Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito. A propósito de uma sentença de Zaratustra: Da superação de si"; "Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral"; "Nietzsche: consciência e inconsciente"; "Nietzsche e a Revolução Francesa"; "A terceira margem da interpretação".

concebe o "eu", é em outro registro que o inscreve. Assim como o corpo que o criou, o eu nada mais é do que pluralidade de afetos, multiplicidade de impulsos. Com esta outra concepção de "eu", um "eu" plural, o filósofo vem manifestar-se a favor da polifonia da existência humana.

No terceiro, "Eis aí Zaratustra ou 'como tornar-se o que se é'"¹⁴⁹, investiguei as transformações por que passa o protagonista em *Assim falava Zaratustra*. Defrontando-se com as diferentes figuras do niilismo, personificadas no santo homem do bosque, no adivinho e no anão, ele se apresenta como o anunciador de uma completa reviravolta em nossa cultura. Mas, ao fazer a travessia do niilismo e tornar-se o mestre do eterno retorno, transforma-se ainda uma vez. Processo, não se torna sujeito nem consolida um eu; não precisa de um nome, sequer é uma personagem. Convertendo-se em porta-voz de Dioniso, deixa de existir.

No último, "A obra feita e a obra por fazer"¹⁵⁰, foi meu propósito examinar as tensões e conflitos presentes na filosofia nietzschiana da maturidade. Privilegiando como objeto de análise *Assim falava Zaratustra*, pretendi discutir em que medida nele se realiza a transvaloração dos valores. No livro consagrado pela posteridade, em quatro partes, o protagonista parece não chegar a completá-la. Mas, no livro autorizado pelo filósofo, em três, ele abraça o próprio

¹⁴⁸ Parte desse ensaio veio a público, em 2001, com o título "Em busca do discípulo tão amado. Uma análise conceitual do prólogo de *Assim falava Zaratustra*". In: *Impulso* v.12, n.28 (2001). Piracicaba: Editora Unimep, p.21-32.

¹⁴⁹ Publiquei parte deste ensaio com o título "A morte de Deus e a transvaloração dos valores" in: *Hypnos* 5 (1999). São Paulo: Educ/Palas Athena, p.133-143. O texto serviu de base para a conferência que proferi no II Congresso Sul-Americano de Filosofia, realizado em São Paulo, em setembro de 1999.

¹⁵⁰ Parte dele constituiu a conferência, que, dois anos depois, proferi no *Colóquio Neue Welt - neue Lektüre. Lateinamerikanische Nietzsche-Impulse*, promovido pelo Kolleg Friedrich Nietzsche der Stiftung Weimarer Klassik, em Weimar.

destino. Se Nietzsche pretendeu que *Assim falava Zaratustra* constituía a parte positiva de sua tarefa, também o considerou um texto à parte. De fato, a obra que contou com a sua concordância é o escrito em que ele vivencia, através de sua personagem, a filosofia dionisiaca; *Assim falava Zaratustra* em três partes é, deste ponto de vista, sua realização mais acabada. Mas, aparentemente insatisfeito, ele quer redigir outro livro; bem mais, pretende levar adiante o trabalho construtivo de seu pensamento. Contudo, em vez de dedicar-se a essa tarefa que julga tão sua, é à crítica dos valores que mais uma vez se entrega.

Momento excepcional na minha vida acadêmica e sobretudo intelectual foi o concurso de livre-docência¹⁵¹. Na prova escrita, explorei a questão do sujeito em Descartes, Kant e Nietzsche; o ponto sorteado "Sujeito e Metafísica" propiciou-me voltar às minhas obsessões. Na prova didática, tratei de "Genealogia e história" em Nietzsche e nos moralistas franceses; a ocasião permitiu-me retomar investigações já desenvolvidas. Foi motivo de extrema satisfação ver a minha atuação avaliada de várias perspectivas: o conhecimento teórico e o desempenho didático, a inserção na universidade com a arguição do memorial e o trabalho de pesquisa com a defesa da tese. Desta vez, a banca foi unânime; conferiu-me dez, com distinção e louvor.

No ano 2000, converti em livro parte da tese. Do livro, excluí os quatro ensaios inéditos, que, fruto da pesquisa "*Amor fati, finitude e tragédia*", viriam talvez a integrar outra publicação, e o ensaio sobre Pascal, uma tímida tentativa de mudar de assunto. Em compensação, nele incluí três outros ensaios inéditos e um trabalho anterior, já

¹⁵¹ Integraram a banca: Marilena Chauí, Wilhelm Bolle, Ismail Xavier, Salma Muchail e Gerd Bornheim.

publicado, sobre a leitura que Foucault faz do pensamento nietzschiano.

Em "Por que sou um extemporâneo", pretendi explorar, em seus múltiplos aspectos, a idéia de extemporaneidade no pensamento de Nietzsche. Procurando trazer à luz traços peculiares de sua obra, todos eles relacionados com este tema, busquei investigar o sentido e avaliar o alcance do caráter extemporâneo que o filósofo reivindica para a sua reflexão.

Em "A dança desenfreada da vida", tratei de mostrar que Nietzsche faz da dança sua aliada no combate à metafísica e à religião cristã, na crítica aos postulados lógico-metafísicos que permeiam a linguagem, no ataque aos valores estabelecidos e à moral do ressentimento. É nela que ele se inspira para expressar toda uma visão de mundo: a dança das forças cósmicas que se aglutinam e se separam, formando um mundo dionisiaco do eternamente-criar-a-si-próprio e do eternamente-destruir-a-si-próprio; a dança desenfreada da vida que, enlaçadora, sedutora, tentadora, exploradora, descobridora, se move para-além de bem e mal; a dança das palavras que, numa bem-aventurada irrisão de momentos, se dizem, contradizem e desdizem.

Em "Nietzsche e a cena brasileira" contei examinar, ainda que de forma breve e sucinta, aspectos da recepção das idéias do filósofo entre nós.

Por fim, no artigo intitulado "Foucault leitor de Nietzsche"¹⁵², procurei deixar clara a minha posição. Partindo do exame de textos específicos em que ele trata diretamente do pensamento nietzschiano¹⁵³, contei investigar,

¹⁵² Veio a público, antes da defesa do doutorado. In: RIBEIRO, RENATO Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.36-46.

¹⁵³ "Nietzsche, Marx, Freud" (In: *Nietzsche - Cahiers de Royaumont*. Paris: Minuit, 1967, p.183-192), e "Nietzsche, la

num primeiro momento, como sua leitura ilumina idéias do filósofo, para depois avaliar em que medida as distorce.

Extravagâncias - Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche, foi assim que intitulei o livro. No prefácio, persegui o propósito de esclarecer o título: "Extravagante é reunir num só volume textos redigidos no correr de vinte anos. Cada um deles evoca as circunstâncias em que foi elaborado, o contexto em que se achou inserido. Ao passá-los em revista, o autor vê-se lançado no labirinto da memória; é lá que colhe lembranças diversas de seu itinerário, recordações várias de seu percurso. De forma recortada, picotada até, a memória apresenta-lhe cenas vividas, reflexões desenvolvidas. Oferece-lhe momentos díspares, extraídos de situações que ocorreram, que desejou que ocorressem ou que imaginou que tivessem ocorrido. E os sentidos se alteram, as marcas se modificam"¹⁵⁴.

Se a iniciativa permite ao autor confrontar-se com uma perspectiva mais abrangente do trabalho que esteve e está a desenvolver, nem por isso deixa de levá-lo a defrontar-se com uma publicação multifacetada. Ao agrupar ensaios, que aliás reputo significativos, eu, que prezava tanto os livros com começo, meio e fim, cedera aos ditames da época. Por outro lado, então pude abrir mão da necessidade, presente quando do doutoramento, de elaborar mais um estudo sistemático da filosofia nietzschiana.

généalogie, l'histoire" (In: *Hommage à Jean Hyppolite*. Paris: Presses universitaires de France, 1971, p.145-172).

¹⁵⁴ E prosseguia: "À primeira vista, tudo parece extravagante, tudo está fora do lugar. A marca (supostamente) original se perde, se extravia. O sentido (pretensamente) primeiro se desencaminha, se desvia. Fazendo face a seus textos o autor se situa de diferente maneira; observa o pensamento extravar, a escrita extravasar. E em face de cada um deles se põe de diferentes maneiras" (São Paulo: Discurso Editorial/ Editora UNIJUÍ, 2ª ed., 2001, p.9 (Coleção Sendas e Veredas)).

Entre "A obra feita e a obra por fazer" e *Extravagâncias - Ensaaios sobre a filosofia de Nietzsche*, manifestou-se o desejo de apartar-me do filósofo. Da tese ao livro, dele comecei a distanciar-me. Prova disso foram as epígrafes que elegi. Para a tese, selecionei esta passagem: "Depois que me descobriste, não foi grande coisa encontrar-me; a dificuldade agora é perder-me"¹⁵⁵; e para o livro, esta outra: "Deve-se falar somente quando não se pode calar; e falar somente daquilo que se superou - tudo o mais é tagarelice, 'literatura', falta de disciplina"¹⁵⁶. Nesse momento, separar-me do filósofo ainda não se convertera em intenção. Assim como ele necessitara de Zaratustra enquanto seu *alter ego*, de igual forma, dele eu ainda necessitava. Mas um desafio me aguardava.

Foi, então, que elaborei o projeto de pesquisa "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência"; desta vez, queria compreender em profundidade o estreito vínculo, que existe, em sua obra, entre vivência e reflexão. Cheguei a pensar em intitulá-lo "Nietzsche, vida e obra", não fora a imagem cristalizada que este título suscita. Leva, de imediato, a supor tratar-se de trabalho panorâmico, livro de divulgação, texto de caráter geral, escrito pouco elaborado.

Na verdade, em carta de 16 de setembro de 1882, Nietzsche escrevia a Lou Salomé: "Sua idéia de reduzir os sistemas filosóficos a atos pessoais de seus autores é mesmo uma idéia que provém de uma 'alma-irmã'; eu próprio ensinei nesse sentido a história da filosofia antiga, na Basileia, e dizia com prazer a meus ouvintes: 'tal sistema está refutado

¹⁵⁵ Carta de Nietzsche a Georg Brandes datada de 4 de janeiro de 1889. In: *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/1984 (Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari).

¹⁵⁶ *Humano, demasiado humano* II, prefácio, § 1. In: *Nietzsche - Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores").

e morto - mas a pessoa que se acha por trás dele é irrefutável, a pessoa não pode ser morta'". Doze anos depois, Lou Salomé publicou uma biografia do filósofo, em que, tomando ao pé da letra o que ele lhe dissera, optou por uma abordagem psicológica dos seus textos¹⁵⁷. Partindo do pressuposto de que, em Nietzsche, obra e vida coincidem, procurou entender as possíveis contradições, neles presentes, como manifestação de conflitos pessoais. Propôs assim uma interpretação redutora de sua filosofia, aprisionando-a na malha de referenciais teóricos que lhe são estranhos.

Até hoje não é raro encontrar escrotos desse teor. Muito mais grave é deparar-se com textos que amontoam estereótipos, colecionam lugares comuns, reeditam soluções de facilidade. Estes, em geral, tratam do silêncio e da solidão do filósofo, sem perceber o papel que estas idéias desempenham em suas reflexões. Discorrem sobre a alternância de seus estados saudáveis e doentios, sem dar-se conta da relevância que têm os conceitos de saúde e doença em seu pensamento. No mais das vezes, constituem caleidoscópio de opiniões sobre diferentes aspectos do que Nietzsche teria sido; amálgama de impressões sobre aspectos diversos do que ele poderia ter sido. Procurando relacionar vida e obra, acabam por banalizar problemas filosóficos fundamentais.

A mim me parecia que, ainda assim, Nietzsche constituía lugar privilegiado para tratar dessa relação. Em *Assim*

¹⁵⁷ Trata-se de *Friedrich Nietzsche in seinen Werken*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1983. Foi de minha responsabilidade a apresentação à edição brasileira, *Nietzsche em suas obras*. São Paulo: Brasiliense, 1992. Guiada pela idéia de que "o instinto religioso" sempre governou a "essência" e o "pensamento" do filósofo, a autora acaba por fazer uma leitura bastante peculiar de alguns dos temas centrais presentes em sua reflexão. A morte de Deus transforma-se assim em "desejo de endeusamento de si mesmo"; o além-do-homem converte-se em "representação de uma pura ilusão divina"; o eterno retorno torna-se parte integrante de uma "mística".

falava Zarathustra, ele jamais lança mão da linguagem conceitual; as posições que avança tampouco se baseiam em argumentos ou razões; assentam-se em vivências. Em *Para além de bem e mal*, refere-se aos filósofos do futuro como experimentadores, como os que têm o dever "das cem tentativas, das cem tentações da vida". No *Ecce Homo*, explicita no que consiste a filosofia tal como até agora a entendeu e viveu. E, num fragmento póstumo, afirma: "Sempre escrevi minhas obras com todo o meu corpo e a minha vida; ignoro o que sejam problemas 'puramente espirituais'"¹⁵⁸. Com isso, quer ressaltar que o seu pensar e a sua vida se acham intimamente relacionados.

Investigar tal vínculo, explorar a sua abrangência e aprofundar os seus desdobramentos era o meu intuito. Queria pôr à prova a hipótese interpretativa de que Nietzsche subverte radicalmente a concepção de autobiografia intelectual e, por conseguinte, a idéia de autoria. Numa palavra, queria defrontar-me, uma vez mais, com a questão do sujeito e, por essa via, com a da condição humana.

Longa foi minha história com Nietzsche; minha história com Nietzsche foi longa. Como poderia ser de outra forma? Na juventude, quando o descobri, ele deu voz às minhas inquietações; pensando bem, fui eu quem dei voz às dele. Emprestei a minha garganta e a minha pena para falar de suas idéias. Num primeiro momento, por ele me deixei seduzir, como até hoje ocorre com os jovens. Depois, procurei tratá-lo com o distanciamento necessário, com ele tentei lidar como objeto de estudo. Assim como o biólogo recorre ao microscópio para pesquisar células e moléculas, lancei mão da análise conceitual para investigar sua obra. Era a

¹⁵⁸ Fragmento póstumo 4 [285] do verão de 1880. In: *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. (Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari).

ferramenta de que dispunha, que interpunha - e, com o correr dos anos, até com maestria - entre ele e eu. Por medo, talvez, de uma proximidade excessiva - ou por desejo dela; talvez, por suspeitar que a minha identidade não fosse a sua. Ao comentar seus escritos, eu dizia o que não ousava dizer por mim mesma¹⁵⁹. É que, habituada a existir às escondidas, Nietzsche era um bom pretexto para seguir existindo. Explico-me: se falava, eram as suas idéias que vinham à cena, mas, ao fazê-lo, era eu quem falava. Por fim, bem mais recentemente, publiquei "Silêncio, solidão"¹⁶⁰. Se dele trato aqui uma segunda vez, é porque o título me parece significativo. Ele expressa um certo abdicar do outro; ou talvez exprima a compreensão do caráter inevitável do ser só. De certa forma, representa o termo final de uma situação, que a Nietzsche me manteve atrelada por tantos anos. Tudo se passa como se não mais precisasse resgatá-lo de seu silêncio e de sua solidão, não mais tivesse de fazê-lo falar através dos meus textos e de fazer-me ouvir através dos seus.

E assim se passaram trinta anos. Procurei reconstituir o seu percurso intelectual, levar em conta todos os escritos, refazer a trama dos conceitos, retomar as etapas de elaboração das idéias. Examinei os seus textos dos mais diversos pontos de vista; li e reli a sua correspondência. Comparei e avaliei traduções dos livros publicados em diversas línguas, edições das obras organizadas em diferentes países. Percorri a literatura secundária tanto

¹⁵⁹ Esta foi a maneira pela qual o apresentei em meu primeiro livro: "Nietzsche: aquele que sempre afirma, aquele que diz sim à vida. Uma existência de errança, sofrimento e solidão. Um pensamento que emerge do prazer e da dor. Ousado, insolente, rebelde. Não receia a contenda, desencadeia o combate. Desafia as normas de sua época, declara guerra aos valores do tempo" (*Nietzsche. Uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Brasiliense, 5^a ed., 1991; 1^a ed., 1982, Quarta capa (Coleção "Encanto Radical")).

¹⁶⁰ Vale notar que assim havia intitulado um dos capítulos de meu primeiro livro.

alemã e francesa, quanto inglesa, italiana, espanhola e norte-americana. Tentei reinscrevê-lo em sua época, recuperar o confronto com contemporâneos e predecessores, resgatar referenciais teóricos, científicos e culturais. Refiz as leituras que ele fizera, percorri os caminhos que percorrera, estive nos lugares em que estivera. Frequentei a história européia, em seus aspectos factuais e culturais, analisando idéias e mentalidades; detive-me na Alemanha da segunda metade do século XIX. Contei compreender o pensamento nietzschiano à luz do diálogo permanente que mantém com a história da filosofia, situá-lo diante de diferentes correntes de idéias. Tive de posicionar-me em face dos mais variados comentadores, rever continuamente as minhas atitudes teóricas. Não foi uma existência devotada a ele; foram trinta anos em que vim a público através dele, três décadas em que tive uma existência pública, sobretudo, por intermédio dele.

Convidada a participar do Colóquio "Neue Welt - neue Lektüre. Lateinamerikanische Nietzsche-Impulse", promovido pelo Kolleg Friedrich Nietzsche der Stiftung Weimarer Klassik no ano 2000, escrevi aos organizadores do evento solicitando ser hospedada, não no Hilton Hotel da cidade onde ficariam os congressistas, mas na Villa Silberblick. Soubera, quando de minha estada anterior em Weimar em 1994, que era possível lá se alojar.

No dia 28 de setembro, tarde da noite, cheguei a Weimar, em proveniência de Sils Maria. Lá, estivera em contato com colegas, dentre eles Peter André Bloch e Karl Pestalozzi, e assistira à abertura do Nietzsche-Kolloquium, organizado pela Nietzsche Society da Suíça. Lá, passara três ou quatro dias, acolhida na Nietzsche-Haus, no quarto contíguo àquele em que o filósofo de hábito se instalava.

Em julho de 1881, ele estava a explorar novos recantos quando descobriu Sils Maria. Picos nevados, florestas de

pinho, grandes lagos: a gravidade da paisagem conquistou-o. Alugou um pequeno quarto, com vista para a montanha, na casa da família Durisch. Trabalhava pela manhã, saía ao meio-dia para longas caminhadas, regressava no fim da tarde com os cadernos cheios de anotações e, depois do jantar, retomava o trabalho. Assim concebeu alguns de seus livros. A Sils Maria voltou todos os verões até 1888, com exceção apenas do ano de 1882. A casa em que se hospedava converteu-se numa fundação, com pequena biblioteca, local para exposições e alojamento para estudiosos e pesquisadores; o quarto que usualmente ocupava foi preservado e aberto à visitação.

Naquele fim de noite, quando cheguei a Weimar por volta de uma hora da madrugada, um dos organizadores do Colóquio recebeu-me no portão da casa da Rua Humboldt. Gentilmente, ele me fez entrar na Villa Silberblick e disse: "Foram-lhe reservados os aposentos de Nietzsche". E não hesitou em lembrar-me do que há muito eu sabia: "Neles, Nietzsche passou os últimos anos de vida, já ensandecido, e morreu". Generoso ou perverso, tal gesto obrigou-me a defrontar-me com trinta anos da minha existência. Testemunhando apreço ou desejo de destruição, tal atitude levou-me a desfazer o grande equívoco, em que por três décadas liguei o meu nome ao de Nietzsche.

Eram dois pequenos quartos contíguos, a que foram acoplados uma pequena cozinha e um pequeno banheiro. No primeiro deles, havia um sofá e uma mesa baixa; no segundo, a cama e o armário. Eles davam para o terraço, de onde se avistava a cidade. Tantos retratos exibiram Nietzsche nesse terraço: agasalhado com uma manta, as mãos atrofiadas, o olhar esgazeado, demente. Os móveis dos quartos, é claro, eram outros; mas estavam dispostos da mesma maneira. Tantas fotos mostraram a cama de Nietzsche, encostada à parede, coberta de coroas de flores secas, seu leito de morte.

Vivi nos aposentos que ele ocupou de abril de 1897 até agosto de 1900; lá passei quatro noites de terror. Aterrorizada, via diluírem-se as máscaras a que recorrera por tanto tempo; haveria um rosto por trás delas? Via, aterrorizada, desmontar-se uma identidade; haveria outra? Nesse processo convulsivo, aterrorizada, perguntava-me se algo restaria. Porque se tratava de desatar um nó; teria ainda condições de viver? Porque se tratava de desfazer uma relação simbiótica; como me seria possível existir? Hoje, digo, não sem uma ponta de insolência: sobrevivi.

Nesse ano 2000, havia em Weimar uma grande exposição, "Wann ist der Gothardtunnel fertig? Friedrich Nietzsche. Leben und Werk". Organizada pela Stiftung Weimarer Klassik, trazia documentos, cartas, objetos, livros, fotos, relativos à vida e obra do filósofo. Foram sobretudo as duas partes finais que atraíram a minha atenção: uma, a propósito dos últimos anos de Nietzsche passados justamente onde me achava hospedada, e outra, a respeito do destino dado a esse local depois de sua morte. Aquela abria-se com a viagem de volta da Itália, através do túnel de São Gotardo, em que, sob o efeito de medicamentos, o filósofo entoava o seu "canto da gôndola"; esta centrava-se nos empreendimentos e feitos de Elisabeth Förster-Nietzsche. Assim é que vi o sobretudo de lã, os frascos de remédio, as receitas dos médicos, a cadeira de rodas - despojos do filósofo. Assim é que vi as fotos dos primeiros tempos dos Arquivos Nietzsche, das reuniões na *villa* de Silberblick, do velório de Elisabeth em presença de Hitler - espólios da irmã. Naqueles dias, compreendi que Nietzsche não mais se pertencia e que sequer tinha como avaliar o quanto se pertencera em vida. Mas eu podia pertencer-me por inteiro.

Com "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência"¹⁶¹, pude apropriar-me de mim mesma. Completava-se, por assim dizer, um ciclo; a obra exegética estava feita.

* * *

É bem verdade que muita pesquisa aguarda no fundo das gavetas para ser terminada, muito texto começado espera um desfecho, muito projeto iniciado anseia por uma conclusão - que não sei se virá. Distanciar-me do trabalho de exegese não significa, porém, repudiar o trabalho com a filosofia de Nietzsche. Ela entra agora de outra perspectiva nas minhas reflexões; de objeto de análise, converte-se em ferramenta. Pois, a meu ver, é só depois de compreender em profundidade o pensamento do filósofo que se pode utilizá-lo enquanto instrumento para refletir sobre outras questões. É só depois de comentar que se pode interpretar.

Do meu percurso com Nietzsche, restou uma convicção: a de que as deturpações e deformações de suas idéias se devem, em grande parte, à falta de inseri-las no contexto em que foram elaboradas. Reinscrever sua filosofia no momento em que foi produzida, a mim me parece imprescindível. Por não ver-se confrontada com a sua época, ela foi objeto durante décadas, e ainda hoje o é, de extrapolações e equívocos, apropriações ideológicas e utilizações indevidas.

Na passagem do trabalho exegético à caixa de ferramentas, abriu-se espaço para a recepção da filosofia nietzschiana. De um lado, desde que voltei ao Brasil, com ela tive de me haver; de outro, sempre me instigou conhecer

¹⁶¹ Parte desse trabalho veio a público, com esse mesmo título, na revista *Tempo Brasileiro*, por ocasião do número comemorativo do centenário da morte de Nietzsche. (*Tempo Brasileiro* n.143 (2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.41-54).

como se lia e se lê Nietzsche entre nós. Pouco antes da livre-docência, em 1997, com o ensaio "A terceira margem da interpretação"¹⁶², tocando em problemas centrais que se colocam para os estudiosos da filosofia nietzschiana, busquei apresentar o trabalho de Müller-Lauter. Ao distanciar-se das leituras empreendidas por Heidegger e por Foucault, ainda tão em voga entre nós, ele inaugura uma nova vertente interpretativa da obra do filósofo. Ao determinar o seu lugar no confronto das interpretações, foi o meu que, de alguma forma, acabei por delimitar. No estudo intitulado "Deleuze et son ombre"¹⁶³, em 1998, procurei examinar a leitura que o pensador francês propõe no seu livro sobre a filosofia nietzschiana¹⁶⁴. Movido pelo desejo de fazer dela sua principal aliada no combate ao hegelianismo, ele acaba por ignorar alguns de seus aspectos determinantes. Isso não invalida, porém, a legitimidade de sua leitura; ao contrário, revela que, em sua reflexão, história da filosofia e filosofia se entrecruzam. Em 2000, no artigo "Um século depois, ainda um extemporâneo"¹⁶⁵, contei confrontar imagens de Nietzsche construídas em diferentes momentos do século passado com as que estão em evidência nos dias de

¹⁶² Apareceu, à guisa de apresentação, in: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997, p.7-48.

¹⁶³ In: Alliez, Eric (org.). *Gilles Deleuze une vie philosophique*. Le Plessis-Robinson: Institut Synthélabo pour le progrès de la connaissance, 1998, p.233-242 (Coleção "Les empêcheurs de penser en rond"). Dois anos depois, apareceu em português. Para minha surpresa, traduziram para a minha língua, sem o meu conhecimento, a versão francesa que eu mesma fizera do texto original, suprimindo inclusive o último parágrafo. Cf. "Deleuze e sua sombra". In: ALLIEZ, Eric. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p.235-243.

¹⁶⁴ *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses universitaires de France, 1962.

¹⁶⁵ In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais (06/08/2000), p.16-17.

hoje. E, por fim, no trabalho "Nietzsche in Brasilien"¹⁶⁶, publicado nos *Nietzsche-Studien* nesse mesmo ano, quis refletir sobre a recepção da obra do filósofo em nosso país.

Nos últimos três anos, passei a dedicar-me a pensar a época em que vivo. Aparentemente, nada mudou: continuo a orientar sobretudo trabalhos sobre a filosofia nietzschiana, tanto ao nível de mestrado e doutorado quanto de iniciação científica; a publicar os *Cadernos Nietzsche*, observando rigorosamente a periodicidade da revista; a editar os títulos da *Coleção Sendas & Veredas*, zelando pela qualidade dos textos publicados; a promover os *Encontros Nietzsche* duas vezes por ano; a liderar o GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, que atua junto ao Departamento de Filosofia da USP; a coordenar as atividades do GT Nietzsche, por mim proposto e implementado junto à ANPOF. Mas participar de eventos voltados para a discussão das idéias do filósofo ou dar conferências e palestras acerca de temas que giram em torno delas já quase não contam com o meu interesse.

Não é por acaso que meus escritos começam a caminhar em outra direção. Sintomáticos, os primeiros textos que elaborei, nesta fase, voltaram-se para as discussões a propósito do relativismo e da metafísica, para os debates acerca da condição feminina e para as controvérsias sobre a eutanásia. Nascimento e morte, temas recorrentes, tiveram de ser revisitados; de igual modo, a questão do sujeito e, por conseguinte, a da minha própria identidade; discutir a necessidade de critérios e referenciais, por sua vez, veio expressar as minhas perplexidades. Mas esses textos

¹⁶⁶ In: *Nietzsche-Studien* 29 (2000). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.369-376. Em 1996, já viera a público nos *Nietzsche-Studien* outro texto meu, "L'éternel retour du même: thèse cosmologique ou impératif éthique?" Até o presente momento, foram as únicas contribuições de pesquisador brasileiro a aparecer nessa publicação.

exprimiram, sobretudo, o desejo de compreender o momento presente.

Com "Interpretações: entre o relativo e o transcendente", ensaio inédito, comecei por fazer ver que, ao lidar com a noção nietzschiana de interpretação da maneira como o faz, Foucault permite, ainda que *malgré lui*, interpretações que hoje tomam Nietzsche por um dos precursores da pós-modernidade. Conteí mostrar, então, que, ao privilegiar a intertextualidade às expensas das narrativas, a noção de construto às custas dos conceitos, a idéia de interpretação em detrimento do significado, o pensamento pós-moderno leva a crer que tudo se equívale. Nesse contexto, abrir mão do eterno parece implicar em aderir ao efêmero, desistir da metafísica parece acarretar necessariamente abraçar o relativismo. Ou advogamos princípios transcendentais e acabamos atrelados a posições dogmáticas. Ou então defendemos a pluralidade de interpretações, e, embora talvez mais aparelhados para refletir sobre problemas que hoje nos atingem, corremos o risco de engrossar o discurso da pós-modernidade. Se os princípios transcendentais perderam o seu poder eficiente, nem por isso se tornaram inócuos referenciais que nos permitam pensar a nossa própria situação. Se a idéia de interpretação permite contestar o dogmatismo, nem por isso se pode prescindir de um critério que nos permita distinguir entre as muitas interpretações. Em que medida a filosofia ainda tem condições de fornecê-lo, em que medida ela deseja hoje propiciá-lo? - é a questão que se coloca para nós.

Inédito, "Algumas mulheres. Feministas e dogmáticos" constitui parte de um projeto mais ambicioso, em que pretendo avaliar as recentes discussões sobre a condição feminina que se inscrevem no contexto do pensamento pós-moderno. Nesta etapa, persegui o propósito de examinar as posições que Nietzsche assume quanto à emancipação das

mulheres. Tomando como ponto de partida a seqüência de seções de *Para além de Bem e Mal*, em que trata da questão, contei iluminar a estratégia que adota, ao aproximar feministas e dogmáticos, e a perspectiva que abraça, ao lidar com as mulheres que querem emancipar-se. Ao fazer um trabalho ao mesmo tempo de análise estrutural e genética, quis esclarecer suas considerações acerca dos movimentos de emancipação feminina que está a testemunhar na segunda metade do século XIX e, com isso, elucidar em que medida as apropriações que o tomam por aliado na causa feminista não vão a contrapelo do espírito e da letra de seus textos.

No ensaio "Uma questão de vida ou morte. A filosofia de Nietzsche e o problema da eutanásia"¹⁶⁷, pretendi discutir a questão da eutanásia a partir dos pressupostos filosóficos fornecidos pelo pensamento de Nietzsche. Para tanto, comecei por investigar, num primeiro momento, as noções de saúde e doença assim como as concepções de vida e morte na obra do filósofo. Sem perseguir qualquer propósito de caráter normativo, quis então fazer ver que, na nossa sociedade, a idolatria da vida tem como contrapartida a cultura da morte.

Antes de elaborar os três textos, já fizera uma primeira tentativa no sentido de a Nietzsche recorrer para refletir sobre problemas da atualidade. No artigo "Man and world: Friedrich Nietzsche and the Philosophical Presuppositions of Environmental Ethics"¹⁶⁸, foi meu intuito

¹⁶⁷ In: *Hypnos* 9 (2002). São Paulo: EDUC/ Edições Loyola/Trion, p.120-134. O texto serviu de base para a conferência "Una cuestión de vida o muerte: la filosofía de Nietzsche y el problema de la eutanasia", que apresentei no Quinto Congreso Sudamericano de Filosofía em Caracas em 2002.

¹⁶⁸ In: *Applied Ethics/ Angewandte Ethik* 2. Kirchberg am Wechsel: Österreichische Ludwig Wittgenstein Gesellschaft, 1998, p.51-55; apresentei-o no 21st. International Wittgenstein Symposium, em Kirchberg am Wechsel, Áustria. Retomei essas questões em outro trabalho: "Apuntes para una ética del medio ambiente. Friedrich Nietzsche y su concepción del hombre y del mundo". In: *Yachay* - ano 18, n.32/33 (2001). Cochabamba: Instituto Superior de Estudios Teológicos de la Universidad Católica Boliviana, p.265-

mostrar que a filosofia nietzschiana, ao criticar o antropocentrismo tão característico da visão moderna do mundo, vem contribuir para outra, capaz de fornecer pressupostos filosóficos para uma ética do meio ambiente.

Diversificaram-se os interesses bem mais do que indicam os textos mais recentes. Em outubro e novembro de 2001, estive em Berlim e em Paris. Em Berlim, pesquisei em bibliotecas, participei de reuniões de trabalho com Günther Abel, dei conferências no Institut für Philosophie der Technischen Universität. Em Paris, que não via há sete anos, entretive-me com colegas, frequentei teatros e livrarias, pus-me a par da cena filosófica e cultural. Percorri, sobretudo, os caminhos da memória: revisitei lugares, refiz leituras, reencontrei amigos. Ao mesmo tempo que resgatava os anos setenta, redescobria o mundo. No primeiro semestre de 2002, graças à licença-prêmio, que procurei a todo custo desfrutar, enveredei por leituras diversas: economia, sociologia, política; senti uma necessidade, imperiosa, de situar-me no mundo de hoje. Tempo demais vivera nos limites da filosofia de Nietzsche; nela me enclausurara. Parti à *la recherche du temps perdu*; às avessas, ela me trouxe ao presente.

É num momento de transição que hoje me situo; vivo o encontro do que não é mais com o que não é ainda. Daí, o gosto por atividades que escapem ao já conhecido, por trabalhos que destoem do por demais familiar. Exemplo disso, foram os cafés filosóficos de que participei na Livraria Cultura: dois em 2000, "Provocações de Nietzsche" e "Nietzsche e o diagnóstico de nossos valores morais"; um em 2002, "Liberdade e Imaginário" e outro em 2003, "A modernidade e seus contra-sensos". De início, quando

275. Serviu de base para a conferência que proferi no Tercer Congreso Sudamericano de Filosofía em Cochabamba, Bolívia, em 2000.

surgiram, a eles fui refratária. Conversar sobre filosofia exigia necessariamente disposição dos interlocutores para dominar certo vocabulário, certas articulações lógicas, certa forma de argumentar. Singular, ela não se prestava a traduções; facilitá-la trazia o risco de rebaixá-la ao nível da *doxa*. Aos poucos, passei a perceber de outra maneira eventos desse teor; *Aufklärer* como sempre fui, passei a vê-los como legítimos e necessários. Instigantes, induzem-me a outras questões; desafiadores, levam-me a outro público. Foi o que ocorreu quando falei sobre o "Cotidiano da Filosofia", na Casa da Palavra em Santo André, ou, quando conversei sobre "Nietzsche e a dança", no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro.

Bem recentemente, convidada para participar do Ciclo "Política e Paixão: déficit ético e mais valia afetiva", na Biblioteca Mário de Andrade, apresentei um trabalho intitulado "Cerimônias da destruição: política, ética e suicídio". Procurei mostrar que, na sociedade de consumo e de massa, o fenômeno do ressentimento se universaliza, na medida em que o desejo de consumir, estendendo-se a todos, nunca se vê satisfeito. Com isso, pretendi fazer ver que surge uma nova concepção de política e de ética. Alienando-se de todo projeto social coletivo, o indivíduo, ao colocar-se antes de mais nada enquanto consumidor, acaba consumindo-se. Abrindo mão de suas singularidades e diferenças, ele caminha a passos largos para o próprio suicídio. Quando das perguntas, uma jovem, emocionada, aproximou-se do microfone; contou que hesitara em assistir à palestra por causa do título. Pertencendo a uma família de suicidas, queria saber o que eu pensava a respeito. Respondi com a provocação nietzschiana: "não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente

suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo (...) - mas *amá-lo...*"¹⁶⁹

Desafio maior enfrentei justamente quando, numa conferência no Rio Grande do Sul, tratei do *amor fati* em Nietzsche. Ao final, vieram as questões; a última delas foi a de um rapaz. Muito gentil, perguntou-me: "A senhora, com o seu conhecimento e a sua experiência, com as suas leituras e a sua trajetória, a senhora se aceita plenamente?" Foi com honestidade, até onde posso julgar, que procurei responder. Disse que, por muito tempo, me senti atravessada por cisões; havia algo de despedaçado na minha existência, algo de dilacerado na minha forma de estar no mundo. Era regra que as diversas vozes não se pusessem de acordo, que as várias partes sequer chegassem a dialogar. Nos últimos dez ou quinze anos, venho procurando integrar da maneira, que espero a mais harmoniosa, os diversos ângulos de mim mesma, os vários aspectos da minha vida.

* * *

Tenho ciência das "escolhas" que fiz. Dentre os meus colegas, há quem privilegie a política universitária, quem prefira as intervenções culturais, quem eleja as atividades institucionais e quem transite por todos esses campos. Sempre estimei como primordial o trabalho de formação e, por conseguinte, também o de editoração. Minha inserção foi sempre acadêmica - e não por acaso; afinal, foi na escola que encontrei uma forma de existir.

¹⁶⁹ *Ecce Homo*, Por que sou tão esperto, § 10. In: *Nietzsche - Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2^a ed., 1978 (Coleção "Os Pensadores")..

Em 1990, aceitei o cargo de editor-responsável da *discurso*, o órgão oficial do Departamento de Filosofia da USP. Duas décadas antes, ela surgia como canal para veicular a produção intelectual dos professores da casa, assim como as mais diversas reflexões sobre a cultura¹⁷⁰. Visava a propiciar e estimular a discussão das idéias em todos os ramos das Humanidades, sempre levando em conta a abordagem filosófica dos temas. Não discriminava correntes ideológicas, linhas de pesquisa ou áreas do saber. Por mais de quatro anos, procurei manter-me fiel ao ideário que presidira a sua criação.

Comecei por elaborar o regimento da revista, compor o conselho editorial, assumir a distribuição e permuta, criar as condições necessárias para organizar os diversos números, distribuí-los e divulgá-los. Entre maio de 1990 e maio de 1994, lancei seis números. Em dezembro de 1991, publiquei o 18, com artigos que Paulo Arantes, meu antecessor no cargo, me entregara. Em junho de 1992, editei o 19, introduzindo inovações quanto à concepção teórica e à apresentação gráfica. Em maio de 1993, lancei simultaneamente os números 20 e 21; em outubro do mesmo ano, o 22 e, em março de 1994, o 23. Com isso, restabeleci a periodicidade da *discurso* e

¹⁷⁰ Cf. o texto de apresentação da revista, elaborado a meu pedido por Franklin Leopoldo e Silva, onde se lê: "Projeto há muito acalentado, mas sempre adiado por dificuldades as mais variadas, concretizou-se graças aos esforços de Gilda de Mello e Souza e Armando Mora de Oliveira. Quando atravessava a mais difícil fase de sua história, atingido duramente pela violência da Ditadura, este Departamento extraiu, da ameaça de seu desaparecimento, a força e a coragem para criar um espaço de expressão. (...) Buscava-se preservar, em circunstâncias adversas, as exigências de valores críticos e profundidade de análise que devem pautar a atividade acadêmica e intelectual. Procurava-se, por fim, afirmar o rigor e a qualidade que este Departamento entende ser sua principal contribuição à pesquisa de filosofia no Brasil, dentro do projeto mais amplo de estudos humanistas e científicos que se consolidara em 1934 na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP".

recuperei o atraso devido aos dois anos em que ela esteve interrompida.

É bem verdade que acabei por imprimir à revista um perfil sobretudo filosófico; é bem verdade, também, que sempre a vi como mais que mera coletânea de artigos. Zelei para que os números apresentassem um núcleo temático. Excetuando-se o 22, em homenagem a Gérard Lebrun, o 19 trouxe problemas relativos ao Século das Luzes; o 20, investigações em torno da estética e da filosofia da arte; o 21, reflexões a partir do pensamento hegeliano-marxista; o 23, questões acerca do ceticismo. Neles, publiquei artigos de professores estrangeiros, docentes da casa e pós-graduandos. Insisti para que obedecessem às normas técnicas da ABNT, procedimento indispensável, embora nem sempre bem visto, para indexá-la nos repertórios internacionais¹⁷¹. Com isso, estabeleci acordos de intercâmbio com publicações similares estrangeiras¹⁷² e nacionais¹⁷³ do mais alto nível; ampliei a lista dos periódicos disponíveis na biblioteca e

¹⁷¹ Na época, obtive a sua indexação junto ao *Philosopher's Index*, *Répertoire Bibliographique de la Philosophie* e *Clase: Citas Latinoamericanas en Sociología, Economía y Humanidades*.

¹⁷² Dentre elas, há que mencionar a *Revista de Filosofia* da Universidade do Chile, *Cuadernos de Documentación Filosófica* da Universidade Nacional de Rosário e *Philosophia* da Universidade Nacional de Cuyo em Mendoza na Argentina, *Revista Venezuela de Filosofía*, *Revista de Filosofía* da Universidade de Costa Rica, *Revista de Filosofía* da Universidade Iberoamericana no México, *Arquipélago* da Universidade dos Açores, *Crítica do Núcleo de Estudos Pragmáticos de Lisboa*, *Revista Filosófica* de Coimbra e *Philosophica* da Universidade de Coimbra em Portugal, *Telos* da Universidade de Santiago de Compostela na Espanha, *Cahiers de Philosophie Politique et Juridique* da Universidade de Caen, *Kairos* das Presses Universitaires du Mirail e *Recherches sur Diderot et l'Encyclopédie* na França, *Synthesis Philosophica* de Zagreb.

¹⁷³ Encontram-se, dentre elas, a *Kriterion* da Universidade Federal de Minas Gerais, *Síntese* da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, *Educação e Filosofia* da Universidade Federal de Uberlândia, *O que nos faz pensar* da PUC do Rio de Janeiro e *Veritas* da PUC do Rio Grande do Sul.

logrei uma visão de conjunto das revistas de filosofia publicadas entre nós.

Considerando que a *discurso* tinha uma função social a exercer, julguei indispensável enviá-la graciosamente às universidades estaduais e federais, agências financiadoras, institutos de pesquisa e principais bibliotecas do país. Indispensável também me pareceu remetê-la à *Library of Congress* em Washington, à *Bibliothèque Nationale* de Paris e a universidades da América Latina, Estados Unidos e Europa. Fiz amplo trabalho de divulgação; organizei lançamentos, encaminhei *press releases* à imprensa, formei malas-diretas, enviei informes e convites. Mas meu objetivo primordial consistiu em levar a revista a ocupar lugar de destaque no cenário filosófico.

Para tanto, foi preciso um sem-número de iniciativas: captar artigos, normalizar textos, fazer revisões; lutar por recursos para a impressão do miolo e da capa, acompanhar os trabalhos da gráfica, insistir no cumprimento de prazos; manter correspondência com o conselho editorial, colaboradores e colegas, departamentos de filosofia e programas de pós-graduação, instituições e bibliotecas, repertórios internacionais e periódicos similares; escrever cartas em várias línguas, dar inúmeros telefonemas, responder a pedidos de doações e aquisições; estabelecer acordos com a Edusp, firmar contrato com distribuidoras, controlar prestações de contas, repassar verbas; atualizar endereços, colar etiquetas, envelopar exemplares; enviar prospectos, distribuir fôlderres, afixar cartazes. Sem contar com qualquer infra-estrutura.

Que sentido tudo isso poderia ter? Dar-me a oportunidade de refletir sobre os entraves da burocracia, que a cada passo exige autorizações, carimbos e assinaturas? Permitir-me pensar nas disposições afetivas do ser humano,

que não raro expressa a própria insignificância, convertendo deveres em favores? Ou simplesmente defrontar-me com a microfísica do poder?

Aqui, prefiro enveredar por outro caminho. E, sem hesitar, sirvo-me das palavras de Pascal. "Sobrecarregamos os homens, desde a infância, com o cuidado de sua honra, de sua riqueza, de seus amigos, e ainda com o cuidado da riqueza e da honra desses amigos. Fatigamos os homens com negócios, com o estudo de línguas e exercícios, e fazemos-lhes sentir que não poderão ser felizes sem que a sua saúde, honra e fortuna, e as de seus amigos estejam em ordem, e que basta faltar-lhes uma destas coisas para se tornarem infelizes. E damos-lhes encargos e negócios que os atormentam desde que desponta o dia. - Eis aí, direis, uma estranha maneira de fazê-los felizes! Que se poderia fazer de melhor para torná-los infelizes?"¹⁷⁴ Mas o que, à primeira vista, parece sinal de estupidez logo se revela marca de bom senso. Pois, "bastaria tirar-lhes todas essas ocupações; então se veriam a si mesmos, pensariam no que são, donde vêm e para onde vão". É por não saberem ficar em repouso, "quietos dentro de um quarto" que os homens buscam a agitação, mas eles estão certos em assim proceder, porque, se não o fizessem, se veriam confrontados com a própria condição¹⁷⁵.

Em plena ignorância de si, o eu leva o homem a fugir de si mesmo e a só buscar-se fora de si; permanentemente inquieto, o ser humano se procura onde não poderia se achar.

¹⁷⁴ *Pensamentos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1979, fragmento 143 (Coleção "Os Pensadores").

¹⁷⁵ "Eis aí tudo quanto os homens puderam inventar para se tornarem felizes", declara Pascal. "E a atitude dos filósofos, que crêem que o mundo é muito pouco razoável por passar o dia todo a correr atrás de uma lebre que ninguém desejaria comprar, demonstra que nada conhecem da nossa natureza. Essa lebre não nos livra da visão da morte e das misérias, mas a caça - que nos desvia dela - dela nos livra" (*Op. cit.*, fragmento 139).

Num esforço de auto-engano, o eu acaba por mascarar-se, interpondo eus imaginários entre ele e ele mesmo, entre ele e os outros; tentando fazer-se Deus, o ser humano converte sua plenitude de microcosmo em potência autodestrutiva. Camuflando o seu vazio pelos atos ilusórios do *divertissement*, o eu se suicida realmente, não porque escolha a negação de sua capacidade de vida eterna com Deus, como quer Pascal, mas porque se condena a apartar-se de si mesmo. Para evitar defrontar-se com a sua miséria, o ser humano corre atrás de nada que toma por seu haver mais precioso.

Tanto é que, nem bem fazia dois anos que deixara a *discurso*, concebi os *Cadernos Nietzsche*. Com a revista, pretendi criar um fórum de debates em torno das múltiplas questões colocadas acerca e a partir da reflexão nietzschiana. Conteí difundir trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros e, abrindo espaço para as novas gerações, de doutorandos e mestrandos. Procurando imprimir seriedade aos estudos sobre a filosofia de Nietzsche no país, introduzi vocabulário rigoroso, escolhi traduções que me pareciam as mais apropriadas, adotei a edição das Obras Completas e da Correspondência organizada por Colli e Montinari, segui as normas de citação dos *Nietzsche-Studien*. Empenhei-me, em cada número, em divulgar as mais diversas vertentes interpretativas do pensamento nietzschiano. Ao público brasileiro trouxe, pela primeira vez, ensaios - inéditos, alguns - de Günther Abel, Mazzino Montinari, Michel Haar, Alan Schrift, Richard Rorty, Marco Brusotti, Johann Figl, Manuel Barrios Casares, Luis Enrique de Santiago, Duncan Large, Monica Cragolini, Germán Meléndez, José Jara, Patrick Wotling e Éric Blondel¹⁷⁶.

¹⁷⁶ Seu artigo, intitulado "Nietzsche: a vida e a metáfora", aparecerá nos *Cadernos Nietzsche* 16, a ser lançado em maio de 2004.

Para os *Cadernos Nietzsche*, transferi a experiência que tivera à frente da *discurso*: normalização dos artigos, indexação no *Philosopher's Index*, *Clase* e *Geodados*, permuta com publicações de filosofia da América Latina, Estados Unidos e Europa¹⁷⁷, doações a universidades públicas, a bibliotecas nacionais e estrangeiras, às diversas *Nietzsche-Societies*. E inclusão, na íntegra, dos números esgotados na página do grupo de pesquisa que lidero. Com isso, vi a revista classificada entre os melhores periódicos de filosofia no país, pela CAPES¹⁷⁸.

Com o intuito de abrir novas frentes para os estudos sobre o pensamento nietzschiano no Brasil, concebi e implementei, em 2000, a *Coleção Sendas & Veredas*. Nestes quatro anos de existência, publiquei oito títulos¹⁷⁹; quatro deles esgotaram-se; hoje, dois foram reeditados e dois outros estão à espera de reedições.

Desde 1996, em maio e setembro, quando do lançamento dos números da revista e, agora, dos títulos da *Coleção*, organizo os *Encontros Nietzsche*. Em parceria com outras universidades, realizei estes eventos em Sergipe, Goiás, Brasília, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Nos últimos três anos, além das atividades acadêmicas, conferências e mesas-redondas, realizadas junto ao

¹⁷⁷ Dentre elas, vale mencionar *Runas de Portugal*, *Nietzsche New Studies* dos Estados Unidos, *Perspectivas Nietzscheanas* da Argentina.

¹⁷⁸ No contexto de *Qualis*, classificação dos veículos de produção intelectual dos programas de pós-graduação *strictu sensu*, a CAPES qualificou os *Cadernos Nietzsche* com nível "A".

¹⁷⁹ *A filosofia perspectivista de Nietzsche* de António Marques, *Conhecer é criar* de Gilvan Fogel, *Nietzsche e a dissolução da moral* de Vânia Dutra de Azeredo, *O Crepúsculo do sujeito em Nietzsche* de Alberto Onate, *Nietzsche contra Darwin* de Wilson Frezzatti Júnior, *Nietzsche: Estilo e Moral* de André Luís Mota Itaparica e *A maldição transvalorada* de Fernando de Moraes Barros, além do meu *Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*.

Departamento de Filosofia da USP, procurei levar outras à cidade, com lançamentos no Centro Universitário Maria Antonia, no Goethe Institut e em diferentes livrarias. Recentemente, promovi o *Colóquio Nietzsche, caminhos percorridos e terras incógnitas*, voltado para os jovens pesquisadores da filosofia nietzschiana no país.

Encontros Nietzsche, Coleção Sendas e Veredas e Cadernos Nietzsche são as frentes de atuação do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, que em 1996 fundei junto ao Departamento de Filosofia da USP. Persegui, então, o objetivo de reunir estudiosos brasileiros do pensamento de Nietzsche. E empenhei-me em ampliar e fortalecer as relações com centros de pesquisa internacionais e pesquisadores estrangeiros: a *Nietzsche Society* com Dave Allison, a *North American Nietzsche Society* com Richard Schacht e Alan Schrift, a *British Nietzsche Society* com Ansell-Pearson e Duncan Large, a *Stiftung Weimarer Klassik* com Rüdiger Schmidt, a *Österreichische Nietzsche-Gesellschaft* com Hans Hödl e Barbara Salaquarda, a *Stiftung Nietzsche-Haus in Sils-Maria* com Peter André Bloch.

Era preciso dotar o GEN de biblioteca especializada. Em 1996, solicitei recursos, no contexto do projeto de auxílio integrado do CNPq, "GEN - Grupo de Estudos Nietzsche: Crítica, atualidade e recepção da filosofia de Nietzsche", para aquisição de material bibliográfico permanente. Concedidos, vieram a ser liberados quatro anos depois. Cadastrei os livros de minha biblioteca pessoal, estabeleci nova lista de títulos a serem adquiridos, entrei em contato com editoras estrangeiras, solicitei *pro forma in voice*, negocieei contratos de câmbio com o Banco do Brasil, fiz prestação de contas discriminada. Mas mudaram as regras do jogo. O CNPq determinou que a responsabilidade pela guarda dos livros adquiridos não seria mais do líder do grupo de pesquisa mas da instituição à qual ele se achava vinculado.

E assim vi parte do acervo do GEN ser transferida para a biblioteca da Faculdade de Filosofia, cujos usuários não são na sua maioria estudiosos de Nietzsche. Hoje, o GEN dispõe de uma biblioteca especializada, que resulta da soma das bibliotecas individuais de seus integrantes, e um banco de dados atualizado, que reúne os trabalhos por eles realizados.

Da crítica corrosiva dos valores à filosofia positiva, da trama conceitual à inserção na história da filosofia, de diferentes maneiras e a partir de perspectivas diversas, os integrantes do GEN têm a oportunidade de continuamente pôr à prova suas hipóteses de trabalho. Dentre os desafios que uma iniciativa de tal ordem enfrentou e continua a enfrentar, conta-se a falta de tradição de trabalho em grupo nas Humanidades. É bem verdade que, neste campo, o trabalho é sobretudo solitário. Isto não impede, porém, que os envolvidos sejam solidários. Admitir a interdependência, integrar a diversidade, fazer-se co-responsável, são práticas a serem desenvolvidas. Atuar em sentido inverso ao da lógica da exclusão já é uma forma de questioná-la; agir em direção oposta à da competição já é uma forma de combatê-la.

Julgando necessário estabelecer parcerias intelectuais fora do país, convidei vários pesquisadores estrangeiros, contando com pouquíssimos recursos, para debater com os integrantes do GEN suas posições acerca da filosofia nietzschiana. De modo a aproveitar da melhor maneira a presença de cada um deles, organizo previamente seminários sobre seus textos, chegando a fazê-los aparecer, sempre que possível, em português. Pretendo dar a conhecer ao público brasileiro e, também, aos meus orientandos algo de extensa bibliografia ainda ignorada entre nós. Nos últimos três anos, recebi António Marques e Nuno Nabais de Portugal, Mónica Cragolini e Silvio Maresca da Argentina, José Jara

do Chile e Germán Meléndez da Colômbia. Além de contribuir para aprimorar o trabalho dos que trabalham sob minha orientação, a vinda deles concorreu para colocar em outras bases a discussão sobre Nietzsche no Brasil.

E assim construí o Grupo de Estudos Nietzsche, os *Cadernos Nietzsche*, a *Coleção Sendas & Veredas*, os *Encontros Nietzsche*. Razões objetivas, ou outras, vieram dificultar, interceptar e, por vezes, obstruir o meu trabalho. Mas, em que pesem as dificuldades, ele se fez.

Que sentido poderia ter tudo isso? Foi, talvez, a forma que encontrei de certificar-me, ainda uma vez, da minha existência. Tudo se passa como se precisasse de provas, bem materiais e concretas, do fato de ocupar um lugar no espaço.

Foi isto o que me levou a planejar, organizar, construir. E, também, um certo traço "idealista". Emprego o termo num sentido propriamente nietzschiano; com ele, quero dizer que, com frequência, me deixei levar pela crença em ideais, em imagens edulcoradas de situações, fatos, pessoas e - por que não dizer? - causas. Melhor: tomei por causa o que não passava de projeto; em causa converti o que não era mais que experimento. Bem mais, abracei como causa interesses de outros e até veleidades alheias. Durante décadas, procedi de forma heterônoma. Em alguns aspectos da vida, em alguns domínios da existência, ainda hoje procedo.

Esse traço "idealista" meu escondia e revelava uma ingenuidade sem tamanho; dela sequer tinha ciência. Surpreendia-me, e ainda me surpreendo, quando a mim imputavam intuítos e propósitos que jamais poderia reconhecer como meus. Não me diziam respeito; na verdade, pertenciam aos que a mim queriam atribuí-los. Era à imagem e semelhança da própria maneira de pensar, agir e sentir que me percebiam. Ao que parece, só se pode ver o mundo a partir da própria perspectiva.

Meu compromisso com a verdade se espraiava dos textos para as situações, das situações para as pessoas, de mim para o entorno. Ingênua, nunca notei segundas intenções - nem primeiras. Nunca percebi duplos sentidos - nem no que eu dizia. Tomava ao pé da letra tudo quanto ouvia - e tudo quanto falava. Não foi por acaso que, múltiplas vezes, assim tomei os textos de Nietzsche. Neles, não eram as figuras de linguagem, as diferenças de tom, que me atraíam; deles, não queria nada menos que a "verdade". Tanto é que, ao empreender a análise conceitual de *Assim falava Zaratustra*, contei, de início, captar as idéias para além do caráter autobiográfico que, por vezes, o texto assumia, apreender os conceitos por detrás das imagens ou, nas palavras de Descartes, "remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou a argila"¹⁸⁰.

Várias foram as causas que abracei. Abracei a causa do compromisso com a verdade do texto filosófico. Por causa tomei o trabalho de formação. Em causa converti a defesa do ideário que, durante anos, presidiu o Departamento de Filosofia da USP. Enquanto causa vi a necessidade de imprimir seriedade aos estudos nietzschianos no país.

E com esse espírito eu me propus a contribuir para a discussão acerca da política científica. Por três anos, de 1995 a 1997, trabalhei no Comitê Assessor de História e Filosofia do CNPq. Meu nome, que encabeçava uma lista tríplice de indicações feitas pela comunidade filosófica do país, foi o escolhido pelo Conselho Deliberativo da agência. Ao aceitar o cargo, contava discutir questões relativas à área. A reversão dessa expectativa, e de outras mais, foi o que vivi. Pois, se minha atuação chegou a ter impacto, não encontrou terreno propício para deixar marcas.

¹⁸⁰ DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. Jacob Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p.64.

Era um momento em que o CNPq queria redefinir o seu perfil; diferenciando-se da CAPES, destinada à capacitação de recursos humanos, pretendia resgatar a sua vocação, primeira, de agência voltada para o fomento da pesquisa no Brasil¹⁸¹. Dispunha-se, para tanto, a diagnosticar as prioridades nacionais e encontrar maneiras de contemplá-las. Decisão sem dúvida política, o diagnóstico exigia, porém, uma visão de conjunto. Era preciso reavaliar todos os programas de apoio. De uma dessas reavaliações, participei; dizia respeito ao programa de doutorado pleno no exterior. Entrevistei bolsistas de várias áreas, recém-chegados de instituições estrangeiras; deparei-me com os casos mais diversos: os melhores viam-se tentados a aceitar convite para trabalhar fora do país, uns tantos levavam adiante pesquisas que poderiam desenvolver aqui, muitos regressavam sem ter defendido a tese de doutoramento. As situações eram díspares; uma, quase anedótica. Um pesquisador da Embrapa elaborava trabalho junto a uma universidade inglesa; voltava, com frequência, ao seu Estado de origem por conta da pesquisa de campo; o tema de seu projeto era a procriação das capivaras no Pará.

Finda a reavaliação do programa, o CNPq entendeu haver, em grande medida, capacidade de formação instalada no país. Tratava-se, pois, de destinar as verbas do programa de doutorado pleno no exterior para suprir carências e lacunas. Empenhei-me em fazer um mapeamento da área de filosofia; na época, havia consenso: Filosofia Antiga e Medieval eram as sub-áreas mais carentes entre nós; para elas, procurei granjear recursos. Organizei duas reuniões, sediadas no

¹⁸¹ Fundado em 6 de novembro de 1974, pela Lei nº 6.129, teve seus fins reiterados em 1989: "O CNPq tem por finalidade promover e apoiar o desenvolvimento científico e tecnológico nacional e exercer outras funções no âmbito da Política Nacional de Ciência e Tecnologia que lhe forem atribuídas pelo Secretário Especial de Ciência e Tecnologia" (Decreto nº 97.753 de 17 de maio de 1989).

Departamento de Filosofia da USP, com os especialistas do país, fazendo ver a eles que havia chances de implementar um projeto de ação induzida para a formação de doutores no exterior. Não chegaram a elaborá-lo.

Outra maneira de organizar a pesquisa, no entender da agência, era priorizar os projetos de auxílio integrado. Eles deveriam apoiar o trabalho desenvolvido pelo pesquisador experimentado, seus colaboradores e orientandos; contribuiriam para implementar e consolidar grupos, que viriam a integrar o "Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil". Já que o CNPq não se voltava para os programas de pós-graduação e sim para os pesquisadores, a estes caberia atribuir as bolsas de mestrado e doutorado concedidas e, de igual forma, as de iniciação científica¹⁸². Embora tal medida viesse sobrecarregar o pesquisador, pois dele exigiria que também se convertesse em gerenciador da pesquisa, a ele propiciaria melhores condições de trabalho. Era intenção do CNPq aglutinar, sob a modalidade do projeto de auxílio integrado, os mais diversos recursos: bolsa para pesquisador visitante e para recém-doutor, auxílio para promoção e participação em eventos científicos, custeio de apoio técnico e da aquisição de material permanente.

Hoje, o quadro parece mais uma vez modificar-se. Tudo indica que o CNPq volta a apostar suas fichas nas bolsas individuais de produtividade em pesquisa. E a FAPESP passa a incentivar os projetos temáticos, que, com uma ou outra diferença, contemplam justamente os objetivos e propósitos que deveriam nortear os projetos de auxílio integrado. Mas, bem sabemos, a todo momento a situação pode alterar-se.

¹⁸² Ao que consta, estudo então realizado revelou que os trabalhos desenvolvidos por graduandos, com bolsas de iniciação científica atribuídas no contexto do projeto de auxílio integrado, apresentavam resultados superiores aos dos graduandos que se beneficiavam de bolsas do PIBIC.

Junto ao CNPq, julguei possível intervir na maneira pela qual os subsídios eram alocados. Parecia-me necessário fortalecer a formação nas regiões mais carentes do país. Muitos eram os expedientes de que se poderia lançar mão: fortalecer grupos de pesquisa emergentes; promover parcerias entre universidades; incentivar novos cursos de pós-graduação que, com marca diferencial, se converteriam em referência no país; implementar bibliotecas básicas; apoiar a estada de professores visitantes; propiciar o deslocamento de estudantes para diferentes pontos do país. Para isso, era preciso pouco, muito pouco.

A cada reunião do Comitê Assessor ficavam flagrantes as dificuldades. Embora fosse atribuição sua discutir a política científica¹⁸³, as atividades concentravam-se no exame da chamada demanda de balcão. Ainda assim, tratei de contribuir para reorganizar as sub-áreas de filosofia, reclassificar os pesquisadores, elaborar lista de assessores *ad hoc*. E, quando do VII Encontro Nacional da ANPOF, em outubro de 1996, fiz relato pormenorizado das mudanças então em curso no CNPq. A respeito delas, procurei, de diferentes maneiras, informar a comunidade filosófica do país. Na

¹⁸³ Consta no Regimento Interno do CNPq, publicado no Diário Oficial de 8 de março de 1990:

“Capítulo II - Dos Comitês Assessores

Art. 51. Competirá aos CAs:

I - contribuir para a formulação de programas e planos de desenvolvimento científico e tecnológico;

II - participar do processo de planejamento, acompanhamento, avaliação e análise das perspectivas das áreas e dos programas de fomento do CNPq;

III - recomendar à Diretoria Executiva ações de fomento em sua área, através das respectivas superintendências;

IV - analisar as solicitações de bolsas e auxílios, emitindo parecer conclusivo e fundamentado no que se refere aos aspectos acadêmicos, técnicos e orçamentários. Para este fim os CAs poderão contar com pareceres de consultores *ad hoc*; e

V - sugerir à direção nomes de pesquisadores que possam vir a atuar como consultores *ad hoc* em suas áreas de competência”.

medida em que entendia representá-la, minha atuação norteou-se por expressar interesses e anseios gerais¹⁸⁴.

Ainda no que diz respeito à discussão sobre política científica, em março de 1997, tomei parte, com Hugo Armelin, então pró-reitor de pesquisa da USP, Ulpiano Bezerra de Meneses e Marisa Lajolo, na discussão acerca das "Condições Institucionais da Pesquisa nas Humanidades", ressaltando o estreito vínculo entre docência e investigação na nossa área. Na 50ª Reunião Anual da SBPC, em julho de 1998, tive a oportunidade de discutir com Marisa Lajolo e Roque de Barros Laraia a idéia de formação nas Humanidades, no quadro do Simpósio "O ensino e a pesquisa em humanas: uma difícil articulação". E, no VIII Encontro Nacional da ANPOF, tratei com Danilo Marcondes e Ivan Domingues dos "Rumos do sistema nacional da pós-graduação em filosofia", em setembro de 1998. Não saberia avaliar o alcance e impacto de tais discussões.

Mas isto resume bem os desafios com que me defrontei, quando de minha atuação junto ao CNPq: como abrir espaço para a discussão das atividades-fim num momento em que predominam as atividades-meio, como conferir a devida prioridade aos anseios gerais numa comunidade em que prevalecem as questões particulares e os interesses localizados.

Algum sentido poderia ter tudo isso? Nunca tive talento político; a necessidade de transparência impediu-me de desenvolver qualquer habilidade nessa direção. Dizer a palavra oportuna no momento oportuno, desculpar-se quando não é o caso e de igual modo elogiar, estar atenta a pontos fracos, prometer contemplar interesses não expressos,

¹⁸⁴ Tanto é que, desde o início, segui à risca um princípio ético básico: o de jamais pronunciar-me acerca de processos encaminhados por colegas do meu Departamento.

despertar desejos e parecer ir ao encontro deles, dar mostra de preferências afetivas inexistentes, manipular sentimentos, enfim, colocar o entorno a seu próprio serviço: sou o avesso disso tudo. Sempre detestei a política, essa política, como detesto a propaganda - pelo seu caráter enganoso.

Atitudes sedutoras me são aversivas. Incauta, custa-me percebê-las; quando as percebo, delas me defendo com veemência. Por tender a colocar-me sempre da perspectiva do outro, deixo-lhe ocupar tanto espaço. Por inclinar-me sempre a levar em conta o outro, dou-lhe tanta voz. Sinto-me pessoalmente atingida, quando noto manipulações. Por isso mesmo, acautelo-me contra situações que põem em risco a minha existência; contra elas me previno. É questão de sobrevivência. Não quero confundir-me a meu respeito.

Minha necessidade de transparência talvez tenha algo de auto-destrutivo. Levar tudo às últimas conseqüências, julgar-me com severidade e rigor, mostrar-me inflexível, não transigir comigo mesma, dizer o que penso em todas as circunstâncias nem sempre são gestos bem-vindos. É por isso que hoje, num momento em que as relações acadêmicas se reduzem cada vez mais a contatos, eu me sinto tão deslocada. Porque, em vez do falso elogio, que se propõe a apaziguar conflitos internos, prefiro o embate; e, em vez da adulação, que esconde segundas intenções, mais quero o desafio. Desconfiando de palavras ou atitudes de admiração, sempre busquei a avaliação isenta do meu trabalho.

Julguei vê-lo reconhecido, quando logo depois do concurso de livre-docência, recebi um dos primeiros convites para tomar parte em evento no exterior. Em 1998, foi muito bem-vindo o aceno da *North American Nietzsche Society* para participar, ao lado de Josef Simon, Richard Schacht e Bernd Magnus, de uma de suas seções. Decidi expor, de forma concentrada, as linhas mestras de minha interpretação do

pensamento nietzschiano. Em "Por uma filosofia dionisiaca"¹⁸⁵, contei investigar a maneira pela qual Nietzsche concebe o seu próprio empreendimento. A partir da análise do conceito de dionisiaco na obra da maturidade, defendi a idéia de que dionisiaca é a filosofia que afirma sem reservas o *fatum*, que aceita que ele se afirme através do homem. Contrapondo-se à metafísica, ao cristianismo e à modernidade, dionisiaca é a filosofia que espelha o mundo, que traduz a vida.

Em 1998, com o título "Nietzsche, a disciple of the philosopher Dionysus", apresentei o trabalho na seção organizada pela North American Nietzsche Society no contexto do 20th. World Congress of Philosophy em Boston. Em 2000, com o título "Nietzsche, discípulo del filósofo Dionysos"¹⁸⁶, voltei a apresentá-lo nas "Jornadas Nietzsche 2000" promovidas pela Universidade de Buenos Aires.

Nos últimos cinco anos, participei de eventos na Alemanha, na Áustria, na França, em Portugal. Também tomei parte, regularmente, nos Congressos Sudamericanos de Filosofia, que tiveram lugar em São Paulo, na Bolívia, na Colômbia, na Venezuela e no Chile. Pude pôr à prova resultados de pesquisa e dar a conhecer as publicações do GEN, propiciar a descoberta de parte a parte dos trabalhos desenvolvidos, estreitar laços com colegas de países vizinhos ou de além-mar. Em todas essas ocasiões, procurei apresentar o que de melhor possuía. Pois comigo levava o nome do GEN, do Departamento de Filosofia, da Universidade de São Paulo.

¹⁸⁵ In: *Kriterion* 89 (1994). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, p.9-20.

¹⁸⁶ Foi publicado in: *Instantes y Azares* - ano I, n.1 (2001). Buenos Aires: Eudeba, p.73-84.

No exterior, vim a estabelecer parcerias intelectuais mais proveitosas e instigantes que a maior parte das que tenho no Brasil. Penso, em particular, nas relações com Günther Abel em Berlim, com Patrick Wotling, Éric Blondel e Didier Franck em Paris, com António Marques em Lisboa. Em livros e revistas especializadas, publiquei trabalhos na Alemanha, na Áustria, na França, na Espanha, nos Estados Unidos, na Colômbia, na Venezuela, na Bolívia e na Argentina.

Mas não pude furtar-me a constatar que, em todas as partes do globo, o pragmatismo se expande a olhos vistos. Proliferam textos de divulgação, escritos de circunstância. Colegas queixam-se do nível cultural dos alunos, da falta de interesse dos orientandos. Na América Latina, uns se entusiasma com os vários programas de pós-graduação em filosofia implementados no Brasil; na França e em Portugal, outros, tendo participado de Encontros Nacionais da ANPOF, animam-se com a efervescência filosófica que testemunharam no país. É, por vezes, difícil fazê-los compreender as mudanças que estão em curso.

Da ANPOF participei desde o I Encontro Nacional em Diamantina, em agosto de 1984. Fundada no ano anterior, ela se propunha a incentivar a investigação filosófica no país e a defender os interesses das pós-graduações em filosofia junto aos órgãos competentes¹⁸⁷. Surgia de uma experiência anterior: a SEAF. A Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas veio opor-se à marginalização que sofrera a filosofia na década de 70. Então, a crítica e a reflexão foram vigiadas, professores arbitrariamente afastados e a disciplina banida do segundo grau. De espectro amplo, contando com estudantes e docentes, a associação pretendia recuperar o papel social da filosofia no debate de idéias,

¹⁸⁷ Cf. *Boletim da ANPGF*, órgão informativo da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia, ano 1, n.1 (maio de 1983), p.2-3.

lutando pelo retorno de seu ensino no secundário e produzindo os *Cadernos da SEAF*. A ANPOF, por sua vez, tinha outro perfil: reunia programas de pós-graduação e não professores e alunos; visava a promover a pesquisa filosófica e não o ensino da filosofia.

Uma associação assim concebida, a meu ver, deveria atuar em dois sentidos. Colocando-se como interlocutor privilegiado junto às agências de fomento à pesquisa e aos Ministérios de Ciência e Tecnologia, de Educação e de Cultura, deveria estabelecer objetivos e metas, a partir de diagnósticos e mapeamentos da área no país. Por ocasião dos encontros nacionais, a discussão da política da área não se reduziria a apresentar dados estatísticos relativos à produção filosófica nem se limitaria a exorcizar uma entidade abstrata chamada mercado. Por outro lado, voltada para a investigação filosófica, deveria promover o debate dos resultados das pesquisas em andamento. Quando dos congressos bienais, a discussão teórica não se daria no quadro de cursos com intuito formador nem de seções de comunicações de mestrandos e doutorandos, pois a participação dos pós-graduandos, que reputo importante, se faria sem apresentação de trabalho.

É bem verdade que, em 1998, a ANPOF promoveu a criação dos Grupos de Trabalho, com o intuito de organizar a investigação filosófica no país. Ao conceber e implementar o GT Nietzsche, imaginei criar um espaço em que pesquisadores mais experimentados pudessem discutir as suas linhas de pesquisa. De modo geral, não foi o que aconteceu. Mais uma vez, levava por demais a sério uma proposta que já não tinha condições de viabilizar-se. Pois, nos últimos dez anos, ocorreram mudanças de ordem conceitual: por pesquisa, entende-se hoje divulgação; por conhecimento, informação; por apresentar resultados de trabalho, dar visibilidade ao

que se faz; por participar de eventos científicos, multiplicar os contatos; e por fortalecimento da ANPOF, o número de participações.

No último Encontro Nacional, em outubro de 2002, em vez de trazer a público minhas investigações mais recentes, preferi participar da mesa-redonda "A filosofia e as formas modernas do atraso", com Rachel Gazolla, Olgária Matos e Renato Janine Ribeiro. Então, apresentei o trabalho "Filosofia e cultura filistéia: impossível convivência", em que contei discutir as profundas transformações que vêm sendo impressas na cena intelectual e, em particular, na cena filosófica brasileira. Partindo da crítica que Nietzsche faz da cultura filistéia, quis avaliar os valores que atualmente presidem as atividades da pesquisa em filosofia em nosso país.

É que no ano 2000, por ocasião do centenário da morte de Nietzsche, participei de numerosos eventos no Brasil e no exterior, que me deram a ver algo do processo em curso¹⁸⁸. Em exposição, alinhavam-se trabalhos de fôlego e textos feitos às pressas, sem que aparentemente nada pudesse distingui-los. Artigos convertiam-se em livros; de igual modo, entrevistas. Apresentado à exaustão em diferentes eventos, um mesmo texto reaparecia maquiado; com um novo título, ressurgia publicado em diversos contextos.

A leitura entrou em descrédito, uma certa concepção de leitura. Se os novos meios de comunicação facilitam o acesso aos textos filosóficos¹⁸⁹, exigem que se tenha com eles um trato bastante peculiar. Sem retomar a velha pergunta dos anos setenta: em que medida o meio altera a mensagem?, bem

¹⁸⁸ Vale registrar um deles: o Simpósio Internacional de Filosofia "Assim falou Nietzsche" no Rio de Janeiro. O GEN colaborou com a divulgação; eu mesma com o convite a pesquisadores estrangeiros.

¹⁸⁹ CdRoms como os Pastmasters constituem, sem dúvida, uma grande ferramenta de trabalho.

sei que um simples comando traz à tela do computador as diferentes ocorrências de um termo ou expressão numa obra inteira. Tomando-se expressões por idéias e termos por conceitos, põe-se em prática um novo "método" de pesquisa filosófica. Também a escrita entrou em descrédito, uma certa concepção de escrita. Desprovidas do tempo necessário para a maturação, não é raro que as inúmeras páginas que vêm a público apresentem caráter heteróclito. Sem discutir como se coloca hoje a questão da autoria, tenho ciência de que se utilizam passagens inteiras sem mencionar quem as elaborou - em sala de aula, em projetos de pesquisa, em participações em congressos, em publicações¹⁹⁰. Por ignorância ou má fé; muito pior, por hábito. Aproveita-se cada fiapo de idéia, cada linha escrita; altera-se o modo de exposição: reorganizam-se as palavras, rearticulam-se as frases, reapresentam-se os textos - próprios ou de outrem, pouco importa. E assim se exerce uma nova "arte" no trabalho em filosofia.

Tenho de render-me às evidências: desapareceram os critérios para discriminar a qualidade das publicações, das participações em eventos, das pesquisas. Melhor: por critério, entende-se hoje as vantagens imediatas que possam advir do fato de convidar ou ser convidado, eleger este ou aquele objeto de estudo, fazer vir a público textos numa obra coletiva ao lado deste ou daquele autor. Se o trabalho de docência deixou de ser formador, o critério para determinar a excelência da pesquisa deixou de ser acadêmico. Tanto no contexto nacional quanto no internacional, ele se acha cada vez mais determinado pelas relações pessoais, pelos contatos, pelos cargos.

¹⁹⁰ Foi o que ocorreu em artigo publicado na *Impulso* v.12, n.28 (2001). Piracicaba: Editora Unimep, em que o autor copia passagens de texto meu sem atribuir-me o crédito.

Não é por acaso que a crítica à cultura filistéia, no meu entender, é tema cada vez mais atual. Superficiais e desnecessários, os filisteus da cultura fazem alarido e sucumbem ao palavrorio, promovem o pastiche e forjam o amálgama, recorrem a toda espécie de artimanha para manipular os que estão à sua volta, lançam mão de quaisquer artifícios para fazer uso dos que se acham ao seu redor. Sedutores e dissimulados, buscam invadir espaços e ampliar esferas de influência. E assim a investigação filosófica abandona o que lhe é mais próprio: o trabalho de reflexão. Há pouco mais de uma década, éramos poucos, porque poucos éramos no país. Éramos artesãos; fazíamos trabalho de artesãos, por vezes com pretensão de artistas. É bem verdade que, por vezes, faltava clareza; posições teóricas, políticas e ideológicas se mesclavam e, não raro, encobriam desavenças pessoais. Mas havia consenso quanto a exigências mínimas, trabalho criterioso, rigor, excelência.

Agora, a situação é outra; estamos diante da titulação em massa de filósofos no país. Destinados à capacitação de recursos humanos, os vários programas de mestrado e doutorado em filosofia, em geral, são desprovidos de intuito formador. Curvando-se às determinações da política científica, promovem a redução do tempo de elaboração das dissertações e teses e a conseqüente redução das exigências. Mestrados convertem-se em monografias de fim de curso e doutorados, em resumos desprovidos de originalidade e esforço reflexivo. Dado o número crescente de recém-doutores, torna-se premente a luta pela sobrevivência. Para inserir-se no mercado de trabalho, é preciso acomodar-se aos padrões atuais. Desenvolvem-se técnicas de elaboração de relatórios e projetos, de forma a adequá-los ao que esperam as agências de financiamento. Pouco importa se correspondem a estudo realizado ou por realizar e, menos ainda, a trabalho de alguma relevância no âmbito da pesquisa. Para

ganhar posição de destaque, é preciso conformar-se ao espírito da época. Multiplicam-se atitudes auto-promocionais, de sorte a garantir as ocasiões para ampliar o currículo. Não interessam os meios necessários para tanto. E assim se instala o que eu chamaria de darwinismo acadêmico: o mais apto a adaptar-se é quem leva a melhor.

Recentemente, um colega do CNRS me dizia em Paris: "chère amie, passamos do artesanato local ao mercado mundial". E, quando lhe falei de qualidade, discriminação, critérios, respondeu-me que essas eram questões minhas, nossas, do nosso tempo e não mais dos dias de hoje. Se a minha geração foi de especialistas e a que me sucedeu, de técnicos, a atual é de divulgadores. É que a própria concepção de filosofia mudou; ela se converteu em grife.

Poderia haver algum sentido em tudo isso? Vivemos num tempo de profundas alterações no modo de pensar, agir e sentir. Modelos teóricos e quadros referenciais, que norteavam nossa maneira de pensar, perderam o seu poder eficiente; sistemas de valores e conjuntos de normas, que orientavam nossa maneira de agir, caíram em desuso; discursos e práticas, que pautavam nossa maneira de sentir, tornaram-se obsoletos. Rebaixadas ao nível de opiniões, as idéias mostram-se dispensáveis; frutos de atitudes descomprometidas, elas prescindem de todo lastro teórico ou vivencial.

Alguém como eu, que se sente de alguma forma em suspenso na existência, precisa de fio terra - e, nestes tempos, a terra mesma muda de figura a cada momento. Em face de um entorno camaleônico, que se altera permanentemente, é com desconforto que presencio as mudanças, é com angústia que vivo as transformações. E a impressão que tenho neste exato momento, para recorrer a uma imagem, é a de que estamos em meio a uma enorme vaga. A formação humanista que

tanto prezei não voltará; tampouco é possível preservá-la. A convicção de que filosofia e cultura se acham vinculadas ultrapassou o seu prazo de validade; não há como mantê-la. Inexorável, processa-se a *Umwertung aller Werte*.

Estamos num mundo de objetos descartáveis e de relações pessoais efêmeras, num mundo de signos sem significados, de imagens sem referentes. Estamos num mundo em que reina o contingente e, com ele, o acidental, o descontínuo, o fragmentário, em que impera o presente sem passado nem futuro. Estamos num mundo mercantilizado, em que necessidades e desejos são sempre renovados, a cada instante multiplicados, de sorte que a busca compulsiva por sua satisfação imediata traz inevitável e permanente frustração.

Dada a "compressão espaço-temporal"¹⁹¹, que leva a preferir o conto ao romance e o videoclip ao documentário, na filosofia, privilegia-se o artigo em detrimento do ensaio e o *paper* às expensas do livro. Não há tempo para estudos de fôlego; não há espaço para pesquisas de longa duração. Em geral, os trabalhos são pontuais, motivados por solicitações externas tais como a de tomar parte em congressos, simpósios e colóquios ou a de participar de obras coletivas e números especiais de periódicos. Traduzindo tal tendência, no mais das vezes, os livros limitam-se a reunir textos já publicados.

Dada a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos, assiste-se ao descrédito das visões totalizadoras e dos estudos sistemáticos. Desvinculada das questões que ora se colocam para nós, mas igualmente desligada das Humanidades em geral, a pesquisa em filosofia, no mais das vezes, privilegia questões muito bem definidas e problemas muito bem delimitados. É indício de sua falta de inserção

¹⁹¹ HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

num universo que lhe dê sentido; é sintoma da ausência de um projeto intelectual.

Dada a transformação da realidade em imagens, importam-se problemas e questões. Propõem-se temas para discussão de maneira aleatória; deles se esquece no momento seguinte. Porque vivemos num mundo sem referentes, faz-se desnecessário no correr da pesquisa o recurso a obras de referência. Não há mais como levar em conta a fortuna crítica. Abandonam-se os comentadores de peso, antes imprescindíveis para que o estudioso, ao diferenciar a sua posição da deles, enveredasse por outros caminhos, ousasse novas interpretações. Parece igualmente desnecessário trabalhar com os originais, apreciar o caráter das distintas edições, avaliar a qualidade das diferentes traduções.

Dada a importância atribuída à mídia, à publicidade e ao *marketing*, multiplicam-se abordagens rápidas e superficiais de temas e problemas; ganham espaço as obras de divulgação. Desprovidas da "paciência do conceito", no mais das vezes, limitam-se a reciclar textos e clonar interpretações, quando não contribuem para fazer proliferar imagens e reproduzir clichês. Por outro lado, a mídia torna "popular" idéias e teorias, converte em autores da moda imitadores e epígonos. Ignorando a densidade da reflexão, utiliza de forma irresponsável e leviana filosofias inteiras. E, no afã de publicar, ainda há quem faça vir à luz escritos pouco elaborados, textos mal acabados, sobre questões que estão na ordem do dia apenas para evidenciar o próprio trabalho.

Mas estes procedimentos parecem justificados pela política científica, que se faz sentir no cotidiano da vida acadêmica; melhor, parecem por ela incentivados. Na universidade, a produtividade está na ordem do dia. Como conciliá-la com o paradigma da comunicação que hoje se impõe? Basta examinar o que significa ser produtivo na cena

filosófica brasileira; aqui, reinam os números. As agências de fomento à pesquisa, e as universidades, ao avaliarem docentes e programas de pós-graduação, expõem de forma irretorquível os indicadores da produção. Pensadas nestes termos, as exigências de produtividade, em vez de estimular a pesquisa, correm o risco de impedi-la. Mais ainda: mentirosas, elas vêm justamente encobrir a ausência de pesquisa.

E esse parece ser o nosso dilema: ou nós nos opomos à heteronomia e, com isso, passamos por improdutivos ou a ela nos submetemos e nos tornamos, de fato, improdutivos. Pois, cedendo à divulgação, renunciamos à pesquisa; curvando-nos à informação, abrimos mão do conhecimento.

Houve um tempo em que se gozava do *otium philosophicum*. Então, o ler e o escrever constituíam prioridade; era a qualidade do trabalho que contava. Entendia-se que à universidade cabia antes de mais nada garantir a formação e que só existiria universidade plenamente realizada na faculdade de filosofia. Numa relação de respeito entre mestre e discípulo, aí se dava um processo lento e gradativo de interiorização do saber. Era enquanto tarefa formadora que a docência se fazia e, enquanto trabalho de reflexão, que a pesquisa encontrava o seu sentido. Reavivar a memória não é, aqui, prova de um espírito nostálgico; responde apenas à necessidade de trazer à cena um passado não tão distante de forma a evidenciar o presente.

Recentemente, quando da elaboração deste texto, estava em busca de material sobre a história da Faculdade de Filosofia, a história do Departamento de Filosofia, a minha história. Dada a relação, por momentos, simbiótica entre a Universidade de São Paulo e eu mesma, pensei em servir-me da memória da instituição para recuperar a minha própria. E, para minha surpresa, à parte uns poucos estudos, o que encontrei foram documentos esparsos, folhas e folhas

conservadas graças à dedicação de um ou outro funcionário. Uma quantidade extraordinária de material que luta contra o tempo para preservar-se. É bem verdade que há os trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Apoio à Pesquisa em História. Mas, a meu ver, seria preciso mais, muito mais, para combater o profundo esquecimento a que se acha relegada a nossa experiência. Penso, por exemplo, no alheamento de estudantes e, por vezes até de colegas, em relação à história que temos, queiramos ou não, em comum no Departamento de Filosofia, na Faculdade de Filosofia, na Universidade de São Paulo. É o desconhecimento do que somos que nos leva a tomar como nosso o heterônimo.

Entre nós, a memória parece ser de pouca valia. Basta reparar nas mudanças por que passa a cidade de São Paulo. Prédios vêm abaixo sem que registro deles se faça. Como criar laços com o patrimônio cultural do nosso país, se ele sequer é visto enquanto tal? Como pensar numa identidade nacional, se não se cultiva o que poderia nos levar a nos identificarmos com a nossa cultura, a nos sabermos dela criadores e partícipes?

Assim como testemunho as transformações por que passa a cidade de São Paulo, transformações de igual porte julgo presenciar no que diz respeito aos rumos da pesquisa em filosofia no nosso país, seja na universidade ou fora dela. Talvez tenha de assumir que, de um certo ponto de vista, sou uma pessoa conservadora. Para mim, o que conta é a densidade histórica do que me rodeia. Foram os vestígios históricos em Paris que fizeram com que me envolvesse com a cidade. Foi com o mesmo olhar que, na infância, caminhei por São Paulo. Conservadora, prezo os documentos; apreço que se deve talvez a essa curiosidade "inata", a que já me referi, associada ao espírito de pesquisa que ela ensejou. Apreço que se deve, bem mais, à extrema necessidade de pertinência. Outra formulação da necessidade extrema de dar sentido à vida.

Inadequada sou eu no mundo de hoje. Sofro com as leituras truncadas, com o tempo descontínuo de maturação das idéias, com as interrupções que se multiplicam. Por mais que procure reservar um momento do dia, um período da semana, para o ler e escrever, vejo-me confrontada com demandas que contrariam a minha determinação. Presa fácil do que me solicitam ou exigem, é de forma assertiva que tenho de me colocar para fazer face a elas. Sinto-me despreparada para este mundo - e não apenas pelo ritmo acelerado em que vivemos, lugar comum nas conversas sociais. Em meio ao conflito entre a necessidade e desejo de levar adiante o trabalho reflexivo e a impossibilidade material de fazê-lo, quantas vezes não me perguntei, não me pergunto, o que é feito do meu dia! Duzentos e sessenta alunos inscritos no curso do primeiro ano; quinze orientandos em doutorado, mestrado e iniciação científica; trabalhos de editoração e organização de eventos; consultorias e assessorias científicas; relatórios e pareceres; e uma infinidade de tarefas comezinhas. Tenho a impressão de ter-me enclausurado num mundo que não me diz respeito. Não mais me reconheço no meio acadêmico; estou outra vez atrás das grades.

Minha posição é desconfortável. Tivesse dez anos mais, não me defrontaria com este momento de forma tão direta; tivesse dez anos menos, estaria mais em consonância com ele - talvez... Fui uma das últimas pessoas a se beneficiarem do prazo de oito anos para elaborar o doutorado; pouco depois que o defendi, o título começou a perder o sentido e o valor. No caso da livre-docência, ocorreu algo parecido. O mesmo se deu quando comecei a participar de eventos internacionais. Ampliar o *curriculum vitae* já não significa alargar as experiências, mas fazer render os contatos.

Contatos, eu nunca cultivei; meu trabalho se fez de maneira isolada. A exemplo do meu pai, mestre-de-obras, através da construção procurei dar sentido à minha própria

existência - construção que jamais se quis acumulação de capital, até onde posso julgar. Era simplesmente uma forma de existir. A filosofia se me afigurava, de igual modo, uma construção. Eu prezava a arquitetura do texto, seus alicerces e fundamentos. Zelava por não deixar à mostra os andaimes dos meus próprios escritos. E estava convencida da solidez das construções. Quanto mais bem assentados os tijolos, tanto maior a sua duração. Mal sabia que passaria de um tempo em que, ao longo de décadas, se construía a obra, para outro em que nada se constrói. E se não há obra, tampouco há vida - eu diria.

Lembro-me dos filmes de Visconti, de *Il Gattopardo*, por exemplo. Mas, ao contrário do Príncipe di Salina, que com uma valsa sela o acordo entre os velhos e os novos tempos, em baile algum pretendo fazer o mesmo. Testemunho a inevitável desagregação de uma situação que se vê privada de identidade e desprovida de função histórica; assisto ao desaparecimento de um mundo com que me identifiquei e pelo qual vivi; diante de um presente estranho e incompreensível, sobressaltada, assisto à minha própria morte. Porque, nos momentos de grandes transformações, a mim me parece que há os que a elas aderem e os que a elas resistem. Não haveria por que aderir; já não tenho como resistir.

Como atribuir sentido ao absurdo? Diante dessa perplexidade me vi e com ela tive de me haver de forma aguda por dez anos. Pois, de 1992 a 2001, foi de forma aguda que fiz a experiência da finitude. Dia após dia, eu me vi confrontada com a degeneração e a morte. Presenciei o processo de um corpo que se deteriorava, uma existência que se extinguiu. Acompanhar o declínio do corpo que me gestou, seguir a decadência da existência que me gerou, me remetia, de forma contundente, à questão do sentido da vida e à pergunta pelo valor da existência. Ao vestir e banhar esse

corpo, enfraquecido e debilitado, que definhava a olhos vistos, surpreendia-me. Ao cuidar de suas escaras, daqueles buracos na carne por vezes purulentos, espantava-me: "Essa é a matéria de que somos feitos!" E, contudo, sonhamos.

Talvez por essa razão me lancei em atividades tão concretas; era como se a materialidade do mundo me fosse necessária, vital mesmo, nesse momento. Diante da falta de sentido da situação em que me encontrava, procurei sentido num mundo que não fazia sentido algum.

O absurdo da existência levou-me a atribuir sentido, de forma excessiva, a mim mesma e ao mundo. Cada palavra, atitude ou gesto tornou-se carregado de significação. E o mundo se tornou pesado. Não porque fosse um fardo difícil de suportar; jamais me senti num vale de lágrimas. Mas por causa do meu comprometimento. Nunca uma frase dita ao léu, um pensamento lançado ao acaso - nem mesmo o emprego do tempo. As *flâneries* eram previstas, as erranças programadas. Deixava-me ir à deriva em intervalos, ilhas num oceano de sentido -- ou de sem sentido, justamente. E assim criei vínculos, muito fortes sempre. São eles que me trazem a este momento e a este lugar.

Resgatar esta história é, a meu ver, abrir mão de desejos de sistematização, renunciar a intenções de síntese. As lembranças são parciais, perspectivas. Ressignificações. Pergunto-me, por exemplo, por que *Amarcord* de Fellini, que tão bem retratava a minha família, não encontrou lugar neste escrito. Ou *O Cristo morto* de Mantegna, com a sua revolucionária alteração de ponto de vista? Ou então a *Terceira Sinfonia* de Brahms? Ou ainda a cidade de Varanasi, onde vida e morte se entremeiam: corpos sendo cremados à beira do Ganges e corpos se banhando nas águas do rio? Por que nele não foram incluídos outros amigos, livros, peças de teatro, textos da própria lavra, orientandos, colegas, mortos ou vivos? E tantos afetos que se perderam pelos

descaminhos da memória? É que tudo depende da luz do dia e da posição do cavalete.

E tudo repercute em mim de maneira intensa. Elaborado, digerido, assimilado, é quase com leveza que se dá a conhecer. O impacto causado, a turbulência vivida, nada disso transparece quando se expressa. Não porque haja a intenção de algo esconder ou o desejo de não me revelar; mas porque tudo já está em mim incorporado. Tanto é que os textos que redijo, deles não me lembro; chego até a surpreender-me quando me deparo com um escrito meu - quem mesmo o escreveu? Os livros que leio, deles me esqueço; chego até a espantar-me quando me defronto com anotações minhas à margem das páginas - quem mesmo as leu? De algum modo, páginas e escritos fazem parte de mim.

Desse ponto de vista, e de outros também, extemporâneas foram as minhas vivências de filiação. Em meu percurso, liguei-me a pessoas de gerações que precederam a minha, por quem nutri e nutro profundo respeito. Reconheço que, embora por vezes unilaterais, esses laços deixaram marcas no meu trabalho intelectual, acadêmico e profissional. Mas a matéria-prima com que tive de me haver e, não raro, as ferramentas de que precisei dispor, foi a vida quem me forneceu. No limite, vivi do meu próprio crédito; nasci das minhas próprias mãos.

Prezo os que, de uma forma ou de outra, me marcaram, sobretudo porque exprimem essa condição que nos é própria e que temos em comum. Penso, por exemplo, numa certa delicadeza, a das mulheres da minha família. Delicadeza que mal escondia a extrema fragilidade da mãe, da avó; delicadeza manifesta num túmulo do cemitério do Araçá. Logo na entrada principal, à direita, sobre uma lápide de granito, está em mármore um banco de jardim. Sobre ele uma bengala e um chapéu, lá deixados um tanto ao acaso, ali esquecidos. Provam que uma existência houve, um ser humano

existiu. Algo sucedeu no mundo. Apenas isso. É o quanto basta: apontar o fato - sem precisar do relato, da história e, menos ainda, do julgamento e da avaliação; expressar a condição humana, sua finitude - nada mais.

Curriculum Vitae

Profa. Dra. Scarlett Zerbetto Marton

Professora Associada, efetiva no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Representante dos professores associados junto à Congregação da Faculdade

Coordenadora do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche

Editora-responsável dos *Cadernos Nietzsche* e da Coleção *Sendas & Veredas*.

I. Títulos da carreira universitária

II. Atividade intelectual

II.1. Publicações

II.1.1. Livros

II.1.2. Livros ou obras organizadas pela pesquisadora

II.1.3. Artigos ou capítulos em livros no exterior

II.1.4. Artigos ou capítulos em livros no Brasil

II.1.5. Artigos de caráter científico em revistas ou periódicos no exterior

II.1.6. Artigos de caráter científico em revistas ou periódicos no Brasil

II.1.7. Resenhas

II.1.8. Trabalhos publicados em anais de eventos no exterior

II.1.9. Trabalhos publicados em anais de eventos no Brasil

II.1.10. Traduções e revisões de tradução

II.2. Organização de colóquios, encontros e mesas-redondas

II.3. Participações em eventos

II.3.1. Colóquios e Simpósios no exterior

II.3.2. Colóquios e Simpósios no Brasil

II.3.3. Conferências, Cursos e Seminários no exterior

II.3.4. Conferências, Cursos e Seminários no Brasil

II.3.5. Atividades de divulgação

- III. Atividades de editoração
 - III.1. Editora-responsável
 - III.2. Membro de conselho editorial
 - III.3. Consultoria junto a editoras
- IV. Atividades de consultoria e assessoria científica
 - IV.1. Participação junto às agências de fomento
 - IV.2. Participação em bancas de concurso público
- V. Atividades administrativas
- VI. Atividades de orientação
 - VI.1. Teses de doutoramento orientadas e defendidas
 - VI.2. Dissertações de mestrado orientadas e defendidas
 - VI.3. Trabalhos de iniciação científica concluídos
 - VI.4. Orientações em andamento
 - VI.5. Participação em bancas de doutorado e mestrado
- VII. Atividades didáticas
 - VII.1. Cursos ministrados na pós-graduação
 - VII.2. Cursos de graduação ministrados desde 1988
 - VII.3. Cursos ministrados em outras instituições universitárias

I. Títulos da carreira universitária

I.1. *Maître d'enseignement en Philosophie*, obtido pela defesa da dissertação "Pour une généalogie de la vérité - Essai sur la notion de vérité chez Friedrich Nietzsche", sob orientação do Prof. Dr. Maurice de Gandillac, na Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne, França, em 15/10/1974. O primeiro capítulo desse trabalho foi publicado em português, com o título "Por uma genealogia da verdade".

I.2. *Doutor em Filosofia*, obtido pela defesa da tese "Nietzsche, cosmologia e genealogia", sob orientação do Prof. Dr. Paulo Eduardo Arantes, na Universidade de São Paulo, em 07/10/1988. Menção: 9,9 com distinção e louvor. Obra publicada em 1990 com o título "Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos".

I.3. *Docente efetivo do quadro da Universidade de São Paulo*, obtido por concurso prestado para provimento de cargo de Professor Assistente do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 18 a 29/06 e de 02 a 03/07/1990. Nomeada pelo reitor em 16/04/1991.

I.4. *Livre-docente em Filosofia*, obtido em concurso público realizado de 16 a 19/06/1998 pela Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a defesa da tese "A obra feita e a obra por fazer", em 19/06/1998. Menção: 10,0 com distinção e louvor. Início do exercício da função em 23/07/1998; publicação no Diário Oficial em 11/08/1998.

II. Atividade Intelectual¹⁹²

¹⁹² Este *curriculum vitae* não inclui a produção anterior ao doutorado obtido em 07 de outubro de 1988, com exceção da dissertação de mestrado, da tese de doutoramento e das publicações mais relevantes. Tudo o que se refere à produção até o segundo semestre de 1988 consta do *Memorial*, que apresentei para o concurso de efetivação.

II.1. Publicações

II.1.1. Livros

II.1.1.1. *Nietzsche. Uma filosofia a marteladas.* São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1991, 118 p.; 1ª ed., 1982.

II.1.1.2. *Nietzsche. Das forças cósmicas aos valores humanos.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2ª ed., 2000, 290 p.; 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. Tese de doutoramento, defendida em 1988.

II.1.1.3. *Nietzsche. A transvaloração dos valores.* São Paulo: Moderna, 4ª ed., 1996, 119 p.; 1ª ed., 1993.

II.1.1.4. *Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche.* São Paulo: Discurso Editorial/ Editora UNIJUÍ, 2ª ed., 2001, 281 p. (Coleção Sendas e Veredas); 1ª ed., 2000. Parte da tese de livre-docência, defendida em 1998.

II.1.2. Livros ou obras organizadas pela pesquisadora

II.1.2.1. *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy.* Organização. Além disso, redigi a apresentação (p.7-10) e responsabilizei-me pela revisão técnica. São Paulo: Brasiliense, 1985, 201 p.

II.1.2.2. *O pensamento vivo de Nietzsche.* Organização. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985, 112 p.

II.1.2.3. *discurso 18* (1990), Revista do Departamento de Filosofia da USP, traz artigos de Étienne Balibar ("*Ultimi Barbarorum* - Espinoza: o temor das massas"), Scarlett Marton ("*Nietzsche e a Revolução Francesa*"), Iná Camargo Costa ("*A produção tardia do teatro moderno no Brasil*"), Franklin Leopoldo e Silva ("*A constituição das existências lógicas*"), dentre outros.

II.1.2.4. *discurso 19* (1992), Revista do Departamento de Filosofia da USP, elegendo como núcleo temático questões relativas ao Século das Luzes, apresenta a tradução brasileira do artigo de Moses Mendelssohn ("*Sobre a Pergunta: o que quer dizer ilustrar?*").

II.1.2.5. *discurso* 20 (1993), Revista do Departamento de Filosofia da USP, publica diversos artigos tendo por fio condutor investigações em torno da estética e da filosofia da arte, além dos ensaios de Gilles Gaston Granger ("Intuicionismo e verificação") e Ruy Fausto ("Dialética marxista, dialética hegeliana - *O Capital* e a *Lógica* de Hegel").

II.1.2.6. *discurso* 21 (1993), Revista do Departamento de Filosofia da USP, leva pela primeira vez ao público brasileiro ensaio do renomado pesquisador alemão Wolfgang Müller-Lauter ("O desafio Nietzsche"), além de textos de Scarlett Marton, Paulo Eduardo Arantes e Barbara Cassin.

II.1.2.7. *discurso* 22 (1993), Revista do Departamento de Filosofia da USP, em homenagem a Gérard Lebrun, traz um texto de apresentação de minha autoria ("Um extemporâneo entre nós"), um dos primeiros ensaios publicados por Lebrun no Brasil ("*As Palavras* ou os Preconceitos da Infância") e os artigos de Jean Mathiot, Marilena Chaui, Francis Wolff, Paulo Eduardo Arantes, Pierre Macherey, José Arthur Gianotti, Gilles Gaston Granger e Bento Prado Júnior.

II.1.2.8. *discurso* 23 (1994), Revista do Departamento de Filosofia da USP, tem por núcleo temático questões acerca do ceticismo com contribuições de João Paulo Monteiro e Oswaldo Porchat, dentre outros.

II.1.2.9. *Cadernos Nietzsche* 1 (Setembro 1996), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, de caráter experimental, reúne trabalhos de jovens pesquisadores.

II.1.2.10. *Cadernos Nietzsche* 2 (Maio 1997), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, leva por vez primeira ao público brasileiro ensaio do prestigiado pesquisador da filosofia nietzschiana Jörg Salauarda, ("A concepção básica de Zaratustra"), por mim traduzido e apresentado ("Nietzsche e a celebração da vida").

II.1.2.11. *Cadernos Nietzsche* 3 (Setembro 1997), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, publica pela primeira vez em nosso país ensaio de Mazzino Montinari, um dos pesquisadores responsáveis pela edição crítica das Obras Completas de Nietzsche.

II.1.2.12. *Cadernos Nietzsche* 4 (Maio 1998), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, traz para o debate brasileiro a interpretação pragmatista do pensamento nietzschiano, aqui representada pelo ensaio de Richard Rorty ("Nietzsche, Sócrates e o pragmatismo").

II.1.2.13. *Cadernos Nietzsche* 5 (Setembro 1998), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, introduz em nosso país, com o trabalho de Michel Haar ("Vida e totalidade natural"), uma das principais leituras que hoje se fazem da filosofia nietzschiana na França.

II.1.2.14. *Cadernos Nietzsche* 6 (Maio 1999), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, traz ao público brasileiro ensaio de Wolfgang Müller-Lauter, professor emérito da Humboldt Universität de Berlim ("Décadence artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner"), traduzido e apresentado por mim ("*Décadence, um diagnóstico sem terapêutica. Sobre a Interpretação de Wolfgang Müller-Lauter*").

II.1.2.15. *Cadernos Nietzsche* 7 (Setembro 1999), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, destaca o ensaio do norte-americano Alan Schrift, com um balanço das apropriações teóricas da filosofia nietzschiana em termos dos diferentes posicionamentos políticos que as motivaram ("A disputa de Nietzsche. Nietzsche e as guerras culturais").

II.1.2.16. *Cadernos Nietzsche* 8 (Maio 2000), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, conta com o ensaio inédito de Marco Brusotti ("Ressentimento e Vontade de Nada"), que

apareceu posteriormente nos *Nietzsche-Studien* 30 (2001), com menção à publicação brasileira.

II.1.2.17. *Cadernos Nietzsche* 9 (Setembro 2000), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, propõe ao público brasileiro, com o trabalho de Duncan Large ("'Nosso Maior Mestre': Nietzsche, Burckhardt e o conceito de cultura"), uma das atuais vertentes da interpretação inglesa do pensamento nietzschiano, além de publicar vários ensaios, dentre eles "Silêncio, solidão" de minha autoria.

II.1.2.18. *Cadernos Nietzsche* 10 (Maio 2001), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, tem por eixo as relações entre Heidegger e Nietzsche, com a colaboração de Mónica Cragolini da Universidade de Buenos Aires ("Nietzsche por Heidegger: contrafiguras para uma perda") e José Jara da Universidade do Chile ("De Nietzsche a Heidegger: voltar a ser novamente diáfanos").

II.1.2.19. *Cadernos Nietzsche* 11 (Setembro 2001), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, apresenta, além do ensaio de Germán Meléndez, importante estudioso colombiano, intervenções de destacados intelectuais, filósofos e psicanalistas argentinos em torno das mais diversas questões suscitadas pelo pensamento nietzschiano.

II.1.2.20. *Cadernos Nietzsche* 12 (Maio 2002), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, tem por núcleo temático a questão da interpretação, com ensaios de Günther Abel, editor dos *Nietzsche-Studien*, e Lucía Piossek, introdutora dos estudos nietzschianos na Argentina, dentre outros.

II.1.2.21. *Cadernos Nietzsche* 13 (Setembro 2002), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, privilegia os ensaios do pesquisador espanhol Manuel Barrios Casares ("O 'giro retórico' de Nietzsche") e do colega carioca Gilvan Fogel ("Por que não teoria do conhecimento?").

II.1.2.22. *Cadernos Nietzsche* 14 (Maio 2003), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, em homenagem a Gerd Bornheim,

que fez parte do Conselho Editorial deste periódico, traz um texto seu inédito ("Nietzsche e Wagner: o sentido de uma ruptura") e elege como núcleo temático as relações entre arte e filosofia.

II.1.2.23. *Cadernos Nietzsche* 15 (Setembro 2003), Revista do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, traz pela primeira vez no Brasil ensaios de Patrick Wotling e Johann Figl, renomados pesquisadores da filosofia nietzschiana, além de índices sobre os textos publicados na revista desde a sua criação.

II.1.3. Artigos ou capítulos em livros no exterior

II.1.3.1. "Deleuze et son ombre". In: Alliez, Eric (org.). *Gilles Deleuze une vie philosophique*. Le Plessis-Robinson: Institut Synthélabo pour le progrès de la connaissance, 1998, (Coleção "Les empêcheurs de penser en rond"), p. 233-242.

II.1.4. Artigos ou capítulos em livros no Brasil

II.1.4.1. "Foucault leitor de Nietzsche". In: RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.36-46.

II.1.4.2. Apresentação a *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. In: MARTON, Scarlett (org.). São Paulo: Brasiliense, 1985, p.7-10.

II.1.4.3. Prefácio a *Nietzsche educador* de Rosa Maria Dias. São Paulo: Scipione, 1990, p.7-8.

II.1.4.4. "Nietzsche: consciência e inconsciente". In: KNOBLOCH, Felícia (org.). *O Inconsciente - várias leituras*. São Paulo: Escuta, 1991, p.27-41.

II.1.4.5. "O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?" In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.205-223.

II.1.4.6. Apresentação à edição brasileira de *Friedrich Nietzsche em suas obras* de Lou Andréas-Salomé. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.7-9.

II.1.4.7. "Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito ou a propósito de uma fala de Zarathustra: Da superação de si". In: STEIN, Ernildo e DE BONI, Luís (orgs.). *Dialética e liberdade*. Petrópolis/ Porto Alegre: Vozes/ Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993, p.522-538.

II.1.4.8. "O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?" In: TÜRCKE, Christoph (org.). *Nietzsche: uma provocação*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Goethe Institut, 1994, p.11-32.

II.1.4.9. "Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral". In: DE BONI, Luís (org.). *Finitude e transcendência*. Petrópolis/ Porto Alegre: Vozes/ Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996, p.713-726.

II.1.4.10. "A terceira margem da interpretação". In: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997, p.7-48.

II.1.4.11. Prefácio a *O pessimismo e suas vontades. Schopenhauer e Nietzsche* de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

II.1.4.12. "Só acreditaria num deus que soubesse dançar". In: FEITOSA, Charles e BARRENECHEA, Miguel Angel (orgs.). *Assim falou Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p.143-154.

II.1.4.13. "Deleuze e sua sombra". In: ALLIEZ, Eric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p.235-243.

II.1.4.14. "Assim silenciou Nietzsche". In: FEITOSA, Charles, CASANOVA, Marco Antonio, BARRENECHEA, Miguel

Aangel, DIAS, Rosa Maria (orgs.). *Assim falou Nietzsche III*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001, p.166-180.

II.1.4.15. Prefácio a *Entre eu e si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche* de Alberto Marcos Onate. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p.10-13.

II.1.4.16. "Idéias em cena: Filosofia e Arte". In: Azeredo, Vânia (org.). *Econtros Nietzsche*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003, p.21-30.

II.1.5. Artigos de caráter científico em revistas ou periódicos no exterior

II.1.5.1. "L'éternel retour du même: thèse cosmologique ou impératif éthique?" In: *Nietzsche Studien* (25) 1996, Berlim, Walter de Gruyter & Co., p.42-63.

II.1.5.2. "Man and world: Friedrich Nietzsche and the Philosophical Presuppositions of Environmental Ethics". In: *Applied Ethics/ Angewandte Ethik* 2. Kirchberg am Wechsel: Österreichische Ludwig Wittgenstein Gesellschaft, 1998, p.51-55.

II.1.5.3. "Nietzsche y Hegel, lectores de Heráclito". In: *Ideas y Valores* n.114 (2000). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, p.35-50.

II.1.5.4. "Nietzsche in Brasilien". In: *Nietzsche-Studien* 29 (2000). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.369-376.

II.1.5.5. "Apuntes para una ética del medio ambiente. Friedrich Nietzsche y su concepción del hombre y del mundo". In: *Yachay*, ano 18, n.32/33 (2001). Cochabamba: Instituto Superior de Estudios Teológicos e Universidad Católica Boliviana, p.265-275.

II.1.5.6. "Nietzsche, discípulo del filósofo Dionysos". In: *Instantes y Azares*, ano I, n.1 (2001). Buenos Aires: Eudeba, p.73-84.

II.1.5.7. "Nietzsche: la obra hecha y la obra todavía por hacer". In: *Estudios Nietzsche*, n.2 (2002). Málaga:

Departamento de Filosofia da Universidade de Málaga, p.181-203.

II.1.5.8. "Actualidad y recepción de la filosofía de Nietzsche en Brasil". In: *Universitas Philosophica*, n.38 (2003). Bogotá: Facultad de Filosofía de la Pontificia Universidad Javeriana (no prelo).

II.1.5.9. "Nietzsche/ Zarathustra: La subversión de la autobiografía". In: *Estudios de Filosofía* 27 (febrero de 2003). Antioquia: Instituto de Filosofía de la Universidad de Antioquia, p.25-40.

II.1.5.10. "Una cuestión de vida o muerte: la filosofía de Nietzsche y el problema de la eutanasia". In: *Lógoi* n.6 (2003). Caracas: Centro de Estudios Filosóficos de la Universidad Católica Andrés Bello (no prelo).

II.1.6. Artigos de carácter científico em revistas ou periódicos no Brasil:

II.1.6.1. "Por uma genealogia da verdade". In: *discurso* 9 (1979). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.63-80.

II.1.6.2. "Bons sentimentos, venenos da alma - reflexões sobre a idéia de ressentimento na ótica de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Folhetim n.336 (26/03/1983), p.4-5.

II.1.6.3. "Linguagem e Consciência na obra de Nietzsche". In: *Epistemologia das Ciências Sociais*, série Cadernos PUC 19 (1984). São Paulo: Editora da Pontificia Universidade Católica de São Paulo, p.125-35.

II.1.6.4. "Nietzsche: a força das idéias de um fino estilista". In: *Jornal da Tarde*, Caderno de Sábado, 29/08/1987, p.6.

II.1.6.5. "Nietzsche e a Revolução Francesa". In: *discurso* 18 (1991). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.85-96.

- II.1.6.6.** "O médico da civilização". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 13/09/1992, p.6.
- II.1.6.7.** "Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito - a propósito de uma sentença de Zaratustra: Da superação de si". In: *discurso 21* (1993). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.35-58.
- II.1.6.8.** "Um extemporâneo entre nós". In: *discurso 22* (1993). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.11-12.
- II.1.6.9.** "Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral". In: *discurso 24* (1994), São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, p.159-172.
- II.1.6.10.** "Por uma filosofia dionisiaca". In: *Kriterion* 89 (1994). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, p.9-20.
- II.1.6.11.** "Provocações de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 09/10/1994, p.7.
- II.1.6.12.** "A necessidade de aniquilar e criar". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 09/10/1994, p.7-8.
- II.1.6.13.** "Nietzsche e a celebração da vida. A interpretação de Jörg Salaquarda". In: *Cadernos Nietzsche* 2 (Maio de 1997). São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.7-15.
- II.1.6.14.** "Nietzsche, o anti-asno *par excellence*. Sobre uma interpretação de Jörg Salaquarda". In: *discurso 28* (1997). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.159-165.
- II.1.6.15.** "Décadence, um diagnóstico sem terapêutica. Sobre a interpretação de Wolfgang Müller-Lauter". In: *Cadernos Nietzsche* 6 (Maio de 1999). São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.3-9.

- II.1.6.16.** "A morte de Deus e a transvaloração dos valores". In: *Hypnos* 5 (1999). São Paulo: EDUC/ Palas Athena, p.133-143.
- II.1.6.17.** "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência". In: *Tempo Brasileiro*, n.143 (2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.41-54.
- II.1.6.18.** "Nietzsche e Descartes: filosofias de epitáfio". In: *O que nos faz pensar* 14 (2000). Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p.7-23.
- II.1.6.19.** "Silêncio, solidão". In: *Cadernos Nietzsche* 9 (Setembro de 2000). São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.79-105.
- II.1.6.20.** "Um século depois, ainda um extemporâneo". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 06/08/2000, p.16-17.
- II.1.6.21.** "Deus está morto!" In: *Jornal do Brasil*, Idéias, 19/08/2000, p.3.
- II.1.6.22.** "Demasiado humano". In: *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 20/08/2000, p.1.
- II.1.6.23.** "Nietzsche, psicólogo das profundezas". In: *Informação, Informativo da sociedade de psicologia do Rio Grande do Sul*, outubro de 2001, p.5.
- II.1.6.24.** "Em busca do discípulo tão amado. Uma análise conceitual do prólogo de *Assim falava Zaratustra*". In: *Impulso*, v.12, n.28 (2001). Piracicaba: Editora Unimep, p.21-32.
- II.1.6.25.** "Lobo, cordeiros e aves de rapina. Um diagnóstico de nossos valores morais". In: *Filosofia*, ano XIII, n.12 (2001). Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p.13-22.
- II.1.6.26.** "Uma questão de vida ou morte: A filosofia de Nietzsche e o problema da eutanásia". In: *Hypnos* 9 (2002). São Paulo: EDUC/ Edições Loyola/Trion, p.120-134.

II.1.7. Resenhas

II.1.7.1. "Nietzsche chega ao século 20, em quadrinhos". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 05/05/1990, p.7. SAUTET, Marc e BOUSSIGNAC, Patrick. *Nietzsche para Iniciantes*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

II.1.7.2. "Guia retoma trama conceitual do Zaratustra de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 20/07/1991, p.3. HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O "Zaratustra" de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

II.1.7.3. "Lou Andréas-Salomé desvenda a personalidade de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 24/05/1992, p.10. ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Friedrich Nietzsche em suas obras*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

II.1.7.4. "Deleuze define o que é filosofia". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 28/06/1992, p.10. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

II.1.7.5. "Ensaístas promovem uma demolição de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Letras, 24/04/1994, p.10. BOYER, Alain et alii. *Por que não somos nietscheanos*. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

II.1.7.6. "Inquietações de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Jornal de resenhas 24, 14/03/1997, p.2. NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1996.

II.1.7.7. "Recepções de Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Jornal de resenhas 29, 09/08/1997, p.2. SALAQUARDA, Jörg (org.). *Nietzsche*. Darmstadt: wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2ª ed., 1996.

II.1.7.8. "Livro amontoa clichês sobre Nietzsche". In: *Folha de São Paulo*, Folha Ilustrada, 03/02/1998, p.1. STRATHERN, Paul. *Nietzsche em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

II.1.7.9. "Resenha". In: *Natureza humana* v.1, n.1 (1999). São Paulo: EDUC, p.183-185. HAAR, Michel. *La philosophie*

française entre phénoménologie et métaphysique. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

II.1.8. Trabalhos publicados em anais de eventos no exterior

II.1.8.1. Resumo. "Nietzsche et Kant: Philosophie, critique et morale". In: *Twentieth World Congress of Philosophy - Abstracts*. Bowling Green: Philosophy Documentation Center, 1998, p.133.

II.1.8.2. Resumo. "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência". In: *Colóquio Nietzsche para o Século XXI*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 2001, p.16.

II.1.9. Trabalhos publicados em anais de eventos no Brasil

II.1.9.1. Trabalho completo. "Notas sobre a vida - Reflexões sobre este conceito, em Nietzsche". In: *Anais da ANPOF*, v.1, n.1 (1986). Campinas: ANPOF, p.03-12.

II.1.9.2. Resumo. "Nietzsche/Zaratustra: o último homem e o além-do-homem". In: *VII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, 1998, p.143.

II.1.9.3. Resumo. "A morte de Deus e a transvaloração dos valores". In: *VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, 1998, p.37.

II.1.9.4. Resumo. "A vida como critério de avaliação dos valores", trabalho apresentado na mesa-redonda "Imperativo ético, imperativo vital". In: *VIII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, 1998, p.274.

II.1.9.5. Resumo. "A arte como celebração da vida", trabalho apresentado na mesa-redonda "Arte e filosofia em três vozes contemporâneas: Nietzsche, Adorno e Rorty". In: *VIII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, 1998, p.235.

II.1.9.6. Resumo. "Sabedoria e moral: uma inversão de perspectiva". In: *III Colóquio Internacional de Estudos do Século XVII*, 1999, p.11.

II.1.9.7. Resumo. "Metafísica e transcendência: o fim de uma época?" In: *II Congresso Sul-Americano de Filosofia e IV Jornadas de Filosofia do Cone Sul*, 1999, p.15.

II.1.9.8. Resumo: "Nietzsche: do dilaceramento do sujeito à plenitude dionisiaca", *II Simpósio Nacional de Filosofia "Assim falou Nietzsche"*, 1999.

II.1.9.9. Resumo. "Nietzsche e a obra por fazer". In: *IX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, 2000, p.129.

II.1.9.10. Resumo. "Filosofia e cultura filistéia: impossível convivência", trabalho apresentado na mesa-redonda "A filosofia e as formas modernas do atraso". In: *X Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, 2002, p.301.

II.1.9.11. Resumo. "Um diagnóstico de nossos valores morais". In: *Jornada Científica*, Primeiro Semestre de 2003, p.2.

II.1.10. Traduções e revisões de tradução

II.1.10.1. Tradução do francês. GRANGER, Gilles-Gaston. *Filosofia do estilo*. São Paulo: Perspectiva, 1972, 351 p.

II.1.10.2. Tradução do francês. HELVETIUS, C. A. *Do espírito*, Livro I, Discurso II e III. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.199-265.

II.1.10.3. Revisão técnica. MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. São Paulo: Brasiliense, 1985, 201 p.

II.1.10.4. Tradução do alemão. SALAQUARDA, Jörg. "A concepção básica de Zaratustra". In: *Cadernos Nietzsche 2* (maio de 1997). São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.17-39.

II.1.10.5. Revisão técnica. SALAQUARDA, Jörg. "Zaratustra e o asno. Uma investigação sobre o papel do asno na Quarta Parte do *assim falava Zaratustra* de Nietzsche". In: *discurso 28* (1997). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, p.167-208.

II.1.10.6. Tradução do alemão. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. "Décadence artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner". In: *Cadernos Nietzsche* 6 (maio de 1999). São Paulo: GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, p.11-30.

II.1.10.7. Tradução do inglês. HAYMAN, Ronald. *Nietzsche e suas vozes*. São Paulo: Editora UNESP, 2000 (Coleção Grandes Filósofos), 52 p.

II.2. Organização de colóquios, encontros e mesas-redondas

II.2.1. Mesa-redonda "As Revistas Filosóficas no Brasil", no *IV Encontro Nacional da ANPOF*, no Rio de Janeiro, em 06/10/1990.

II.2.2. *Colóquio Nietzsche - 150 anos*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, nos dias 14 e 15/09/1994, com a participação de Paulo Eduardo Arantes, Scarlett Marton, Zeljko Loparic, Oswaldo Giacóia Júnior, Franklin Leopoldo e Silva, Rosa Maria Dias, João Paulo Monteiro, Maria Lúcia Cacciola, dentre outros.

II.2.3. Mesa-redonda "Aspectos do pensamento de Nietzsche - em comemoração aos 150 anos do nascimento do filósofo", no *VI Encontro Nacional da ANPOF*, em Águas de Lindóia, SP, em 07/10/1994.

II.2.4. Mesa-redonda "Nietzsche e Heidegger, Nietzsche e Deleuze", com a presença de Jean-Pierre Faye (CNRS) e Eric Alliez (Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares), no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 19/04/1996.

II.2.5. *I Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche* 1, no *VII Encontro Nacional da ANPOF*, em Águas de Lindóia, em 21/10/1996.

II.2.6. Mesa-redonda "Atualidade de Nietzsche nas Ciências Humanas", no *XX Encontro Anual da ANPOCS*, em Caxambu, SP, em 25/10/1996, com a participação de Alfredo Naffah Neto

(PUCSP), Regina Horta Duarte (UFMG) e Regina Zilberman (PUCRS). Os trabalhos apresentados nessa ocasião foram publicados nos *Cadernos Nietzsche 2*.

II.2.7. *II Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 2* na Livraria Cultura, em São Paulo, em 07/05/1997. Na oportunidade, foi também lançado o livro *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche* de Müller-Lauter, que traz ensaio meu a propósito da originalidade de sua leitura ("A terceira margem da interpretação").

II.2.8. *III Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 3*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 26/09/1997, no Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, em 30/09/1997, no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju, SE, em 01/10/1997, no Departamento de Filosofia da UNIJUÍ, RS, em 13/10/1997, no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, RS, em 15/10/1997 e no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, em 16/10/1997.

II.2.9. *IV Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 4*, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - campus de Marília, em 07/05/1998 e no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 04/06/1998.

II.2.10. Mesa-redonda "Democracia pelo avesso: como pensar a democracia a partir de seus críticos", com a presença de Renato Janine Ribeiro (USP) e José Nicolau Heck (UFG) na 50ª Reunião Anual da SBPC, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, em 13/07/1998.

II.2.11. *V Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 5*, no *VIII Encontro Nacional da ANPOF*, em Caxambu, MG, em 21/09/1998.

II.2.12. Mesa-redonda "Arte e filosofia em três vozes contemporâneas: Nietzsche, Adorno e Rorty" no *VIII Encontro Nacional da ANPOF*, em Caxambu, MG, em 28/09/1998.

II.2.13. *VI Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 6*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 20/05/1999, no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, DF, em 31/05/1999, e no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, GO, em 02/06/1999.

II.2.14. *VII Encontros Nietzsche*, por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 7*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 16/08/1999.

II.2.15. *VIII Encontros Nietzsche*, com o Café Filosófico "Provocações Nietzsche", por ocasião do lançamento dos *Cadernos Nietzsche 8* e da coleção *Sendas e Veredas* (com os seus dois primeiros títulos: *Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche* de minha autoria e *Nietzsche e a dissolução da moral* de Vânia Dutra de Azeredo), na Livraria Cultura, SP, em 25/05/2000.

II.2.16. *IX Encontros Nietzsche*, com o Café Filosófico "Nietzsche e o diagnóstico de nossos valores morais", na Livraria Cultura, SP, em 14/09/2000. Lançamento dos *Cadernos Nietzsche 9*, de *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos* de Scarlett Marton e de *O Crepúsculo do sujeito em Nietzsche* de Alberto Marcos Onate (terceiro título da Coleção *Sendas e Veredas*).

II.2.17. Programação e atividades do GT Nietzsche no *IX Encontro Nacional da ANPOF*, em Poços de Caldas, MG, em 07/10/2000.

II.2.18. *X Encontros Nietzsche*, com conferências de José Jara da Universidade do Chile, no Goethe Institut, em 03/05/2001, e no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 08/05/2001. Lançamento dos *Cadernos Nietzsche 10*.

II.2.19. Ciclo "A Subjetividade em Questão" no quadro das *Sextas Éticas* junto ao Conselho Regional de Psicologia SP, com conferências realizadas no Auditório do CRP-SP, em 25/05, 22/06 e 24/08/2001.

II.2.20. *XI Encontros Nietzsche Brasil-Argentina*, com a participação de cinco destacados intelectuais argentinos, além de Olímpio Pimenta (UFOP) e Rachel Gazolla (PUCSP), no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 03 e 04/10/2001. Lançamento dos *Cadernos Nietzsche* 11 e de *Nietzsche contra Darwin* de Wilson Antonio Frezzatti Júnior (quarto título da Coleção Sendas e Veredas).

II.2.21. *XII Encontros Nietzsche*, com Ernani Chaves (UFPA), Edmilson Paschoal (PUCPR), além de pesquisadores do GEN, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 21 e 22/05/2002. Lançamento dos *Cadernos Nietzsche* 12 e de *Nietzsche: Estilo e Moral* de André Luís Mota Itaparica (quinto título da Coleção Sendas e Veredas).

II.2.22. *XIII Encontros Nietzsche*, em que se realizou a mesa-redonda "Falência moral e religião", com a participação de Franklin Leopoldo e Silva, Scarlett Marton e Antonio Flávio Pierucci, no Centro Universitário Maria Antonia, SP, em 27/09/2002. Lançamento dos *Cadernos Nietzsche* 13 e de *A maldição transvalorada* de Fernando de Moraes Barros (sexto título da Coleção Sendas e Veredas).

II.2.23. Programação e atividades do GT Nietzsche no *X Encontro Nacional da ANPOF*, em São Paulo, SP, em 30/09/2002.

II.2.24. *XIV Encontros Nietzsche*, em homenagem a Gerd Bornheim, com exibição de vídeos de conferências suas, exposição da sua obra publicada e realização da mesa-redonda "Idéias em cena: Filosofia e arte", com Renato Janine Ribeiro, Ricardo Musse e Scarlett Marton, no Centro Universitário Maria Antonia, SP, em 21/05/2003. E conferência de Gilvan Fogel (UFRJ) no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 22/05/2003.

Lançamento dos *Cadernos Nietzsche* 14 e de *Conhecer é criar* de Gilvan Fogel (sétimo título da Coleção Sendas e Veredas).

II.2.25. *XV Encontros Nietzsche - Colóquio Nietzsche, caminhos percorridos e terras incógnitas*, promovendo entre jovens pesquisadores o debate a partir dos cruzamentos entre a história da filosofia e as questões contemporâneas, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, de 13 a 17/10/2003. E Café Filosófico "A modernidade e seus contra-sensos", na Livraria Cultura, SP, em 23/10/2003. Lançamento dos *Cadernos Nietzsche* 15 e de *A filosofia perspectivista de Nietzsche* de António Marques (oitavo título da Coleção Sendas e Veredas).

II.3. Participações em eventos

II.3.1. Colóquios e Simpósios no exterior

II.3.1.1. "Nietzsche, a disciple of the philosopher Dionysus", trabalho apresentado na seção organizada pela North American Nietzsche Society, no *20th. World Congress of Philosophy*, em Boston, EUA, em 10/08/1998.

II.3.1.2. "Nietzsche and Kant: Philosophy, Critique and Morality", trabalho apresentado na seção de Filosofia Moderna no *20th. World Congress of Philosophy*, em Boston, EUA, em 12/08/1998.

II.3.1.3. "Man and world: Friedrich Nietzsche and the philosophical presuppositions of environmental ethics", trabalho apresentado na seção de Ética do Meio-Ambiente no *21st. International Wittgenstein Symposium*, em Kirchberg am Wechsel, Áustria, em 22/08/1998.

II.3.1.4. "Hombre y mundo: Friedrich Nietzsche y los presupuestos filosóficos de una ética del medio ambiente", conferência proferida no Tercer Congreso Sudamericano de Filosofía, organizado pela Universidade Católica Boliviana, em Cochabamba, Bolívia, em 01/08/2000.

II.3.1.5. "La muerte de Dios y la transvaloración de los valores", conferência proferida no *Simpósio Nietzsche - Homenaje a los 100 años de su muerte 1900 - 2000*, na Universidad Argentina John F. Kennedy, em Buenos Aires, Argentina, em 29/08/2000.

II.3.1.6. "Friedrich Nietzsche: das vollendete und das noch zu vollendende Werk", conferência proferida no *Colóquio Neue Welt - neue Lektüre. Lateinamerikanische Nietzsche-Impulse*, promovido pelo Kolleg Friedrich Nietzsche der Stiftung Weimarer Klassik, em Weimar, Alemanha, em 30/09/2000.

II.3.1.7. "Nietzsche, discípulo del filósofo Dionysos", conferência proferida nas *Jornadas Nietzsche 2000*, organizadas pela Universidad de Buenos Aires, Argentina, em 21/10/2000.

II.3.1.8. "Nietzsche, reflexão filosófica e vivência", conferência proferida no quadro do *Colóquio Nietzsche para o Século XXI*, no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Portugal, em 10/05/2001.

II.3.1.9. "Actualidad y recepción de la filosofía de Nietzsche en Brasil", conferência proferida no *Quarto Congreso Sudamericano de Filosofía*, organizado na Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia, em 16/08/2001.

II.3.1.10. Conferência "Reflexión filosófica y vivencia en Nietzsche", proferida no Instituto de Filosofia da Universidad de Antioquia, Medellín, em 23/08/2001.

II.3.1.11. Conferência "Reflexión filosófica y vivencia en Nietzsche", proferida no Departamento de Filosofia da Universidad Nacional da Colômbia, Bogotá, em 24/08/2001.

II.3.1.12. Conferência "Friedrich Nietzsche: das vollendete und das noch zu vollendende Werk", proferida no Institut für Philosophie der Technischen Universität, em Berlim, Alemanha, em 31/10/2001.

II.3.1.13. Conferência "Nietzsche/Zaratustra: la subversión de la autobiografía", proferida no Instituto de Filosofia da

Universidad Católica de Valparaíso, Viña del Mar, Chile, em 02/09/2002.

II.3.1.14. Conferência "Hegel y Nietzsche, lectores de Heráclito", proferida nas *Jornadas Chileno-Brasileñas de Filosofía*, promovidas pelo Instituto de Filosofia da Universidad Católica de Valparaíso, Viña del Mar, Chile, em 05/09/2002.

II.3.1.15. Conferência "Una cuestión de vida o muerte: la filosofía de Nietzsche y el problema de la eutanasia", proferida no *Quinto Congreso Sudamericano de Filosofía*, promovido pela Universidad Católica Andrés Bello, Caracas, Venezuela, em 11/10/2002.

II.3.1.16. "Reception and Present-day situation of Nietzsche's Philosophy in Brazil", trabalho aceito para ser apresentado na seção *Philosophy in Latin America: Contemporary Issues*, no *21th. World Congress of Philosophy*, em Istambul, Turquia, em 12/08/2003.

II.3.1.17. Conferência "Nietzsche: la obra hecha y la obra que todavía queda por hacer", proferida no *Sexto Congreso Sudamericano de Filosofía*, promovido pela Universidad Austral de Chile, Valdivia, Chile, em 29/10/2003.

II.3.2. Colóquios e Simpósios no Brasil

II.3.2.1. "Ética em Kant e Nietzsche", conferência proferida no *Colóquio Franco-Brasileiro: Ética e Racionalidade*, promovido pela ANPOF e pelo Collège International de Philosophie (Paris), no Rio de Janeiro, em 24/04/1989.

II.3.2.2. "A propósito de uma fala de Zarathustra - Da superação de si", conferência proferida no *Colóquio Dialética Viva?*, promovido pela ANPOF, em São Paulo, em 04/10/1989.

II.3.2.3. "A crítica da moral gregária, em Nietzsche", conferência proferida no curso "A fundamentação ética da

política”, na 42ª Reunião Anual da SBPC, em Porto Alegre, RS, em 10/07/1990.

II.3.2.4. Participação na qualidade de debatedora do *IV Encontro Nacional da ANPOF*, no Rio de Janeiro, RJ, de 9 a 12/10/1990.

II.3.2.5. “Nietzsche e o eterno retorno do mesmo”, conferência proferida no *Colóquio Nietzsche - Uma provocação*, organizado pelo Goethe Institut de Porto Alegre e o curso de pós-graduação em filosofia da UFRGS, em Porto Alegre, RS, em 01/04/1992.

II.3.2.6. “A propósito de Pascal”, conferência proferida no *V Encontro Nacional da ANPOF*, em Diamantina, MG, em 21/10/1992.

II.3.2.7. “Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral”, conferência proferida no *Simpósio Nacional de Filosofia Revisitando o Pensamento do Século XVII*, promovido pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 03/11/1993.

II.3.2.8. “Por uma filosofia dionisiaca”, conferência proferida no *Colóquio Nietzsche - 150 anos*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 15/09/1994.

II.3.2.9. “Aspectos do pensamento de Nietzsche”, conferência proferida no *VI Encontro Nacional da ANPOF*, em Águas de Lindóia, SP, em 07/10/1994.

II.3.2.10. “Deleuze e sua sombra”, conferência proferida nos *Encontros Internacionais Gilles Deleuze*, organizados pelo Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, Rio de Janeiro, em 11/06/1996.

II.3.2.11. “Nietzsche/ Zaratustra em busca do leitor/ ouvinte ideal”, trabalho apresentado na mesa-redonda “Nietzsche/ Zaratustra: o último homem e o além-do-homem” no *VII Encontro Nacional da ANPOF*, em Águas de Lindóia, SP, em 21/10/1996.

II.3.2.12. Participação na qualidade de membro do Comitê Assessor de História e Filosofia do CNPq da Reunião da Diretoria da Anpof, com apresentação do diagnóstico da área, no *VII Encontro Nacional da ANPOF*, em Águas de Lindóia, SP, em 21/10/1996.

II.3.2.13. Participação na qualidade de debatedora da Seção de Comunicações Coordenadas: Estética e religião na terceira crítica de Kant", no contexto do Colóquio da Sociedade Kant Brasileira, no *VII Encontro Nacional da ANPOF*, em Águas de Lindóia, SP, em 22/10/1996.

II.3.2.14. "As provocações de Nietzsche", trabalho apresentado no *XX Encontro Anual da ANPOCS*, em Caxambu, SP, em 25/10/1996.

II.3.2.15. Participação na qualidade de debatedora da mesa-redonda "As Condições Institucionais da Pesquisa nas Humanidades" no *II Seminário de Pesquisa - Humanidades: a Pesquisa na Avaliação do Mérito Acadêmico*, realizado na Universidade de São Paulo, SP, de 17 a 19/03/1997.

II.3.2.16. Conferência "A palavra e seu avesso", proferida no contexto do módulo "A Palavra Democrática", como parte da programação *Direitos Humanos no limiar do século XXI*, no Centro Universitário Maria Antonia, SP, em 14/04/1997.

II.3.2.17. Conferência "Nietzsche e a filosofia dionisiaca", proferida no quadro do *III Encontros Nietzsche*, no Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, em 30/09/1997.

II.3.2.18. Participação na qualidade de coordenadora da mesa-redonda "Filosofia II" no *5º Simpósio de Iniciação Científica* da Universidade de São Paulo, SP, em 28/10/1997.

II.3.2.19. "Nietzsche e a crítica da democracia", trabalho apresentado na mesa-redonda "Nietzsche, Rorty e a democracia", por ocasião do *IV Encontros Nietzsche*, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - campus de Marília, SP, em 07/05/1998.

II.3.2.20. "Nietzsche e a crítica da democracia", trabalho apresentado na mesa-redonda "Nietzsche, Rorty e a democracia", por ocasião do *IV Encontros Nietzsche*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 04/06/1998.

II.3.2.21. Participação com apresentação do trabalho "Nietzsche e a democracia" no Simpósio "Democracia pelo avesso: como pensar a democracia a partir de seus críticos" na *50ª Reunião Anual da SBPC*, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, em 13/07/1998.

II.3.2.22. Participação com apresentação do trabalho "Humanidades: a idéia de formação" no Simpósio "O ensino e a pesquisa em humanas: uma difícil articulação" na *50ª Reunião Anual da SBPC*, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, em 14/07/1998.

II.3.2.23. Apresentação da conferência "Poesia e Filosofia" proferida pelo Prof. Benedito Nunes na *50ª Reunião Anual da SBPC*, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, em 16/07/1998.

II.3.2.24. Conferência "A morte de Deus e a transvaloração dos valores", proferida no contexto das *VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, no Centro Universitário Maria Antonia, SP, em 24/09/1998.

II.3.2.25. "A vida como critério de avaliação dos valores", trabalho apresentado na mesa-redonda "Imperativo ético, imperativo vital" no *VIII Encontro Nacional da ANPOF*, em Caxambu, MG, em 27/09/1998.

II.3.2.26. "A arte como celebração da vida", trabalho apresentado na mesa-redonda "Arte e filosofia em três vozes contemporâneas: Nietzsche, Adorno e Rorty" no *VIII Encontro Nacional da ANPOF*, em Caxambu, MG, em 28/09/1998.

II.3.2.27. Participação com apresentação de trabalho na mesa-redonda "Rumos do sistema nacional da pós-graduação em

filosofia" no *VIII Encontro Nacional da ANPOF*, em Caxambu, MG, em 29/09/1998.

II.3.2.28. Conferência "Nietzsche", proferida no *III Simpósio Internacional de Filosofia Moderna e Contemporânea*, promovido pelo Departamento de Filosofia da Universidade do Oeste do Paraná - Campus de Toledo, PR, em 29/10/1998.

II.3.2.29. Palestra "Cultura e política: a crítica de Nietzsche ao nosso tempo", por ocasião do *VI Encontros Nietzsche*, no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, DF, em 31/05/1999.

II.3.2.30. Palestra "A morte de Deus e a transvaloração dos valores", por ocasião do *VI Encontros Nietzsche*, no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, GO, em 02/06/1999.

II.3.2.31. Conferência "Sabedoria e moral: uma inversão de perspectiva", no *III Colóquio Internacional de Estudos do Século XVII*, promovido pela Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII e pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 19/08/1999.

II.3.2.32. Conferência "Metafísica e transcendência: o fim de uma época?", no *II Congresso Sul-Americano de Filosofia e nas IV Jornadas de Filosofia do Cone Sul*, promovidos pela Pontifícia Universidade de São Paulo, SP, em 11/09/1999.

II.3.2.33. Conferência de encerramento "Nietzsche e a transvaloração dos valores", na *9ª Semana de Filosofia*, promovida pelo Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, em 12/11/1999.

II.3.2.34. Conferência "Nietzsche: do dilaceramento do sujeito à plenitude dionisiaca", no *II Simpósio Nacional de Filosofia Assim falou Nietzsche*, promovido pelo Departamento de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro, RJ, em 24/11/1999.

II.3.2.35. Conferência "Nietzsche no século XXI", *IX Semana de Filosofia*, promovida pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, em 02/12/1999.

II.3.2.36. Conferência no *Simpósio Nacional de Filosofia*, promovido pelo Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, em 11/05/2000.

II.3.2.37. Participação com apresentação de trabalho na mesa-redonda "Nós e os Outros", no *Seminário Nacional - O avesso da modernidade: outros 500*, promovido pela Coordenadoria de Extensão à Comunidade da Universidade Estadual de Londrina, PR, em 13/06/2000.

II.3.2.38. Conferência "Conversações com Nietzsche", no *Seminário Nacional - O avesso da modernidade: outros 500*, promovido pela Coordenadoria de Extensão à Comunidade da Universidade Estadual de Londrina, PR, em 14/06/2000.

II.3.2.39. Conferência "Nietzsche e as rédeas da humanidade", no *III Simpósio Internacional de Filosofia Assim falou Nietzsche*, promovido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, em 23/08/2000.

II.3.2.40. "Nietzsche e a obra por fazer", trabalho apresentado no contexto das atividades do GT Nietzsche, no *IX Encontro Nacional da ANPOF*, em Poços de Caldas, MG, em 07/10/2000.

II.3.2.41. Conferência "Nietzsche: vivências de um extemporâneo", no *II Simpósio Internacional de Filosofia: Nietzsche e Deleuze*, promovido pela Universidade Federal do Ceará, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, CE, em 25/10/2000.

II.3.2.42. Conferência "A morte de Deus e a transvaloração de todos os valores", no *Colóquio Nietzsche*, promovido pelo

Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Belém, PA, em 31/10/2000.

II.3.2.43. Conferência de abertura "A filosofia para além dos muros da universidade", na *I Jornada Acadêmica de Filosofia*, promovida pelo Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, em 21/11/2000.

II.3.2.44. Conferência "Nietzsche e as mulheres", proferida no *I Simpósio Nacional: As mulheres e a filosofia*, promovido pelo Centro de Ciências Humanas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, em 13/08/2001.

II.3.2.45. Conferência "Sujeito, representação e teleologia", no quadro do *XI Encontros Nietzsche*, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, SP, em 04/10/2001.

II.3.2.46. Conferência "Nietzsche: saúde e doença", proferida no *IX Simpósio Interdisciplinar de Estudos Greco-Romanos (Ética Ontem e hoje)*, promovido pelo Centro de Estudos da Antiguidade Greco-Romana, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, em 23/05/2002.

II.3.2.47. Palestra de encerramento "Interpretações: entre o relativo e o transcendente", proferida no *III Simpósio Nacional de Filosofia - Interpretações*, promovido pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, em 02/08/2002.

II.3.2.48. Participação com apresentação de trabalho da mesa-redonda "Falência moral e religião", no contexto do *XIII Encontros Nietzsche*, promovido pelo GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, no Centro Universitário Maria Antonia, SP, em 27/09/2002.

II.3.2.49. "Filosofia e cultura filistéia: impossível convivência", trabalho apresentado na mesa-redonda "A filosofia e as formas modernas do atraso", no *X Encontro Nacional da ANPOF*, SP, em 01/10/2002.

II.3.2.50. Participação com apresentação de trabalho da mesa-redonda "Idéias em cena: Filosofia e Arte", no quadro do *XIV Encontros Nietzsche*, promovido pelo GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, no Centro Universitário Maria Antonia, SP, em 21/05/2003.

II.3.2.51. Aula magna "A morte de Deus e a transvaloração dos valores", no *XIV Encontros Nietzsche*, promovido pelo GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, RS, em 27/05/2003.

II.3.2.52. Participação, na qualidade de palestrante, da mesa-redonda "Um olhar diferenciado sobre Nietzsche" nos *XIV Encontros Nietzsche*, promovido pela UNIJUÍ e pelo Goethe Institut, em Porto Alegre, RS, em 28/05/2003.

II.3.2.53. Palestra "A arte como celebração da vida", no *XIV Encontros Nietzsche*, promovido pelo GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, no Goethe Institut, em Porto Alegre, RS, em 28/05/2003.

II.3.2.54. Participação, na qualidade de palestrante, da mesa-redonda "Um olhar diferenciado sobre Nietzsche" nos *XIV Encontros Nietzsche*, promovido pela UNIJUÍ, Ijuí, RS, em 29/05/2003.

II.3.2.55. Palestra "Um extemporâneo entre nós", no *XIV Encontros Nietzsche*, promovido pelo GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, no Departamento de Filosofia e Psicologia da UNIJUÍ, Ijuí, RS, em 29/05/2003.

II.3.3. Conferências, Cursos e Seminários no exterior

II.3.3.1. Participação no seminário "La fiction philosophique", a cargo da Profa. Dra. Francine Markovits, no quadro do Diplôme d'Études Avancées do Département de Philosophie de l'Université de Paris X - Nanterre, durante os meses de dezembro de 1988, janeiro e fevereiro de 1989.

II.3.3.2. Participação no seminário "Techniques de la vérité dans la pensée grecque", a cargo do Prof. Dr. Francis Wolff,

maître de conférences de philosophie, na École Normale Supérieure, Paris, durante os meses de outubro e novembro de 1994.

II.3.3.3. Participação na qualidade de professora visitante no Institut für Philosophie der Technischen Universität Berlin, durante os meses de outubro e novembro de 2001.

II.3.3.4. Participação em encontro na qualidade de debatedora do livro *Filosofia y Catástrofe: Nietzsche y la devastación de la política*, de Gonzalo Portales, promovido pela Editorial da Universidad ARCIS e Universidad Austral de Chile, no Goethe Institut, Santiago, Chile, em 25/11/2002.

II.3.3.5. "Consciente, inconsciente em Nietzsche", palestra proferida no Instituto de Filosofia da Linguagem, na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, em 29/01/2003.

II.3.3.6. Participação na qualidade de professora visitante das atividades do Instituto de Filosofia da Linguagem, na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, no período de 28 a 31/01/2003.

II.3.4. Conferências, Cursos e Seminários no Brasil:

II.3.4.1. "Nietzsche: consciência e inconsciente", conferência proferida no *Simpósio de Psicanálise: Conceito de Inconsciente*, organizado pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, em 03/04/1989.

II.3.4.2. "A Dissolução da idéia de identidade em Nietzsche", palestra ministrada no *Seminário Identidade e Alteridade*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, em 25/09/1990.

II.3.4.3. "O Eterno Retorno do Mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?", aula inaugural do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 07/03/1991.

II.3.4.4. "A moral dos fortes", palestra proferida no Curso Ética, promovido pela Secretaria Municipal da Cultura da Cidade de São Paulo, SP, em 06/05/1991.

II.3.4.5. "A moral dos fortes", conferência proferida no Curso Ética, organizado pela Secretaria Municipal da Cultura de Curitiba, Paraná, PR, em 13/05/1991.

II.3.4.6. "Nietzsche e a pós-modernidade", palestra proferida no *IX Encontro Nacional dos Estudantes de Filosofia*, em Fortaleza, CE, em 16/07/1991.

II.3.4.7. "Nietzsche e a prática da anatomia moral", conferência proferida na *II Semana sobre a Loucura*, promovida pelos Departamentos de Psicologia Clínica e de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da UNESP e pelo Conselho Regional de Psicologia (6a. Delegacia de Assis), em Assis, São Paulo, em 18/05/1992.

II.3.4.8. "Sobre a natureza e ação em Nietzsche", conferência proferida na *Semana de Filosofia*, promovida pelo Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, em 24/09/1992.

II.3.4.9. "Nietzsche, discípulo de Dioniso", conferências proferidas no Núcleo de pesquisa da subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, em 19/04 e 24/05/1995.

II.3.4.10. "O extemporâneo e o excêntrico", conferência proferida no *Ciclo Diálogos: Contracultura e cultura alternativa*, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, SP, em 10/05/1995.

II.3.4.11. Conferência "Nietzsche - Assim falou Zaratustra", no contexto do evento *Mora na filosofia*, promovido pela Prefeitura de Porto Alegre, RS, em 06/07/1995.

II.3.4.12. "Nietzsche e a transvaloração dos valores", "Finitude e eternidade" e "Sabedoria trágica e filosofia dionisiaca", conferências proferidas na UNIJUÍ, RS, em 15, 16 e 17/04/1996.

II.3.4.13. Conferências "Correntes filosóficas do pensamento atual", proferidas no I Curso de Formação e Aperfeiçoamento de Juizes Federais, promovido pela Escola de Magistrados do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, em 27/02 e 13/03/1997.

II.3.4.14. Conferência "Nietzsche e a filosofia", proferida enquanto aula inaugural do Mestrado de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, SC, em 05/03/1997.

II.3.4.15. Conferência "O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?", proferida enquanto aula inaugural do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, GO, em 21/03/1997.

II.3.4.16. Palestra "Nietzsche e a filosofia", proferida na *VIII Semana Filosófica* no Departamento de Filosofia da Universidade São Judas Tadeu, SP, em 22/09/1997.

II.3.4.17. Palestra de abertura "Nietzsche: a crítica da cultura enquanto crítica da política", proferida na *III Semana de Filosofia*, promovida pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju, SE, em 01/10/1997.

II.3.4.18. Conferência "Nietzsche: a crítica da cultura enquanto crítica da política", proferida no *Ciclo de Debates* promovido pelo Departamento de Filosofia e Psicologia da UNIJUÍ, RS, em 13/10/1997.

II.3.4.19. Palestra "Nietzsche: uma filosofia a marteladas", proferida no Mestrado de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, RS, em 15/10/1997.

II.3.4.20. Conferência "Nietzsche e a filosofia dionisiaca", proferida no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, RS, em 16/10/1997.

II.3.4.21. Palestra "Nietzsche e a dança", proferida no contexto do *Seminário Filosofia e Arte* no Centro Cultural do Banco do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, em 25/03/1999.

- II.3.4.22.** Conferência "Cultura e política: a crítica de Nietzsche ao nosso tempo", proferida na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, SP, em 22/09/1999.
- II.3.4.23.** Conferência e Grupo de Estudos sobre o tema "Ciência, verdade e crítica em Nietzsche", proferida na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - campus de Assis, SP, em 21 e 22/10/1999.
- II.3.4.24.** Palestra "Provocações de Nietzsche", no Café filosófico da Livraria Cultura, em São Paulo, SP, em 25/05/2000.
- II.3.4.25.** Palestra "Ciência e linguagem: ardis do animal de rebanho", proferida no contexto do evento *Livro Aberto*, promovido pelo programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS e Goethe Institut, Porto Alegre, RS, em 29/06/2000.
- II.3.4.26.** Palestra "Em busca de uma alma irmã", proferida no contexto do evento *Homenagem a F.Nietzsche, por ocasião dos 100 anos de sua morte*, promovido pelo Departamento de Filosofia da PUC-RIO, na Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, em 03/07/2000.
- II.3.4.27.** Palestra "Nietzsche e o novo sentido de humanidade", proferida no curso de pós-graduação do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos, SP, em 12/09/2000.
- II.3.4.28.** Palestra "Nietzsche e o diagnóstico de nossos valores morais", no Café Filosófico da Livraria Cultura, em São Paulo, SP, em 14/09/2000.
- II.3.4.29.** Conferência "O percurso das idéias nietzschianas", proferida no evento *Nietzsche 100 Anos*, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, em 23/10/2000.
- II.3.4.30.** Participação de mesa-redonda sobre as modalidades do curso de filosofia - Bacharelado e Licenciatura - no

país, na Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, em 27/11/2000.

II.3.4.31. Palestra "Nietzsche/Zaratustra: em busca do discípulo tão amado", proferida na Faculdade de Filosofia, História e Letras da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, em 16/04/2001.

II.3.4.32. Palestra "Cotidiano da Filosofia", no evento *Filosofia e Cotidiano*, na Casa da Palavra de Santo André, SP, em 25/04/2001.

II.3.4.33. Conferência "Nietzsche - Por uma filosofia dionisiaca", nos *Encontros na Ágora*, com o tema "Platão e Nietzsche: alguns pensamentos", no Centro Universitário Fundação Santo André, SP, em 16/09/2002.

II.3.4.34. Palestra "Modernidade e pós-modernidade: uma sensível diferença", no evento da *Semana de Arte 2002*, promovido pela Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, SP, em 20/09/2002.

II.3.4.35. Conferência "Modernidade e pós-modernidade: uma sensível diferença", no *Ciclo de Palestras: Modernidade e Pós-modernidade, Comunicação e Direitos Humanos, Intolerância e Imprensa Revolucionária*, no programa de Pós-graduação em Comunicação Social/FAAC, da UNESP - Campus de Bauru, SP, em 13/11/2002.

II.3.4.36. Palestra "Liberdade e imaginário", no Café filosófico da Livraria Cultura, em São Paulo, SP, em 25/11/2002.

II.3.4.37. Palestra "Descaminhos da Filosofia: pluralidade de interpretações e ausência de critérios", no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, em 07/04/2003.

II.3.4.38. Palestra "Um diagnóstico de nossos valores morais", na *Jornada Científica 2003*, organizada pelo Centro Universitário Maria Antonia, em São Paulo, SP, em 18/05/2003.

II.3.4.39. Palestra "Cerimônias da destruição: política, ética e suicídio" no *Ciclo Política e Paixão: deficit ético e mais valia afetiva* do Projeto Colégio de São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade, SP, em 16/06/2003.

II.3.4.40. Palestra "A modernidade e seus contra-sensos", no Café Filosófico da Livraria Cultura, em São Paulo, SP, em 23/10/2003.

II.3.5. Atividades de divulgação

II.3.5.1. Participação na qualidade de entrevistadora de Jostein Gaarder, no *Programa Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo, em 28/12/1998.

II.3.5.2. Participação na qualidade de entrevistadora de Marilena Chauí, no *Programa Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo, em 03/05/1999.

II.3.5.3. Participação na qualidade de entrevistadora de Michel Serres, no *Programa Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo, em 08/11/1999.

II.3.5.4. Entrevista acerca da relevância do pensamento nietzschiano hoje. In: *Livro Aberto*, ago-set 2000. ano 4, n.18, p.47-8.

II.3.5.5. Participação na qualidade de entrevistadora de Henri Atlan, no *Programa Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo, em 07/01/2002.

III. Atividades de editoração

III.1. Editora-responsável

III.1.1. *discurso*, órgão oficial do Departamento de Filosofia da USP, de 05/05/1990 a 10/06/1994.

III.1.2. *Cadernos Nietzsche*, publicação do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, desde agosto de 1996.

III.1.3. *Coleção Sendas & Veredas*, publicação do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche, desde março de 2000.

III.2. Membro de conselho editorial:

III.2.1. *Revista de Ciências Humanas*, da pró-reitoria de extensão e cultura da Universidade Federal do Paraná, desde 1992.

III.2.2. *Thaumadsia*, revista do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, desde 1995.

III.2.3. *Humanas*, revista do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, desde novembro de 1997.

III.2.4. *Philosophos*, revista de filosofia da Universidade Federal de Goiás, desde 1997.

III.2.5. *Revista de Filosofia UIS*, da Escuela de Filosofia da Universidad Industrial de Santander, Bucaramanga, Colômbia, desde 2002.

III.3. Consultoria junto a editoras:

Na qualidade de consultora ad-hoc junto a diversas editoras universitárias e comerciais, com elaboração de parecer sobre pertinência de publicação de originais e sobre trabalhos de revisão técnica.

IV. Atividades de consultoria e assessoria científica**IV.1. Participação junto às agências de fomento:**

IV.1.1. Membro do Comitê Assessor de História e Filosofia do CNPq, de maio de 1995 a abril de 1998, nomeada como representante da área de filosofia, tendo meu nome sido o mais votado na lista tríplice encaminhada pela comunidade filosófica do país.

IV.1.2. Membro da comissão externa de avaliação do curso de filosofia da UnB, de 31/03 a 03/04/1998.

IV.1.3. Participação na qualidade de membro do Comitê Assessor do CNPq no VI Congresso Interno de Iniciação Científica da UNICAMP, em 17/11/1998.

IV.1.4. Consultora ad-hoc do CNPq.

IV.1.5. Consultora *ad-hoc* da CAPES.

IV.1.6. Assessora *ad-hoc* da FAPESP.

IV.2. Participação em bancas de concurso público:

IV.2.1. Membro da Comissão Examinadora referente ao concurso público de provas e títulos para professor integrante da carreira de magistério superior na área de filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, de 26 a 29/10/1989.

IV.2.2. Membro da Banca Examinadora do concurso público de provas e títulos para o provimento no cargo de professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 16 a 19/11/1999.

V. Atividades administrativas

V.1. Suplente do representante dos auxiliares de ensino junto ao Conselho do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 1987 a 1989.

V.2. Representante do Departamento de Filosofia junto à Comissão de Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 01/12/1987 a 28/02/1989.

V.3. Suplente do representante dos professores assistentes junto ao Conselho do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 1991 a 1995.

V.4. Suplente do representante dos professores assistentes junto ao Conselho do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 1997 a 1999.

V.5. Representante dos professores associados junto ao Conselho do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 1999 a 2003.

V.6. Suplente do representante dos professores associados junto ao Conselho do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de 2003 a 2005.

V.7. Representante dos professores associados junto à Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, desde agosto de 2003.

VI. Atividades de orientação

VI.1. Teses de doutoramento orientadas e defendidas:

VI.1.1. Alberto Marcos Onate, "Entre Eu e Si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche", defendida em 08/02/2002. Aprovado com distinção e louvor.

VI.1.2. Clademir Luís Araldi, "A radicalização do niilismo na obra de Nietzsche: acerca da posição de um novo sentido de criação e aniquilamento", defendida em 29/11/2002, CAPES/PICDT por quatro anos. Aprovado com distinção e louvor.

VI.1.3. Bárbara Lucchesi Ramacciotti, "Nietzsche: a fisiopsicologia experimental ou como filosofar com o corpo para tornar-se o que se é", defendida em 09/12/2002, CAPES por quatro anos.

VI.1.4. Vânia Dutra de Azeredo, "Da dissolução da metafísica à ética do *amor fati*: perspectivas da interpretação em Nietzsche", defendida em 10/03/2003, FAPESP por quatro anos. Aprovada com distinção.

VI.1.5. André Luís Mota Itaparica, "Nietzsche e a tradição filosófica: para além de idealismo e realismo", defendida em 22/10/2003, FAPESP por quatro anos. Aprovado com distinção e louvor.

VI.2. Dissertações de mestrado orientadas e defendidas:

VI.2.1. Kleverton Bacellar Santana, "Ensaio sobre o vitalismo de Michel Foucault a Friedrich Nietzsche", defendida em 03/06/1996. CAPES por seis meses. Média: dez com distinção.

VI.2.2. Enéias Júnior Forlin, "A dúvida metafísica e a constituição do cogito na obra de Descartes", defendida em

12/12/1996. CAPES por dois anos e meio. Média: dez com distinção.

VI.2.3. Alberto Marcos Onate, "O crepúsculo do sujeito em Nietzsche", defendida em 28/02/1997. Média: dez com distinção e louvor.

VI.2.4. Eduardo Brandão, "Causalidade e perspectiva na obra de maturidade de Nietzsche", defendida em 04/04/1997. CAPES por dois anos e meio. Média: dez com distinção.

VI.2.5. Luciana Zaterka, "Nietzsche e a perspectiva fisiológica do conhecimento", defendida em 30/06/1998. CAPES por dois anos e meio.

VI.2.6. André Luís Mota Itaparica, "Estilo e crítica da moral em Nietzsche", defendida em 28/06/1999. CAPES por dois anos e meio. Aprovado com distinção.

VI.2.7. Wilson Antonio Frezzatti Júnior, "A questão do darwinismo na obra de Friedrich W. Nietzsche", defendida em 10/02/2000. Aprovado com distinção e louvor.

VI.2.8. Ivo da Silva Júnior, "Nietzsche e o fim da democracia", defendida em 10/02/2000. CAPES por dois anos.

VI.2.9. Sandro Kobol Fornazari, "Filosofia e autoria em *Ecce Homo* de Nietzsche", defendida em 14/08/2000. CAPES por dois anos. Aprovado com distinção.

VI.2.10. Fernando R. de Moraes Barros, "A maldição transvalorada. O problema da civilização e *O Anticristo* de Nietzsche", defendida em 18/06/2001. FAPESP por dois anos e meio. Aprovado com distinção e louvor.

VI.3. Trabalhos de iniciação científica concluídos

VI.3.1. Ivo da Silva Júnior, "A crítica de Nietzsche à modernidade", CNPq - PIBIC, de agosto de 1996 a dezembro de 1997.

VI.3.2. Marcelo Marega Faina, "Filosofia crítica no jovem Nietzsche", CNPq - PIBIC, de agosto de 1996 a dezembro de 1997.

VI.3.3. Luís Paulo Daryell, "As diferentes concepções de verdade na filosofia nietzschiana da maturidade", CNPq, de março de 1997 a fevereiro de 1998.

VI.3.4. Fernando de Moraes Barros, "Nietzsche e o ideal ascético", CNPq, de março de 1997 a fevereiro de 1998.

VI.3.5. Cesar Augusto Torrano, "As diferentes concepções de verdade no jovem Nietzsche", CNPq, de março de 1998 a fevereiro de 1999.

VI.3.6. Fernando de Moraes Barros, "A crítica de Nietzsche ao cristianismo", CNPq, de março de 1998 a fevereiro de 1999.

VI.3.7. Carlos Eduardo Ribeiro, "A crítica de Nietzsche à subjetividade", CNPq, de março de 1999 a fevereiro de 2000.

VI.3.8. Cleber Polles Felix, "Nietzsche e o cristianismo", CNPq, de março de 1999 a fevereiro de 2000.

VI.3.9. Carlos Eduardo Ribeiro, "Crítica da linguagem na filosofia madura de Nietzsche", CNPq, de março de 2000 a fevereiro de 2001.

VI.3.10. Márcio José Silveira Lima, "Nietzsche e a decadência nos escritos tardios de Nietzsche", CNPq, de março de 2000 a fevereiro de 2001.

VI.3.11. Pablo Gómez, "Metafísica e linguagem", CNPq, de março de 2001 a fevereiro de 2002.

VI.3.12. Márcio José Silveira Lima, "Filosofia e arte na época trágica dos gregos", CNPq, de março de 2001 a fevereiro de 2002.

VI.3.13. Adriana Belmonte, "Da fisiologia à vontade de potência: a interlocução entre o pensamento de Nietzsche e as concepções de saúde e doença no século XIX", de agosto de 2001 a fevereiro de 2002.

VI.3.14. Fábio Sayão Silva, "Criação e destruição no primeiro período da filosofia de Nietzsche", CNPq, de março de 2002 a fevereiro de 2003.

VI.3.15. Fabiano Ramos Torres, "Nietzsche e o caminho do criador", CNPq, de março de 2002 a fevereiro de 2003.

VI.3.16. Adriana Belmonte Moreira, "Saúde e doença em Nietzsche", de março de 2002 a agosto de 2003.

VI.3.17. Fábio Sayão Silva, iniciação científica, "Um olhar sobre o agonístico", CNPq, de março de 2003 a agosto de 2003.

VI.4. Orientações em andamento:

VI.4.1. Wilson Antonio Frezatti, em doutoramento, "Cultura e biologia em Nietzsche", desde março de 2000.

VI.4.2. Ivo da Silva Júnior, em doutoramento, "A crítica de Nietzsche à cultura filistéia", CNPQ, desde março de 2001.

VI.4.3. Fernando de Moraes Barros, em doutoramento, "Nietzsche e a cosmovisão dionisiaca", CNPQ, desde agosto de 2001.

VI.4.4. Alexandre Filordi de Carvalho, em doutoramento, "Ética como prática da liberdade em Michel Foucault", CNPQ, desde fevereiro de 2003.

VI.4.5. Carlos Eduardo Ribeiro, em mestrado, "Vontade de verdade e experimentalismo no *Para além de Bem e Mal* de Nietzsche", FAPESP, desde agosto de 2002.

VI.4.6. Márcio José Silveira Lima, em mestrado, "Arte trágica e filosofia dionisiaca", FAPESP, desde fevereiro de 2003.

VI.4.7. Adriana Belmonte Moreira, em mestrado, "Nietzsche e a grande saúde: por um novo entendimento do corpo e uma revisão de nossas atuais instituições e prática de saúde", desde fevereiro de 2003.

VI.4.8. Márcia Rezende de Oliveira, em mestrado, "Tipologia e transvaloração na última filosofia de Nietzsche", aprovada nos exames de seleção em setembro de 2003.

VI.4.9. Daniel P. P. da Costa, iniciação científica, "A crítica dos ideais e o sentido da terra", CNPq, desde março de 2003.

VI.4.10. Mariana Nassar, iniciação científica, "Moral do ressentimento: afirmação da fraqueza e negação da vida", CNPq -PIBIC, desde agosto de 2002.

VI.4.11. Isacir Heleno Andreoni, iniciação científica, "Sujeito e transcendência na filosofia nietzschiana", CNPq, desde setembro de 2003.

VI.5. Participação em bancas de doutorado, mestrado e de qualificação.

Obs.: Quando participei também do exame de qualificação, antes da defesa do trabalho final, o primeiro consta entre parênteses.

VI.5.1. Mestrado em Filosofia de André Marcolini, "Finalismo e antifinalismo em Nietzsche", orientando de Leon Kossovitch, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 03/05/1991. (Exame de qualificação, em 16/11/1990).

VI.5.2. Doutorado em Filosofia de Ernani Pinheiro Chaves, "Mito e História. A recepção de Nietzsche por Walter Benjamin", orientando de Franklin Leopoldo e Silva, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 13/10/1993.

VI.5.3. Mestrado em Filosofia de Thelma S. M. Lessa da Fonseca, "O problema da linguagem em Nietzsche", orientanda de Carlos Alberto Ribeiro Moura, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 13/05/1994.

VI.5.4. Mestrado em Filosofia de Clademir Luís Araldi, "O nihilismo na moral", orientando de Álvaro Valls, no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 11/08/1995.

VI.5.5. Mestrado em Filosofia de Vânia Dutra de Azeredo, "Elementos para uma hermenêutica do pensamento moral de Nietzsche: a genealogia na avaliação da moralidade", orientanda de Ernildo Stein, no Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 16/09/1996.

VI.5.6. Mestrado em Filosofia de Eduardo Sugizaki, "A crítica de Nietzsche à democracia", orientando de José Nicolau Heck, no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, em 14/11/1997.

VI.5.7. Doutorado em Filosofia de Victor Hugo Guimarães Rodrigues, "Por uma filosofia do espanto imaginário: a formação do filósofo-sonhador dentro de uma perspectiva bachelardiana", orientando de Vera Lúcia Gonçalves Felício, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 03/09/1999. (Exame de qualificação).

VI.5.8. Doutorado em Filosofia de Antonio Edmilson Paschoal, "A dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche", orientando de Oswaldo Giacóia Jr, no Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas, em 20/09/1999. (Exame de qualificação).

VI.5.9. Mestrado em Filosofia de Luís Xavier Rubira, "Transvaloração de todos os valores à temática nietzschiana", orientando de Ernildo Stein, em 28/06/2000.

VI.5.10. Qualificação para Doutoramento em Sociologia de Renarde Freire Nobre, orientando de José Carlos Bruni, em 05/03/2001.

VI.5.11. Doutorado em Filosofia de Eduardo Brandão, "O conceito de matéria em Schopenhauer", orientando de Maria Lúcia Cacciola, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 26/03/2003.

VII. Atividades didáticas

VII.1. Cursos ministrados na pós-graduação

VII.1.1. FLF805 - História da Filosofia (Nietzsche, Cosmologia e Genealogia) de 8 créditos e 12 semanas de duração, ministrado no primeiro semestre de 1992 e no primeiro semestre de 1997.

PROGRAMA:

01. A constituição cosmológica: pluralidade de forças e vir-a-ser.
02. A teoria da vontade de potência e a doutrina do eterno retorno.
03. Crítica à metafísica dogmática.
04. O procedimento genealógico: a noção de valor.
05. A investigação dos valores morais.
06. Interpretação, história e fisiologia.
07. Ciências da natureza e ciências do espírito.
08. O problema da verdade na teoria do conhecimento.
09. Um pragmatismo *avant la lettre*.
10. Perspectivismo e experimentalismo.

BIBLIOGRAFIA:

01. NIETZSCHE. Werke. *Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/ 1978, 15v.
02. ANDLER, Charles. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*. Paris: Gallimard, 1958, 3v.
03. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses universitaires de France, 1973.
04. FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, Freud, Marx". In: *Nietzsche - Cahiers de Royaumont - Philosophie No. VI*. Paris: Minuit, 1967, p.183-200.
05. "Nietzsche, la généalogie, l'histoire". In: BACHELARD, Suzanne *et alii*. *Hommage à Jean Hyppolite*. Paris: Presses universitaires de France, 1971, p.145-172.

06. HABERMAS, Jürgen. *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1985.
07. GRANIER, Jean. *Le problème de la vérité dans la philosophie de Nietzsche*. Paris: Seuil, 1966.
08. GRIMM, Ruediger. *Nietzsche's Theory of Knowledge*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1977.
09. HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Berlin: Gunther Neske Verlag, 1961, 2v.
10. JASPERS, Karl. *Nietzsche*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1950.
11. KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*. Nova York: The World Publishing Co., 10^a ed., 1965.
12. KRUMMEL, Richard Frank. *Nietzsche und der deutsche Geist*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1974.
13. LEBRUN, Gérard. "A dialética pacificadora". In: *Almanaque* n.3 (1977). São Paulo: Brasiliense, p.24-42.
14. "Surhomme et homme total". In: *Manuscrito*, v.II, n.1 (outubro de 1978). Campinas, p.31-58.
15. LÖWITH, Karl. *Von Hegel zu Nietzsche*. Zurique: Europa Verlag, 1941.
16. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1978.
17. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1971.
18. RICHTER, Claire. *Nietzsche et les théories biologiques contemporaines*. Paris: Mercure de France, 1911.
19. RICOEUR, Paul. *De l'Interprétation*. Paris: Seuil, 1965.
20. SCHACHT, Richard. *Nietzsche*. Londres: Routledge & Kegan Paul Ltda., 1983.

VII.1.2. FLF804 - História da Filosofia (Nietzsche, uma leitura crítica de Assim falava Zaratustra) de 8 créditos e 12 semanas de duração, ministrado no primeiro semestre de 1995 e primeiro semestre de 1999.

PROGRAMA:

01. O lugar de Assim falava Zaratustra no pensamento nietzschiano.
02. A estrutura da obra: um trabalho de carpintaria.
03. A questão do estilo: discurso filosófico em parábolas.
04. A personagem e a mensagem: Zaratustra e o eterno retorno.
05. A escolha do público: um livro para todos e para ninguém.
06. A superação do niilismo e o projeto de transvaloração dos valores.
07. O conceito de vontade de potência enquanto vontade criadora.
08. *Amor fati* versus ressentimento e vontade de vingança.
09. O além-do-homem como antípoda do último homem.
10. A doutrina do eterno retorno enquanto suprema afirmação da existência.
11. A Inocência do vir-a-ser e o dionisiaco dizer-sim ao mundo.
12. A filosofia do grande meio-dia enquanto filosofia dionisiaca.

BIBLIOGRAFIA:

01. NIETZSCHE. Werke. *Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/ 1978, 15v.
02. ABEL, Günter. "Nietzsche contra 'Selbsterhaltung'. Steigerung der Macht und ewige Wiederkehr". In: *Nietzsche-Studien* 10/11 (1981/1982). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.367-407.
03. ALDERMAN, Harold. *Nietzsche's Gift*. Athens: Ohio University Press, 1977.

04. BEATTY, Joseph. "Zarathustra: the paradoxical ways of the creator", In: *Man and World*, v.3, n.1 (fevereiro de 1970), p.64-75.
05. BLEECKERE, Sylvain. "'Also sprach Zarathustra': die Neugestaltung der 'Geburt der Tragödie'". In: *Nietzsche-Studien* 8 (1979). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.270-290.
06. DANTO, Arthur. *Nietzsche as philosopher*. Nova York: Columbia University Press, 1965.
07. HAASE, Marie-Luise. "Der Übermensch in *Also sprach Zarathustra* und im Zarathustra-Nachlass 1882-1885". In: *Nietzsche-Studien* 13 (1984), Berlin, Walter de Gruyter & Co., p.228-244.
08. HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *Le Zarathoustra de Nietzsche*. Paris: PUF, 1988.
09. HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Berlin: Gunther Neske Verlag, 1961, 2v.
10. "Nietzsche's Wort 'Gott ist tot'". In: *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2^a ed., 1952.
11. "Wer ist Nietzsche's Zarathustra?". In: *Vorträge und Aufsätze*. Tübingen: Gunther Neske Verlag, 1954.
12. *Was heisst denken?* Berlin: Niemeyer Verlag, 1954.
13. HIGGINS, Kathleen. *Nietzsche's Zarathustra*. Philadelphia: Temple University Press, 1987.
14. KOCH, Martin. "Zarathustra ist kein decadent! Überlegung zu *Also sprach Zarathustra*". In: *Nietzsche-Studien* 13 (1984). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.245-252.
15. LAMPERT, Laurence. "Zarathustra and his disciples". In: *Nietzsche-Studien* 8 (1979). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.309-333.

16. *Nietzsche's Teaching*. New Haven: Yale University Press, 1986.
17. LEBRUN, Gérard. "Surhomme et homme total". In: *Manuscrito*, v.II, n.1 (outubro de 1978). Campinas, p.31-58.
18. "Quem era Dioniso?" In: *Kriterion* 74-75 (janeiro-dezembro 1985). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
19. LÖWITH, Karl. *Von Hegel zu Nietzsche*. Zurique: Europa Verlag, 1941.
20. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 3^a. ed., 1978.
21. "Nietzsche et sa tentative de récupération du monde". In: *Nietzsche - Cahiers de Royaumont*. Paris: Minuit, 1967.
22. "Nietzsches antichristliche Bergpredigt". In: *Sämtliche Werke*. Stuttgart: Metzlersche Verlagsbuchhandlung, Band 6, 1987.
23. MAGNUS, Bernd. *Nietzsche's existential imperative*. Bloomington: Indiana University Press, 1978.
24. "Eternal Recurrence". In: *Nietzsche-Studien* 8 (1979). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.362-377.
25. MECKEL, Markus. "Der Weg Zarathustra's als der Weg des Menschen. Zur Anthropologie Nietzsches im Kontext der Rede von Gott im 'Zarathustra'". In: *Nietzsche-Studien* 9 (1980). Berlim: Walter de Gruyter & Co., p.174-208.
26. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1971.
27. "Das Willenswesen und der Übermensch. Ein Beitrag zu Heideggers Nietzsche-

Interpretationen". In: *Nietzsche-Studien* 10/11 (1981/1982). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.132-192.

28. NAUMANN, Gustav. *Zarathustra Commentar*. Leipzig: H. Haessel Verlag, 1899-1901, 4v.

29. NEUMANN, Harry. "Superman or last man? Nietzsche's Interpretation of Athens and Jerusalem". In: *Nietzsche-Studien* 5 (1976). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.1-28.

30. PLATT, Michael. "What does Zarathustra whisper in life's ear?" In: *Nietzsche-Studien* 17 (1988). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.179-194.

31. SCHACHT, Richard. *Nietzsche*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983.

32. SONODA, Muneto. "Zwischen Denken und Dichten. Zur Weltstruktur des 'Zarathustra'". In: *Nietzsche-Studien* 1 (1972). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.234-246.

33. SÖRING, Jürgen. "Incipit Zarathustra - Vom Abgrund der Zukunft". In: *Nietzsche-Studien* 8 (1979). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.334-361.

34. STERLING, M. C. "Recent discussions of eternal recurrence: some critical comments". In: *Nietzsche-Studien* 6 (1977). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.261-291.

35. THATCHER, David. "Eagle and Serpent in Zarathustra", In: *Nietzsche-Studien* 6 (1977). Berlin: Walter de Gruyter & Co., p.240-260.

VII.1.3. FLF5031 - História da Filosofia Contemporânea (Nietzsche, reflexão filosófica e vivência) de 8 créditos e 12 semanas de duração, ministrado no segundo semestre de 2001.

PROGRAMA:

01. Dissolução do discurso filosófico sistemático;
02. Implosão das dicotomias da metafísica tradicional;
03. Crítica da representação e avaliação da tradição crítica;

04. Verdade, perspectiva e interpretação;
05. O uno e o múltiplo; o singular e o universal;
06. Vida e valor; estilos e afecções;
07. O sujeito como configuração temporária de impulsos;
08. A filosofia enquanto autobiografia.

BIBLIOGRAFIA:

01. NIETZSCHE. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978, 15v.
02. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/1984, 8v.
03. DANTO, Arthur. *Nietzsche as Philosopher*. Nova York: Columbia University Press, 1965.
04. DERRIDA, Jacques. *Éperons. Les styles de Nietzsche*. Paris: Flammarion, 1978.
05. *Otobiographies*. Paris: Galilée, 1984.
06. FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard, 1966.
07. "Nietzsche, Freud, Marx". In: *Nietzsche - Cahiers de Royaumont - Philosophie n.VI*. Paris: Minuit, 1967, p.183-200.
08. "Nietzsche, la généalogie, l'histoire". In: BACHELARD, Suzanne *et alii. Hommage à Jean Hyppolite*. Paris: Presses universitaires de France, 1971, p.145-172.
09. HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Berlim: Gunther Neske Verlag, 1961, 2v.
10. "Nietzsche's Wort 'Gott ist tot'". In: *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2^a ed., 1952.
11. "Die Zeit des Weltbildes". In: *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2^a ed., 1952.
12. *Was heisst denken?* Berlim: Niemeyer Verlag, 1954.

13. JASPERS, Karl. *Nietzsche*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1950.
14. KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*. Nova York: The World Publishing Co., 10^a ed., 1965.
15. KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche et le cercle vicieux*. Paris: Mercure de France, 1969; em português, *Nietzsche e o círculo vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
16. KOFMAN, Sarah. *Explosion*. Paris: Galilée, 1992, 2v.
17. LEBRUN, Gérard. "A dialética pacificadora". In: *Almanaque* n.3 (1977). São Paulo: Brasiliense, p.24-42.
18. "Surhomme et homme total". In: *Manuscrito*, v.II, n.1 (outubro de 1978). Campinas, p.31-58.
19. "Quem era Dioniso?" In: *Kriterion* 74-75 (janeiro-dezembro 1985). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
20. LÖWITH, Karl. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 3^a ed., 1978.
21. "Nietzsche et sa tentative de récupération du monde". In: *Nietzsche - Cahiers de Royaumont*. Paris: Minuit, 1967.
22. MARTON, Scarlett. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2^a ed., 2000.
23. *Extravagâncias*. São Paulo: Discurso Editorial/ EdUNIJUÍ, 2000.
24. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1971.
25. NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche, life as literature*, Harvard, Harvard University Press, 1985.

VII.2. Cursos de graduação ministrados desde 1988

VII.2.1. Primeiro semestre de 1989: FLF235 - História da Filosofia Moderna I, sobre os problemas de interpretação e os debates relativos ao nascimento da filosofia moderna.

VII.2.2. Segundo semestre de 1989: FLF242 - História da Filosofia Contemporânea I, sobre "Nietzsche, as relações entre a cosmologia e a genealogia".

VII.2.3. Primeiro semestre de 1990: FLF105 - Introdução à Filosofia I, sobre a questão do conhecimento em Descartes e Pascal.

VII.2.4. Primeiro semestre de 1991: FLF242 - História da Filosofia Contemporânea I, sobre "Nietzsche e a teoria do conhecimento".

VII.2.5. Segundo semestre de 1992: FLF427 - História da Filosofia Moderna III, sobre "A moral e os moralistas no século XVII".

VII.2.6. Primeiro semestre de 1993: FLF242 - História da Filosofia Contemporânea I, sobre a crítica dos valores no pensamento de Nietzsche.

VII.2.7. Segundo semestre de 1993: FLF437 - História da Filosofia Contemporânea III, sobre "Zaratustra: filosofia trágica e filosofia dionisiaca".

VII.2.8. Primeiro semestre de 1994: FLF105 - Introdução à Filosofia I, sobre "A idéia de método no século XVII".

VII.2.9. Segundo semestre de 1995: FLF437 - História da Filosofia Contemporânea III, sobre as questões relativas à linguagem na filosofia de Nietzsche.

VII.2.10. Primeiro semestre de 1996: FLF242 - História da Filosofia Contemporânea I, sobre "Nietzsche e a teoria do conhecimento".

VII.2.11. Segundo semestre de 1997: FLF437 - História da Filosofia Contemporânea III, sobre "Estilo e linguagem de Assim falava Zaratustra de Nietzsche".

VII.2.12. Primeiro semestre de 1998: FLF242 - História da Filosofia Contemporânea I, sobre "Nietzsche: a vivência singular e a vocação da filosofia à universalidade".

VII.2.13. Segundo semestre de 1999: FLF427 - História da Filosofia Moderna III, sobre os moralistas franceses.

VII.2.14. Primeiro semestre de 2001: FLF242 - História da Filosofia Contemporânea I, sobre a crítica corrosiva dos valores e a visão de mundo propostas por Nietzsche.

VII.2.15. Primeiro semestre de 2001: FLF437 - História da Filosofia Contemporânea III, sobre a articulação entre vida e obra no contexto do pensamento nietzschiano.

VII.2.16. Segundo semestre de 2002: FLF443 - História da Filosofia Contemporânea III, sobre "Nietzsche e a condição feminina".

VII.2.17. Primeiro semestre de 2003: FLF115 - Introdução à Filosofia I, sobre "O moderno e o pós-moderno: uma sensível diferença".

VII.3. Cursos ministrados em outras instituições universitárias

VII.3.1. "Nietzsche e a filosofia", na I Semana de Filosofia, promovida pelo Departamento de Filosofia e pelo Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju, de 18 a 22/10/1993.

VII.3.2. "Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos", pós-graduação junto ao Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, de 19 a 23/06/1995.

VII.3.3. "A questão do sujeito na filosofia de Nietzsche", junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, SP, nos dias 29, 30 e 31/08 e 01/09/1995.

VII.3.4. "Nietzsche: um diagnóstico dos nossos valores morais", no contexto da I Jornada Acadêmica de Filosofia,

promovida pelo Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, em 22 e 23/11/2000.

VII.3.5. "Nietzsche, psicólogo das profundezas", no programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, em 05 e 06/09/2001.